AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico *ao DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU,* referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (https://monografiashistoriaufu.wordpress.com).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia. Para tanto, o autor deverá* entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

RODRIGO JANONI CARVALHO

ESTÉTICA NATURALISTA COMO EXPRESSÃO DA SOCIEDADE INDUSTRIAL: UMA LEITURA DA OBRA *GERMINAL* DE ÉMILE ZOLA

Uberlândia-MG
2010

1079 S9(c)
TC

RODRIGO JANONI CARVALHO

ESTÉTICA NATURALISTA COMO EXPRESSÃO DA SOCIEDADE INDUSTRIAL: UMA LEITURA DA OBRA *GERMINAL* DE ÉMILE ZOLA

Monografia apresentada junto ao curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel e Licenciado.

Orientadora: Profª. Drª. Josianne Francia Cerasoli

Uberlândia-MG

2010

RODRIGO JANONI CARVALHO

ESTÉTICA NATURALISTA COMO EXPRESSÃO DA SOCIEDADE INDUSTRIAL: UMA LEITURA DA OBRA *GERMINAL* DE ÉMILE ZOLA

Monografia apresentada junto ao curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel e Licenciado.

Orientadora: Profª. Drª. Josianne Francia Cerasoli

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.ª Dr.ª Josianne Francia Cerasoli
Universidade Federal de Uberlândia

Prof.ª Dr.ª Jacy Alves de Seixas
Universidade Federal de Uberlândia

Prof.ª Dr.ª Daniela Magalhães da Silveira
Universidade Federal de Uberlândia

Uberlândia, 03 de dezembro de 2010.

Os governos suspeitam da literatura porque é uma força que lhes escapa.

Émile Zola.

Resumo

A presente investigação tem por objetivo discutir temáticas características do industrialismo europeu, conforme leitura de Émile Zola (1840-1902) apresentada em *Germinal* (1885). Este romance é notadamente o livro mais conhecido do escritor francês considerado expoente do naturalismo literário. Zola firmou-se como um marco na literatura com sua tentativa de aproximar a arte do saber científico vigente, conforme os preceitos de seus *romances experimentais* ou *romances de tese*. Além disso, a repercussão do autor, sobretudo no mundo ocidental, não se restringiu somente às suas obras: seu destaque se revela no elevado engajamento político como figura libertária. O leitor poderá notar que, para além da análise da obra supracitada, propomos neste estudo o diálogo com outras fontes, ilustrações, fotografias, pinturas, charges e representações sobre o período (século XIX), bem como estudos oriundos de autores de diversas matrizes nas ciências humanas. Fruto de um intenso esforço, este trabalho confronta um documento histórico bastante valioso, isto é, a obra literária, com leituras sobre os mundos do trabalho e do industrialismo oitocentistas, evidenciando formas pelas quais a *coexistência* da pobreza e da miséria humana com a riqueza material e a opulência foram esteticamente trabalhadas.

Palavras-chave: *Germinal*, Émile Zola (1840-1902), Industrialismo, Século XIX.

Lista de Ilustrações

Zola retratado pelo amigo Manet.....13
Zola Insultado.....23
Wentworth Street.....45
Over London by Rail.....50
Mansão.....63
Jovens mineradores.....101
The white slaves of England.....103
Boa-Morte conversando com Etienne.....165
A miséria na casa dos Maheu.....165
Etienne vagando.....166
A visita da Sra. Hennebeau e seus convidados.....167
Maigrat.....168
Voreux.....169
Mapa de Germinal.....170
Coalbrookdale.....171
Naissance du Paysage Industriel.....171
Manejando máquinas.....172
Britadores.....172
Jovem minerador da Indian Mine.....173
Carregador.....173
Garotos mineradores.....173
Linha temporal.....184
Les Hommes d'Aujourd'hui.....185
Le Triomphe du Naturalisme.....185
La Petite Lune.....185
Naturalisme.....185
Il Quarto Stato.....186

Sumário

Apresentação 08

Introdução: Entre a genialidade e a justiça 12

Capítulo Único: *Germinal* 26

- Contrastes: desnaturado humano 31
- *Habitat* para a carne humana 48
- Exageros: os extremos do avesso 60
- Asfixiante labor: "carvão para aquecer o resto dos meus dias" 73
- Germinantes divergências 83
- Rosário de desgraças: "desmoronamento natural das coisas" 99
- Tumultos, desordem e destruição: "a agonia suprema" 121
- Para além do choque lamentável: civilização incinerada 136

Considerações Finais 155

Anexos 161

- Obras Publicadas 162
- *Germinal* 165
- Coketown 171
- Trabalho Infantil 172
- *J'Accuse* 174
- Naturalismo 184
- Quarto Estado 186

Referências Bibliográficas 187

Apresentação

Germinal, de 1885, é notadamente o livro mais conhecido de Émile Zola, e nele a greve dos mineiros do norte da França é a revolta que naturalmente explode em consequência das precárias e desumanas condições às quais os mesmos conviviam. O autor tornou-se célebre na literatura francesa e ocidental por seus romances naturalistas. Neles empreendeu uma espécie de análise de seu tempo ao elaborar personagens e enredos que se aproximavam dos tipos humanos e dos mecanismos da sociedade.

O naturalismo de Zola firmou-se como um marco na literatura pela aproximação da arte ao saber científico vigente. Nesse ponto, a aspiração de um paradigma científico deve ser entendida como uma maneira de conceber o mundo e a ação sobre este. O século XIX é tido como um período de profundas transformações tecnológicas, econômicas e sociais, mediante a intensificação da industrialização.

O processo de transformações das sociedades ocidentais face ao acelerado desenvolvimento capitalista (o que ocasionou rápida urbanização, invenções e inovações técnicas, crescimento do contingente populacional, inclusive aquele em condições miseráveis, amontoamento em cortiços, insalubridade e precariedade dos espaços, carência de serviços públicos, acentuação das diferenças entre ricos e pobres, entre outros) pode ser compreendido em outros aspectos e dimensões na exploração da estética realista naturalista.

A outra face do lucro e da industrialização foi marcada pela miséria, a convivência com o mau cheiro do lixo industrial e dos esgotos a céu aberto e a crueldade do sistema fabril. Nesse ponto, talvez a exploração da mão-de-obra infantil tenha sido (ou ainda seja) uma das formas mais perversas e desumanas da sociedade urbana industrial. A despeito dessas profundas transformações da vida do homem em sociedade, insistentes preocupações concernentes ao problema da coexistência da pobreza e riqueza industrial acompanharam as discussões teóricas em torno dos efeitos do industrialismo.

Naturalismo como expressão da sociedade industrial. É com base nessa ideia que a investigação a seguir se fundamentará, mapeando situações cotidianas da sociedade europeia urbana e industrial, mediadas pela expressão literária, conforme as questões levantadas por Émile Zola em *Germinal*. Trata-se de uma denúncia das mazelas sociais do ponto de vista de um escritor que prezava a experimentação ou o *romance de tese*, isto é, a explicação sobre os fenômenos da vida e do comportamento humano pela ótica naturalista, a

qual expõe os "lados podres" do homem, uma vez que este seria um produto do meio físico e da hereditariedade.

A repercussão de Zola no mundo ocidental não se pautou somente em seus romances naturalistas. A importância deste escritor se traduz em seu elevado engajamento como figura libertária, principalmente por sua atuação no Caso Dreyfus, conforme será melhor pontuado nas páginas seguintes. Além de ser uma obra expoente na literatura ocidental, *Germinal* é, sobretudo, um documento de época, uma fonte histórica, como este estudo demonstrará. Com base nesta noção, procuramos analisar um mundo muito das vezes assustador face à coexistência da miséria e da sociedade industrial, a partir deste clássico literário, levantando questões pertinentes e trazendo para a discussão autores de variadas matrizes.

Como dito, *Germinal* é um clássico. E, para assim entendê-lo, buscamos as propostas de definição de obras clássicas de Italo Calvino[1], que certamente nos auxilia na compreensão da dimensão deste romance. A obra constitui uma "riqueza para quem a tenha lido e amado" e exerce uma "influência particular quando se impõe como inesquecível". É, também, um "livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer". A proposta desta investigação é expor uma leitura, mediante grande esforço de interpretação e diálogo bibliográfico, porém isto não quer dizer que seja a única leitura possível, tampouco uma análise completa da obra.

Os clássicos "são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos". São aqueles "livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram". Nesse sentido, o leitor poderá observar ao longo da pesquisa alguns cuidados em se considerar não somente os estudos ou interpretações da obra, mas a própria tradução desta, seja do original francês ao português, seja do campo literário ao cinematográfico.

O clássico "tende a relegar as atualidades à posição de barulho de fundo, mas ao mesmo tempo não pode prescindir desse barulho de fundo". É aquilo "que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível". Conforme Tzvetan Todorov[2], podemos dizer que "Dante ou Cervantes nos ensinam tanto sobre a condição humana quanto os maiores sociólogos e psicólogos e que não há incompatibilidade entre o primeiro saber e o segundo".

---

[1] CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
[2] TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

Para Todorov, a fronteira que separa o texto de argumentação do texto de imaginação, em todo discurso narrativo, seja ele fictício ou verídico, desde que descreva um universo humano particular, coloca lado a lado o romancista e o historiador. Nesse ponto, reafirmamos que *Germinal* é um clássico literário, bem como um documento de época, que nos auxiliará em muitos aspectos na compreensão das sensibilidades do período oitocentista, uma vez que essa literatura, de cunho naturalista, nos diz muito sobre como se sentia o cotidiano, ao menos no que tange a sociedade europeia industrial.

Mais do que a obra literária elencada, o leitor poderá observar ilustrações, pinturas ou fotografias ao longo da narrativa, que complementam a discussão. Não somente ilustram as temáticas abordadas aqui, como a miséria ou o trabalho infantil, por exemplo, mas nos sensibilizam, conforme mais outra estetização da pobreza, isto é, outra dimensão da arte que se vale das condições subumanas de vivência como inspiração ou material de trabalho.

Nesse sentido, chama a atenção a expressão de dois artistas interessantíssimos presentes nas páginas deste trabalho. Gustave Doré (1832-1883), pintor, desenhista e bem sucedido ilustrador francês, contribuirá aqui por seus notáveis estudos de áreas pobres de Londres, realizados nas décadas de 1860 e 1870. Destas ilustrações, utilizaremos três; duas retratam uma parcela dos "bolsões de miséria" londrinos - *Wentworth Street* e *Over London by Rail*. São localidades reais ou fictícias? Pouco importa. O que as ilustrações provocam é o que nos interessa e o leitor poderá observar o quanto elas sensibilizam expondo o inchaço populacional, a falta de espaço das construções, os cortiços insalubres e o contraste com a tecnologia do momento - a ferrovia. Contraste maior é a terceira ilustração aqui utilizada, *Mansão burguesa,* de Doré. Nesta fica claro o choque entre os mundos da pobreza e da riqueza. Superficialmente exposto, são temas que vão ao encontro da narrativa de *Germinal.*[3]

Outro artista presente nesta narrativa que nos auxilia (e nos sensibiliza profundamente) é o sociólogo e fotógrafo americano Lewis Hine (1874-1940). Contribui aqui por suas impressionantes imagens de crianças trabalhadoras na sociedade norte-americana na virada dos séculos XIX e XX. Em suas fotografias podemos sentir o peso do trabalho em crianças de cinco, sete, dez anos... muitas das vezes deformadas e envelhecidas prematuramente em trabalhos fabris ou de mineração.[4]

Diante do exposto, consideramos notório o método de Zola ao deixar entrar luz em lugares obscuros, levando-se em conta sua personalidade ambiciosa como escritor, ainda que trouxesse à tona um cotidiano conflitante e inquietante. Ressaltamos a importância da

---

[3] Ver páginas 45, 50 e 63.
[4] Ver página 101 e Anexo D - Trabalho Infantil.

literatura como meio de descoberta de mundos, continuidade de experiências, ampliação do nosso universo e incitação à imaginação de outras maneiras de conceber, organizar e sentir a vida ao abrir possibilidades de interação com os *outros*, enriquecendo-nos infinitamente. Conforme Todorov, ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido.

O leitor perceberá a ausência de capítulos nessa investigação no sentido estrito, isto é, com a disposição de dois ou três capítulos, conforme normalmente se estruturam os trabalhos monográficos. Todavia, a escolha de apresentar nossa trama num único capítulo justifica-se no intuito de priorizar a ideia original de Zola, de acordo com a forma pela qual é composta sua narrativa em *Germinal*. Com intuito de explorar aspectos de destaque presentes no romance, entraremos na narrativa respeitando sua construção, bem como a considerando uma ferramenta histórica, além de uma expressão ficcional.

Destacamos ainda, o cuidado ao longo das páginas deste trabalho em explicitar o máximo possível, sobretudo com notas explicativas, os temas abordados nessa monografia, de modo que seja de fácil compreensão o desenvolvimento de nossa interpretação para qualquer leitor, sem restringirmos a presente pesquisa somente então ao mundo acadêmico. Ressaltamos também que algumas dessas notas, principalmente aquelas que exprimem significados de termos ou palavras sinônimas não tão comuns em nosso vocabulário diário, talvez fossem mais bem dispostas ao lado do texto principal e não como notas de rodapé. Entretanto, as limitações do editor de texto com que trabalhamos não nos permitiu esse "efeito de hiperligação". Salientamos ainda que o leitor perceberá muitas citações no transcorrer desta análise, sendo reflexo da metodologia escolhida, conforme minuciosa leitura de *Germinal* e discussão com a historiografia sobre o industrialismo.

Com essas reflexões, convidamos o leitor a experimentar e sensibilizar-se com o estudo realizado nesta investigação, sobretudo, com as palavras de Lewis Mumford[5], compreender uma parcela do que é o "inferno paleotécnico", oriundo das profundas transformações sociais da coexistência entre a miséria e a sociedade industrial do século XIX. O romance aqui nos interessa como uma *resposta ficcional possível* de um recorte histórico a ser analisado, considerando-o uma representação artística dotada de questões pertinentes.

---

[5] MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*: suas origens, transformações e perspectivas. Tradução de Neil R. da Silva. 3ª ed. brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Introdução:
Entre a genialidade e a justiça

> *O nome de Zola não costuma figurar nas discussões sobre os problemas do romance moderno; e certos críticos de vanguarda chegam a afirmar que "Zola já não é lido". A afirmação não corresponde à verdade. Zola continua lido. Mas, em numerosas edições e traduções baratas, a sua obra está circulando pelo mundo inteiro, constituindo para inúmeros leitores a primeira iniciação e a iniciação definitiva na literatura. O método de Zola deixa entrar luz em lugares escondidos. Não há nada de "misterioso" na sua obra nem na sua personalidade de um pequeno-burguês tímido e ambicioso, trabalhador assíduo, escritor profissional com desejos confessados de fazer publicidade e ganhar dinheiro. Zola tem muito de jornalista, de repórter; e, na qualidade de repórter, descobriu o mundo moderno, ao qual, até então, a literatura não prestara a atenção devida.*[6]

Um breve olhar sobre a trajetória de Émile Zola é fundamental nesta investigação como referência em nossa leitura de *Germinal*. O francês não foi o único a denunciar uma realidade bastante assustadora e impactante, contudo destacou-se em suas contribuições por seu estilo de expressão autodenominado naturalista.[7] Considerada como documento de época e obra artística que traz consigo impressões sobre um *real vivido*, do ponto de vista do seu autor, a literatura será utilizada neste estudo como uma ponte para compreensão de cenas cotidianas do século oitocentista, em específico, as condições de vida e trabalho nas minas de carvão francesas.

Émile-Édouard-Charles-Antoine Zola nasceu em 2 de abril de 1840 em Paris. Filho de um engenheiro de origem veneziana, Francesco Zola, e de Émilie-Aurélie Aubert, 24 anos mais jovem que o marido. Zola veio a falecer naquela mesma cidade em 29 de setembro de 1902. É considerado tanto uma referência libertária em seu país, como um dos escritores de maior expressão da sociedade francesa e idealizador da estética naturalista no campo

---

[6] CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966 *apud* ZOLA, Émile. *Germinal*. Tradução de Francisco Bittencourt. São Paulo: Martin Claret, 2007, p. 448.

[7] As informações biográficas presentes nesta análise foram baseadas na coleção *Os Imortais da Literatura Universal* (1979) e nos estudos de Henri Mitterand (1986 e 2006) - professor emérito da Sorbonne Nouvelle (Paris). O título deste capítulo foi inspirado nestes mesmos estudos; a noção de justiça atrelada à função social do literato, sobretudo como gênio romântico, permeia os diversos estudos sobre Zola. Cf. MITTERAND, Henri. Émile Zola - entre a genialidade e a justiça. In: *Históriaviva*, ed. 35, set. 2006. Disponível em <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/emile_zola-_entre_a_genialidade_e_a_justica.html>. Acesso em 31 out. 2009; _____. *Zola et naturalisme*. Paris: P.U.F. (Collection Que sans-je?), 1986; OS IMORTAIS DA LITERATURA UNIVERSAL, Abril S/A Cultural e Industrial, 1979.

literário, ao levar a descrição realista aos extremos da crueza e denúncia dos "lados podres" do homem.

Órfão de pai aos sete anos, Zola passou a infância em Aix-en-Provence. Aos 18 anos retornou à Paris para estudar. Diante de complicações financeiras familiares foi levado a trabalhar em diversos escritórios em cargos pouco influentes. Iniciou sua carreira jornalística publicando colunas no *Cartier de Villemessant's* e no *Controversial*. Naquela época, seus textos eram permeados de críticas ao governo de Napoleão III e à Igreja.

Uma recomendação o fez ingressar na *Librairie Hachette* em março de 1862, famosa editora francesa. Agarrou com todas as forças a chance que passava. Atendia ao mesmo tempo editores, escritores e jornalistas, o que lhe permitiu organizar rapidamente uma valiosa agenda de contatos. Educou-se como livre-pensador na leitura de autores da *Hachette* e de outras editoras, tornando-se um crítico literário, cronista e crítico de arte aos 25 anos. Admirava os artistas que desafiavam o conformismo: os Goncourt, Flaubert, Courbet, Manet.[8]



Figura 1. *Zola retratado pelo amigo Manet*, 1868. Óleo sobre tela, 146 cm x 114 cm.[9]

---

[8] MITTERAND, op. cit., 2006, p. 2. Edmond Louis Antoine Huot de Goncourt (1822-1896) e Jules de Goncourt (1830-1870) foram escritores, críticos e editores franceses. O primeiro ficou conhecido pelo *Prêmio Goncourt* - o prêmio literário mais cobiçado na França entre as produções em prosa. Gustave Flaubert (1821-1880) foi um escritor francês destacado por suas análises psicológicas sobre o comportamento social. *Madame Bovary* (1857) e *L'Éducation sentimentale* (1869) estão entre suas principais obras. Gustave Courbet (1819-1877) foi um pintor realista francês. Édouard Manet (1832-1883) foi um pintor e artista gráfico francês.

[9] Fonte: Acervo Museu d'Orsay (Paris). Disponível em: <http://www.musee-orsay.fr/en/collections/works-in-focus/painting.html?no_cache=1&zoom=1&tx_damzoom_pi1[showUid]=2281>. Acesso em 31 out. 2009. Émile

Em 1866, após sua saída da *Hachette*, seguiram-se anos difíceis. Vivia exclusivamente de sua pena passando por diversos jornais pequenos ou produzindo um romance por ano. Os pagamentos por sua escrita não davam retorno suficiente. Paradoxalmente, foi o Império que o livrou das dificuldades. Em maio de 1868, Napoleão III liberalizou o regime de imprensa e os jornais oposicionistas surgiram com força. Zola ingressou no *La Tribune* e por meio de amigos de Victor Hugo teve colunas no *Rappel*. A propaganda democrática o alimentava e com Paris atacada pelo exército prussiano (1870-1871) embarcou para Marselha, onde fundou o jornal *La Marseillaise*. Posteriormente, em Bordeaux trabalhou como cronista no *La Cloche*.

Zola arquitetou minuciosamente a construção de seu edifício literário; buscou um sistema filosófico e uma visão de mundo que retratasse seu tempo. Não encontrou somente uma filosofia, porém uma *fórmula* para seu ideário. Naturalismo foi a palavra que designou sua nova literatura. Fomentou uma "literatura científica" graças a todo o movimento de doutrinas cientificistas e materialistas que proliferaram ao longo do século XIX. Mostrou-se em sintonia com autores em ascensão como Charles Darwin e sua teoria evolucionista, Honoré de Balzac e sua ampla obra literária, bem como as doutrinas socialistas que começavam a se arregimentar.[10]

Foi especificamente a partir de uma adaptação das noções elaboradas pelo médico Claude Bernard, em *Introdução ao Estudo da Medicina Experimental* (1865), que o escritor chegou ao seu método de *romance experimental*, decidindo-se que seus romances deveriam ter rigor científico.[11] Segundo Bernard, a medicina, que até então era considerada uma arte, poderia se transformar numa verdadeira ciência se adotasse o método de experimentação, já praticado pelas chamadas "ciências duras", isto é, a física e a química.[12]

Nesse sentido, Zola indica que o *observador* é aquele que aplica os métodos de investigação dos fenômenos sem variar as condições de existência destes; já o *experimentador* emprega métodos de investigação fazendo variar as condições, de modo a fazer os fenômenos aparecerem em circunstâncias diferentes.

Zola escreveu um artigo declarando que Édouard Manet seria um dos mestres do futuro, defendendo-o de acusações que lhe faziam. Agradecido, Manet pintou o retrato do escritor. O quadro foi feito no estúdio do pintor e o cenário montado de acordo com a personalidade do retratado.

[10] Charles Robert Darwin (1809-1882) foi um naturalista britânico conhecido por suas teorias evolucionistas e pela seleção natural e sexual. Honoré de Balzac (1799-1850) foi um romancista francês. *La comédie humaine*, que conta com oitenta e oito escritos, é considerada sua obra-prima.

[11] Claude Bernard (1813-1878) foi um médico francês. A Universidade de Lyon ostenta o seu nome como *Université Claude Bernard Lyon 1*.

[12] ZOLA, Émile. *O romance experimental e o naturalismo no teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 41.

> *[...] o observador apresenta os fatos tal qual os observou, define o ponto de partida, estabelece o terreno sólido no qual as personagens vão andar e os fenômenos se desenvolver. Depois, o experimentador surge e institui a experiência, quer dizer, faz as personagens evoluírem numa história particular, para mostrar que a sucessão dos fatos será tal qual a exige o determinismo dos fenômenos estudados. Trata-se quase sempre de uma experiência "para ver", como a designa Claude Bernard. O romancista sai em busca de uma verdade.*[13]

Dessa forma, a conduta humana para Zola é determinada pela herança genética, pela fisiologia das paixões e pelo ambiente. Afirmou em *O Romance Experimental* (1880) que o desenvolvimento das personagens e enredos deve ser determinado sobre aspectos científicos similares aos empregados em *experiências de laboratório.* Assim, procurou empregar o método científico vigente à época fundamentado em conceitos como a hereditariedade e o determinismo científico.[14]

Zola acreditava que sua escrita representava as cores verdadeiras e tristes que pintavam a classe operária sem elos publicitários e/ou políticos. Dizia que estudava os temperamentos e não os caracteres, tendo como preferência, personagens dominados pelo *sentimento de revolta.* Tais noções nortearam seu estilo naturalista de expressão, permeando grande parte de suas obras. O que Bernard havia feito com o corpo humano, Zola procurou fazer com as paixões e os meios sociais.

> *Com o romance naturalista, o romance de observação e de análise, as condições mudam imediatamente. O romancista inventa ainda mais; inventa um plano, um drama; apenas é a ponta do drama, a primeira história surgida; e que a* ***vida cotidiana*** *sempre lhe fornece. Em seguida, na estruturação da obra, isso tem bem pouca importância. Os fatos só estão lá como desenvolvimentos lógicos das personagens. O grande negócio é colocar em pé* ***criaturas vivas****, representando diante dos leitores a* ***comédia humana*** *com a maior* ***naturalidade*** *possível. Todos os*

---

[13] Idem, p. 31. Prossegue o escritor em *Do Romance,* outra obra em que teoriza sobre seu método: "Conforme escrevi, para grande escândalo dos meus colegas, a imaginação já não representa aí um papel dominante; torna-se dedução, intuição, age sobre os fatos prováveis que pôde observar diretamente e sobre as consequências possíveis dos fatos que se trata de estabelecer logicamente segundo o método". ZOLA, Émile. *Do romance.* Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Edusp, 1995, p. 36.

[14] Foi em diversas teorias médicas do século XIX sobre a hereditariedade que Émile Zola pôde encontrar caminhos possíveis para sua literatura. Ele leu a obra de Moreau de Tours, *Da identidade do estado do sonho e da loucura* (1855), o *Tratado das degenerescências* de Auguste Morel (1857) e a *Fisiologia das Paixões* de Charles Letourneau (1868). Entre os dossiês preparatórios que organizava antes de começar a escrever, há anotações sobre a *Hereditariedade nas doenças do sistema nervoso* (1886) de Jules Déjerine, assim como sobre *Ensaios sobre a hereditariedade e a seleção natural* de Weismann. Mas foi sobretudo o *Tratado filosófico e fisiológico da hereditariedade natural* (dois volumes, 1847 e 1850), do médico Prosper Lucas, a obra sobre o tema que mais impressionou Zola, a ponto de utilizá-la praticamente como fio condutor para sua saga familiar - os 20 livros de *Os Rougon-Macquart,* publicados entre 1871 e 1893. RODRIGUES, Marília Mezzomo. "Sou um historiador e não um fornecedor de imundícies!" - medicina experimental e hereditariedade no naturalismo de Émile Zola. In: *Revista de História Regional,* n. 14 (2), Inverno, 2009, p. 34-35.

> *esforços do escritor tendem a ocultar o* ***imaginário*** *sob o real.*[15] (grifo nosso)

As primeiras obras *Contes a Ninon* (1864) e o romance *La Confession de Claude* (1865) marcaram sua transição para o naturalismo, segundo seus críticos e estudiosos, visivelmente presente em *Thérèse Raquin* (1867). Em 1871 começou a trabalhar num ciclo de vinte romances, *Les Rougon-Macquart*, que tinha como subtítulo *História Natural e Social de uma Família no Segundo Império.* É nesse ciclo que se situa *Germinal.* A década de 1870 foi permeada com uma ilimitada fé na ciência e no progresso e parecia propiciar uma tarefa desta envergadura. Zola buscou apresentar uma abordagem inovadora inspirada nos estudos da época ao retratar a decadência social de seu tempo. Com a proposta de não escrever um simples romance, este ciclo de obras valeria como uma análise científica pormenorizada do homem e da moral.

> *Tantos mundos e condutas observados e compreendidos em sua violenta verdade. Um acerto de contas libertário com as hipocrisias bem-pensantes; uma expansão contínua da sátira e da ironia. Uma montagem exagerada, excessiva, no estilo de Flaubert. É assim a crônica monumental dos Rougon-Macquart, na qual com frequência o* ***sexo*** *e a* ***morte*** *fazem par e onde se encontram a cada instante estranhezas mais surrealistas que "naturalistas".*[16] (grifo nosso)

A saga de *Les Rougon-Macquart,* finalizada em 1893 e inspirada em *A Comédia Humana* de Honoré de Balzac, sanaria os problemas financeiros do escritor. A intenção era aproximar este ciclo de romances com os ideais da ciência de seu tempo, como os preceitos deterministas de Hippolyte Taine, a filosofia positivista de Auguste Comte[17], a prática experimental de Bernard e os princípios da hereditariedade e a teoria da evolução de Darwin. Aproximando-se do interesse sociológico e voltando-se para a obra de Balzac, todavia diferentemente deste, Zola concebeu o plano de sua série *a priori,* enquanto o autor de *A Comédia Humana* havia organizado seu conjunto com esta designação após um certo número de escritos. Além disso, enquanto Balzac centrava suas obras em certa medida numa

---

[15] ZOLA, op. cit., 1995, p. 24.

[16] MITTERAND, op. cit., 2006, p. 3.

[17] Hippolyte Adolphe Taine (1828-1893) foi um filósofo e historiador francês comumente identificado como positivista. Caro a Zola, crítico literário, professor e escritor; seguiu os cursos no Museu e Academia de Medicina em Paris. Em sua tese de doutorado, *Estudo sobre as fábulas de La Fontaine* (1853), aplicou pela primeira vez as premissas de seu *método crítico,* que entende todo escritor por sua "faculdade mestra", própria a cada artista, determinada por três fatores: o meio, o momento e a raça. Interessado pela possibilidade de se *explicar* as obras pelos fatos históricos e fisiológicos e explicar o indivíduo por sua época e seu meio, Zola admirava a "exatidão da ciência" do método de Taine, mas não o aceitava completamente, por acreditar que nele a personalidade do artista não recebia a importância que merecia. RODRIGUES, op. cit., p. 36-37. Auguste Marie François Comte (1798-1857) foi um filósofo francês, cujas idéias e preposições foram amplamente debatidas.

análise econômica, Zola pendia para as ciências naturais e a sociologia positivista retratando não somente aspectos econômicos, bem como seus resultados sociais perante o intenso desenvolvimento industrial.[18]

> *O ciclo dos Rougon-Macquart vai expor ficcionalmente a formação da hegemonia capitalista numa sociedade de economia ainda tradicional e rural, já diferenciada pelo próprio avanço da produção capitalista, entre crises mundiais da agricultura, do comércio, da indústria, e num Império fragilizado. O progresso vai cavando o* ***abismo*** *entre o operário e o burguês, que Napoleão III tentou amenizar com medidas liberais entre 1864 e 1870. A lembrança da Comuna de Paris acompanhará a organização crescente do proletariado em tempos de fortalecimento do capital. Tomando o ciclo dos Rougon-Macquart como conjunto, nele a divisão do trabalho, da vida social e das classes estão expostas pela sua própria separação em cada um dos romances que o compõem, todavia ligados pelos mesmos fundamentos modernos. Desse modo Zola apreendia, como um problema, a totalidade fragmentada do* ***mundo do capital****. E sua narrativa alcança um máximo rendimento ficcional porque tem, como referência, a herança mais radical do romance anterior, respondendo dessa maneira ao desafio formal de apresentar criticamente a totalidade da experiência do seu tempo.*[19] (grifo nosso)

Zola terminou por conquistar fortuna e se instalou em Paris. Frequentava os salões de alguns amigos mais próximos como o editor Charpentier, os Manet e Flaubert. Em 1878, comprou uma casa de campo em Médan. Todavia, a riqueza e o sucesso não o tornaram feliz. A morte da mãe, e de seu amigo Flaubert, conduziram-no à beira da depressão.

> *Entre 1876 e 1884 ocorre a explosão do Naturalismo como movimento. Zola é levado à condição de "chefe" após um jantar oferecido por jovens escritores àqueles considerados seus mestres: Flaubert, os Goncourt e Zola. O jantar, em abril de 1877, entrou para a história literária como o momento da oficialização do movimento naturalista. Nesse período foi publicado* L'Assommoir *(1877), romance que consagrou Zola e possibilitou-lhe a aquisição de uma casa em Médan, onde reuniam-se com frequência os escritores mencionados. Destas reuniões regulares surgiu* Les Soires de Médan *[...] Em 1880, Zola assombra o meio literário vendendo, no dia do lançamento, 55 mil volumes de* Nana. *Foi a época do crescimento constante do mercado editorial.*[20]

Ao combinar teorias polêmicas como o darwinismo, o evolucionismo e o determinismo científico, Zola inovou com sua escrita conhecida como *romance de tese*. O *estilo*

---

[18] SILVA, Júlio Cezar Bastoni da. *O cortiço e os limites do romance experimental*. Monografia (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Federal de São Carlos, 2009, p. 10.

[19] CARA, Salete de Almeida. *Marx, Zola e a Prosa Realista*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 13-14.

[20] SILVA, Eduardo César Ferreira da. *A obra de Émile Zola no Brasil:* notas para um estudo de recepção crítica. Dissertação (Mestrado em Literatura), Universidade Federal de Santa Catarina, 1999, p. 3. Zola assume a chefia do movimento, não por vaidade ou por ignorância como ele atesta que seus detratores o acusaram, mas por importância dentro desse movimento, seja na teorização do método, ou na prática, com o grupo literário das *soirées de Médan*. SILVA, op. cit., 2009, p. 50.

ou *estética naturalista* foi uma ramificação radical do realismo. Na literatura, os escritores realistas desejavam retratar o homem em sua totalidade com base nas teorias científicas vigentes em seu tempo. Em contraposição ao romantismo, que esbanjava a face sonhadora e idealizada da vida, os realistas acreditavam na necessidade de se retratar o cotidiano massacrante, o egoísmo, a miséria e a impotência humana.[21] A origem do naturalismo se confunde e depende da origem do realismo, linha de frente contra a estética romântica.

A escola naturalista inicia-se na segunda metade do século XIX com a conjugação de fatores recorrentes do industrialismo, isto é, as contradições sociais e o desenvolvimento das ciências. O naturalismo surge num momento de grandes transformações sociais, econômicas, políticas e tecnológicas no continente europeu. Os escritores naturalistas buscavam retratar a realidade aprofundando-a em suas mazelas sociais como os vícios, as paixões, os sentimentos humanos mais torpes e animalescos, considerados baixos e sujos, sendo este um recorte social em termos gerais da vida burguesa e proletária.[22]

> *Coexistindo com as outras concepções filosóficas, políticas, econômicas e artísticas do século XIX, o* ***ideário cientista*** *também passou a ser uma possibilidade para lidar e explicar as mudanças naturais e sociais; todas as questões poderiam (e deveriam) ser respondidas de modo científico. Pode-se dizer que as concepções de* organismo social e devir histórico, *além da vontade de se produzir conhecimento objetivo, se encontraram nas principais obras da segunda metade do século 19. Se Darwin apresentou as evidências científicas da evolução, indo além das enunciações e especulações que já existiam sobre o tema, percebe-se, por exemplo, que Comte buscou sintetizar uma ciência da sociedade; Renan, a ciência da religião; Marx concebeu seu socialismo como científico; Stuart Mill concebia a ciência da natureza humana; Émile Zola, o grande nome do naturalismo literário, imaginou uma literatura unida à ciência, inspirando-se nas formulações do fisiologista Claude Bernand que, por sua vez, entendia que a medicina deveria deixar de ser a "arte de curar" e estabelecer um* corpus *científico, a medicina* ***experimental***.[23] (grifo nosso)

---

[21] Gustave Flaubert, Honoré de Balzac, Charles Dickens, Eça de Queirós, Machado de Assis, Júlio Ribeiro e Aluízio de Azevedo foram alguns dos expoentes da escrita realista. Émile Zola é considerado o idealizador do naturalismo e o escritor que mais se identificou com esta corrente literária. Assim escreve Zola, em carta a Antony Valabrègue, em 18 ago. 1864, a respeito de sua nova estética fundamentando-se na ideia de *teoria da tela*. "Vemos a criação dentro de uma obra, através de um homem, através de um temperamento, uma personalidade. A imagem que se produz sobre esta tela de nova espécie é a reprodução das coisas e das pessoas colocadas para além, e esta reprodução, que não saberá ser fiel, mudará o tanto de vezes que uma nova tela venha a se interpor entre nosso olho e a criação... A *tela clássica* é, em última palavra, uma lente de aumento que desenvolve as linhas e fixa as cores de passagem... A *tela romântica* é, em suma, um prisma, de refração patente, que parte todo raio luminoso e o decompõe em um espectro solar ofuscante... A *tela realista* é um simples óculos de leitura, muito fino, muito claro e que tem a pretensão de ser tão perfeitamente transparente que as imagens lhe atravessam e se reproduzem em seguida em toda sua realidade... Todas as minhas simpatias, se é necessário dizer, são pela tela realista; ela comenta minha razão e eu sinto nela imensas belezas de consistência e verdade". ZOLA, 1864 *apud* RODRIGUES, op. cit., p. 38-39.

[22] Ver Anexo F - Naturalismo.

[23] RODRIGUES, op. cit., p. 33.

Para os autores naturalistas, o meio físico condicionava os acontecimentos, onde as personagens seriam resultado de sua ascendência e das condições que conviviam. Nesta concepção, o ambiente refletia a humanidade e se este era triste e sujo, assim deveriam ser seus habitantes. Percebemos a força que ideias diversas e provenientes das ciências biológicas e sociais do século XIX tiveram nas explicações naturalistas sobre os fenômenos da vida e do comportamento humano.

> *O realismo se tingirá de* naturalismo, *no romance e no conto, sempre que fizer personagens e enredos submeterem-se ao destino cego das* ***"leis naturais"****, que a ciência da época julgava ter codificado [...] é uma grande* ***mancha pardacenta*** *que se alonga aos nossos olhos:* ***cinza como o cotidiano*** *do homem burguês,* ***cinza como a eterna repetição*** *de mecanismos de seu comportamento,* ***cinza como a vida das cidades*** *que já então se unificava em todo o Ocidente.*[24] (grifo nosso)

A consciência de uma crise social instalada durante o século XIX guiou a busca de soluções para os problemas da sociedade. A literatura, não alheia às incongruências de seu tempo, retratava intenções de *reforma*, como é o caso de Zola. Este, munido de uma base científica, permeada principalmente pelas ciências naturais, teorizou métodos de composição do romancista naturalista, sobretudo em duas obras críticas *Do Romance* e *O romance experimental*. Nestas obras o autor apresenta toda sua crença em uma concepção artística desprovida de qualquer indulgência com relação à raça humana e influenciada pelas descobertas científicas e pelo positivismo.

Para Ítalo Caroni, a crença de Zola chega a contornos de uma verdadeira utopia. Na base de seu pensamento estava o *enfoque negativo* da condição humana e sua dimensão natural; o homem condicionado pelo meio físico e pelo estigma hereditário. "Como a pedra e a planta, o ser humano tem o seu destino inscrito no cosmos universal, e não escrito numa bíblia qualquer". E, "como um espírito autêntico de seu tempo, Zola procurou introduzir, nessa visão naturalista, a esperança moderna no milagre científico". Conforme Caroni, com ingenuidade, acreditava-se então no poder do progresso científico como a *regeneração* da espécie humana.[25]

> *Não somos nós que introduzimos esse método* [científico]*; ele se introduziu sozinho, e o movimento continuaria, mesmo que se quisesse eliminá-lo.*

---

[24] BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1976, p. 168. Conforme Hauser, o escritor naturalista descobre na realidade um certo traço, uma certa tendência a que se gostaria de dar mais ênfase, que se gostaria de promover ou de combater. O naturalismo não tem por alvo a realidade como um todo, não a "natureza" ou a "vida" em geral, mas a vida social em particular, ou seja, aquela província da realidade que se tornou especialmente importante para essa geração. HAUSER, Arnold. *História Social da Arte e da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1982, p. 749.

[25] CARONI, Ítalo. *A Utopia Naturalista*. In: ZOLA, op. cit., 1995, p. 10.

> *Apenas constatamos o que acontece em nossas letras modernas. A personagem já não é uma abstração psicológica, eis o que todo mundo pode ver. A personagem se tornou um produto do ar e do solo, como a planta; é a concepção científica.*[26]

A experimentação orienta os preceitos contidos nos ensaios críticos mencionados de Zola, visando inserir no romance um tom participativo nos problemas do tempo, com base em noções cientificistas. Sob esta ótica, o romance deveria mostrar a relação dos fenômenos sociais com seus determinismos, conforme leis e posteriores reformas sociais.

> *Zola, apesar de seu pessimismo em relação ao presente, é otimista em um futuro guiado pela ciência. As ciências sociais, para ele como para Comte, tinham um aspecto reformador, e deveriam levar ao aperfeiçoamento das condições externas da vida humana. A literatura deveria colaborar nesse processo, mostrando os problemas sociais para correção, por conta de uma atuação política sobre eles. O naturalista, então, tem como princípio esse* ***viés reformador****, visando a melhoria das condições sociais que geraram o aspecto degradante demonstrado pelo que Zola vai chamar de* experiência.[27] (grifo nosso)

A coexistência de ideários liberais e uma arte profundamente negativa pode representar um paradoxo aos escritores realistas. A raiz comum dessas direções é a posição incômoda do intelectual face à sociedade sob constantes transformações pela industrialização. É neste contexto que os autores agrediam o *status quo* na vida pública, como o fez destacadamente Émile Zola por meio de seus romances e artigos. Em *Thérèse Raquin*, podemos perceber a singularidade e a importância de Zola quando o mesmo descreve seus objetivos:

> *Eu quis estudar* ***temperamentos*** *e não caracteres. Escolhi personagens soberanamente dominadas pelos* ***nervos*** *e pelo* ***sangue****, desprovidas de livre-arbítrio, arrastadas a cada ato de sua vida pelas* ***fatalidades da própria carne****. [...] Começa-se a compreender (espero-o) que meu objetivo foi acima de tudo um* ***objetivo científico****. [...] Fiz simplesmente em dois corpos vivos o trabalho analítico que os cirurgiões fazem em cadáveres* (Prefácio à 2ª ed. de Thérèse Raquin, 1868).[28] (grifo nosso)

A estética naturalista focava o lado patológico dos indivíduos nas piores condições possíveis. O detalhamento cauteloso das cenas são verdadeiros retratos de aspectos negativos do homem em sociedade. A abertura ao sexo, à miséria e à degradação humana são temas recorrentes nas observações experimentais como se fossem análises de um laboratório social, da forma pela qual os escritores acreditavam fazer. O homem é

---

[26] ZOLA, op. cit., 1995, p. 40.
[27] SILVA, op. cit., 2009, p. 10.
[28] ZOLA, 1868 *apud* BOSI, op. cit., 1976, p. 169.

apresentado como um animal degenerado pela linguagem objetiva, simplificada e comum de fácil acesso e aproximação às pessoas, semelhantemente aos textos informativos.

O homem é reduzido a praticamente uma máquina de reações mecânicas, determinadas pelo meio, pela hereditariedade e pelo momento histórico. O adultério, a valorização do presente e da razão ou a desmistificação das personagens nas suas formas mais horrendas, como retratos da sociedade, são alguns dos pontos em que o realismo naturalista se contrasta com o romantismo clássico.

> *Essa **degradação** é atribuída pelo **meio** em que vivem* [as personagens] *e por **elementos hereditários**, mas o movimento histórico conflitante que os determina a viver nesse meio acaba latente. Isso não quer dizer que Zola é um defensor do sistema capitalista, ao contrário; em seus escritos a atenção para a resolução dos **problemas sociais**, sua simpatia pelas classes mais baixas era evidente. A questão vai mais além: Zola é filho de seu tempo, e sua **concepção de mundo** caminhava junto com o desenvolvimento científico da época.*[29] (grifo nosso)

A pretensa objetividade e a impassibilidade do narrador naturalista está intimamente ligada à posição do cientista em relação ao seu objeto de estudo. Este *rigor metodológico* evidencia a preocupação de manter-se a par da verdade no romance; preocupação esta realizada nas descrições. A *descrição* funciona como um elemento de análise científica. Zola afirma que não cabe ao romancista naturalista tirar conclusões de sua obra, visto que a experiência conclui por si.

> *[...] já não descrevemos por descrever, por um capricho e um prazer de retóricos. Achamos que o homem não pode ser separado de seu meio, que ele é completado por sua roupa, por sua casa, por sua cidade, por sua província; e, dessa forma, não notaremos um único fenômeno de seu cérebro ou de seu coração sem procurar as causas ou a consequência no meio. Daí o que se chama nossas eternas descrições.*[30]

O naturalismo de Zola pode ser definido como um *realismo descritivo,* devido à posição fundamental que a descrição ocupa em sua obra, como o leitor poderá observar no decorrer deste estudo na análise de *Germinal.* Uma outra característica importante do discurso realista-naturalista é a legibilidade, isto é, o mecanismo por meio do qual um enunciado se torna eficaz e consegue transmitir uma informação.

---

[29] SILVA, op. cit., 2009, p. 41.

[30] ZOLA, op. cit., 1995, p. 43. Para Zola, "um experimentador não tem que concluir, porque, justamente, *a experiência conclui por ele*. Cem vezes, se necessário, ele repetirá a experiência diante do público, a explicará, mas não terá que indignar-se, nem aprovar pessoalmente; tal é a verdade, tal é o mecanismo dos fenômenos; compete à sociedade continuar produzindo ou não este fenômeno, conforme seu resultado seja útil ou perigoso". ZOLA, op. cit., 1982, p. 53.

Nesse ponto, cabe ao escritor naturalista, portanto, adotar um estilo rudimentar e uma descrição tão fiel quanto o possível. A esses elementos se une um outro, referente à narrativa impessoal feita na terceira pessoa, em que ao eliminar do âmbito da enunciação qualquer vestígio de um narrador, instaura-se uma espécie de legitimidade narrativa.

Entre as principais obras de Émile Zola, na coletânea *Les Rougon-Macquart,* temos *Le Ventre de Paris* (1873), *La Terre* (1887), *Nana* (1880) e *Germinal* (1885). *A Taverna* (1876) e *Nana*[31] apresentam uma atmosfera de degeneração; a partir de *Germinal,* a descrição experimental ganha contornos ainda mais fortes pela denúncia da opressão social e da paralisação moral da humanidade. Essa obra consagrou o autor como um dos maiores literatos de todos os tempos.[32]

Dentre outros livros podemos destacar *La Bête Humaine* (1890), no qual o autor expõe uma dura crítica ao regime político francês. A locomotiva enlouquecida que aguarda um final trágico nesta história seria uma representação da forma pela qual o Segundo Império francês estava sendo conduzido desvairadamente para a guerra franco-prussiana.

O ciclo dos Rougon-Macquart havia contado a história de um regime que não existia mais. Zola tinha 53 anos quando terminou o conjunto das obras. Havia escrito 20 romances, em 31 volumes, com 1200 personagens. Podia dar-se ao luxo de descansar, porém não queria esse luxo. O projeto da próxima obra já estava pronto: a posterior série *Les Trois Villes (Lourdes - 1894, Rome - 1896 e Paris - 1898)* abriria as agitações das cidades modernas. Quando este último romance apareceu, Zola foi envolvido pelo turbilhão do *Caso Dreyfus.*

Neste caso, Émile Zola demonstrou elevado engajamento político. Seu trabalho de maior repercussão certamente foi a carta aberta intitulada *J'Accuse,* destinada ao então presidente francês Félix Faure. Publicada na primeira página do jornal *L'Aurore*[33] em 13 de janeiro de 1898, a carta acusava o governo francês de anti-semitismo por julgar e condenar o capitão Alfred Dreyfus, precipitadamente, por traição[34].

---

[31] Para conceber *Nana,* Zola realizou uma profunda investigação do submundo parisiense; conversou com prostitutas, anotou seus hábitos, costumes e atitudes com clientes, percorreu casas noturnas e teatros, colheu depoimentos de gigolôs. Zola construiu um verdadeiro e amplo dossiê sobre a prostituição na capital francesa.

[32] Ver Anexo A - Obras Publicadas.

[33] *L'Aurore* foi um jornal republicano francês fundado em 1897, por Ernest Vaugan. A Biblioteca Nacional da França disponibiliza suas versões em formato digital no endereço <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb32706846t/date>. Acesso em 17 jan. 2010.

[34] O célebre processo sofrido pelo capitão Dreyfus representou um dos maiores erros judiciais da história contemporânea. A perseguição ao oficial começou em 1894, quando uma encarregada de limpeza na embaixada alemã em Paris, descobriu uma carta no cesto de lixo do militar alemão tenente-coronel Schwarzkoppen. O achado caiu nas mãos do serviço secreto francês, que concluiu ser o escrito a prova da existência de um traidor no corpo militar. Um bode expiatório fez-se necessário: a investigação chegou ao nome de Alfred Dreyfus, que foi submetido a uma prova caligráfica, detido e conduzido ao conselho de guerra. O capitão foi acusado de traição, condenado e enviado para *Ilha do Diabo* na Guiana Francesa para cumprir prisão perpétua. Em 1896, o tenente-coronel George Picquart, ao rever o caso, concluiu que o verdadeiro culpado era o major Charles-Ferdinand



Figura 2. *Zola Insultado,* por Henri Degroux. 1898. Óleo sobre tela.[35]

Por sua manifestação e posicionamento no caso, Zola foi julgado e condenado a um ano de prisão; exilou-se em Londres e regressou à França após 11 meses. Veio a falecer em 29 de setembro de 1902, na cidade de Paris. Não se sabe a causa exata da morte. As análises indicaram possível inalação em quantidade letal de monóxido de carbono, porém alguns consideram a hipótese de assassinato devido seu posicionamento ao longo do Caso Dreyfus.

De acordo com Mitterand, três teses se contrapuseram a esse respeito: a da investigação oficial, que concluiu por acidente; a de uma investigação particular, datada de 1952, apoiada em testemunhos indiretos sobre a hipótese de homicídio; e outra, do comissário Marcel Leclère, inclinada pela hipótese de uma morte involuntária resultante de erro.[36] Sua vida se concluiria após uma defesa ferrenha do capitão Dreyfus.

> *Até hoje não se esclareceu completamente se a prisão e condenação de Dreyfus foi simplesmente um erro judicial que, por acaso, deu lugar a uma conflagração política, ou se o Estado-Maior deliberadamente forjou o*

Walsin Esterhazy. O impasse chegou aos jornais e em pouco tempo muitos intelectuais do país se demonstraram solidários ao *Caso Dreyfus*. Émile Zola partiu em ampla defesa do acusado denunciando os culpados pela farsa, utilizando seu principal meio de mobilização pública: a imprensa escrita. A polêmica agrupou os franceses em duas frentes de batalha: os *dreyfusards* e os *anti-dreyfusards*. Somente em 1906 ocorreu uma revisão do processo, contudo Zola não pode presenciar a declaração de inocência e a reincorporação de Dreyfus ao exército francês, uma vez que o escritor havia falecido em 1902. A carta intitulada *J'Accuse* está disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k701453s.pleinepage>. Acesso em 17 jan. 2010. A título de conhecimento disponibilizamos o documento em português, conforme Anexo E - *J'Accuse*.

[35] Degroux retrata o ódio das massas durante a saída do escritor do tribunal. Fonte: Musée Émile Zola - Médan. Disponível em <http://www.amis-arts.com/poetes/zola/2_dreyfus/Zola_sortie.jpg>. Acesso em 12 mai. 2010.

[36] MITTERAND, op. cit., 2006, p. 1.

> bordereau[37] *e usou-o como embuste para o fim expresso de finalmente estigmatizar um judeu como traidor. Em apoio dessa última hipótese, há o fato de que Dreyfus foi o primeiro judeu a galgar um posto no Estado-Maior e, nas condições da época, isso podia ter causado não apenas aborrecimento, mas verdadeira fúria e consternação.*[38]

Os correspondentes brasileiros em Paris foram importantes intermediários no anúncio das publicações, polêmicas e notícias envolvendo Émile Zola, o que contribuiu para divulgação de seu nome neste país. A crítica brasileira, como indica Eduardo Silva, oscilou entre dois pólos: de um lado a grande admiração pelo talento do escritor, de outro, profundas recriminações de caráter moral. Todavia, é inegável o peso que Zola representou na literatura ocidental oitocentista.[39] Como indício de admiração por sua obra e pela sua dedicação ao Caso Dreyfus, Tobias Monteiro, em entrevista com o "Sr. Zola" assim se manifestou sobre o escritor, no *Jornal do Commercio* em 1898:

> *Inspirou-se no amor da justiça e da verdade. Está certo de inocência do acusado, e por isso dispôs-se a promover a revisão do processo, para os juízes se convencerem da existência do erro judiciário. [...] Nenhum, porém se elevara quanto ele desde o dia do retumbante libelo "J'accuse", que pôs ante o pretório da consciência universal todos os culpados da horrível perseguição de um inocente, escolhido para pasto de ódios de raça. As suas faculdades criadoras, os seus recursos poderosos de linguagem faziam desprender dos seus escritos uma irradiação de verdade, que iluminava todas as cenas daquele drama abominável e permitia caminhar com firmeza, na esperança do desfecho triunfal da justiça.*[40]

Ainda na virada dos séculos, Zola começou um novo ciclo (a série *Les Quatre Evangiles – Fécondité, Travail, Vérité, Justice),* porém morreu antes de terminar o quarto livro. Voltou-se para a utopia da marcha para a fraternidade e felicidade humanas, ao passo que desapareceu antes de assistir ao "retorno da barbárie" marcado pela Grande Guerra Mundial que viria eclodir. Seis anos após o falecimento, os restos mortais de Émile Zola foram levados ao Panthéon, espaço onde estão sepultadas diversas figuras de renome como Victor Hugo, Rousseau, Voltaire e outros.[41]

---

[37] *Le bordereau* foi a forma pela qual a imprensa francesa designou o documento descoberto pela encarregada de limpeza na embaixada alemã.

[38] ARENDT, Hannah. O Caso Dreyfus. In: *As Origens do Totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 127.

[39] SILVA, op. cit., 1999, p. 356.

[40] MONTEIRO, Tobias. Entrevista com o Sr. Zola, *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: 1898. In: SILVA, op. cit., 1999, p. 349.

[41] Victor-Marie Hugo (1802-1885) foi um romancista francês famoso por diversas obras entre elas: *Les Misérables* (1862) e *Notre-Dame de Paris* (1831). François-Marie Arouet, pseudônimo *Voltaire* (1694-1778) foi um escritor e filósofo francês conhecido por sua defesa das liberdades civil, religiosa e de livre-comércio. Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) foi um filósofo e teórico político suíço de destaque na tradição iluminista e no romantismo.

Tudo se transformava em lucros. As cidades tinham sua sujeira lucrativa... Pois a nova cidade não era um lar onde o homem pudesse achar beleza, felicidade, lazer... mas um lugar desolado e deserto, sem cor, ar ou riso, onde o homem, a mulher e a criança trabalhavam, comiam ou dormiam... As novas fábricas e os novos alto-fornos eram como pirâmides, mostrando mais a escravização do homem que seu poder...

John Lawrence Hammond e Bárbara Hammond.
The Rise of Modern Industry (1925).

Desta vala imunda a maior corrente da indústria humana flui para fertilizar o mundo todo. Deste esgoto imundo jorra ouro puro. Aqui a humanidade atinge o seu mais completo desenvolvimento e sua maior brutalidade. Aqui a civilização faz milagres e o homem civilizado torna-se quase um selvagem.

Alexis de Tocqueville sobre a cidade de Manchester.
Journeys to England and Ireland (1830).

Capítulo Único:
Germinal

Baseado no romance de Émile Zola, em 1993, estreou na França o filme *Germinal*[42], de Claude Berri. A repercussão da obra cinematográfica foi ampla e variada, abrindo espaços para reflexões críticas sobre a sociedade francesa do final do século XX, sobretudo no que diz respeito à pobreza e à injustiça social. São raros os livros ou adaptações que despertam polêmicas mais de um século posteriormente a sua primeira edição, sendo este um indício da grandeza da obra na sociedade francesa.[43]

Berri conseguiu chamar a atenção do espectador para as mazelas industriais e da vida sofrida do operariado no século XIX. Basta mencionarmos a impressionante cena em que Maigrat, o merceeiro, é morto e castrado por várias operárias, como expressão ou grito de protesto face aos abusos econômicos e sexuais a que as mesmas eram submetidas. A maioria das cenas foi filmada nas cidades de Lens e Valenciennes, no norte da França, regiões assoladas por um expressivo número de desempregados e miseráveis.

> *With his film, Berri wanted to make a similar gesture, intervening in the* ***contemporary debate*** *about* ***social injustice*** *in 1990s France. [...] In the same way that Zola's novel had become an icon of nineteenth-century class struggle, he wanted his film to become an icon of the struggle against* ***poverty*** *and* ***social injustice*** *that he saw as central to French identity throughout the twentieth century.*[44] (grifo nosso)

Enquanto Zola testemunhou greves na vila de Anzin em 1884[45], Berri gravou suas cenas em antigas vilas mineiras na mesma região, provavelmente buscando um efeito de autenticidade ao usar mineiros desempregados nas filmagens. O diretor elevou o romance a uma dimensão épica - levaram sete meses as gravações do filme e ao fim da edição, este compreendeu mais de duas horas e meia e, custando em torno de 165 milhões de francos; foi

---

[42] *GERMINAL*. Direção: Claude Berri. Bélgica, França e Itália: AMLF, 1993. 1 filme (160 min), son., color.

[43] PONCIONI, Cláudia. *Émile Zola em português*: um estudo das traduções de Germinal no Brasil e Portugal. São Paulo: Annablume. 1999, p. 13.

[44] MURRAY, Alison. Film as Nation Icon: Claude Berri's Germinal. In: *The French Review*, Vol. 76, n. 5, April 2003, p. 907.

[45] Anzin é uma pequena cidade localizada em Nord-Pas-de-Calais, região norte da França. Foi um importante centro minerador durante o século XIX. Em 1884, explodiu uma grande greve com cerca de 10.000 revoltosos, durante dois meses, em desfavor da *Anzin Company*. O evento repercutiu na imprensa da época. Nesta ocasião, Zola teria ido à vila com intuito de documentar e pesquisar informações para elaboração de seu romance *Germinal*. MITTERAND, Henri. Zola à Anzin: les mineurs de Germinal. In: *Travailler*, 2002/1, n° 7, p. 37-51. Disponível em <http://www.cairn.info/revue-travailler-2002-1-page-37.htm>. Acesso em 13 jul. 2010.

até então o filme mais caro feito na França.[46] As legendas da versão portuguesa foram retiradas diretamente da primeira tradução lusitana do livro.[47]

> *Based on Zola's visit to the mines of Anzin during the strike of 1884, the novel is set in 1866, when sections of the International Worker's Association – which inspires Etienne – had just recently been created in France and women and children under thirteen were still working legally in the mines. [...] Zola manipulates chronology, his details of time, place, and setting are nonetheless fundamental to the* ***hyperrealism*** *that give the social commentary its weight.*[48] (grifo nosso)

Os lançamentos dos livros, bem como da adaptação ao cinema de *Germinal*, provocaram artigos na imprensa brasileira, reafirmando que a repercussão de Zola não se restringiu no seu país. Mesmo ao público de língua portuguesa, para quem seus romances não são obrigatoriamente referência, percebemos a sintonia destes leitores com o escritor.

Em 1995, Helena Celestino escreve que *Germinal* "já vendeu mais de dez milhões de exemplares e é o livro mais vendido da história da literatura francesa".[49] Zola já inspirava a intelectualidade brasileira durante o século XIX, principalmente por sua posição libertária e ação frente ao Caso Dreyfus. "E vós ó povo deste paiz lembrae-vos delle quando um governo perverso tente coartar-vos a liberdade ou ouse arroxear vossos pulsos com os humilhantes grilhões do captiveiro".[50]

No mesmo ano do lançamento da obra, o crítico literário Araripe Júnior, que já tecia seus comentários acerca da obra de Zola, assim se refere ao romance: "a leitura de Germinal trouxe-me a lembrança do Inferno do Dante. Zola talvez pretendesse fazer paródia burguesa àquele grande pesadelo pessimista do gênio da Média Idade. Não é, mesmo, possível ler o Germinal sem muitas vezes arquejar, impressionado por páginas verdadeiramente dantescas".[51]

As obras de Zola eram lidas pela crítica brasileira num primeiro momento em francês, em seguida em traduções lusitanas, o que reflete o peso da leitura em português de Portugal na sociedade brasileira daquele período. No caso de *Germinal*, a primeira tradução

---

[46] RIDING, Alan. Does "Germinal" Speak Across a Century? *The New York Times*. New York, March 6, 1994. Disponível em <http://www.nytimes.com/1994/03/06/movies/film-does-germinal-speak-across-a-century.html>. Acesso em 13 jul. 2010.

[47] A primeira tradução em português (1885) foi feita pelo jornalista e escritor português Eduardo de Barros Lobo, sob o pseudônimo Beldemónio.

[48] MURRAY, op. cit., p. 910.

[49] CELESTINO, Helena. Germinal. *O Globo*. Rio de Janeiro, 1/3/1995 *apud* PONCIONI, op. cit., p. 14.

[50] MEIRELLES, Benedicto e MARTINS, Amadeu R. Homenagem à colônia franceza. *Folha do Braz*. São Paulo, 18/06/1899. Capa.

[51] ARARIPE JUNIOR. Germinal, *A Semana*. Rio de Janeiro: 02, 16 e 23 maio 1885. In: *Obra crítica de Araripe Júnior*, vol. 1, Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1958.

portuguesa é datada do mesmo ano do lançamento da obra na França, isto é, em 1885, sendo um sinal da imediata repercussão do romance.

> *As características culturais do final do século na Europa e no Brasil, favorecendo o interesse por tudo o que tivesse fundamentação científica, propiciou um ambiente favorável à divulgação do movimento naturalista. A leitura daqueles textos foi feita primeira por francófonos e as traduções, num segundo momento,* ***possibilitaram aos não francófonos o acesso às obras****. Os literatos brasileiros do período leram Zola primeiramente em francês e somente depois em traduções para o português.*[52] (grifo nosso)

Dentre os tradutores portugueses, destaca-se Bel-Adam, cujo pseudônimo não foi identificado, provavelmente, por se tratar de um editor militante simpatizante ao movimento operário. Em sua tradução, Bel-Adam anuncia sua simpatia por Zola logo na primeira página.

> *A iniciar semelhante tentativa d'evangelização, pareceu bem um trabalho do poderoso lutador,* ***pioneiro da verdade****, do maior romancista do século que acabou, do grande evangelizador que foi Emile Zola, e cuja obra é a* ***condenação do velho mundo****. E* Germinal, *o grande poema épico em que alguém disse – o autor "desceu as espirais da dor, de que fala o poeta, e trouxe de lá com pavores nos olhos e cólera no coração, o maior* ***protesto*** *que ainda a* ***piedade humana*** *tem lançado à face do mundo", impôs-se naturalmente.*[53] (grifo nosso)

O nome *Germinal* é uma referência ao primeiro mês da primavera no calendário da Revolução Francesa. Se para a maioria dos leitores brasileiros e portugueses a relação com o movimento revolucionário do final do século XVIII passa despercebida, para os franceses é mais facilmente referida esta alusão. Contudo, quem lê a obra em português sente a força do verbo *germinar* na narrativa, permanecendo a ideia da proliferação de revoltas que Zola previa ou ansiava. *Germinal* serve ainda de referência para diversos jornais ditos esquerdistas mundo afora. Na França, durante muito tempo o livro foi símbolo da luta revolucionária e não surpreendentemente inspirou movimentos trabalhistas no continente europeu, bem como em nosso país.[54]

---

[52] SILVA, 1999, op. cit., p. 356.

[53] ZOLA, Émile. *Germinal*. Tradução de Bel-Adam. 2ª ed. Lisboa: Bibliotheca d'Educação Nova - Editora, 1903 *apud* PONCIONI, op. cit., p. 37-38.

[54] Como primeiro mês da primavera, *Germinal* compreenderia o período entre 21 de março e 19 de abril. Este calendário prevaleceu durante duas ocasiões: quando foi instaurado em 1792 até 1805, com o ordenamento do reestabelecimento do calendário gregoriano por Napoleão Bonaparte, assim como durante os poucos meses de existência da Comuna de Paris em 1871. Sobre referências em jornais e periódicos podemos citar: *Zsherminal*, jornal anarquista publicado em Londres (1900-1909) pelo ativista Rudolf Rocker (1873-1958) - http://www.katesharpleylibrary.net/w9gk09 e http://anarcoefemerides.balearweb.net/post/84452; *Germinal*, Setúbal-Portugal (1903-1911) - http://setubaleoanarcosindicalismo.blogspot.com; *Germinal!-La Barricata* (1913-

> *Quando Zola escreve* Germinal, *dirige-se a um público com quem compartilha referências culturais comuns. Nesse público-alvo, Zola pretende despertar reações de revolta, de medo, pela criação de uma obra que ele desejava que fosse premonitória das grandes* ***mudanças sociais*** *do início do século XX. Para tal, realizou uma pesquisa sobre a vida cotidiana dos mineiros do Norte da França em seu tempo, mas partiu de ideias pré-concebidas, que foram marcadas por referências inspiradas pela realidade concreta [...] Nisso reside a* ***criação romanesca****, senão tratar-se-ia de uma mera reportagem e não de uma obra naturalista. Em* Germinal *há uma ideia latente desde a escolha do título até o fim do romance. Trata-se de uma obra cujo pano de fundo é a Revolução Francesa. [...] Diversas vezes Zola faz alusões que são compreendidas direta ou indiretamente pelo leitor francês. Mas terão os leitores brasileiros e portugueses as mesmas reações? Evidentemente isso não ocorre no mesmo nível.*[55] (grifo nosso)

Germinal é o décimo terceiro romance da série *Les Rougon-Macquart*, sendo considerado a obra-prima de Émile Zola por se tratar de um retrato bastante próximo da sociedade francesa oitocentista, bem como uma aproximação aos perfis sociais da época com relação às personagens criadas. Como observadores ou participantes, os escritores possibilitam aos leitores uma aproximação com mundos provavelmente desconhecidos até então. Para fazer *Germinal*, Zola não se satisfez somente com a busca de documentos. Foi passar alguns meses numa região mineira, morou em cortiços, bebeu cerveja e genebra nos botequins e desceu ao fundo dos poços para observar de perto o trabalho dos operários.[56] Matthew Josephson cita uma descrição de Zola feita por Leon Daudet que demonstra seu método de coleta de dados e observação:

> *Ele ia sem convite às recepções de ricos capitalistas para a coleta de dados. Víamo-lo corpulento e carrancudo, com um jeito de filósofo, ao canto de um bufete, observando as pessoas presentes, abastecendo sua memória deturpadora de fatos com rápidos perfis. Em torno dele murmuravam: – É Zola! Está tomando notas!*[57]

O método experimental elaborado por Zola para escrever seus romances resultou em grande admiração entre os contemporâneos. Em suma, havia sempre um longo trabalho de coleta de dados que precedia a escrita da obra, como se fosse um repórter, observando tudo.

19??) editado por Florentino de Carvalho, Rodolfo Felipe, Adelino de Pinho, João Penteado e outros; alguns números foram elaborados em associação com Gigi Damiani, editor do jornal italiano *La Barricata* - http://www.nu-sol.org/agora/pdf/rogerionascimento.pdf; *Boletim Germinal*, Universidade Estadual de Londrina (2008-) - http://www.uel.br/revistas/germinal/index.htm; *Jornal/Revista Germinal* (2006-) - http://www.opopssa.info; *Les Cahiers Naturalistes* (2000-) - http://www.cahiers-naturalistes.com; entre outros. Acessos em 14 jul. 2010.

[55] PONCIONI, op. cit., p. 80-82.

[56] OS IMORTAIS DA LITERATURA UNIVERSAL, 1979 *apud* ZOLA, op. cit., 2007, p. 445.

[57] JOSEPHSON, Matthew. *Zola e seu tempo*. Tradução de Godofredo Rangel. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1947, p. 244.

No fragmento a seguir fica claro como a observação e a experimentação são traços notáveis da estética naturalista.

> *Um de nossos romancistas naturalistas quer escrever um romance acerca do mundo dos teatros. Ele parte dessa ideia geral sem ter ainda um fato nem uma personagem. Seu primeiro cuidado será* ***reunir em notas*** *tudo o que puder saber a respeito desse mundo que pretende retratar. Conheceu tal ator, assistiu tal cena. Eis aí* ***documentos****, os melhores, aqueles que* ***amadurecem*** *nele. Em seguida,* ***sairá a campo, ouvirá*** *os homens mais bem informados sobre a matéria,* ***colecionará*** *todas as expressões, as histórias e as descrições. Não é tudo: irá, depois, aos* ***documentos escritos, lendo tudo*** *o que lhe pode ser útil. Enfim,* ***visitará os locais, viverá*** *alguns dias num teatro para conhecer seus mínimos recantos,* ***passará*** *suas noites num camarim de atriz,* ***impregnar-se-á*** *o máximo possível do ambiente. E, uma vez completados os documentos, seu romance, como já o disse, se estabelecerá por si mesmo. O romancista terá apenas que* ***distribuir logicamente*** *os fatos. De tudo o que tiver apreendido resultará a ponta do drama, a história que ele necessita para montar o arcabouço de seus capítulos [...] Fazer* ***mover*** *personagens reais num meio real, dar ao leitor um* ***fragmento da vida humana****, aí se encontra todo o romance naturalista.*[58] (grifo nosso)

Durante sua experimentação e elaboração de *Germinal*, Zola pôde descobrir quais eram as principais doenças causadas pela mineração. Sentiu o problema dos baixos salários, os sacrifícios dos trabalhadores, as dificuldades de se empurrar um vagonete por corredores estreitos e o drama do trabalho na escuridão face à luta pela sobrevivência. Zola visitou a região carbonífera francesa do Nord-Pas de Calais, na fronteira com a Bélgica. Ali no "país negro", conviveu por muitas semanas com os mineiros, visitou suas casa, acompanhou a vida na região. Sobretudo, colheu depoimentos sobre a grande greve de 1884, encerrada pela violência do exército e com muitas mortes.[59]

Em um empolgante jogo de extremos, o escritor descreve a emoção de uma greve operária e o ódio animal destrutivo de miseráveis, exaltando a violência de corpos que desejam se libertar. *Germinal* apresenta também a constituição de vidas e amores realizados sobre o carvão e a promiscuidade de famílias operárias em moradias precárias, bem como no mundo oposto ao mineiro, isto é, nas relações conjugais nos leitos burgueses, aconchegantes e reconfortantes.

A obra consagrou Zola como um dos maiores escritores de todos os tempos devido a sua ampla repercussão, ainda que revelasse mundos que muitas pessoas não quisessem conhecer. Mais ainda, o livro elevou a estética naturalista num patamar de realismo e crueza por suas minuciosas descrições. Em julho de 1885, o autor respondeu às críticas de Gustave

---

[58] ZOLA, 1995, op. cit., p. 26.
[59] RODRIGUES, op. cit., p. 48.

Geffroy[60] dizendo que seu papel foi recolocar o homem em seu devido lugar dentro da criação, como um produto da terra, submetido a todas influências do meio, pois acreditava que o pensamento não fosse outra coisa além de uma função da matéria, demonstrando assim sua posição materialista.

Pela riqueza dos detalhes parece que o livro foi escrito por um carvoeiro francês do século XIX, isto é, caso fosse verossímil imaginar condição de escrita para um minerador naquelas circunstâncias. Zola se propôs a traduzir o grito dos proletários explorados e sufocados pelo pó negro da hulha[61] nas profundezas das galerias mineiras construídas com o sangue do povo. Trata-se assim, de uma importante fonte histórica no estudo da sociedade ocidental oitocentista, especialmente pela denúncia das condições de vida e trabalho da classe operária. Zola não levou somente ao conhecimento de seu público leitor o retrato das condições insalubres de vivência e a miséria humana, como também expôs sua leitura sensível, profunda e engajada desse cenário, inspirado na luta dos mineiros franceses.

Contrastes: desnaturado humano

> *Entre as linhas de* Germinal, *podem-se distinguir os traços de múltiplas leituras técnicas, médicas, históricas, políticas. Zola é um dos raros escritores franceses da época a tomar conhecimento, indiretamente, das teses de Marx*[62]*, até então reservadas aos círculos da II Internacional. Por todo lugar, os jornais socialistas reproduzem o romance em folhetim, gratuitamente, com a autorização de Zola: "Peguem-no, ele vos pertence!".*[63]

"Na planície rasa, sob a noite sem estrelas, de uma escuridão e espessura de tinta, um homem caminhava sozinho".[64] *Germinal* se inicia na descrição da caminhada de Etienne Lantier, protagonista da trama, em uma planície rasa coberta pela escuridão da noite. O operário desempregado vagava pela estrada que ligava Marchiennes a Montsou, sendo esta

---

[60] GEFFROY, Gustave. *Notes d'un journaliste*: vie, littérature, théâtre. Paris: G. Charpentier, 1887. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k840446.r=Zola+Gustave+Geffroy.f189.langPT>. Acesso em 23 jan. 2010.

[61] A hulha é o carvão mineral, recurso considerado a grande mola propulsora do industrialismo.

[62] Karl Henrich Marx (1818-1883) foi um intelectual alemão, historiador, economista, filósofo, jornalista e teórico político. Fundador da teoria comunista moderna.

[63] MITTERAND, op. cit., 1986, p. 73.

[64] ZOLA, Émile. *Germinal*. Tradução de Francisco Bittencourt. São Paulo: Martin Claret, 2007, p. 13. A partir deste ponto, as referências à esta edição de *Germinal* serão identificadas nas notas de rodapé como Z. G, e sua respectiva página.

última cidade o principal cenário do livro. Nessa passagem inicial, Zola explora o caráter realista de sua obra pela composição de uma paisagem real, na qual encontra-se uma pessoa que sofre bastante com o frio do inverno, no norte da França.

O autor conduz o olhar do leitor na direção de uma única personagem – o homem que caminha sozinho sob a noite sem estrelas; esta descrição segue os requisitos de objetividade e impessoalidade que caracterizam a escrita naturalista. Zola se fundamenta na descrição privilegiando o olhar da personagem na narrativa. É este olhar que dissimula o saber do romancista aos olhos do leitor, proporcionando o chamado efeito de real.

As primeiras linhas do romance apresentam simultaneamente o herói e o espaço onde transcorrerá a ação. Nesse ponto, Zola escolhe o universo físico da obra apresentando uma metáfora das condições de vida dos mineiros, considerando que as condições climáticas desempenham um importante papel na ação, na medida em que Etienne é apresentado como um náufrago perdido sofrendo com o frio de uma noite glacial de março confrontando uma natureza extremamente hostil.[65]

> *Na primeira parte do romance, Zola introduz o leitor no* ***universo das minas de carvão****. A impressão dominante é a de uma paisagem quase totalmente plana, monótona, vasta, rasgada por* ***longas estradas*** *sempre retas. Espremida no meio dessa paisagem encontram-se as* ***instalações*** *para a exploração das minas [...] o* ***inverno*** *é onipresente logo no primeiro parágrafo. O* ***vento*** *é o elemento principal de um* ***meio hostil****. E Etienne Lantier aparece como uma* ***vítima*** *de* ***sofrimentos*** *físicos provocados pelo* ***frio****.*[66] (grifo nosso)

As roupas de Etienne compostas de tecidos gastos são um sinal de extrema pobreza ao leitor. Os principais ambientes de Montsou são a mina Voreux, o conjunto habitacional, a taberna, a mercearia e as mansões burguesas.[67] A paisagem do romance é caracterizada pela ausência de plantas, à exceção de legumes nas hortas e plantações de beterrabas para produção de açúcar. Este é um notório indício da ação destrutiva da mineração. Segundo Cláudia Poncioni, os nomes das minas estão ligados à toponímia e a antroponímia, como é o caso da Voreux, localidade esta que acaba por se consolidar como grande personagem ao longo da narrativa.

O *jogo onomástico* é uma das marcas da escrita de Zola. De acordo com Poncioni, num sentido amplo, a onomástica é o estudo dos nomes próprios de todos os gêneros, suas origens e suas transformações. A toponímia e a antroponímia são ramificações desta parte da

---

[65] PONCIONI, op. cit., p. 76-77.
[66] Idem, p. 76-78.
[67] Ver Anexo B – *Germinal* – II. Localidades e III. Mapa.

linguística, sendo a primeira referente aos nomes de lugares e a segunda aos nomes próprios de pessoas, prenomes e apelidos, de acordo com a época e os costumes. Os nomes de lugares ocupam uma posição determinante no romance simbolizando diferenças sociais entre os trabalhadores e os patrões.

Sob vários aspectos, *Germinal* é a história da luta entre o herói operário e a mina Voreux que devora homens. Em francês, o nome da mina sugere voracidade. Não houve tradução para o português, contudo é interessante notar que os tradutores conseguiram transmitir a sensação voraz, permitindo conservar intacta a relação entre o nome da mina e sua agressividade em comer homens.[68]

Montsou é um lugar fictício próximo à cidade de Marchiennes localizada no norte da França. Essa localidade nos remete àquele novo tipo de cidade que Charles Dickens, em *Tempos Difíceis*, chamou de Coketown, em alusão às cidades industriais inglesas.[69] Como enfatiza Lewis Mumford, entre os anos de 1820 e 1900, a destruição e a desordem nas grandes cidades é semelhante ao campo de batalha. Em grau maior ou menor, todas as cidades do mundo ocidental foram marcadas com características arquetípicas de Coketown.

Em Coketown, o império do tempo útil não deixa espaço algum aos devaneios: as pessoas não vinculadas à produção estão sempre de passagem ou são marginais. O industrialismo, a principal força criadora do século XIX, produziu o mais degradado ambiente urbano que o mundo jamais vira; até mesmo os bairros das classes dominantes eram imundos e congestionados.[70] No caso de *Germinal,* dois nomes constantes de cidades são reais, isto é, as cidades de Marchiennes e Lille. Conforme Colette Becker, Montsou, criada por Zola, é, com efeito, uma alusão a Montceau-les-Mines, onde aconteceram greves importantes em 1882.[71]

O realismo de Zola está na inserção de lugares reais e na criação de fictícios, bem como na capacidade de sintetização das agitações do movimento operário que se sucederam durante a segunda metade do século XIX, período este em que se situa a narrativa. Além disso, a verossimilhança também foi obtida através da precisão dos meios sociais, da convivência e da lealdade e objetividade às suas descrições. Etienne se vislumbra com a

---

[68] PONCIONI, op. cit., p. 66-67.

[69] DICKENS, Charles. *Hard Times.* Documento eletrônico (em inglês). 1854. Disponível em <http://www.literaturecollection.com/a/dickens/hard-times/1>. Acesso em 02 mar. 2010.

[70] MUMFORD, op. cit., 1991, p. 484. Consideramos Coketown, sob a perspectiva de Mumford, como um conceito essencial para esta pesquisa conforme referência na compreensão do mundo industrial ocidental. O leitor poderá perceber ao longo desta análise expressões oriundas das colocações deste autor vislumbrando o novo ambiente de vivência do homem com a consolidação do industrialismo, como regime ou revolução ou inferno paleotécnico, bem como cidade industrial arquetípica.

[71] BECKER, Colette. *Émile Zola – Germinal.* Paris: P.U.F. Coleção Estudos Literários. 2ª ed. 1988 *apud* PONCIONI, op. cit., p. 66.

possibilidade de amenizar o frio cortante ao ver um clarão vermelho ao fundo da paisagem oriundo do complexo das minas de carvão; Zola descreve detalhadamente aquelas construções.

> *[...] ao nível do solo, outro espetáculo o fazia parar. Era uma massa pesada, um amontoado de construções de onde se levantava a silhueta da chaminé de uma fábrica. Raros clarões saíam das janelas sujas, cinco ou seis lampiões tristes pendiam do lado das vigas de madeira enegrecidas do edifício, alinhando vagamente perfis de cavaletes gigantescos. E, dessa* ***aparição fantástica****, engolfada na noite e na fumaça, um único ruído se elevava: o* ***arfar grosso e prolongado*** *de um escapamento de vapor, que não se via. [...] começava a perceber cada uma das partes da mina, o galpão preto onde o carvão é peneirado, a torre do sino do poço, a vasta casa da máquina de extração, o torreão quadrado da bomba de esgoto. [...] uma chaminé que mais parecia um* ***chifre ameaçador****, dava-lhe a impressão de um* ***animal voraz e feroz****, agachado a espreita para* ***devorar*** *o mundo.*[72] (grifo nosso)

Percebemos a análise minuciosamente descritiva de Zola ao caracterizar a mina e seus arredores como um animal voraz capaz de engolir tudo a sua volta. De fato, a mina, caracterizada em tons dramáticos, é a grande personagem da história. A caracterização do ambiente minerador, isto é, da cidade carbonífera, predominantemente negra, cinza e sombria, conforme Mumford, vai ao encontro da descrição da Voreux e seus arredores.

> *A noite estendia-se por sobre a* ***cidade carbonífera****: a sua cor predominante era o* ***negro****. Nuvens negras de fumo rolavam das chaminés da fábrica e dos pátios ferroviários, que muitas vezes penetravam dentro da cidade, poluindo o próprio organismo, a espalhar* ***fuligem*** *e* ***cinzas*** *por toda parte. [...] Sombrio, descolorido, acre, malcheiroso – assim era o novo ambiente.*[73] (grifo nosso)

Após se dar conta daquela visão fantástica ao meio da escuridão, Etienne parte em busca de trabalho, apesar de sua descrença em razão da dificuldade de se conseguir um emprego naqueles tempos. Conhece Boa-Morte[74], um velho que trabalha para a Companhia a cerca de meio século, com quem procura se informar melhor sobre o empreendimento. Como relata o velho, fábricas não faltavam na região, todavia o grande problema era a desvalorização dos operários.

---

[72] Z. *G*, 14-15.

[73] MUMFORD, op. cit., 1991, p. 509-510.

[74] Boa-Morte, do francês *Bonnemort*, é o apelido de Vincent Maheu; o velho havia sido retirado da mina diversas vezes em pedaços. Uma vez com o cabelo todo chamuscado, outra com terra até o bucho e a terceira com a barriga cheia d'água. Por não morrer nessas ocasiões, começou a ser chamado daquela maneira. Ver relação de personagens do romance no Anexo B – *Germinal* – I. Personagens.

O diálogo entre Etienne e Boa-Morte é um dos que amarram o desenrolar da trama. A conversa entre essas personagens leva a narrativa para um viés informativo, em que são descritas profundamente as instalações mineiras, a crise econômica, a localização das indústrias e das minas nas proximidades e a Companhia que emprega mais de dez mil trabalhadores. É descrita uma grande quantidade de informações sobre a economia, a história e a geografia da área, formando uma espécie de síntese dos problemas das minas de carvão.

> *Você precisava ver há três ou quatro anos: tudo produzindo, faltava mão-de-obra, nunca se ganhou tanto. E, de repente, começa-se a apertar o cinto. Uma verdadeira desgraça cai sobre a região, o pessoal é despedido, as oficinas começam a fechar [...] Dentro de pouco as estradas estariam cheias de mendigos. [...] se ao menos houvesse pão!*[75]

A produção do material industrial, das matérias-primas e dos combustíveis se tornou verdadeiramente importante após a Revolução Industrial[76] e originou um novo proletariado - os operários de minas de carvão e de metais.[77] Para Karl Polanyi, o progresso foi feito à custa da desarticulação social desde o processo de cercamentos[78], na Inglaterra, até as

---

[75] Z. G, p. 16.

[76] Conjunto de transformações tecnológicas que afetaram profundamente o cenário econômico-social no mundo ocidental, a partir do último terço do século XVIII. De acordo com Henderson, foi uma das maiores transformações da história; em cerca de cem anos, a Europa de quintas, rendeiros e artesãos tornou-se uma Europa de cidades abertamente industriais. Os utensílios manuais e dispositivos mecânicos simples foram substituídos por máquinas; a lojinha do artífice pela fábrica. O vapor e a eletricidade suplantaram as fontes tradicionais de energia - água, vento e músculo. Os aldeãos, como as suas antigas ocupações se tornavam supérfluas, emigravam para as minas e para as fabris, tornando-se os operários da nova era, enquanto uma classe profissional de empreiteiros, financeiros e empresários, de cientistas e inventores e engenheiros se salientavam e se expandia rapidamente. HENDERSON, W. *A Revolução Industrial* - 1870-1914. Londres: Editora Verbo, 1969, p. 7. Conforme Iglesias, assiste-se, pois à passagem da manufatura para a maquinofatura. Estaria aí a natureza da Revolução Industrial, que poderia ter seu esquema completado com a produção em série, em grande escala, para um consumidor indeterminado. Enquanto antes se produzia para um certo mercado, constituído por pessoas conhecidas, agora se produz para um mercado anônimo; enquanto antes o artigo era feito por um artesão, uma pessoa, agora o é pela máquina ou por várias pessoas, que dividem as tarefas, de modo a tornar o labor mais racional e rentável. IGLÉSIAS, Francisco. *A Revolução Industrial*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. Edgar de Decca, apoiado em *Tecnologia Alternativa* de David Dickson, nos esclarece ainda outros pontos fundamentais na compreensão da amplitude destas transformações. Em primeiro lugar, os comerciantes precisavam controlar e comercializar toda a produção dos artesãos, com o intuito de reduzir ao mínimo as práticas de desvio dessa produção. Além disso, era do interesse desses comerciantes a maximização da produção através do aumento do número de horas de trabalho e do aumento da velocidade e do ritmo de trabalho. Um terceiro ponto muito importante era o controle da inovação tecnológica para que ela só pudesse ser aplicada no sentido de acumulação capitalista; e, por último, a fábrica criava uma organização da produção que tornava imprescindível a figura do empresário capitalista. É indiscutível que só a concentração do trabalho poderia proporcionar todas essas vantagens para o empresário. Enfim, o surgimento do sistema de fábrica parece ter sido ditado por uma necessidade muito mais organizativa do que técnica, e essa nova organização teve como resultado, para o trabalhador, toda uma nova ordem de disciplina. DE DECCA, Edgar Salvadori. *O nascimento das fábricas*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 24-25.

[77] ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Tradução de B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2008.

[78] Cercamentos (*enclosures* em inglês) foi o processo de divisão de propriedades agrícolas durante o século XVI e XVII na Inglaterra, com objetivo de valorização, investimento e modernização das mesmas, sendo considerado

consequências mais profundas do industrialismo, de modo que "uma fé cega no progresso espontâneo havia se apossado da mentalidade das pessoas e, com o fanatismo dos sectários, os mais esclarecidos pressionavam em favor de uma mudança na sociedade, sem limites nem regulamentações".[79]

> *[...] os tipos de trabalho mais desumanizados – como o trabalho das minas – foram durante longo tempo considerados como um* ***castigo*** *e destinados apenas aos condenados. Historicamente, os ásperos deveres do trabalho* ***repetitivo*** *são entregues a escravos, ou a um proletariado que aceita tais tarefas, não voluntariamente, mas apenas sob a* ***ameaça*** *da fome ou do castigo físico. Para se adaptar perfeitamente a estas tarefas, o homem moderno tem que, em certa medida, virar costas a interesses mais orgânicos: para ser bem sucedido no trabalho com máquinas ele próprio tem que se tornar uma* ***máquina suplementar***.[80] (grifo nosso)

Nesse sentido, podemos afirmar que a sociedade humana poderia ter sido aniquilada mediante este grandioso mecanismo autodestrutivo representado pela fé no progresso e originado da industrialização. A desarticulação social, mencionada por Polanyi, se refere às consequências catastróficas advindas de um "progresso miraculoso" nos instrumentos de produção e a animação da filosofia liberal com relação à mudança e a pronta aceitação "mística" do que viria a acontecer com o progresso econômico não-regulado.

> *[...] a tendência a* ***concentração*** *nas atividades econômicas e a considerar como desperdício de tempo o esforço gasto noutras funções, pelo menos fora da casa, vinha crescendo continuadamente desde o século XVI. Se o capitalismo tendia a expandir os* ***domínios do mercado*** *e transformar cada parte da cidade numa comodidade negociável, a mudança dos trabalhos manuais urbanos organizados para a produção fabril em larga escala transformou as cidades industriais em* ***sombrias colméias****, a fumegar ativamente, a bater, guinchar, a expelir rolos de fumo de doze a quatorze horas do dia, algumas vezes durante as vinte e quatro horas.*[81] (grifo nosso)

Esta desarticulação social será fulminante na desorganização das relações humanas e na ameaça de aniquilamento do *habitat* das pessoas. Não obstante, o ritmo do crescimento

---

um importante passo no processo de "acumulação primitiva de capital" e no posterior desenvolvimento industrial. Os cercamentos foram chamados de revolução dos ricos contra os pobres. Os senhores e os nobres estavam perturbando a ordem social, destruindo as leis e os costumes tradicionais, às vezes pela violência, às vezes pela pressão e intimidação. Eles literalmente roubavam o pobre na sua parcela de terras comuns, demolindo casas que até então, por força de antigos costumes, os pobres consideravam como suas e de seus herdeiros. O tecido social estava sendo destruído; aldeias abandonadas e ruínas de moradias humanas testemunhavam a ferocidade da revolução, ameaçando as defesas do país, depredando suas cidades, dizimando sua população, transformando seu solo sobrecarregado em poeira, atormentando seu povo e transformando-o de homens e mulheres decentes numa malta de mendigos e ladrões. POLANYI, Karl. *A grande transformação*: as origens de nossa época. Tradução de Fanny Wrobel – 2ª ed. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2000 – 14ª impressão, p. 53.

[79] Idem, p. 97-98.

[80] MUMFORD, Lewis. *Arte e Técnica*. Tradução de Fátima Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 45-46.

[81] MUMFORD, op. cit., 1991, p. 483.

demográfico foi profundamente modificado; transformou-se completamente a paisagem urbana com fortes deslocamentos populacionais. O progresso, numa escala grandiosa, acarretou na devastação sem precedentes das moradias da população.

> *Com cada atravessar de rua, como o ritmo e a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social, a cidade faz um* ***contraste profundo*** *com a vida de cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica. A metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai. Nesta, o* ***ritmo da vida*** *e do conjunto sensorial de imagens mentais flui mais lentamente, de modo mais habitual e mais uniforme. É precisamente nesta conexão que o caráter sofisticado da vida psíquica metropolitana se torna compreensível – enquanto oposição de pequena cidade, que descansa mais sobre relacionamentos profundamente sentidos e emocionais. [...] Os relacionamentos e afazeres do metropolitano típico são habitualmente tão variados e complexos que, sem a mais estrita pontualidade nos compromissos e serviços, toda a estrutura se romperia e cairia num caos inextrincável.*[82] (grifo nosso)

A citação acima vai ao encontro da desarticulação em discussão, isto é, Simmel nos chama a atenção para os contrastes profundos originários deste capitalismo industrial, onde a alteração do ritmo e a multiplicidade da vida é um reflexo de uma sociedade inédita. Na dinâmica das inovações tecnológicas, em que a falta de pontualidade ou desorganização do tempo poderiam provocar o caos, o homem se transformou mediante o tempo útil necessário para suas atividades. Na primeira metade do século XIX, as atividades urbanas haviam perdido qualquer vínculo com o tempo da natureza. O dia implacavelmente dividido em 24 horas é um grande exemplo disso. Essa transformação, isto é, o movimento intermitente e ritmado de homens nas suas ocupações diárias, foi indispensável para a constituição da sociedade industrializada no Ocidente. A introjeção dessa específica noção de tempo...

> *[...] arranca o homem da* ***lógica da natureza****, dos dias de duração variada de acordo com as tarefas a cumprir no decorrer das diversas estações do ano, e o introduz ao* ***tempo útil do patrão****, o tempo abstrato e produtivo, o único concebido como capaz de gerar abundância e riqueza, e, mais importante ainda, o único capaz de constituir a* ***sociedade disciplinada*** *de ponta a ponta. Em obediência ao seu contínuo e irreversível fluxo, à repetição diária dos mesmos percursos em direção às mesmas tarefas em momentos previsíveis desse* ***evolver linear****, a* ***sociedade do trabalho*** *se institui e elabora sua própria imagem.*[83] (grifo nosso)

---

[82] SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O Fenômeno Urbano*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976, p. 12-14.

[83] BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX*: o espetáculo da pobreza. 10ª reimpressão da 1ª ed. de 1982. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 17-18.

Introduzir um relógio moral em cada trabalhador foi a primeira conquista dessa sociedade, onde a fábrica aparece como uma realidade estarrecedora. A fábrica passou a ser o núcleo do novo organismo urbano. Todos os demais detalhes da vida ficaram subordinados a ela.[84] Como aponta Edgar de Decca, dentre as utopias criadas a partir do século XVI, nenhuma se realizou tão desgraçadamente como a da sociedade do trabalho. Foi através da porta da fábrica que o homem pobre, a partir do século XVIII, foi introduzido ao mundo burguês.[85] Bresciani indica a importância de se deter em palavras cujo significado as tornam chaves de entrada para compreensão de uma época ou de uma sociedade.

Palavras como cultura, indústria, trabalho, democracia, cidade, metrópole, classes, arte e tempo adquiriram novos significados na contemporaneidade correspondendo às transformações do cotidiano. A palavra *indústria*, por exemplo, por muito tempo disse respeito a um particular atributo humano referente à habilidade, perseverança e assiduidade, frequentemente referido a industriosidade. Especialmente com Adam Smith[86], no final do século XVIII, a palavra incorporou uma noção de significado coletivo para designar instituições manufatureiras e atividades aí desenvolvidas; *industriosidade* deslizou para *industrial*, que designa também instituições produtivas até os anos de 1830, quando *industrialismo* vem recobrir o novo sistema de produção.[87]

A dimensão crucial da glorificação do trabalho encontrou suporte na fábrica mecanizada, alimentando as novas ilusões de que a partir dela não existiriam limites para a produtividade humana. A palavra *trabalho* adquiriu nova positividade ascendendo da mais humilde e desprezada posição ao nível mais elevado e a mais valorizada das atividades humanas, quando Locke[88] descobriu que o trabalho era a fonte de toda a propriedade; Adam Smith afirmou que o trabalho era fonte de toda a riqueza; e Marx considerou o trabalho como fonte de toda a produtividade e expressão da própria humanidade do homem.[89]

Como apontado, a noção de tempo revela-se plenamente em seu sentido moderno com a produção fabril. A transformação da representação de tempo sintetiza as mudanças sofridas pela sociedade humana com o industrialismo. Trata-se de um processo no qual se desfez o ajuste entre o ritmo do mundo físico e as atividades humanas, implicando numa

---

[84] MUMFORD, op. cit., 1991, p. 496.
[85] DE DECCA, Edgar Salvadori. *O nascimento das fábricas*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 7-10.
[86] Adam Smith (1723-1790) foi um filósofo e economista escocês.
[87] BRESCIANI, Maria Stella Martins. Cultura e História: uma aproximação possível. In: *Cultura*. Substantivo Plural. Coordenação de Márcia De Paiva e Maria Ester Moreira; curadoria do ciclo de palestras Luiz Costa Lima - Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil - São Paulo: Ed. 34, 1996, p. 36.
[88] John Locke (1632-1704) foi um filósofo inglês identificado com o liberalismo e um dos principais teóricos do contrato social.
[89] DE DECCA, op. cit., p. 8.

nova concepção de tempo abstrato e linear, uniformemente separado, produtivamente aplicado e, por excelência, o tempo da cultura moderna e do ritmo urbano.[90]

> *Os interesses do capitalista exigiam que o operário só pudesse escolher entre submeter-se ao patrão, ou não trabalhar: o sistema de fábrica não lhe deixou outra saída. Num sentido amplo, a* ***fiscalização*** *e* ***disciplina*** *resultavam no mesmo, dentro da fábrica. Sob o olhar vigilante do contramestre, o operário não mais era livre de estabelecer seu próprio* ***ritmo****.*[91] (grifo nosso)

Em suma, a industrialização foi um processo de longo prazo que desfaz o ajuste entre o *ritmo* do mundo físico e das atividades humanas, em que se formaram novos hábitos de trabalho e impôs-se uma nova disciplina do tempo pela divisão de trabalho, supervisão, multas, relógios, incentivos em dinheiro, pregações e ensino, supressão das feiras e dos esportes etc.[92] A sociedade industrial implicou nova ordem e nova racionalidade; não só transformações econômicas e tecnológicas, como também a criação de novas disciplinas. Como elucida Michelle Perrot, a disciplina industrial não é senão uma entre outras, a fábrica, juntamente com a escola, o exército, a prisão etc., pertencente a uma constelação de instituições que, cada qual à sua forma, participa da elaboração das novas regulamentações.[93]

> *Escritores de todas as opiniões e partidos, conservadores e liberais, capitalistas e socialistas, referiam-se invariavelmente às condições sociais da Revolução Industrial como um verdadeiro abismo de* ***degradação humana****. [...] foi apenas o começo de uma revolução tão extrema e radical quanto as que sempre inflamavam as mentes dos sectários, porém o novo* ***credo*** *era totalmente* ***materialista****, e acreditava que todos os problemas humanos poderiam ser resolvidos com o dado de uma quantidade ilimitada de bens materiais. [...] A* ***transformação*** *implica uma mudança na motivação da ação por parte dos membros da sociedade: a* ***motivação*** *do* ***lucro*** *passa a substituir a motivação da subsistência.*[94] (grifo nosso)

A literatura é pródiga em relatar os pesadelos gerados pelo acelerado industrialismo do século XIX. O próprio teor decadente presente em muitos romancistas apontava para um futuro em que imerso nos avanços tecnológicos, o homem poderia se autodestruir. A desvalorização e a miséria - presentes no relato anteriormente citado de Boa-Morte, refletem

---

[90] BRESCIANI, op. cit., 1996, p. 40.
[91] MARGLIN, Stephen. Origem e função do parcelamento das tarefas. Para que servem os patrões? In: GORZ, André (Org.). *Crítica da divisão do trabalho*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. São Paulo, Martins Fontes, 1980, p. 67.
[92] Cf. THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: *Costumes em comum*: estudos sobre a cultura popular tradicional. Tradução de Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
[93] PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 53.
[94] POLANYI, op. cit., p. 58-60.

um estilo de vida com poucas esperanças, de modo que mesmo pelo trabalho é difícil sobreviver; às vezes nem pão se tem.

> *[...] projetam com total nitidez a promiscuidade, a diversidade, a agressão, em suma, os diversos perigos da vida urbana. [...] os observadores contemporâneos são unânimes ao afirmar que o* ***assustador contraste*** *entre a opulência material e a degradação do homem fazia uma* ***singularidade absoluta.***[95] (grifo nosso)

O pão era símbolo de *status* e a carne, como o trigo, envolvia uma questão simbólica que suplantava seu simples valor alimentar. A carne certamente serve como um sensível indicador dos padrões materiais, uma vez que seu consumo seria um dos primeiros a crescer enquanto houvesse qualquer aumento real dos salários.[96] Para os menos favorecidos, a diferença entre a sobrevivência e a fome se media por meio das flutuações no preço do pão. A alta do preço deste alimento vital foi motivo de diversas revoltas na França dos séculos XVIII e XIX.

Antes da Revolução Francesa[97], em 1775, eclodiu a Guerra da Farinha em virtude do preço excessivo do pão. Naquela ocasião, o governo deixou os preços por conta do mercado livre, de modo que as classes trabalhadoras não tiveram condições de comprar pão pela alta dos preços. As pessoas, que se encontravam à beira da morte, reivindicavam que o preço do produto desconsiderasse o valor de mercado, correspondendo apenas à sua capacidade de pagar.

> *A grande revolta do pão explodiu no distrito operário de Saint-Antoine*[98]*, a leste de Paris, e nos armazéns de gêneros alimentícios, no centro da cidade. [...] A rebelião produziu dois resultados: as autoridades procuraram fortalecer sua influência militar na cidade para controlar futuras manifestações, e o preço do pão foi fixado em doze sous [...] o governo franqueou seus estoques de boa aveia, garantindo suprimentos necessários.*[99]

---

[95] BRESCIANI, op. cit., 2004, p. 22-23.

[96] THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa.* A maldição de Adão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 181.

[97] Conjunto de acontecimentos entre 1789 e 1799 que afetaram profundamente o quadro político-social da França abrindo o longo período conturbado do século XIX marcado por várias repúblicas, ditadura, monarquia e impérios.

[98] Apoiando-se em Victor Hugo, através da obra *Les Misérables*, Bresciani descreve este bairro parisiense. Não por acaso as atenções se voltavam para o bairro operário; lá, mais do que em qualquer outro lugar, se tornava sensível o frêmito [agitação, estremecimento, sussurro] revolucionário. E, nesse momento, "o velho *faubourg* [termo do francês arcaico que designa algo próximo de subúrbio], tão populoso como um formigueiro, trabalhador, corajoso e colérico como uma colméia, estremecia na expectativa e no desejo de uma comoção". Com traços rápidos, Hugo esboça contornos do bairro: os telhados de suas mansardas escondiam terríveis misérias, mas também inteligências ardentes e excepcionais; além disso, também recebia os contra-golpes das crises comerciais, das falências, das greves e dos desempregos inerentes aos grandes abalos políticos. BRESCIANI, op. cit., 2004, p. 111.

[99] SENNETT, Richard. *Carne e Pedra.* Tradução de Marcos Aarão Reis. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 232-233.

Neste episódio, com base na leitura de Richard Sennett, a multidão rebelde e reivindicante parecia possuir identidade própria; isto deu à palavra "movimento" um significado coletivo e seria testado nos embates da Revolução de 1789. Neste ponto, nas palavras de Bresciani, há uma imagem que marca todo pensamento francês ao longo do século XIX: a *multidão revolucionária*, o populacho trazido para as ruas de Paris, transformando a cidade num palco onde se encena o espetáculo de uma revolução permanente.[100] Émile Zola descreve situações ao longo de sua obra sobre o descontentamento dos trabalhadores, sendo que a falta de comida é uma das principais razões para se *germinar* revoltas, principalmente em função dos baixos salários e da exploração da mão-de-obra.

> *Quando milhares de mineiros tornam-se vítimas de inanição e até morrem de fome pela falta de pão, alimento básico, do qual se encontram privados de consumir. Este produto transformando-se em signo ideológico passa a representar, para os mineiros, a necessidade de uma luta, mesmo que sangrenta, mas que culmine em uma mudança social.*[101]

Michelle Perrot nos chama a atenção quanto à manifestação dos impulsos revolucionários operários, mediante o incremento de máquinas na França:

> *Esses impulsos coincidem com as crises econômicas e, mais ainda, políticas. As máquinas penetram com maior facilidade em períodos de prosperidade, de falta de braços, como ocorre sob o Império. Vem o desemprego, e elas são postas em causa, com maior ou menor violência. Conforme se sabe, as crises dessa primeira metade do século XIX são de origem agrícola, não surpreende que se veja esboçar uma certa coincidência entre o alto preço do pão e o impulso luddista. Aliás, às vezes o saque de cereais e a destruição de máquinas se combinam, como em Rouen, em julho de 1789. A máquina, à sua maneira, é uma açambarcadora de empregos. [...] As grandes crises revolucionárias vêm marcadas por ondas de luddismo, entre as quais a de 1848 é a última e mais importante. Em Rouen, Reims, Romilly, Lyon, Saint-Etienne... os operários quebram as máquinas que começam a ameaçar o último bastião manual do têxtil: a tecelagem.*[102]

Ao longo da Revolução Industrial, o preço do pão e da farinha de aveia servia como o principal índice de avaliação do padrão de vida do povo. A substituição destes itens pela batata era considerada uma degradação. Na década de 1790, a maior parte dos ingleses já havia abandonado o consumo de cereais inferiores pelo trigo. As batatas suplantaram o pão e se impuseram juntamente com a farinha de aveia naquele país. Salaman considera a batata como um estabilizador social:

---

[100] BRESCIANI, op. cit., 2004, p. 116.
[101] LINHARES, Silvana V. *Germinal e Cacau:* uma reflexão estética sobre o real. Dissertação de Mestrado em Letras. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2004, p. 64.
[102] PERROT, op. cit., p. 25-26.

> *[...] o uso da batata permitiu, de fato, a sobrevivência dos trabalhadores com os mais baixos salários. Dessa forma, pode-se supor que a batata serviu para prolongar e estimular por mais cem anos o empobrecimento e a degradação das massas inglesas. Naturalmente, não havia outra alternativa, a não ser uma revolução sangrenta. O fato da Inglaterra ter escapado a uma sublevação violenta, nas primeiras décadas do século 19 deve ser creditado, em boa parte, à batata.*[103]

O velho Boa-Morte de Zola, personagem de destaque na narrativa, é descrito semelhantemente aos outros operários, como uma figura destorcida, de rosto achatado com uma palidez cadavérica. As personagens principais da obra são identificadas com uma realidade sociológica, à qual se encontram intimamente vinculadas, sobretudo pelo assustador contraste entre a opulência material e a degradação humana. Quanto às personagens secundárias, as mesmas funcionam apenas como um plano de fundo; todavia, vistas em coletividade, assumem um papel determinante no romance.

A multidão e sua presença nas ruas de Londres e Paris do século XIX foi considerada pelos contemporâneos como um acontecimento inquietante que incitou fascínio e terror.[104] Bresciani cita o grande bairro operário East End, em Londres, como notável exemplo daquela realidade, considerado um mundo desconhecido e perigoso, uma vez que os londrinos estranhos a ele não se aventuravam por suas ruas, designando-o como um mundo diferente e à parte, ainda que dentro da mesma cidade.

> *Permanecer **incógnito**, **dissolvido** no movimento ondulante desse viver coletivo; ter **suspensa** a identidade individual, substituída pela condição de habitante de um grande **aglomerado** urbano: ser parte de uma potência indiscernível e temida: perder, enfim, parcela dos atributos humanos e assemelhar-se a **espectros**: tais foram as marcas assinaladas aos componentes da **multidão** por literatos e analistas sociais do século passado. [...] a vida cotidiana assume a dimensão de um permanente **espetáculo**. [...] A indiferença brutal e o isolamento insensível de cada um*

---

[103] SALAMAN, G. *The History and Social Influence of the Potato*. Cambridge, 1949, p. 480 *apud* THOMPSON, op. cit., 1987, p. 180.

[104] Neste ponto percebemos a inquietação quanto à coletividade, isto é, conforme Bresciani nos indica, a multidão que aparece na Inglaterra como contágio moral tem na França a qualidade de ameaça política: enquanto entre os ingleses se computa o custo econômico da miséria nos seus mais variados aspectos - doença, desemprego, desmoralização - entre os franceses a preocupação maior fica com os custos políticos da ameaça da miséria às instituições. Mais além, o povo usado como ameaça política tem uma imagem cristalizada no passado - Terror [Revolução Francesa] - e uma projeção no futuro - o Comunismo. A ameaça latente dos "bolsões de miséria" que resistem ao apelo moralizador do trabalho constitui o diagnóstico de um "tumor", algo a ser arrancado do corpo da sociedade. BRESCIANI, op. cit., 2004, p. 54-55, 65, 79. Como aponta Edgar de Decca, se considerarmos o surgimento da fábrica a partir de uma necessidade mais organizativa do que técnica e levarmos em conta ainda as pressões sofridas pelo trabalhador inglês para seguir inexoravelmente esse caminho, podemos inclusive compreender algumas diferenças entre a industrialização na Inglaterra e na França. No caso francês, as fortes lembranças da Revolução Francesa influíram decisivamente para que se retardasse o surgimento das fábricas, uma vez que a mera concentração de trabalhadores recriava as imagens do perigo que essa massa de homens reunidos podia representar para as instituições de poder da sociedade burguesa. DE DECCA, op. cit., p. 26.

> *voltado para os seus interesses [...] esse egoísmo tacanho, são em toda parte o princípio fundamental da sociedade.*[105] (grifo nosso)

Esses relatos alarmantes parecem preocupar os londrinos, de modo geral, somente nos momentos de descontentamento em violentas manifestações por parte da população miserável de bairros precários como East End. O incômodo provocado pelos mendigos e vagabundos é suplantado pelo medo deles em multidão; as grandes concentrações humanas em fábricas e cidades configuram uma realidade permanente.[106]

> *[...] a nova espécie de cidade, um* ***amontoado humano fundido e desnaturado****, adaptado não às necessidades da vida, mas à mítica* ***"luta pela existência"****; um ambiente cuja própria* ***deterioração*** *testemunhava o quanto era impiedosa e intensa aquela luta. Não havia lugar para o planejamento no traçado daquelas cidades.* ***O caos não precisa ser planejado.***[107] (grifo nosso)

O caos não precisa ser planejado. Como aponta Bresciani, diversos escritores manifestaram seus temores pela crescente onda de crimes e possíveis ataques às propriedades. Cerca de 20.000 criminosos espalhavam-se na cidade de Londres na década de 1860, sendo considerado uma circunstância de grande perigo ou ameaça. É nessa época que eclode uma série de movimentos revoltosos (*riots)* pelo preço do pão em vários distritos do East End.[108]

> *No rigoroso inverno de 1860, uma série de* ***movimentos de revolta*** *(*riots*) pelo preço do pão sacode vários distritos do East End; no verão de 1866 o desafio à ordem assume uma forma política mais tangível com os*

---

[105] Como ponderado, os escritores contemporâneos são unânimes ao afirmar a singularidade absoluta da degradação humana, sendo East End um exemplo concreto disso. Para Arthur Morrison, *Tales of mean street*, este bairro londrino é "um lugar chocante, um diabólico emaranhado de cortiços que abrigam coisas humanas arrepiantes, onde homens e mulheres imundos vivem de dois tostões de aguardente, onde colarinhos e camisas limpas são decências desconhecidas, onde todo cidadão carrega no próprio corpo as marcas da violência". O médico Hunter complementa a discussão, com o *Relatório ao Privy Council* de 1865, afirmando que "existem cerca de 20 grandes colônias em Londres com 10.000 pessoas cada uma, colônias cujas condições miseráveis excedem qualquer coisa jamais vista na Inglaterra, sendo isso resultado quase exclusivo das más condições de suas moradias, acrescidas com a superpopulação e a dilapidação das casas que são muito piores do que eram há vinte anos atrás". BRESCIANI, op. cit., 2004, p. 11, 24, 26, 37.

[106] Nesses novos galinheiros, criou-se uma raça de indivíduos defectivos. A pobreza e o ambiente de pobreza produziram modificações orgânicas; raquitismo, deformações, funcionamento defeituoso, doenças, varíola, febre tifóide, tuberculose... para não acrescentar a longa lista de cerca de duzentos produtos químicos cancerígenos que impregnavam a atmosfera e minavam a vitalidade. MUMFORD, op. cit., 1991, p. 505.

[107] O crescimento urbano, em verdade, tivera por ponto de partida causas industriais e comerciais, antes mesmo que se firmasse a revolução paleotécnica. Em 1658, Manchester tinha perto de 6.000 pessoas; em 1760, entre 30.000 e 45.000. Birmingham tinha 4.000, na primeira data, e quase 30.000 em 1760. Em 1801, a população de Manchester era de 72.275 e, em 1851, de 303.382. Mas, tão logo a concentração de fábricas estimulou o crescimento de cidades, o aumento desses números tornou-se espantoso. Visto que o aumento produzia oportunidades extraordinárias para a obtenção de lucros, nada havia nas tradições correntes da sociedade para dominar esse crescimento: ou antes, havia tudo para promovê-lo. MUMFORD, op. cit., 1991, p. 490-492.

[108] BRESCIANI, op. cit., 2004, p. 38-39.

> *distúrbios provocados pela invasão do Hyde Park pela* ***multidão*** *revoltada – a* mob *-; no inverno também rigoroso de 1867, somam-se à depressão comercial o colapso da indústria naval do Tamisa, a epidemia de cólera e a má colheita, e o ano começa com* riots *de pão no East End, num momento em que o desemprego atinge níveis sem precedentes; em maio desse mesmo ano, uma segunda invasão do Hyde Park, sob o pretexto de arrancar os trilhos da ferrovia, reúne mais de 100.000 pessoas, fazendo com que o Parlamento se apressasse em tomar medidas que afastassem a* ***ameaça*** *de uma incipiente aliança entre "o trabalhador casual, o* residuum, *e a classe trabalhadora respeitável"; no início dos anos setenta, o alto nível de desemprego persiste e os desempregados organizados na Liga da Terra e do Trabalho continuam a ocasionar* ***tumultos*** *e* ***ansiedade*** *no East End.*[109] (grifo nosso)

Conforme Bresciani, o problema da multidão amotinada se concentra no fato desta assustar por confundir em seu seio a classe trabalhadora e os vagabundos, unidos numa atitude de franca agressão à sociedade. A autora aponta que, através de dispositivos legais, denominados por Marx como legislação sanguinária contra os expropriados, cresceu a severidade da forma pela qual se define os incapacitados, aos quais se permite viver da caridade, e os vagabundos, que deveriam encontrar um trabalho ou ocupação.

Isto vai ao encontro dos pressupostos reinantes da positividade do trabalho, tão caros para autores como John Locke (que via o trabalho como propriedade) e Adam Smith (concentração organizada e riqueza mediante o trabalho), uma vez que os mesmos desfazem a imagem negativa do trabalho como pobreza/miséria, definindo-o como fonte de toda a atividade criadora e da riqueza, onde os que se recusam a integrar esta comunidade são considerados exteriores da mesma, como estranhos ou párias do pacto social.

> *[...] em uma sociedade que se autoconcebe como uma* rede de relações mercantis, *o que assegura o* ***direito à vida*** *aos homens que só dispõem do próprio corpo como* ***mercadoria****, além da caridade? Esses homens só podem representar um* ***ônus econômico****, pois seja por* ***doação****, seja pelo* ***roubo****, é sempre a* ***apropriação*** *do trabalho de outros homens o que lhes permite ter a vida assegurada [...] existe uma clara diferença entre a multidão organizada e a multidão desorganizada, e esse divisor de águas – homens do trabalho e homens fora do trabalho – constitui o cerne daquilo que se nomeia social.*[110] (grifo nosso)

---

[109] Idem, p. 38.
[110] Idem, p. 80, 91.

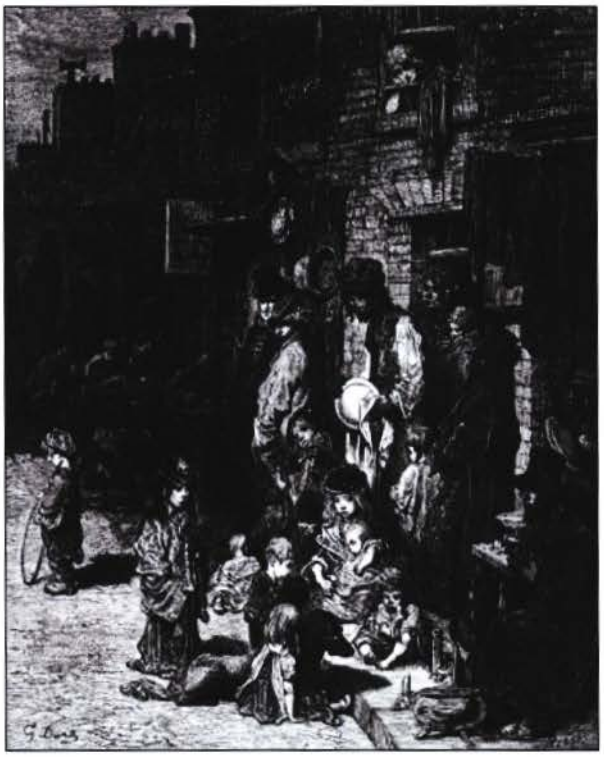


Figura 3. *Wentworth Street, Whitechapel*, ilustração por Gustave Doré. 1872.[111]

Outros movimentos de desempregados agitaram a década de 1860, promovendo desordens em Londres e Manchester. Violentos distúrbios nos anos de 1886 e 1887 confirmaram o temor do resíduo. Como vimos, a multidão foi considerada muitas das vezes como um perigo. Havia uma fronteira inconstante entre o trabalhador e o vagabundo, onde ambos se misturavam em revoltas contra o aumento do preço do pão, por exemplo, pautando considerações e temores quanto qualquer tipo de desempregado. Isto é, os miseráveis de East End assustavam os contemporâneos por terem um vínculo irregular com o trabalho, considerando que os limites entre o trabalhador e o "resíduo" não eram tão nítidos.

Percebemos, na ilustração anterior de Doré, que a miséria também é retratada por outra dimensão artística, isto é, a estetização da pobreza está presente de diferentes formas e sensibilidades. Esta conhecida gravura documenta a falta de espaço nas construções urbanas e a transformação da rua em estar, face ao expressivo inchaço populacional, causando espanto ao observador. Em *Germinal*, os trabalhadores são descritos por Émile Zola com um certo cuidado quanto à aparência física como donos de uma força admirável, capazes de encarrilar vagonetes pesadíssimos. Mas, há entre estes operários jovens e robustos, velhos e

[111] Disponível em <http://www.cardiff.ac.uk/encap/skilton/illustr/Dore125.html>. Acesso em 31 jul. 2010.

indivíduos quase inválidos trabalhando em serviços mais leves, porém não menos perigosos, além de crianças e mulheres trabalhando em ritmo frenético e desumano.

> *[...] o narrador os descreve como portadores de inúmeras* ***doenças*** *e* ***deformidades*** *físicas (reumatismo, asma, escrófulas, anemias hereditárias etc.) decorrentes do* ***trabalho insalubre***[112] *ou pela* ***falta de alimentação*** *adequada; criavam, também, alguns hábitos como, por exemplo, o fato de se sentarem por sobre os calcanhares, com extrema facilidade, sem a necessidade de uma cadeira, acostumados que estavam a ficar acocorados no interior das minas, isso devido à diminuta altura dos veios.*[113] (grifo nosso)

Boa-Morte tosse incessantemente ao longo da história, escarrando manchas negras que, na verdade, eram partículas de carvão dado o enorme tempo que passara naquelas minas. Há muitos anos, a família Maheu trabalhava para a Companhia das Minas de Montsou - desde a sua criação a cento e seis anos (por volta de 1750). Seu avô, pai, tios e irmãos; todos trabalharam lá. E, para dar seguimento, seu filho e seus numerosos netos também tentavam sobreviver daquele ofício. A desintegração da família mediante a necessidade do trabalho é uma das facetas do regime fabril. Como pano de fundo percebemos a grandeza da companhia mineira na descrição do velho:

> *[...] Dezenove galerias, sendo que treze para exploração e seis para esgoto ou ventilação. Dez mil operários, concessões que se estendem por sessenta e sete comunas, uma extração de cinco mil toneladas por dia, uma estrada de*

---

[112] Como aponta Thompson, com base no *First Annual Report of the Registrar-General* de 1839, aproximadamente 20% da taxa global de mortalidade se devia à tuberculose, uma doença normalmente associada à pobreza e à superpopulação, predominando tanto nas regiões rurais quanto nas urbanas. Outras causas de mortes comuns eram as convulsões, a asma, definhamentos físicos, inflamações variadas, febre, paralisia, dentre outras enfermidades. A elevada taxa de mortalidade infantil entre os filhos de trabalhadores pode ser atribuída às condições sanitárias do ambiente ou associada a uma deformação típica (estreitamento da ossatura pélvica) de meninas que trabalhavam nas fábricas desde a infância, trazendo dificuldades para os partos. THOMPSON, op. cit., 1987, p. 195-197. Segundo os relatórios de comissões sobre o trabalho infantil, conforme análises de Marx, observamos o quanto as atividades industriais são prejudiciais ao trabalhador. Como exemplo, vejamos o *Relatório da Comissão de 1863*, chefiada pelo Dr. D. T. Arledge, médico diretor do Hospital de North Staffordshire. "Como classe, os trabalhadores de cerâmica, homens e mulheres... representam uma população física e moralmente degenerada. São em regra franzinos, de má construção física, e frequentemente têm o tórax deformado. Envelhecem prematuramente e vivem pouco, fleumáticos e anêmicos, patenteiam a fraqueza de sua constituição através de contínuos ataques de dispepsia, perturbações hepáticas e renais e reumatismo. Estão especialmente sujeitos a doenças do peito, pneumonia, tísica, bronquite e asma. Sofrem de escrofulose que ataca as amídalas, ossos ou outras partes do corpo". MARX, Karl. *O Capital:* Crítica da Economia Política. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980b, p. 278. Em particular, no caso do proletário mineiro, Engels nos complementa as informações quanto à saúde deteriorada destes. As trabalhadoras sofrem com esse trabalho e raramente podem apresentar a postura ereta das outras mulheres. Está registrado também que, nas mulheres mineiras, o trabalho provoca deformações na bacia, tendo por consequência partos problemáticos e mesmo mortais. Os mineiros ocupados em galerias e poços apresentam doenças específicas, causadas pelas condições de trabalho: as relacionadas com o aparelho digestivo (dores abdominais, náuseas, vômitos, sede anormal e violenta), relativas ao coração (hipertrofia cardíaca, inflamação do pericárdio, contrações da aorta), problemas de hérnias, doenças pulmonares (asma, expectoração negra, catarro negro, respiração curta e ofegante, tosse), emagrecimento e fraqueza, reumatismos, envelhecimento. ENGELS, op. cit., 2008, p. 279-280.

[113] LINHARES, op. cit., p. 47.

> *ferro ligando todas galerias, oficinas e fábricas! Dinheiro é o que não falta.*[114]

A família operária foi desmembrada pelo sistema de fábrica, o qual degrada a mulher arrancando-a de sua casa, subtrai a figura da autoridade paterna e incita irregularidades e excessos sexuais. Como aponta Bresciani, o núcleo familiar operário foi contrastado com a imagem idílica do antigo sistema de produção doméstica e suas relações harmoniosas e estáveis.[115] Vale ressaltar ainda a raridade da continuidade do trabalho minerador, nos poços e galerias, após 45 anos de idade, e mais raro ainda depois dos 50 anos, sendo assim a figura de Boa-Morte uma exceção em *Germinal*. Como indica Engels[116], admite-se em geral que, aos 40 anos, esses operários comecem a envelhecer.

> *Se essa é a realidade da extração do carvão, ela é ainda mais desfavorável para os operários que se ocupam de seu transporte: os carregadores já envelhecem aos 28 ou 30 anos, justificando o provérbio comum nas regiões carboníferas: "os carregadores já são velhos antes de serem jovens". É claro que esse envelhecimento prematuro está relacionado à morte precoce: entre os mineiros, um homem de 60 anos é uma raridade.*[117]

Na trama de Zola, os donos da Companhia são descritos como se fossem deuses fartos, a quem todos davam a sua própria carne sob uma espécie de medo religioso. Mas, o medo maior que aquelas pessoas sentiam emanava-se da postura de "bicho maligno" da mina que respirava grossamente e amplamente, como se estivesse sofrendo com sua dolorosa digestão de homens.[118] O divino, se ele de fato existe em *Germinal*, é telúrico e oculto; é o deus abscôndito e subterrâneo que não se revela no contrário da fraqueza ou da cruz, mas no vórtice e no campo de força que se estende entre o terror e a esperança.[119]

> *O divino é, pois, subsumido nas categorias da terra e dos mortais – dos mortais por excelência que, na condição de operários, **existem e vegetam** entre o cortiço e a mina. O **divino** é por eles imaginado como **fonte do terror** na natureza, que é antes de mais nada terra e mineral. Mas o divino também surge como algo de humano-anônimo ou social-impessoal, numa **relação sem face-a-face**, como quando é ocasionalmente descrito por meio de seus **atributos econômicos**, isto é, com as qualidades do **capital***

---

[114] Z. G, p. 20.
[115] BRESCIANI, op. cit., 2004, p. 98.
[116] Friedrich Engels (1820-1895) foi um cientista social e teórico político alemão. Publicou diversas obras em conjunto com Karl Marx.
[117] ENGELS, op. cit., 2008, p. 280-281.
[118] Z. G, p. 21.
[119] DREHER, Luís Henrique. Naturalismo e Religião: O Germinal, de Émile Zola. In: *Primeiro Colóquio Internacional Alalite*, Rio de Janeiro, Abril de 2007. Disponível em <http://www.alalite.org/files/rio2007/docs/Dreher.pdf>. Acesso em 23 jul. 2010, p. 13.

> *que organiza a relação inumana, por princípio inorganizável, entre os mineiros e os acionistas proprietários da mina Voreux.*[120] (grifo nosso)

É importante ressaltar a preocupação com a autenticidade por parte de Zola, pois no caso de *Germinal*, o emprego de termos técnicos foi indispensável para a criação do espaço romanesco, sendo que esta criação segue a lógica do naturalismo do autor, em que o nível de realidade precisar ser mais real e mais verdadeiro que a própria realidade. É notória a abundância de termos técnicos, principalmente na primeira, terceira e quarta partes do romance, quando Zola quer mergulhar o leitor num universo que lhe é totalmente estranho e onde o herói, Etienne Lantier, que não conhece o mundo das minas de carvão, começa a penetrar sua realidade.

"Era uma tristeza de incêndio, não havia no horizonte ameaçador outros astros elevando-se a não ser esses fogos noturnos dos países da hulha e do ferro".[121] Zola utiliza o artifício da descrição dos veios carboníferos para familizar o leitor, que passa assim a se identificar com o herói da ação. "Os elevadores subiam e desciam com o seu deslizar de animal noturno, tragando homens que a goela do buraco parecia beber".[122] Nisto reside o intuito do autor em não apenas descrever o complexo das minas com o emprego de termos técnicos, porém principalmente reforçar no leitor o sentimento de que ele está penetrando um mundo estranho que, graças ao romance, poderá descobrir.[123]

Habitat para a carne humana

> *Como a dar testemunho da imensa produtividade da máquina, os montes de lixo e detritos alcançavam proporções de montanha, ao passo que os seres humanos, cujo trabalho tornava possíveis aqueles feitos, eram mutilados e mortos quase tão depressa quanto teriam sido num campo de batalha.*[124]

"No meio dos campos de trigo e beterraba, o conjunto habitacional dos Deux-Cent-Quarante dormia sob a noite negra. Distinguiam-se os quatro imensos corpos de pequenas

---

[120] Idem, p. 13.
[121] Z. *G*, p. 17.
[122] Z. *G*, p. 36.
[123] PONCIONI, op. cit., p. 106-110.
[124] MUMFORD, op. cit., 1991, p. 483.

casas encostadas umas às outras, corpos de caserna ou de hospital, geométricos, paralelos, que separavam as três largas avenidas divididas em jardins iguais".[125] A família Maheu vivia neste conjunto habitacional bem próximo à Voreux. Tratava-se de uma vila operária com construções de tijolos feitas pela companhia, o mais economicamente possível. Nestes alojamentos, as paredes eram tão finas que a respiração mais delicada atravessava e nenhuma parcela de vida íntima se conservava. Nas habitações industriais repetia-se a mesma formação: ruas tristes, becos soturnos cheios de lixo, ausência de espaços abertos para crianças e de jardins, individualismo, janelas estreitas... A aparência melancólica é deprimente.[126]

> *[...] as vilas industriais foram obra, sobretudo do grande patronato; encontraram uma forte resistência e deram certo – com adaptações – inicialmente junto aos desenraizados, migrantes camponeses ou estrangeiros (belgas, italianos). Crivada de terrenos baldios, de posse indefinida, a capital viu florescer aqui e ali formas de habitação precárias, que iam desde o barraco de tábuas e trapos até a casa de "tijolos e estuque".*[127]

Essas aldeias operárias refletem um modo de vida precário permeado por uma série de problemas estruturais tão comuns nas cidades industriais do século XIX. A deterioração do ambiente urbano é, de fato, uma das maiores consequências do industrialismo sob diversos pontos de vista: a estética, a comodidade, o saneamento, a densidade etc., sendo a destruição ambiental a grande marca de Coketown.

A dimensão do problema era certamente maior nas grandes cidades face à facilidade de proliferação de epidemias. Como indica Thompson, as investigações sobre moradia e condições sanitárias revelavam as estarrecedoras condições, na medida em que as novas cidades industriais envelheciam, multiplicavam-se os problemas em torno do saneamento, do abastecimento de água, da superpopulação e do uso de casas para serviços industriais.[128]

> *Nas novas cidades industriais, estavam ausentes as tradições mais elementares de serviços públicos municipais. Bairros inteiros às vezes ficavam **sem água** até mesmo das bicas locais. Vez por outra, os pobres tinham de sair de casa em casa, nos bairros de classe média, a pedir água, como poderiam **pedir** pão durante uma crise de alimentos. Com essa falta de água para beber e lavar, não admira que se acumulassem as*

---

[125] Z. G, p. 21-22.
[126] MUMFORD, op. cit., 1991, p. 503.
[127] Estuque: massa branca formada por cal, areia e mármore. PERROT, op. cit., p. 112.
[128] THOMPSON, op. cit., 1987, p. 185.

> ***imundícies.*** *Os esgotos abertos, não obstante o mau cheiro que produziam, indicavam relativa prosperidade municipal.*[129] (grifo nosso)

Muitos habitantes das cidades industriais frequentemente conviviam com o mau cheiro do lixo e dos esgotos a céu aberto, enquanto seus filhos brincavam entre detritos e montes de esterco. O esgoto encontrava seu caminho até os rios e, com a força das correntezas, poluía a água usada pela cidade seguinte. As infecções eram espalhadas pelo saneamento precário. A ilustração a seguir, de Doré, nos remete àquela imagem da cidade super povoada, repleta de imundícies e composta de inúmeros cortiços. Destaca-se ainda, o contraste entre as precárias habitações operárias e a locomotiva ao fundo, a tecnologia do momento, conforme mais um indício da coexistência entre miséria humana e riqueza industrial.

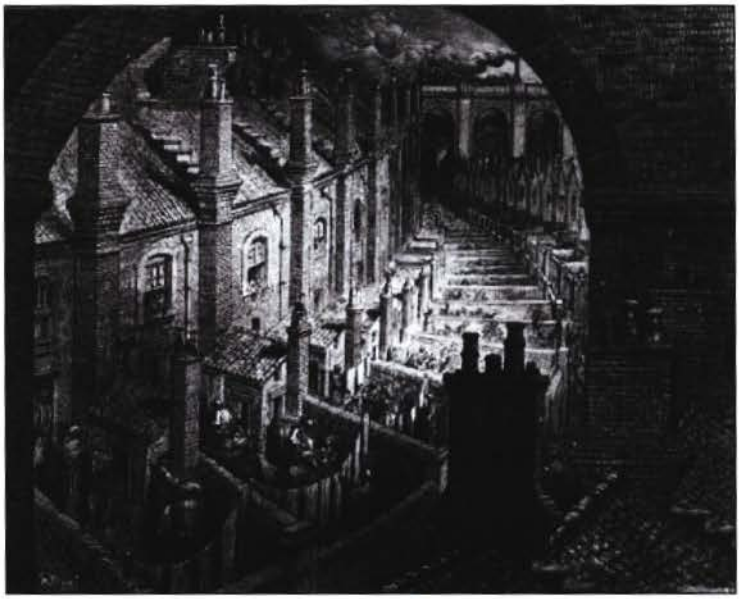


Figura 4. *Over London by Rail,* ilustração por Gustave Doré. 1870.[130]

Em *Germinal,* a mina não somente age destrutivamente como "monstro" sobre os homens, como também sobre o próprio meio ambiente. A capacidade de degradação e

---

[129] Tal imundície e tal congestionamento trouxeram outras desgraças: os ratos que conduziam a peste bulbônica, os percevejos que infestavam as camas e atormentavam o sono, os piolhos que propagavam o tifo, as moscas que visitavam imparcialmente a privada do porão e o leite das crianças. A combinação de quartos escuros e paredes úmidas formava um meio de cultura quase ideal para bactérias. Se a ausência de encanamentos e de higiene municipal criava um mau cheiro insuportável nesses novos bairros urbanos, e se a propagação de excrementos expostos, juntamente com a sua infiltração nos poços locais, significava uma propagação correspondente da febre tifóide, a falta de água era ainda sinistra, porque afastava por completo a possibilidade de limpeza doméstica ou de higiene pessoal. MUMFORD, op. cit., 1991, p. 483, 500-501.

[130] Disponível em <http://www.cardiff.ac.uk/encap/skilton/illustr/Dore121.html>. Acesso em 30 jul. 2010.

destruição do mundo natural em grandes escalas pelo homem é essencialmente moderno. A rápida transformação de amplas áreas florestais em minas de exploração e monoculturas provocou profundas alterações do ambiente. Podemos observar no romance a ausência de plantas e a presença de paisagens monótonas e degradadas.

> *A fábrica usualmente reclama os melhores sítios: principalmente, na indústria algodoeira, nas indústrias químicas e nas indústrias siderúrgicas, a situação perto de uma via aquática; pois* ***grandes quantidades de água*** *eram agora necessárias, no processo de produção, para abastecer as caldeiras da máquina, resfriar as superfícies quentes, preparar as soluções necessárias e tintas químicas. Acima de tudo, o rio ou canal tinha ainda outra função importante: era o mais barato e mais conveniente lugar de* ***despejo*** *de todas as formas solúveis ou semi-solúveis de* ***detritos****. A transformação dos rios em* ***esgotos abertos*** *foi um fato característico da economia paleotécnica. Resultado: envenenamento da vida aquática, destruição de alimentos, poluição da água, que passava assim a ser imprópria para banhos.*[131] (grifo nosso)

A institucionalização da ciência em meados do século XIX, inclusa na problemática da continuidade da espécie humana face às crescentes ações devastadoras no ambiente, trouxe consigo a notória e moderna ideia de progresso, encontrando sua expressão em textos de Comte, Condorcet, Saint-Simon e Turgot. O *habitat* do homem sofreu mudanças radicais sob as atividades industriais e mineradoras. Entre os séculos XVIII e XIX, a ideia de progresso acabará por coincidir com a de uma ordem providencial e imanente. De acordo com Paolo Rossi,

> *A convicção da existência dessa ordem atuará, de formas diversas, em Condorcet, Turgot, Saint-Pierre, Comte, Spencer*[132]*, e, mais tarde, nos expoentes do darwinismo social, junto os quais o progresso se configura como uma* ***necessidade natural*** *e a* ***civilização*** *é considerada uma parte da natureza. O* ***evolucionismo*** *assume tonalidades religiosas; a teoria da evolução é levada a coincidir com a do progresso; as aspirações dos homens se identificam com as da natureza. [...] A realidade aparece inteira e sempre* ***controlável*** *por meio de uma série de escolhas responsáveis e construtivas. A natureza se configura como uma entidade integralmente* ***dominável****. [...] a sociedade parece uma* ***máquina devastadora*** *da natureza autêntica do homem.*[133] (grifo nosso)

Este cenário marcado pelas ilimitadas capacidades criativas do homem e do progresso foi propicio para que a ideia de luta e conquista se associasse ao culto pelo *homo*

---

131 MUMFORD, op. cit., 1991, p. 496.

132 Marie Jean de Caritat, Marquês de Condorcet (1743-1794) foi um filósofo e matemático francês. Anne Robert Turgot (1727-1781) foi um economista francês. Claude-Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon (1760-1825) foi um filósofo e economista francês. Hebert Spencer (1820-1903) foi um filósofo inglês comumente designado como positivista.

133 ROSSI, Paolo. Sobre as origens da ideia de progresso. In: *Naufrágios sem espectador* - a ideia de progresso. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. Unesp, 2000, p. 95-97.

faber, capaz de "domesticar a natureza" e "civilizar os povos bárbaros". O evolucionismo de Darwin e Spencer, o naturalismo de Taine e o positivismo de Comte pesaram decisivamente no universo filosófico e literário da época; o século XIX presenciou um verdadeiro fascínio pelas ciências da natureza. Zola impregnou-se fortemente dessas ideias.

Lewis Mumford critica a proposição de Henri Bergson para que abandonássemos a classificação do *Homo Sapiens*, do naturalista sueco Lineu[134], pela do *Homo Faber* que faz, transforma, cria, opera. A máquina, apenas, podia personificar aquela (des)ordem: apenas o capital industrial gabava-se.[135] Bergson o define como um ser inteligente, capaz de criar objetos artificiais, ferramentas para fazer ferramentas e indefinidamente variar o seu fazer e controlar o ambiente.[136]

> *Criara-se um mundo caótico no qual as máquinas se tinham tornado autônomas e os homens, servis e mecânicos: isto é, condicionados pelos objetos, formalizados, desumanizados [...] Como nós próprios vivemos numa Idade da Máquina e orgulhosos desse fato, todas as outras idades foram, tal como a nossa, dominadas e influenciadas pelos seus utensílios e inventos técnicos [...] transformamos a Máquina no símbolo da própria vida e transferimos a nossa obsessão em relação a esse ídolo particular para todas as outras fases da história humana.*[137]

Considerando a proposta de progresso, mediante um homem fabricador cada vez mais ativo, cuja ação sobre o ambiente é tão intensa, as projeções de cidades ideais foram numerosas e os planejamentos urbanos adquiriram uma configuração cada vez mais relacionada aos problemas sociais. A intenção desses planos, muitas das vezes, demonstra a vontade de conciliação entre patrões e empregados numa relação que assegurasse a rentabilidade do trabalho, em que a jornada de trabalho deixasse de ser uma carga insuportável.

> *As grandes empresas não limitam seu* ***controle*** *ao perímetro da fábrica. Elas tentam estendê-lo à vida cotidiana dos trabalhadores, através de todo um* ***conjunto de instituições*** *e uma* ***política de ordenamento do espaço****, chegando até à constituição de verdadeiras* ***cidades industriais****.*

---

134 Carolus Linnaeus (1707-1778) foi um biólogo e médico sueco.

135 MUMFORD, op. cit., 1991, p. 487.

136 Cf. BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

137 MUMFORD, op. cit., 1980, p. 13-14, 40. Conforme Hannah Arendt, a fabricação, que é o trabalho do *homo faber*, consiste em reificação. A solidez, inerente a todas as coisas, até mesmo às mais frágeis, resulta do material que foi trabalhado; mas esse mesmo material não é simplesmente dado e disponível [...] é um produto das mãos humanas que o retiraram de sua natural localização, seja matando um processo vital, como no caso da árvore que tem que ser destruída para que se obtenha a madeira, seja interrompendo algum dos processos mais lentos da natureza, como no caso do ferro, da pedra ou do mármore, arrancados do ventre da terra. Este elemento de violação e de violência está presente em todo processo de fabricação, e o *homo faber*, criador do artifício humano, sempre foi um destruidor da natureza. ARENDT, Hannah. Trabalho. In: *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981, p. 152.

> *O objetivo dessas* ***cidades-fábricas*** *não é apenas, nem mesmo principalmente, a ordem do trabalho, mas a* ***fixação*** *de uma mão-de-obra, sua* ***manutenção*** *ao melhor custo, sua* ***alocação*** *no trabalho e sua* ***reprodução****: pôde-se falar de uma eugenética das populações industriais. [...] Alojamentos, lojas de fábricas chamadas "cooperativas", fundos de auxílio para acidentes e doenças, escolas, às vezes fundos de aposentadoria, muitas vezes também associações de lazer (filarmônicas, sociedades de ginástica ou esportes) etc... eram as principais instituições patronais.*[138] (grifo nosso)

Como sugere Bresciani, as projeções idealizadas ganharam tanto versões literárias, como o romance *Le travail* (1901) de Zola - que apresenta uma das mais completas concretizações literárias de uma cidade industrial ideal sob a órbita da coletividade - quanto tentativas de fundação de cidades reais, por intermédio de notáveis intervenções. Paris e Viena são quase realizações paradigmáticas que visaram dar condições de mobilidade para a população e as mercadorias, mediante ruas mais largas, transporte coletivo, equipamentos de infra-estrutura, água e esgoto. Como tentativas temos os exemplos de fundação de cidades industriais como New Lanarck por Robert Owen[139], na Inglaterra, suas similares nos Estados Unidos, e os falanstérios na França.[140]

Alguns homens inconformados com o empobrecimento do operariado ofereceram propostas visando um novo equilíbrio e uma nova ordem, diferentemente do crescimento desordenado das grandes cidades industriais. Mesmo as famílias de trabalhadores rurais, quando não expulsas do campo, viviam em um ambiente não poluído, com melhor possibilidade de alimentação. New Lanarck de Owen foi um exemplo concreto disso. Este empresário e político introduziu com êxito inovações em sua fábrica de fiação escocesa. Instalou uma moderna maquinaria, providenciou bons salários e moradia, diminuiu a carga de trabalho e complementou as atividades fabris com estudo e lazer. Suas inovações representaram significativos lucros e tornou-se um lugar de visitação para celebridades da época.[141]

---

[138] PERROT, op. cit., p. 71-72.

[139] Robert Owen (1771-1858) foi um industrial e socialista libertário inglês.

[140] BRESCIANI, Maria Stella Martins. Cidade e história. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). *Cidade:* histórias e desafios. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2002, p. 22.

[141] OTTONI, Dacio Araujo Benedicto. Cidade-Jardim: Formação e Percurso de uma Ideia. Introdução. In: HOWARD, Ebenezer. *Cidades-Jardins de Amanhã.* São Paulo: Hucitec/Annablume, 2ª ed., 2002, p. 20. Em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra,* Engels deixa claro, sob seu ponto de vista, o avanço do socialismo inglês, considerando a proposta de Owen, contudo não se interessa pelos princípios teóricos deste. Os socialistas ingleses reivindicam a introdução gradual da comunidade de bens em "colônias" (alusão às *home colonies* do industrial inglês) de 2 mil a 3 mil pessoas, em que se praticam a indústria e a agricultura, gozam-se de direitos iguais e igual instrução; propõem a simplificação das formalidades para o divórcio, a instituição de um governo racional, que garanta a plena liberdade de opinião, e a abolição das penas, que serão substituídas por um tratamento racional dos delinquentes - estas são propostas práticas; seus princípios teóricos não nos interessam. O socialismo inglês provém de Owen, um industrial, e por isso, se substantivamente vai além da oposição entre burguesia e proletariado, na forma mostra-se muito indulgente para com a burguesia e muito injusto para com o proletariado.

As propostas de Owen o tornaram um pioneiro do socialismo e do cooperativismo, de modo que sua cidade industrial baseava-se na harmonia, na qual, para ele, a ação unida dos homens e a subordinação das máquinas seria a única solução para a permanente causa de miséria entre a competição do trabalho humano com a máquina. Uma vez estabelecida sua comunidade auto-suficiente e atingido seu limite de população, mais unidades semelhantes seriam implantadas no campo.

> *Assim como Owen, o* ***utopista*** *Charles Fourier também propõe um novo arranjo político da sociedade e ancora sua proposta filosófica no plano espacial a partir da construção do "falanstério". O esforço de convencimento destas propostas, o caráter pedagógico dos projetos, agregados ao plano visual das cidades, conduziam os leitores a* ***sonhar*** *com as cidades por eles narradas. Estes utopistas não apenas regiam contra a sociedade de seu tempo, mas criaram imagens de uma* ***nova sociedade*** *buscando a* ***harmonia*** *entre os homens e o meio em que vivem. Em oposição, encontramos o urbanismo sem modelo de Marx e Engels. Ao relatar as péssimas condições de vida do trabalhador urbano, estes cientistas consideravam a* ***crise da habitação*** *como algo decorrente da exploração e da opressão da classe trabalhadora pela classe dominante. Engels não chega a especular sobre o modo como a sociedade futura irá regular a repartição dos alimentos e dos alojamentos, pois considera todo modelo de sociedade uma* ***utopia.***[142] (grifo nosso)

Charles Fourier[143], contemporâneo de Owen, acreditava na forma comunal de vivência humana, como meio de atingir sua fase mais elevada de desenvolvimento, por meio dos falanstérios. Tratava-se de um amplo "Palácio Social" que abrigaria dormitórios, refeitórios, biblioteca, igreja, teatro, áreas de cultivo e pastagens etc. Jean-Baptiste Godin[144] colocou em prática as ideias de Fourier em seu familistério, na cidade de Guise, junto ao seu empreendimento.

> *[...] um agrupamento humano equilibrado, usufruindo das vantagens do campo e da cidade e evitando as deficiências de ambos. Esta procura do campo, como lugar privilegiado para a instalação de cidades equilibradas,*

ENGELS, op. cit., 2008, p. 270. Neste ponto, percebemos a divergência do considerado *socialismo científico*, composto sobretudo pelas teses de Marx e Engels, ao que estes teóricos denominam de *socialismo utópico*, o qual enquadram as teses de Robert Owen.

[142] CARPINTÉRO, Marisa Varanda T. Construindo um problema: a habitação operária. In: *A construção de um sonho:* os engenheiros-arquitetos e a formulação da política habitacional no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p. 38-39.

[143] François Marie Charles Fourier (1772-1837) foi um socialista francês e um dos fundadores do cooperativismo. Crítico do economicismo, da industrialização, da civilização urbana, do liberalismo e do matrimônio. Os falanstérios ou falanges eram basicamente unidades de produção e consumo baseadas no cooperativismo integral e auto-suficiente na construção de um estado de harmonia. Alguns exemplos desta experiência foram presenciados em comunidades como o *Familistério de Godin*, em Guise, no norte da França; a *Falange Norte-Americana*, em Nova Jersey, nos Estados Unidos; *La Réunion*, no Texas, Estados Unidos; *Aguascalientes*, no México e o *Falanstério do Saí ou Colônia Industrial do Saí*, em Santa Catarina, no Brasil.

[144] Jean-Baptiste André Godin (1817-1879) foi um industrial francês.

> *já se evidenciaria na* Utopia *(1516) de Thomas More*[145]*. Robert Owen no começo do século XIX localiza suas cidades ideais no campo, guardando distância entre si, assim como Charles Fourier com seus falanstérios. [...] na segunda metade do século XIX, empresários esclarecidos instalam suas fábricas com unidades de moradia, formando comunidades junto ao campo, tais como Saltaire, Bourville e Port Sunlight na Inglaterra ou como a cidade operária Menier na França.*[146]

Toda agitação registrada pelos escritores oitocentistas se compõe com milhares de homens e mulheres em movimentação cotidiana aos empregos, impelidos para o mercado, consequência essa do declínio do sistema doméstico de produção. Isto consolida o que Bresciani aponta como exteriorização da atividade do trabalho. E é a amplitude dessa exposição pública que choca os contemporâneos, produzindo uma identidade social do trabalhador espantosamente atrelada à miséria. Neste cenário, conforme a autora, não causa estranheza Fourier ir buscar na experiência inglesa as consequências da vida em cidade e do novo sistema de produção, designando a degradação que conduz necessariamente ao crime como "a desgraça dos proletários".[147]

> *Preocupado com essas* ***criaturas*** *do* novo mundo industrial, *Fourier afirma que também "a França caminha para esta* ***miséria****: Paris tem 86 mil pobres conhecidos e talvez outro tanto de desconhecidos". [...] Para o francês da época, praticamente inexiste diferença entre* homem trabalhador, pobre e criminoso. *Na verdade, constituem níveis de uma mesma* ***degradada condição*** *humana, a do trabalhador dos grandes centros urbanos. A exposição pública do trabalho e da pobreza compõe no social uma* ***dimensão assustadora*** *da realidade.*[148] (grifo nosso)

Nessas discussões sobre o urbano, destaca-se o projeto de cidades-jardins idealizado por Ebenezer Howard[149] ao final do século XIX. Este pensador recuperou as projeções de cidade futuristas dos utopistas da primeira metade daquele século, como Piotr Kropotkin[150], Owen e Fourier. Pode-se notar em seus projetos as mesmas preocupações da teoria médica do meio ambiente, no que diz respeito à desvinculação do homem com a natureza diante das péssimas condições de vida nas cidades, podendo levar aquele à deterioração física, mental e moral. Howard pretendia criar uma cidade planejada que não ultrapassasse de 30 mil ou 58 mil habitantes, reunindo vantagens como serviços públicos, atividades sociais, zonas verdes, tranquilidade e salubridade.

---

145 São Sir Thomas More (1478-1535) foi um diplomata, escritor e chanceler inglês.
146 OTTONI, op. cit., p. 39.
147 BRESCIANI, op. cit., 2004, p. 50-51.
148 Idem, p. 51.
149 Ebenezer Howard (1850-1928) foi um teórico urbanista inglês.
150 Piotr Alexeyevich Kropotkin (1842-1921) foi um geógrafo e escritor anarquista russo.

> [Howard] *sintetizou um século de incomum desenvolvimento econômico, convivendo com extremos de miséria e deterioração em cidades em contínuo crescimento, o que provocava debates e evidenciava aspirações da sociedade inglesa, frutos das grandes mudanças e conflitos gerados pela revolução industrial. [...] deve também ser levada em consideração a proposta de crescimento de uma Cidade-Jardim, vindo a formar o que Howard denominou de "constelação de cidades", onde aparecem seis Cidades-Jardins de 32.000 habitantes, interligadas entre si e com a Cidade Central de 58.000 habitantes por meio de ferrovia e rodovias, formando um conjunto de 250.000 habitantes [...] as cidades seriam envolvidas por um cinturão verde, evitando a formação da cidade em "mancha de óleo" contínua.*[151]

De acordo com Mumford, as contribuições significativas da cidade-jardim de Ebenezer Howard possibilitaram um passo à frente quanto ao aperfeiçoamento das condições de vida no meio urbano. Cada melhoramento nos edifícios exigia um serviço público de propriedade e operação coletiva, como condutos de água, reservatórios de água, estações de bombeamento, aquedutos, usinas de redução de detritos, estações de bombeamento, fazendas fertilizadas com o produto dos esgotos. Como reflexo, em virtude dessa socialização efetiva e difundida, o índice de geral de mortalidade, inclusive infantil, tendeu a cair, após os anos de 1870, evidenciando os investimentos sociais de capitais municipais no crescimento dos serviços públicos.[152]

Contudo, muito distante das utopias urbanas mencionadas, os registros que podemos observar quanto ao industrialismo evidenciam expansões desordenadas e o inchaço populacional de diversas cidades. É neste cenário de profundas transformações que, durante o século XIX, presencia-se o crescimento de notáveis centros urbanos industriais, como Londres, Paris, Lille ou Manchester. Eis o novo *habitat* do proletariado nascente. Soma-se a este as minas, as fábricas e as ferrovias: estes eram os agentes geradores da cidade. A especulação capitalista passava do comércio à exploração industrial, visando alcançar as maiores possibilidades de engrandecimento financeiro.[153]

> *Os novos mestres da sociedade desdenhosamente voltavam as costas ao passado e a todos os ensinamentos acumulados pela história, dedicando-se à criação de um futuro que, segundo a sua própria teoria do* ***progresso****, seria igualmente desprezível, uma vez que também houvesse passado – e seria arrasado de maneira igualmente impiedosa. [...] a relativa deficiência da locomotiva a vapor, que não podia galgar facilmente um aclive de ângulo superior ao de dois pés por cem, tendia a* ***concentrar*** *os novos centros industriais nos* ***depósitos carboníferos*** *e nos vales ligados a eles: no distrito de Lille, na França*[154]*, nos distritos de Mersegburgo e do*

---

[151] OTTONI, op. cit., p. 39-44.
[152] MUMFORD, op. cit., 1991, p. 515.
[153] Idem, p. 483.
[154] Como observado, *Germinal* possui Montsou como pano de fundo, ainda que uma cidade fictícia, na região norte do território francês, importante centro industrial carbonífero.

> *Ruhr, na Alemanha, no Campo Negro da Inglaterra, na região dos Allegheny e dos Grandes Lagos e na região das Planícies Litorâneas do Leste, nos Estados Unidos.*[155] (grifo nosso)

O ritmo inesperado e impetuoso da expansão urbana não foi acompanhado por adequados serviços urbanos. A emergência do sistema fabril revolucionou a produção pelo que Marx designou como "a generalização da lei fabril", isto é, a transformação da manufatura em fábrica em antros de miséria onde campeia livremente a exploração capitalista.[156] Viajando pela Inglaterra, Tocqueville fez uma sinistra descrição de Manchester:

> *Trinta ou quarenta manufaturas se elevam no alto das colinas que eu estou descrevendo. Seus seis estágios erguem-se no ar, seus imensos limites anunciam à distância a* ***concentração*** *da indústria... Mas como se poderia descrever o interior desses quarteirões colocados ao acaso,* ***receptáculos do vício e da miséria****, que envolvem e comprimem com suas medonhas voltas os grandes palácios da indústria? Sobre um terreno mais baixo que o nível do rio, dominado por todos os lados por* ***enormes oficinas****, se estende em terreno pantanoso, com valas lodosas, que não são secadas nem saneadas. Noutra parte, aparecem pequenas ruas tortuosas e estreitas, margeadas por casas de um único andar, onde tábuas mal unidas e tijolos quebrados como a última morada que possa ter o homem* ***entre a miséria e a morte****. Entretanto,* ***seres desafortunados*** *que ocupam esses redutos excitam ainda inveja entre alguns de seus semelhantes. Sob essas* ***miseráveis moradias*** *encontram-se uma fileira de porões, os quais conduzem a um corredor semi-subterrâneo. Em cada um desses lugares úmidos e repelentes são* ***amontoados, confusamente, 12 ou 15 criaturas humanas****. Levantai a cabeça, e a toda volta desse lugar vos vereis levantarem-se imensos* ***palácios da indústria****. Vós ouvireis o ruído dos fornos e os silvos do vapor. Estas vastas moradas impedem o ar e a luz de penetrar nas habitações humanas que elas dominam; aquelas lhes envolvem de um ruído contínuo...* ***Uma espessa e negra fumaça cobre a cidade****.*[157] (grifo nosso)

A coexistência dos "bolsões de miséria" com os "palácios da indústria" é uma das facetas mais grotescas dessa nova sociedade. Esta é somente uma parcela da vida proletária nos ambientes industriais. Em *Germinal*, Zola descreve a habitual manhã da família Maheu, composta por dez membros, entre eles o avô Boa-Morte, seu filho Toussaint Maheu, a esposa deste e mais sete filhos. A cena a seguir deixa clara a situação de miséria que pairava sob a casa dos Maheu, semelhantemente às outras numerosas famílias operárias.

> *E a mulher de Maheu continuou a lamentar-se, cabeça imóvel, fechando os olhos de vez em quando, à triste claridade da vela. Falou do guarda-comida vazio, das crianças que pediam pão, do café que faltava, da água que dava cólica e dos longos dias passados a enganar a fome com folhas de couve cozidas. [...] Só havia um pedaço de pão, suficiente queijo fresco e apenas*

---

155 MUMFORD, op. cit., 1991, p. 484, 495.
156 ARRUDA, José Jobson de Andrade. *Revolução Industrial e Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 75.
157 Idem, p. 74. Alexis Henri Charles Clérel de Tocqueville (1805-1859) foi um historiador e escritor francês.

> *uma migalha de manteiga [...] cortou o pão, cobriu uma fatia com queijo, a outra untou com manteiga e depois colou-as; era o "**engana-fome**" do mineiro.*[158] (grifo nosso)

Com frequência, as habitações operárias situavam-se em vielas estreitas com iluminação e ventilação precárias. A densidade de uso dos cômodos era alta, onde o sistema de "cama quente" significava que um "mal dormido" era substituído por outro, ao terminar seu expediente. Além disso, a situação higiênica era irrisória com valas a céu aberto e água contaminada. Conforme Mumford, era muito frequente a construção de moradias operárias em terras cheias de cinzas, vidros quebrados e restos, onde nem mesmo a grama podia deitar raízes.

> *[...] podiam estar ao pé de uma **pirâmide de detritos** ou junto de uma enorme **pilha** permanente de carvão e escória; dia após dia, o **mau cheiro dos dejetos**, o **negro vômito das chaminés** e o **ruído** das máquinas martelantes ou rechinantes, acompanhavam a rotina doméstica. [...] O **amontoamento** de camas, com três até oito pessoas de diferentes idades a dormir no mesmo catre*[159]*, agravava muitas vezes o **congestionamento** dos quartos, nesses **chiqueiros humanos**. [...] As privadas, de uma **imundície indescritível,** ficavam geralmente no porão; era também prática comum ter chiqueiros debaixo das casas, e os porcos voltaram a invadir as ruas.*[160] (grifo nosso)

Essas descrições acabam nos remetendo às ilustrações anteriores de Gustave Doré, *Wentworth Street* e *Over London by Rail,* nas quais é bastante perceptível a falta de espaço e lugares nos conjuntos habitacionais e vielas, ocasionando a transferência da ocupação para as ruas, que se tornavam apinhadas de gente. Além disso, somavam-se à este cenário caótico o amplo quadro de epidemias, os frequentes surtos de cólera, a desnutrição, as vestimentas precárias, os irrisórios salários... [161]

Uma outra característica das construções de baixo nível de investimentos é a falta de privacidade em seus interiores. Em *Germinal,* numa confusão protagonizada pela mulher de Levaque, que mantinha relações com seu amante chamado Bouteloup, percebe-se a degradação dos valores morais e a promiscuidade, bem como a proximidade entre as habitações que permitia ouvir e perceber o que acontecia na vizinhança.

> *Houve um barulho de tamancos, e a mulher de Levaque empurrou a porta como um furacão, fora de si, gritando do portal para a vizinha:*

---

158 Z. *G*, p. 26-28.
159 Leito pobre e miserável.
160 MUMFORD, op. cit., 1991, p. 498-500.
161 OTTONI, op. cit., p. 18.

> *– Então tu andaste dizendo que eu forçava meu inquilino a pagar-me vinte soldos cada vez que ele* ***dormia comigo****?!*
> *A outra deu de ombros.*
> *– Não chateies! Eu não disse nada... Mas quem te contou isso?*
> *– Disseram-me que tu tinhas dito, chega! E disseste também que escutavas, quando fazíamos* ***a coisa****,* ***através das paredes****, e que a sujeira era enorme na minha casa porque eu estava sempre de* ***pernas abertas****... Ainda tens coragem de negar? Fala!*[162] (grifo nosso)

Neste ambiente, muitas das vezes apontado como promíscuo e sem privacidade, onde a vida é desesperada, Zola documenta a religião como uma grande ausente, raramente anunciada pelos vestígios de um "sobrenaturalismo bastante pálido", nas palavras de Dreher. É predominante uma aura ou fé sem limites na mina, seja como capital aos que dela se enriquecem, seja como uma monstruosidade ou divindade abscôndita aos que dela necessitam para sobreviver. No ambiente do cortiço onde vivem, procriam e morrem, os mineiros de Zola, não existe privacidade: a vida é exposta, os segredos não duram e nada é mistério. A vida é desesperada.[163]

Após descrever a rotina matutina dos Maheu de ida ao trabalho, o autor retoma a cena de Etienne no espaço próximo às instalações mineiras. Este observava todo funcionamento e as relações de trabalho do local, de modo que compreendia uma coisa com tamanha clareza: o poço engolia magotes de vinte ou mais homens com uma facilidade incrível.

É perceptível nas descrições de Zola a sensibilização característica da estética naturalista, por intermédio de associações animalescas e relações grotescas entre homem e mina. O carregamento de carne humana parece não satisfazer a fome do poço capaz de digerir mais e mais. Devido a morte de uma operária, que fazia parte do grupo de Maheu, surge uma vaga que Etienne aproveita em ocupar. A morte da colega de trabalho é lidada de forma extremamente natural como uma atividade cotidiana.

Zola relata a descida dos trabalhadores aos veios da mina por elevadores, onde Etienne havia acabado de se juntar ao grupo, substituindo a mencionada operária falecida. A rotina escrava das minas, cujo trabalho constituía um castigo intencional para os criminosos, tornou-se o ambiente normal do novo trabalhador industrial.[164] A descrição de Zola é bastante forte e chocante, novamente colocando a mina como uma personagem animalesca que absorve os homens dia após dia.

---

[162] Z. *G*, p. 326.
[163] Não há esperança de uma vida eterna na habitação dos Maheu, a família central do enredo. O chefe-de-família dos Maheu proclama: "Quem morre, morre: acabou para sempre". Aqui, a religião como crença no sobrenatural é logo descartada da narrativa de Zola e do ambiente descrito. A imanência da vida e a trivialidade da morte emprestam à crença religiosa tradicional a marca da negatividade de uma ausência. DREHER, op. cit, p. 3.
[164] MUMFORD, op. cit., 1991, p. 483.

> *Pouco a pouco, os veios enchiam-se de gente, o corte começava em todos os andares, no extremo de cada caverna. O* ***poço devorador*** *tinha engolido sua* ***ração diária de homens****, cerca de setecentos operários que trabalhavam neste horário no* ***formigueiro gigante****, furando a terra em todos os sentidos, esburacando-a como a uma madeira velha atingida pelo caruncho. E, no meio do silêncio pesado, do esmagamento das camadas profundas, poder-se-ia ouvir, colando o ouvido à rocha, o laborar desses* ***insetos humanos*** *em marcha, desde o voo do cabo a subir e a descer o elevador de extração até a* ***mordida*** *das ferramentas cortando a hulha no fundo dos canteiros de desmonte.*[165] (grifo nosso)

O recurso da antropomorfização no romance tem uma função muito relevante, na medida em que reforça ao leitor que homem e máquina são considerados igualmente instrumentos de produção. O cheiro constante da cebola, da hulha, do ar pestilento do interior da mina, do misto de grisu[166] e do suor dos mineiros descritos são informações importantes no que tange o caráter insalubre e precário das condições de moradia, vida e trabalho dos operários. Em contraposição, o espaço burguês é luxuoso, protegido e onde a intimidade de cada indivíduo poderia ser preservada. O homem caracterizado como uma máquina e sua insignificância perante a mina que o devora como um carregamento de carne são representações que expõem o tom forte de denúncia da miserabilidade humana, tão caro aos literatos naturalistas.

Exageros: os extremos do avesso

> *A fé sem limites pertence à mina é a ela dirigida, e para alguns poucos ela desempenha o papel de objeto de adoração, de fonte de poder e vida abundantes. A mesma mina que é o objeto do terror quase-religioso dos habitantes do cortiço, é, assim, o objeto de fé dos Grégoire e do resto dos acionistas que, em seu anonimato, confundem-se às vezes com o próprio ídolo que veneram.*[167]

Partindo para o lado oposto da vida em Montsou, Zola descreve a vida da família burguesa Grégoire: uma das proprietárias das imensas minas de exploração de carvão, que

---

[165] Z. G, p. 41.

[166] Mistura de metano com oxigênio que forma em ambientes fechados, como as minas; é um gás explosivo capaz de detonar facilmente na presença de chamas ou centelhas. É considerado um dos maiores perigos da mineração e a origem de um dos acidentes no romance.

[167] DREHER, op. cit., p. 4.

morava numa grande casa a dois quilômetros do conjunto habitacional. A fortuna dos Grégoire, em torno de quarenta mil francos de rendimento, consistia toda em ações das minas e contavam com isso desde a criação da Companhia.

De acordo com John Hobson, a estrutura do capitalismo moderno tende a lançar um poder cada vez maior nas mãos dos homens que manejam o mecanismo monetário das comunidades industriais, isto é, a classe dos financistas ou investidores, consideradas como autoridades no sistema econômico. Nessa estrutura, o capital acionário deslocou rapidamente as empresas de propriedade individual.[168] Em *Germinal*, o capital é descrito de forma metafórica sob um plano mitológico, no qual causas diferenciadas, de Etienne e de Suvarin, por exemplo, se manifestam no intuito de destruir a deusa besta Voreux.

> *O dinheiro se refere unicamente ao que é comum a tudo: ele pergunta pelo* ***valor de troca****, reduz toda qualidade e individualidade à questão:* ***quanto?*** *Todas as relações emocionais íntimas entre pessoas são fundadas em sua individualidade, ao passo que, nas relações racionais, trabalha-se com o homem como um* ***número****, como um elemento que é em si mesmo indiferente. [...] Sendo o equivalente a todas as múltiplas coisas de uma e mesma forma, o dinheiro torna-se o mais* ***assustador*** *dos niveladores. Pois expressa todas as diferenças qualitativas das coisas [...] com toda sua ausência de cor e indiferença, torna-se denominador comum de todos os valores; arranca irreparavelmente a essência das coisas, sua individualidade, seu valor específico e sua incomparabilidade.*[169] (grifo nosso)

Considerando as diferenças econômico-sociais e o conflito latente entre capital e trabalho, é interessante observar as designações pejorativas dos operários franceses ao patronato, conforme menciona Michelle Perrot:

> *Esses "porcos" patrões são ladrões, "macacos" (gíria nascida entre os carpinteiros) que pagam com um* ***dinheiro*** *que não vale nada,* ***especuladores*** *que vivem de rapinas e pilhagens. Esses "capitalistas" (termo muito empregado, muito mais que "capitalismo")* ***agiotas*** *só pensam em aumentar seu dinheiro guardado: sua pilha de ouro que continua a ser o verdadeiro símbolo de fortuna. Esses "milionários" (também muito empregado) são antes de tudo* ***financistas*** *ávidos e açambarcadores. Eles se comportam como banqueiros e rentistas. [...] Os "grandes" comem os pequenos, os "monopolistas" fazem a lei. "Um punhado de indivíduos", uma "fração", "uma minoria ínfima..." seguram as rédeas da situação. A expressão "truste, grandes trustes" se tornará rapidamente popular no início do século* [XX]. *Essa visão de um* ***poder econômico*** *concentrado reforça simultaneamente o sentimento de injustiça, de arbitrariedade e de fragilidade. [...] Na virada do século, a crença na Revolução social, no advento do* ***Quarto Estado***[170]*, último ato da*

---

[168] HOBSON, John Atkinson. *A evolução do capitalismo moderno:* um estudo da produção mecanizada. Apresentação de Maria da Conceição Tavares. Tradução de Benedicto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 175-176.
[169] SIMMEL, op. cit., p. 13.
[170] Ver Anexo G - Quarto Estado.

> *representação iniciada em 1789, faz parte da esperança operária.*[171] (grifo nosso)

O dinheiro como o mais assustador dos niveladores que reduz toda qualidade e individualidade é uma referência importante nesta estrutura capitalista que cada vez mais se consolidava. Como observado, as situações de desigualdade e de injustiça acabam por se tornar reflexo do poder econômico concentrado, a ponto de sobressaltar os olhos dos observadores tamanha coexistência entre a miséria e a opulência. O mundo flutua constantemente em virtude do movimento do dinheiro. Zola relata a ostentação na maneira pela qual a filha Cécile, da família Grégoire, dorme delicadamente e tranquilamente, enquanto seus pais lhe observam, reafirmando o forte contraste com a miséria dos mineradores descrita profundamente nas páginas anteriores.

> *O quarto era a única peça luxuosa da casa, forrado de seda azul, com mobiliário laqueado de branco e filetes azuis, um capricho de* ***criança mimada*** *satisfeito pelos pais. No alvor informe do leito, à meia-luz filtrada pela abertura de um cortinado, a mocinha dormia, cabeça apoiada no braço nu. Não era bonita, mas muito* ***sadia****, muito vigorosa, madura mesmo nos seus dezoito anos, com uma carnação soberba, uma* ***frescura de leite****, cabelos castanhos, rosto redondo,* ***narizinho voluntarioso afundado entre as faces****. [...] Ainda hoje satisfaziam todos os caprichos da filha: um segundo cavalo, mais duas outras carruagens, roupas de Paris.*[172] (grifo nosso)

Observamos nesta descrição detalhada o jogo de oposições característico de Zola, conforme contraste gritante entre mundos: entre a pobreza e a luxúria, entre a sensualidade e a corrupção de valores, entre as formas delicadas, vigorosas e saudáveis da filha burguesa e as referências horrendas, deformadas, pálidas e grotescas dos mineradores e sua prole, chocando o leitor. O mundo da ostentação burguesa é representado na seguinte ilustração.

---

[171] PERROT, op. cit., p. 89-90.
[172] Z. G, p. 72-74.



Figura 5. *Mansão*, ilustração por Gustave Doré. 1872.[173]

Uma vez mais, a ilustração de Doré contribui nesta discussão, de modo que, de um extremo ao outro, o desenhista, bem como a descrição de Zola, polariza a coexistência da miséria e da riqueza material. As ilustrações anteriores, assim como as primeiras páginas de *Germinal*, nos trazem um universo chocante, um mundo desconhecido para o leitor ou observador de ambos artistas, e não deixam de nos sensibilizar, principalmente em contraposição com as imagens da opulência. O retrato acima remete outro lado da vida social, isto é, dos bailes e encontros em enormes mansões; um mundo para poucos, onde a delicadeza e os caprichos sobrepõem quaisquer imagens horrendas e deformadas da vida nas ruas superlotadas ou do trabalho nos veios e nas fábricas.

Em *Germinal*, o grande choque entre esses mundos e seus contrastes se simboliza no encontro entre a mulher de Maheu e suas crianças famintas, perdidas e amedrontadas, com os Grégoire. Zola retrata a fome e o frio que dizimavam famílias, enquanto outras viviam na opulência, como parte do cotidiano e da dimensão humana que os franceses viveram ao longo do século XIX. Com sua metodologia e estilo, o autor procurou vivenciar e experimentar o que gostaria de escrever, registrando tudo que testemunhava, principalmente, em cenas antitéticas, organizando personagens e quadros temáticos em torno do jogo de oposições.

---

[173] Disponível em <http://www.cardiff.ac.uk/encap/skilton/illustr/Dore175.html>. Acesso em 03 ago. 2010.

Dessas oposições em seu romance, podemos destacar exemplos como o sono preguiçoso de Cécile em contraposição à ida de Catherine ao trabalho minerador antes do amanhecer. Ou ainda os banquetes, a ostentação e o luxo burguês, em oposição à miséria, a escassez de alimentos e a falta de privacidade, no conjunto habitacional. Uma questão patológica presente nesse jogo de oposições que toma forma na narrativa é a puberdade dos mineiros, que mais parecem adultos, e a juventude burguesa que mais parece criança.

Nesse quadro de contradições, o que seria dos Maheu sem comida em casa se Maigrat, o dono da mercearia, não lhes concedesse mais crédito ou se os burgueses não lhes dessem alguns soldos? A necessidade de comer e a triste cena de uma família em extrema necessidade deixa clara a última opção de comprar fiado ou de pedir esmolas.

> *Ao deixar o conjunto habitacional, contornou o aterro e tomou o caminho do canal, atravessando, para encurtar o caminho, ruas intransitáveis, terrenos baldios, fechados por tapumes cobertos de hera*[174]*. Passou por diversos galpões, compridos edifícios de fábricas, altas chaminés cuspindo fuligem, sujando esses arredores arrasados de* ***subúrbio industrial****. [...] Essas estradas ao norte, traçadas a cordel entre as* ***cidades manufatureiras****, com curvas suaves e subidas lentas, estavam sendo construídas aos poucos, tendentes a transformar um departamento numa* ***colméia de trabalho****.*[175] (grifo nosso)

A mercearia de Maigrat se encontrava bem ao lado da mansão do diretor das minas: era um armazém sem vitrine onde havia de tudo, como condimentos, artigos defumados, frutas, pão, cerveja etc. Em francês, Maigrat sugere o significado de aquele que engorda às custas da magreza de outro; era um avarento despenseiro do conjunto habitacional mineiro.[176] Ele havia sido um antigo fiscal da mina Voreux; começou com uma pequena cantina e cresceu graças à proteção dos chefes. Centralizava as mercadorias, vendia-as mais barato e abria créditos, porém estava nas mãos da Companhia que lhe tinha construído a casinha e o armazém.

> *Maigrat, barrigudo, de braços cruzados, respondia negativamente com a cabeça a cada súplica.*
> *– Só dois pães, Sr. Maigrat. Sou comedida, nem quero café. Nada mais que dois pães de três libras*[177] *por dia...*
> *– Não! – berrou ele enfim com toda força.*[178]

---

[174] Espécie de planta trepadeira natural da Europa Central e Ocidental. É considerada uma planta ornamental de muros e jardins, bem como uma planta prejudicial por deteriorar paredes e impedir o desenvolvimento de outras plantas quando invade o solo.
[175] Z. G, p. 81-82.
[176] PONCIONI, op. cit., p. 72.
[177] A libra era uma antiga medida de peso equivalente a 459,5 gramas.
[178] Z. G, p. 83.

Com a negativa do merceeiro, só restava a solidariedade dos burgueses da Piolane[179] à miserável família Maheu. Ao chegarem na mansão ficaram imobilizados e atordoados diante de tanta riqueza e tanto calor. Cécile era a encarregada da distribuição de esmolas, atividade que, de acordo com seus pais, sustentava sua bela educação... A pequena burguesa considerava os filhos proletários como pobrezinhos, roxos de frio e esfomeados.

> *Deleitavam-se em dizer que praticavam a* ***caridade*** *com inteligência; na verdade, viviam possuídos do pavor de serem enganados e de encorajarem os vícios. Por isso nunca davam dinheiro, nunca! Nem dez soldos, nem mesmo dois; então não era sabido que assim que um pobre se via com dois soldos ia logo bebê-los? Suas* ***esmolas****, portanto, eram sempre em gêneros, principalmente em roupas quentes, distribuídas no inverno às crianças indigentes.*[180] (grifo nosso)

Nesse ponto vale esclarecer que a religiosidade para os Grégoire está, à primeira vista, na "religião pequeno-burguesa" tradicional ponderada nos valores de uma moralidade familiar privada na doação de esmolas e na caridade condescendente. Contudo, descobre-se no fundo de tudo isso, uma fé mais real que se contrapõe à religião tradicional, isto é, a fé sem limites na mina.

Nesse cenário, a prática filantrópica era entendida à época, perante o reconhecimento da insuficiência da concepção da pobreza, como desígnio divino ou como algo inscrito na ordem natural do mundo, considerando o surgimento da preocupação com o crescimento da pobreza extrema em escala grandiosa. Como indica Bresciani, tratava-se da figura social do *pauper*, o miserável, sua presença incômoda e ameaça latente, e seu acolhimento pela questão social formulada por diversos pensadores ao longo do século XIX, refletindo a atomização da sociedade levada ao extremo e gerando a guerra social.[181]

---

[179] *La Piolane* era onde os Grégoire moravam. Ver Anexo B - *Germinal* - III. Mapa.

[180] Z. *G*, p. 85.

[181] BRESCIANI, op. cit., 2002, p. 28. Engels aponta fatos que demonstram o quanto "a guerra social é aberta e declarada". Citemos os *thugs de Glasgow*, processados nessa cidade em janeiro de 1838, considerado o exemplo mais clamoroso pelo autor. Esta designação dada aos operários remete-se à uma tribo da Índia Oriental, cuja atividade era o assassinato de todos os estrangeiros que caíam em suas mãos. O processo revelou que a associação dos tecelões de algodão, que existia desde 1816, era excepcionalmente forte e organizada; os associados vinculavam-se sob juramento às decisões da maioria e durante cada greve operava um comitê secreto que podia dispor livremente dos fundos. Esse comitê punha a prêmio a cabeça de *knobsticks* (operários que não participavam de associações e greves) e de industriais particularmente odiados, além de fixar recompensas por incêndios e fábricas. Incendiou-se uma fábrica onde moças, na condição de *knobsticks*, substituíam homens na fiação e a mãe de uma dessas moças foi assassinada. Em 1820, foi ferido à bala um *knobstick* de nome MacQuarry e o agressor recebeu um prêmio de quinze libras da associação. Posteriormente, um certo Graham foi baleado e o atirador ganhou vinte libras. Em maio de 1837, por ocasião de uma greve nas fábricas de Oatbank e Mile End, eclodiram desordens no curso das quais uma dúzia de *knobsticks* foram duramente agredidos. As autoridades prenderam o comitê e abriu-se um inquérito de que resultou na condenação de seu presidente e dos principais membros a sete anos de deportação por participação em associação ilegal, maus-tratos a *knobsticks* e incêndio em fábricas. ENGELS, op. cit., 2008, p. 255-256. A resistência ou contestação coletiva também é analisada por Michelle Perrot, mais especificamente no caso dos operários franceses, como exemplo, por intermédio de jornais. Entre 1883 e

A família Maheu é um claro exemplo disso: são "pobrezinhos, roxos de frio e esfomeados" para os ricos, contudo não deixam de ser uma ameaça latente ou degenerados por seus vícios: "não era sabido que assim que um pobre se via com dois soldos ia logo bebê-los?" Ao grande capital, as cidades apresentavam a vantagem da concentração de uma ampla reserva de gente miserável, à margem da subsistência, aquilo a que eufemisticamente se dava o apelido de Reserva de Trabalho.[182]

> *A pesquisa social de meados do século XIX em diante adicionou às informações filantrópicas a coleta e anotação detalhada dos modos de vida, trabalho e lazer da população trabalhadora, estabelecendo um patamar de comparação para os custos sociais decorrentes das modificações na estrutura produtiva. Essa tarefa comparativa e classificatória contribuiu para a* formulação de identidades *claramente recortadas nessa "nova sociedade" laica, onde, sob a denominação de* bourgoisie *na França e de* middle-classes *na Inglaterra, os homens letrados conseguem a façanha de agregar, sob essa denominação genérica, financistas/agiotas, comerciantes, fabricantes e outros detentores de capital. Tarefa que se completa com outra classificação redutora que reúne as variadas atividades do trabalho, enfeixando-as na rubrica proletariado ou classe operária.*[183]

Para Bresciani, para viver nas cidades no século XIX seria necessário desenvolver uma nova sensibilidade e orientar os sentidos na "selva urbana". Soma-se a isso a afirmação do individualismo, isto é, na busca contínua da sobrevivência ou dos interesses individuais se sobrepondo às pessoas, que passariam a se reconhecer principalmente pela aparência. Em *Germinal,* Cécile não doa dinheiro à pobre mãe e seus filhos. Todavia, lhes dá roupas e um pedaço de bolo, principalmente após o susto dos Grégoire ao saber que a mulher de Maheu era mãe de sete filhos.

No percurso da mulher de Maheu, fica clara a investidura de todos os tipos de funções da dona-de-casa. Primeiro, dar à luz e criar os filhos que leva consigo e que a acompanham por toda parte. Muito cedo, aliás, as crianças circulam sozinhas e juntam-se a bandos pelas ruas, como é o caso de Jeanlin. Sua segunda tarefa é a manutenção da família, os "trabalhos domésticos" que englobam a alimentação, o aquecimento, a conservação da casa e da roupa, o transporte de água. Para Perrot, todas essas funções, idas e vindas,

---

1890, existe no Norte de França toda uma série de jornais operários: *Le Forçat, le Cri du Forçat, la Revanche du Forçat* etc... Esses jornais como a maioria dos órgãos operários da época, conta com uma "tribuna dos abusos" ou uma "revista galés", muitas vezes compostas de cartas de trabalhadores, onde se denunciam de modo muito concreto os horários rigorosos demais, as multas excessivamente pesadas e sobretudo os contramestres, incapazes, tirânicos, intrigantes e lúbricos. PERROT, op. cit., p. 72-73.

[182] MUMFORD, op. cit., 1991, p. 495.

[183] BRESCIANI, op. cit., 2002, p. 28.

representam tempo e trabalho considerável. A sociedade do século XIX não poderia crescer e se reproduzir sem esse trabalho não-contabilizado e não-remunerado da dona-de-casa.[184]

Posteriormente, Zola faz o caminho inverso do encontro entre burgueses e operários, descrevendo a visita da Sra. Hennebeau[185] e seus convidados parisienses ao conjunto habitacional. Os visitantes se mostram interessados em investir na Companhia, para tanto anseiam conhecer a aldeia mineradora.

Num jogo de simulações, a Sra. Hennebeau procura encantar os possíveis investidores com as "vantagens" que a Companhia oferecia aos trabalhadores, como a presença de um médico no vilarejo, benefícios como aposentadoria e fornecimento de carvão etc. A mulher de Maheu os recebe humildemente e a descrição de sua casa é reflexo de sua moral. Uma moradia pobre, porém asseada. Mesmo numa situação de precariedade e miséria, a casa dos Maheu apresentava-se limpa e sua dona era qualificada como *flamande*. De acordo com Poncioni, este termo se refere às mulheres da região norte da França, famosas por suas qualidades de boas donas-de-casa.[186]

> *A Sra. Hennebeau já estava ficando cansada; a princípio sentira-se bem naquele papel de* ***mostrar bichos****, distraída por um instante no* ***tédio*** *do seu exílio, mas já estava cheia de* ***repugnância*** *pelo* ***cheiro enjoativo de miséria****, não obstante a limpeza das casas escolhidas onde ela* ***se arriscava a entrar****. Na verdade, repetia apenas pedaços de frases que ouvira, pois jamais se preocupara muito com todos esses operários que trabalhavam e sofriam perto dela.*
> *– Que crianças lindas! – murmurou a senhora, que as achava* ***horríveis****, com aquelas enormes cabeças de cabelo cor de palha.*
> [...]
> *– Agora se lhes perguntarem sobre nossas aldeias de mineiros,* ***lá em Paris****, já podem responder. Sempre esta calma, costumes patriarcais, todos felizes e saudáveis, um lugar para onde deviam vir descansar um pouco, onde há ar puro e tranquilidade.*
> *– É maravilhoso, maravilhoso! – exclamou o homem, numa demonstração final de entusiasmo.*[187] (grifo nosso)

A questão social é rebaixada a um plano de inferioridade, privando sobre ela determinantes do meio proletário, no qual percebe-se uma obsessão do autor em empurrar ao último grau possível de violência, de modo que o leitor burguês, "lá em Paris", tenha uma sensação de terror.[188] Seria ironia com o leitor que conhece este quadro de opressão e miséria

---

184 PERROT, op. cit., p. 214.
185 Esposa de Sr. Hennebeau, o diretor das minas da Companhia de Montsou. Ver Anexo B - *Germinal* - I. Personagens.
186 PONCIONI, op. cit., p. 94.
187 Z. G, p. 97-98.
188 CAUDET, Francisco. Prólogo. In: ZOLA, Émile. *Germinal*. Tradução de Mariano García Sanz. Madrid: Ediciones de la Torre, 1994, p. 54.

dos mineradores, ao norte da França? A descrição parece mesmo algo para sensibilizar quem lê a obra. Caudet aponta que o propósito de Zola era de assustar a burguesia,

> *[...] ya que este era el objetivo primordial, em um principio, de la novela. La mayoria de los títulos que barajó antes de decidirse por* Germinal *indican que, efectivamente, había pensado más, en las etapas iniciales del libro, en transmitir la idea de destrucción y muerte que la germinación y vida.*[189]

A derrota francesa para os prussianos e a Comuna de Paris (1871) foram acontecimentos marcantes na história revolucionária deste período que, se não chegou a ameaçar profundamente a ordem burguesa, ao menos aterrorizou a todos por sua existência. Ainda que em *Germinal* se considere como pano de fundo a década de 1860, onde o Império ainda "reinava"[190], não desconsideremos a importância da Comuna na escrita de Zola como um regime sitiado, oriundo da guerra contra os prussianos e do cerco de Paris, bem como uma resposta às contradições sociais. O próprio Zola atua a Batalha de Sedan[191] e a Comuna em um de seus livros da saga Rougon-Macquart: *La Débâcle* (1892).

Zola considerava os anos conturbados, da virada das décadas de 1860 e 1870, como o momento propício à transformação e à instauração de uma república, na qual o socialismo figurasse como nova ordem. É certo que a Comuna, como ameaça notória da ordem burguesa, é um movimento que vai ao encontro da intenção do autor de *Germinal* em cercar por pânico e histeria o leitor burguês "lá em Paris". Ainda que breve, a Comuna foi assim noticiada pela imprensa internacional na época, que a acusava de "instituir o comunismo, expropriar os ricos e partilhar suas mulheres, de terror, massacre, caos, anarquia etc., considerando-a uma ameaça internacional à ordem e à civilização".[192]

> *O avanço dos prussianos em 1870 quebrou o pescoço do império de Napoleão III. Os moderados republicanos que o derrubaram continuaram a guerra sem vontade, e desistiram ao perceber que a única resistência possível implicava na mobilização revolucionária das massas, um novo jacobinismo e* ***outra república*** *social. [...] Daquele momento em diante, um rio de sangue correu entre os trabalhadores de Paris e as "classes melhores". E daí em diante também os revolucionários sociais aprenderam o que os esperava se não conseguissem manter o poder.*[193] (grifo nosso)

---

[189] Idem, p. 59.
[190] Em algumas passagens da obra podemos observar na casa dos Maheu quadros do imperador e sua família.
[191] Batalha que resultou na captura de Napoleão III pelas tropas invasoras, em 1° de setembro de 1870, praticamente decidindo o conflito a favor dos prussianos.
[192] HOBSBAWM, Eric J. *A Era do Capital.* 1848-1875. Tradução de Luciano Costa Neto. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 185.
[193] Idem, p. 185-186.

A repressão à Comuna se espraiou por quase todo o continente europeu atingindo fortemente a Associação Internacional dos Trabalhadores, ainda que a força moral parisiense deixada neste episódio servisse para que os trabalhadores retomassem o fôlego e voltassem a crescer e se difundir em países que até então a organização não havia chegado como Bélgica, Itália, Espanha, Hungria e Rússia.

Na passagem anterior, marcada pela presença da Sra. Hennebeau e seus convidados, são notórias as características que compõem o ambiente de vivência dos mineiros. A condição de miséria e de precariedade, causas do enjôo da Sra. Hennebeau ao "mostrar bichos horríveis" que jamais tivera se preocupado, reforça a oposição entre os mundos burguês e proletário. Todavia, a esposa do diretor das minas se aproxima dos moradores do conjunto habitacional mineiro interessada em firmar uma boa imagem aos potenciais investidores de Paris: os interesses individuais se sobrepõem, na medida em que as pessoas se reconhecem pelas aparências.

Conforme Perrot, no final do Segundo Império, e ainda posteriormente, após a Comuna, o patronato é claramente um objeto de inimizade por parte dos operários. O próprio termo patrão se carrega de um sentido hostil. Os patrões são vistos como déspotas, burgueses que nada fazem e somente se divertem, capitalistas exploradores e ladrões; são essas as imagens que costumam tecer o discurso operário.

> *Repetições e estereótipos escondem esse discurso estruturado por uma* ***visão dicotômica****: as duplas senhor/escravo, exploradores/explorados, produtores/fruidores, desperdício dos ricos/miséria dos pobres forma sua trama, simples e eficaz. A pedagogia operária também funciona por um* ***jogo de oposições****: as longas jornadas de trabalho tornam as famílias infelizes/as curtas jornadas tornam as famílias felizes. [...] Detentores de um poder arbitrário, os patrões são "opressores" que recusam qualquer participação e discussão, e exigem total submissão. [...] Seus "castelos", palavra usual para designar as residências patronais mesmo "burguesas", encarnam tanto sua "opulência" como seu poderio e arrogância. [...] Por ocasião das greves, essas residências são alvo de manifestações, mescla de busca de um* ***poder que se esconde – o deus oculto*** *– e de expedições punitivas.*[194] (grifo nosso)

A visita à aldeia Deux-Cent-Quarante, ou a busca por esmolas nos palacetes por parte dos miseráveis trabalhadores, realça a tensa oposição de mundos. Um relato do início do século XIX, discursado às vésperas de uma greve, feito por um operário da tecelagem ao público de Manchester, descreve as contradições e distanciamentos entre patrões e trabalhadores.

---

[194] PERROT, op. cit., p. 84-86.

> *[...] os patrões: com poucas exceções, são um grupo de homens que emergiram da oficina algodoeira, sem educação ou maneiras [...] Para contrabalancear essa* ***deficiência****, procuram impressionar nas* ***aparências****, através de* ***ostentação****, exibida em mansões elegantes, carruagens, criados de libré, parques, caçadores, matilhas etc., que eles mantêm para* ***exibir*** *ao mercador estrangeiro, de maneira pomposa. Suas casas são, na verdade,* ***vistosos palácios*** *[...] Mantêm suas famílias nas escolas mais caras, determinados a oferecerem a seus descendentes uma dupla porção daquilo que tanto lhes falta [...] são literalmente* ***pequenos monarcas****, absolutos e* ***despóticos*** *nos seus distritos particulares [...] Como devem ser, então, os homens, ou melhor, as* ***criaturas*** *que servem de* ***instrumento*** *para tais mestres? Ora, eles têm sido há anos, com suas esposas e famílias, a própria paciência –* ***escravos e escravas*** *dos seus amos cruéis [...]* ***Enclausurado em fábricas*** *de oito andares, ele não tem descanso até as máquinas pararem, e então retorna à sua casa, a fim de se recuperar para o dia seguinte. Não há tempo de gozar da companhia da família: todos eles estão* ***fatigados e exaustos*** *[...] Esses males surgiram com o terrível monopólio que existe nos distritos em que* ***riqueza e poder se concentraram*** *nas mãos de poucos, que, com todo seu orgulho, se imaginam senhores do universo.*[195] (grifo nosso)

Em *Germinal,* Zola trabalha também um outro encontro entre personagens, característico em seu romance, ou seja, os relacionamentos explícitos em campos e minas entre rapazes e moças. É interessante observar que até nisso se diferem os relacionamentos quanto às condições sociais. Como percebemos, a promiscuidade e libertinagem sexual compõem o cotidiano do trabalhador. Isto também é presente na vida burguesa, como no caso entre a Sra. Hennebeau e seu sobrinho Négrel: ambos traem seus parceiros Sr. Hennebeau e Cécile, porém a relação, neste caso, se caracteriza de uma forma muito mais secreta e misteriosa, privada e escondida.

> *Era a história comum das* ***promiscuidades*** *do conjunto habitacional,* ***rapazes e moças apodrecendo juntos****, jogando-se de costas como eles diziam, sob o teto baixo e em declive do galpão, assim que anoitecia. Todas as operadoras de vagonetes* ***geravam ali o primeiro filho****, quando não se davam ao trabalho de ir fazê-lo em Réquillart*[196] *ou nos trigais. Mas isso não era considerado uma catástrofe, casavam-se depois; as mães zangavam-se quando os rapazes começavam muito cedo, já que um filho casado deixava de trazer dinheiro para família.*[197] (grifo nosso)

Para Thompson, a vida curta, penosa e miserável contribuía para o aumento da taxa de reprodução e do consumo de álcool e narcóticos, ampliando-se os riscos de ocorrência de doenças ocupacionais.[198] Ao chegar em casa, após o longo dia de sacrifício, Maheu é informado da frustrada tentativa de conseguir alimento por parte de sua mulher. Maigrat

---

[195] *Black Dwarf,* 30 de setembro de 1818 *apud* THOMPSON, op. cit., 1987, p. 23-27.

[196] Réquillart foi a primeira mina da companhia. Descoberta pelo avô de Boa-Morte, Guillaume Maheu, o mesmo foi homenageado com o nome de um dos veios. A mina se tornou posteriormente uma velha galeria abandonada, espaço de promiscuidade e bel-prazer de jovens mineradores.

[197] Z. *G,* p. 93.

[198] THOMPSON, op. cit., 1987, p. 200.

tinha recusado crédito e as roupas doadas pelos burgueses da Piolaine aqueciam, mas não alimentavam.

A mulher de Maheu ajuda seu marido no banho todos os dias, pois, como todo operário, ele chegava sujo e negro com pó da hulha. Este era o único momento que poderiam ter á sós na ausência dos filhos, uma vez que durante as noites viviam como uma "ninhada de ratos", amontoados, mortos de cansaço e cheirando a gado humano.[199] Semelhantemente ao choque durante a visita da Sra. Hennebeau, conforme citação retromencionada, a menção à ninhada de ratos ou colméia humana, tão constantes não somente na descrição de Zola, como em diversos escritos e relatórios contemporâneos, cristaliza uma imagem bastante forte de como a miséria humana era vista e causava estranheza.

> *Ele abraçou-a de novo, não a deixando mais. O banho dele acabava sempre assim; ela excitava-o ao esfregá-lo com tal vigor, e depois, ao secá-lo com panos que lhe faziam cócegas nos cabelos dos braços e do peito. Aliás,* ***por todo o conjunto habitacional****, essa era a* ***hora das brincadeiras****, quando faziam mais filhos do que queriam. À noite não era possível, dormiam todos amontoados. Maheu empurrava a mulher para a mesa, gracejando com o bom humor daqueles que estão gozando do* ***único momento agradável do dia****, chamando o que ia fazer de comer sua sobremesa, e uma sobremesa que não lhe custava dinheiro. Ela, balançando seios e quadris, debatia-se um pouco, por brincadeira.*[200] (grifo nosso)

A "válvula de escape" da rotina opressora, se é assim que podemos denominar, talvez fosse o relacionamento sexual entre os operários exaustos do trabalho. O banho era simplesmente uma verdadeira hora de brincadeiras sem as devidas precauções, gerando mais e mais filhos para se compor a grande "ninhada" ou "colméia" proletária, consequentemente reproduzindo a miséria, conforme reação de uma espécie de "animal-máquina".[201] Como ponderamos, o uso de metáforas é frequente por Zola; a antropomorfização se apresenta na medida em que se opõem máquinas com ações e sentimentos humanos e homens como seres reduzidos e insignificantes.

---

[199] Z. *G*, p. 22.

[200] Z. *G*, p. 105.

[201] Conforme Bresciani, são homens que se tornam máquinas porque submetidos a elas; percurso que rebaixa a condição humana nos operários, degradando-os física e mentalmente. Tal como Dickens em *Tempos Difíceis*, a repetição continuada das mesmas tarefas impostas pela máquina leva o trabalhador superexplorado por uma jornada de trabalho muito longa a viver sob o imperativo de determinações exteriores a ele. O que esperar de seres submetidos ao poder do maquinismo, presos durante longas horas à máquina em movimento? Rostos lastimáveis, juventude murcha, deformação e inchaço; a máquina ambiciona dominar também a mente dos trabalhadores. Neste ponto, a insegurança, a bebida em excesso e algazarra na saída da fábrica - ou ainda, os relacionamentos sexuais - é uma compensação ao frio do metal, à insensibilidade da máquina e à mudez imposta pelo barulho atordoante do monstro metálico. A desconsideração para com a particularidade única de cada ser humano, e a indiferença da máquina perante o desgaste de suas engrenagens vivas completam-se com a faculdade de unir as forças dos homens sem unir seus corações; a ordem e a força não demandam amor, mas sim vastos sistemas pessoais onde o homem se reduz a uma cifra. BRESCIANI, op. cit., 2004, p. 61-63.

> *O poço devorador tinha* ***engolido*** *sua ração diária de homens [...] o laborar desses* ***insetos humanos em marcha.***
> [...]
> *Um* ***golpe*** *de enxada violentíssimo fez em pedaços o corpo de ferro fundido e a água jorrou. A bomba, ao esvaziar-se, fez um* ***ruído de garganta****, semelhante a um* ***arranco de agonia.***[202] (grifo nosso)

Após conseguir emprego, Etienne finalmente começa a se acostumar à rotina, ao ambiente e ao ritmo de trabalho e vida. O protagonista da trama decide conhecer o local, o qual ainda é novo para o mesmo, realizando uma breve caminhada pela aldeia mineira. Nesse deslocamento, Etienne se assusta com a promiscuidade mencionada anteriormente; as moças eram precoces nas minas. "Lembrou-se então das operárias de Lille que costumava esperar atrás das fábricas, esses bandos de moças corrompidas desde os catorze anos, entregues à miséria de sua própria sorte".[203]

> *Cem passos adiante encontrou mais casais. Estava chegando a Réquillart e ali, ao redor da velha galeria em ruínas, todas as moças de Montsou passeavam com seus namorados. Era o* ***ponto de encontro*** *comum, o recanto ignoto e deserto [...] Ah! Esta juventude! Como sabia divertir-se, como se* ***embriagava de prazeres****! Às vezes, balançava a cabeça numa melancolia muda, ao desviar-se daquelas mulheres licenciosas e barulhentas, que gemiam alto demais no fundo das trevas.*[204] (grifo nosso)

Numa linguagem bastante direta, Émile Zola descreve os espaços de promiscuidade representando-os de forma bastante deplorável. Outros espaços sociais frequentemente comentados no romance são aqueles ocupados pelos prostíbulos, considerando o cabaré Volcan o de maior significância, compartilhado tanto por homens pobres como por homens ricos. Para Etienne, ver aquelas cenas o deixava muito triste. Produziam-se mais mortos de fome se aquilo continuasse assim. "Quanta miséria! E todas essas moças esfalfadas, tolas bastante para, à noite, ainda se porem a fazer filhos, mais carne para trabalhar e sofrer!".[205]

---

[202] Z. *G*, p. 41, 348.
[203] Z. *G*, p. 110.
[204] Z. *G*, p. 112-113. Quanto às relações sexuais, basta dizer que, em virtude do calor reinante nas minas, homens, mulheres e crianças trabalham quase nus, ou mesmo nus – e é fácil imaginar as consequências disso nas galerias escuras e vazias. O número de filhos ilegítimos, excepcionalmente alto, é um índice do que se passa entre essa gente semi-selvagem, mas mostra também que as relações sexuais ilegítimas ainda não derivaram, nesse caso, como nas grandes cidades, na prostituição. Mas, também aqui, o trabalho da mulher tem as mesmas consequências do trabalho fabril – desagrega a família e torna as mães totalmente incapazes de se desincumbir das tarefas domésticas. ENGELS, op. cit., 2008, p. 283-284.
[205] Z. *G*, p. 114.

Asfixiante labor: "carvão para aquecer o resto dos meus dias"

> *O que mais sofria era Maheu; na parte de cima a* ***temperatura subia*** *a trinta e cinco graus, o ar não circulava e com o tempo a* ***asfixia*** *era mortal. Para poder ver, tivera de pendurar a lâmpada num prego, próximo da cabeça, e essa lâmpada, esquentando-lhe o crânio, fazia-lhe o* ***sangue ferver****. O seu* ***suplício*** *agravava-se com a umidade; a rocha por cima dele, a poucos centímetros do rosto, porejava água [...] não adiantava torcer o pescoço [...] Após um quarto de hora estava encharcado – além de* ***coberto de suor*** *– e fumegando num lago quente como uma lixívia.*[206] (grifo nosso)

Etienne fica abismado com o ambiente de trabalho extremamente perigoso e estreito, onde os trabalhadores tinham de ficar achatados entre o teto e o muro, arrastando os joelhos e cotovelos, sem se poderem voltar para não ferir as costas. Para exercer o ofício era necessário ficar deitado de lado com o pescoço torto utilizando uma picareta para despedaçar a hulha. Depois de Boa-Morte descrever os veios mineiros, é a vez de Maheu conduzir o leitor pelas galerias da mina de carvão.

Nesse ponto, ao mesmo tempo em que Etienne é introduzido no interior da mina, o seu novo ambiente de trabalho, Maheu envolve o leitor com informações e dados técnicos, consolidando então a veracidade dos fatos, característica extremamente valiosa ao naturalismo.

Como demonstra Engels, o transporte do carvão e do ferro constitui um trabalho extremamente duro, em que é necessário arrastar o minério em grandes recipientes sem rodas pelo chão irregular das galerias, normalmente sobre um piso enlameado ou alagado, frequentemente íngreme e em corredores tão baixos que os mineradores precisam engatinhar. Para tanto, empregam-se meninos, como é o caso de Jeanlin, garotos mais velhos ou moças como Catherine, às vezes executando o trabalho em duplas, um puxando e outro empurrando. No trabalho de extração a execução é realizada por homens adultos como Maheu, Etienne, Chaval ou jovens como Zacharie, sob jornadas de trabalho massacrantes.

> *O trabalho de extração, executado por homens adultos ou jovens robustos de dezesseis anos ou mais, também é* ***extenuante****. Em geral, a* ***jornada*** *é de onze a doze horas, às vezes ainda mais* ***longa*** *– na Escócia chega a catorze horas; não é incomum a duplicação da jornada, com todos os*

---

[206] Lixívia: composto químico para limpeza de superfícies que dissolve substâncias orgânicas mortas. Provavelmente, o sentido utilizado pelo autor está relacionado ao processo de lixiviação, isto é, a extração de uma substância sólida através de sua dissolução num líquido. Z. G, p. 42.

> *operários em* ***atividade sob a terra*** *por 24 horas e, em alguns casos, 36 horas. Em geral não existe horário fixo para as refeições, de forma que os trabalhadores comem quando têm tempo e fome. [...] Doença própria desses trabalhadores da extração do carvão é a expectoração negra provocada pela impregnação de* ***poeira carbonífera nos pulmões****, manifesta-se por fraqueza geral, dores de cabeça, dificuldade respiratória e expectoração de* ***catarro negro****.*[207] (grifo nosso)

O trabalho nos veios é extremamente duro; um verdadeiro suplício. O minerador é exposto a longas jornadas de trabalho em um ambiente degradante, onde o ar não circula e a poeira carbonífera impregna seus pulmões. A descrição de Engels sobre a impregnação e as doenças, às quais estão submetidos estes operários, nos remete a imagem de Boa-Morte, principalmente por sua constante "expectoração de catarro negro" ao longo do romance, bem como suas diversas experiências em acidentes nas galerias.

Como aponta Lewis Mumford, a cidade subterrânea é um novo tipo de ambiente que constitui um prolongamento e uma normalização que o mineiro é obrigado a aceitar desligado das condições naturais: submetido ao controle mecânico, à iluminação artificial, à ventilação artificial, às limitações artificiais das reações humanas. Não obstante, é na contemporaneidade, com as novas e amplas tecnologias, que a hulha se torna a grande mola propulsora do industrialismo.

> *Infelizmente, a* ***cidade subterrânea*** *exige a presença constante de homens vivos, que também são mantidos debaixo da terra; e tal imposição não seria, praticamente, menos grande que um* ***sepultamento prematuro****, ou pelo menos a preparação para a* ***existência encasulada*** *que, só ela, ainda poderá oferecer-se àqueles que aceitam o aperfeiçoamento mecânico como a principal justificação da aventura humana. [...] Dada a pressão para enterrar cada vez mais capital na cidade subterrânea, menos dinheiro se torna disponível para o espaço e a beleza arquitetônica acima do solo.*[208] (grifo nosso)

Nesse ponto, gostaríamos de chamar a atenção para um fator preponderante consolidado com o sistema de fábrica na ordem capitalista, isto é, a imposição de um lugar privilegiado para a produção e efetivação de saberes técnicos, onde as relações sociais tornaram possível o desenvolvimento de uma determinada tecnologia que supõe, *a priori*, a expropriação dos saberes daqueles que integram o processo de trabalho. Conforme Edgar de Decca, foi no sistema de fábrica que uma dada tecnologia pôde se impor, não somente como instrumento, porém como controle, disciplina e hierarquia.[209]

---

[207] ENGELS, op. cit., 2008, p. 278-280.
[208] MUMFORD, op. cit., 1991, p. 518-519.
[209] DE DECCA, op. cit., p. 40. Na verdade, esses avanços técnicos dependiam socialmente da invenção de novas formas de organização corporativa e administração. A companhia por ações, o investimento de responsabilidade

A consolidação do regime fabril evidenciou relações de poder que paulatinamente determinaram a produção de saberes técnicos. Isto resultou, em primeiro lugar, na instalação do *putting-out system*[210] até a consolidação do sistema fabril, não sendo senão uma instituição do próprio social e da apropriação de saberes. Ainda no sistema doméstico de produção, o saber técnico dos trabalhadores representava um fator de autonomia, enquanto na fábrica a divisão social do trabalho impusera uma disciplina ferrenha e uma supressão dos saberes dos empregados. Em segundo lugar, surgiu na ordem social um conjunto de instituições para que pudesse ser garantida a permanência e o controle do capitalista quanto à técnica produtiva.

> *Isto significou a criação de um* ***imaginário social*** *voltado para o reconhecimento de uma esfera determinada de produção de saberes técnicos totalmente subtraída e alheia ao* ***controle*** *dos trabalhadores fabris [...] noções do tipo* eficácia, produtividade, progresso *etc., quando reduzidas a parâmetros para avaliar e diagnosticar a realidade social [...] reforçam uma estratégia que perpassa o conjunto do social, produzindo uma permanente* ***apropriação*** *do saber que se impõe a todos como* lógica *inquestionável, dissimulando o fato de que não existe aumento sem que haja concomitantemente um aprofundamento das* ***relações de poder*** *e de controle sobre o trabalhador.*[211] (grifo nosso)

Conforme exposto, a transferência do controle da produção não significou exclusivamente uma maior eficácia tecnológica ou produtiva. Percebe-se uma profunda hierarquização e disciplina nas relações de poder. Nenhuma tecnologia, tão avançada fosse, determinou a reunião dos trabalhadores no sistema de fábrica. Segundo minuciosa análise de Stephen Marglin[212], o *putting-out system* era baseado na dispersão dos trabalhadores domésticos, significando algo problemático para o capitalista, sobretudo pelos casos de

---

limitada, a delegação de autoridade administrativa com a divisão da propriedade e o controle do processo por meio de orçamentos e contabilidade de custos, tudo isso eram questões de técnica política cooperativa, cujo triunfo não se deveu ao gênio de qualquer indivíduo em particular ou de qualquer grupo de indivíduos. Também aplica-se isso à organização mecânica das fábricas, que aumentou grandemente a eficiência da produção. Mas a base desse sistema, na ideologia do período, foi considerada o indivíduo atômico: guardar sua propriedade, proteger seus direitos, garantir sua liberdade de escolha e de empresa, constituíam o dever único do governo. MUMFORD, op. cit., 1991, p. 485.

[210] Sistema doméstico de produção, em que os empresários ofereciam ferramentas ou matérias-prima para os artesãos produzirem, sendo um momento primordial para posterior instauração do sistema manufatureiro, e, consequentemente, para consolidação do industrialismo com o sistema de fábricas.

[211] DE DECCA, op. cit., p. 37-40.

[212] O autor demonstra neste ensaio que não foi por razões de superioridade técnica que os patrões adotaram duas medidas decisivas que despojaram os trabalhadores do controle sobre o produto e o processo de produção: desenvolvimento da divisão parcelada do trabalho e o desenvolvimento da organização centralizada, característico do sistema de fábrica. Nesse sentido, podemos elencar três pontos, conforme Marglin, em que a acumulação se orientou pela organização hierárquica do trabalho: a divisão capitalista do trabalho (garantia ao empresário um papel essencial no processo de produção), despojo do operário de qualquer controle (dava ao capitalista o poder de prescrever a natureza do trabalho e a quantidade a produzir) e o controle hierárquico (permitia a acumulação de capital). MARGLIN, op. cit., p. 40.

desvio de parte da produção, pelo uso de matérias-primas inferiores em termos qualitativos ou pela falsificação de produtos.

A instauração de uma hierarquia fabril, juntamente com a disciplina, a vigilância e outras formas de controle, tornou-se gritante a ponto dos trabalhadores se submeterem a um regime trabalhista ditado por normas de mestres e contramestres, representando o domínio e o poder do capitalista sobre o processo de trabalho. Esse cenário é perceptível ao longo das descrições de *Germinal* no que se refere à exploração latente sobre os mineradores, bem como a forte disciplina e controle presentes no ambiente de trabalho, seja na figura do capaz Dansaert e de outros funcionários, seja pela opressão do grande capital destorcido em última instância nos irrisórios salários.

Para Marx, o trabalhador coletivo possui todas as capacidades produtivas e emprega-as ao mesmo tempo do modo mais econômico com funções específicas, individualizado em cada trabalhador ou grupo de trabalhador. Isto é, a divisão social concomitante à apropriação de saberes supramencionadas marcou o indivíduo como um produtor que não mais possuía todas as qualidades em grau idêntico, caracterizando o mecanismo específico do período manufatureiro, ou seja, o próprio trabalhador coletivo. O sistema fabril obrigou este indivíduo a trabalhar com a regularidade de uma peça de máquina. Consequentemente, consolidou-se uma hierarquia das forças de trabalho e, em semelhante medida, uma escala de salários.

> *A manufatura propriamente dita submete o trabalhador, outrora independente, às ordens e à* ***disciplina*** *do capital: mas, além disso, cria uma* ***gradação hierárquica*** *entre os próprios trabalhadores. [...] Ela* ***estropia*** *o trabalhador e faz dele uma espécie de monstro, favorecendo, como numa estufa, o desenvolvimento de* ***habilidades parciais****, suprimindo todo um mundo de instintos e capacidades. [...] Inicialmente, o trabalhador vende sua força de trabalho ao capital, porque lhe faltam meios materiais necessários à produção de uma mercadoria; e, agora, sua força de trabalho individual recusa qualquer serviço se não estiver vendida ao capital. Ela só funciona num conjunto resultante da sua venda, na oficina do capitalista. Tornado* ***incapaz****, por sua condição natural, de fazer algo de independente, o trabalhador de manufatura não desenvolve mais atividade produtiva a não ser como* ***acessório*** *da oficina do capitalista.*[213] (grifo nosso)

Nesse aspecto, Marx considera as transformações oriundas da divisão social do trabalho como uma nova força produtiva social, isto é, como produto de novas condições de dominação do capital sobre o trabalho, e o que, em última análise, coincidirá na organização

---

[213] MARX, Karl. Da manufatura à fábrica automática. In: GORZ, André (Org.). *Crítica da divisão do trabalho*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. São Paulo, Martins Fontes, 1980a, p. 25-26.

fabril. Na manufatura, o trabalhador serve-se do instrumento e move o meio de trabalho; é membro de um mecanismo vivo, nas próprias palavras do autor. Já na fábrica, o proletário serve a máquina e acompanha o movimento; é somente complemento vivo de um mecanismo morto que existe independentemente. Conforme analisado, este sistema se estruturou sob o controle pela disciplina e pela supervisão dos trabalhadores.[214]

> *A subordinação técnica do operário à marcha uniforme do meio de trabalho e a composição particular do corpo de trabalho, formado por indivíduos de idade e sexo diferentes, criaram uma* ***disciplina*** *bem militar, que se torna o regime absoluto das fábricas e desenvolve, amplamente, o trabalho dos supervisores e a distinção dos operários em trabalhadores e supervisores, em soldados e suboficiais da indústria.*[215] (grifo nosso)

Com base nos apontamentos de Karl Marx, essas são algumas das condições materiais de realização do trabalho fabril. Há ainda as situações de perturbação da saúde pela elevação artificial da temperatura, pelo ar saturado, pelo barulho ensurdecedor e pelos riscos constantes de acidentes. Como exemplo clássico da divisão do trabalho, podemos considerar a fábrica de alfinetes de Adam Smith. Nessa situação, o escocês tentou demonstrar que as pessoas desempenhavam funções individuais distintas, conforme as movimentações oriundas do mercado. Nesse ponto, a habilidade distinguia o trabalho.

> *Smith traz à baila o exemplo de dez trabalhadores em uma hipotética fábrica de alfinetes. Fosse cada homem realizar todas as ações exigidas na manufatura de um único produto, sua capacidade diária não ultrapassaria vinte unidades – a produção total seria de duzentos alfinetes; com a* ***divisão de tarefas****, os dez homens podiam fabricar 48 mil alfinetes. O que os levará a agir desse modo? A resposta está no mercado: "Quando* [o mercado] *é muito reduzido, ninguém se sentirá encorajado a dedicar-se*

---

[214] Conforme Stephen Marglin, os capitalistas não inventaram a hierarquia, nem a organização hierárquica da produção. Nas sociedades pré-capitalistas, a produção organizava-se numa hierarquia estrita - mestre-companheiro-aprendiz. Hierarquia capitalista e hierarquia pré-capitalista diferem em alguns pontos: na base da segunda encontrava-se o produtor, mestre artesão; a hierarquia era linear e não piramidal. Em contrapartida, no capitalismo é raro que o operário chegue até a contramestre; nem falemos das oportunidades de chegar a chefe ou diretor geral; enquanto isto, o artesão membro de uma corporação não estava separado do mercado por um intermediário. Nem a hierarquia nem a divisão do trabalho nasceram com o capitalismo. A especialização de tarefas é uma característica de todas as sociedades complexas e não um traço particularizado das sociedades industrializadas. A tarefa do trabalhador tornou-se tão especializada e parcelada, que ele não tinha praticamente mais produto para vender e, em consequência, devia submeter-se ao capitalista para combinar seu trabalho com o dos outros operários e fazer, do conjunto, um produto mercantil. MARGLIN, op. cit., p. 42-43.

[215] Conforme nota do autor, citando relatórios sobre as condições de trabalho, em algumas situações "é preciso que o operário esteja na fábrica às 6 horas da manhã; se chegar alguns minutos atrasado, será descontado; se o atraso for de dez minutos, recusam-lhe a entrada até a hora do almoço e ele perde um quarto do salário. É obrigado a comer, a beber, a dormir de acordo com as ordens". MARX, op. cit., 1980a, p. 25-26. A especialização parcelada, característica do *putting-out system*, fez desaparecer só um dos dois aspectos do controle operário da produção: o controle sobre o produto. O controle operário do processo de trabalho ainda continuava total: o trabalhador era livre para escolher as horas e a intensidade do seu trabalho. Essa liberdade só lhe foi tirada pela fábrica: era a maior facilidade de aí impor fiscalização e disciplina. MARGLIN, op. cit., p. 56-58.

> *exclusivamente a um emprego, pois não haverá consumo para o excedente do seu próprio trabalho", declara Smith. Em contrapartida, sua amplitude e mais intensa atividade instigariam o trabalho a produzir excedentes. Portanto, a divisão do trabalho nasce da "propensão à barganha, à permuta e à troca de uma coisa por uma outra". Quanto mais* ***circulação*** *houver, quanto mais* ***especializado*** *for o trabalho, maior será o número de atores individuais.*[216] (grifo nosso)

Com intuito de aprofundar nossa compreensão sobre a divisão social do trabalho, a análise de Marglin nos ajuda a compreender a organização fabril no que tange os aspectos disciplinares e de controle da produção, uma vez que, para este autor, a transformação da organização do trabalho, de maneira favorável aos interesses capitalistas, estava em pleno desenvolvimento com a abnegação dos direitos trabalhistas, limitando a aprendizagem ou regulamentando a exploração.

"Não foi a fábrica a vapor que nos deu o capitalismo; foi o capitalismo que produziu a fábrica a vapor".[217] Adam Smith afirmava que a divisão do trabalho originou-se por sua superioridade tecnológica, contudo Marglin aponta que um novo método de produção não precisa ser tecnologicamente superior para ser escolhido. A inovação está intimamente ligada às instituições econômicas e sociais e ao controle da produção.[218]

O que nos chama a atenção na exposição de Marglin é a especificidade da indústria carbonífera, onde a divisão capitalista do trabalho jamais conseguiu impor-se, ao menos nos moldes do sistema fabril, conforme analisado. O método de extração manual era tão primitivo no plano técnico quanto a manufatura no *putting-out system* nas minas. Contudo, a mecanização da extração exigiu uma nova organização do trabalho, em que a responsabilidade da coordenação e do controle cabia ao próprio grupo trabalhador.

> *A responsabilidade de todo o trabalho de extração recai nitidamente nos ombros de um único* ***pequeno grupo*** *autônomo, que realiza o ciclo completo das operações. Esse grupo fazia contrato diretamente com a* ***direção*** *das minas e mesmo que o controle pudesse estar em nome de um operário, era considerado uma* ***empreitada comum****. O próprio grupo assegurava a* ***organização*** *e o* ***controle do trabalho*** *comum; constituía uma* ***unidade*** *autônoma e responsável. Além disso, cada mineiro era um*

---

[216] SENNETT, op. cit., p. 225.

[217] MARGLIN, op. cit., p. 77.

[218] Como indica Marglin, em *A Riqueza das Nações*, Smith apresenta três argumentos a favor da superioridade tecnológica de uma divisão de trabalho tão avançada quanto o permite a dimensão do mercado: crescimento da habilidade individual, economia de tempo e invenção de um grande número de máquinas. Contudo, em contrapartida, Stephen Marglin mostra que se o próprio produtor tivesse podido harmonizar as diferentes tarefas componentes da fabricação dos alfinetes, conforme exemplo favorito do economista mencionado, logo teria descoberto que podia colocar-se no mercado do alfinete sem a mediação do patrão e embolsar, ele mesmo, o lucro. Somente pela separação em tarefas especializadas destinadas a cada op_rário, é que o capitalista podia certificar-se do controle da produção: a especialização dos produtores de subprodutos foi a marca característica do *putting-out system*, o que explica como a divisão do trabalho levou à especialização e à separação de tarefas. MARGLIN, op. cit., p. 44-48.

> *operário* ***polivalente*** *geralmente capaz de substituir seu companheiro de turma. Ele tinha orgulho do ofício e a independência do artesão. Parece que o proprietário da mina não sentia necessidade de especializar os homens; as jazidas eram poucas, todas tinham seu proprietário, de modo que os operários* ***não tinham oportunidade*** *alguma de estabelecer-se por conta própria.*[219] (grifo nosso)

Neste ponto, podemos traçar aproximações com o que se transcorre na narrativa de *Germinal*, na medida em que, conforme citação retromencionada sobre o sofrimento de Maheu nos veios, este operário possuía um pequeno grupo de mineradores, formado por familiares e amigos, os quais, ainda que possuíssem tarefas determinadas, eram também polivalentes; em caso de necessidade poderiam assumir outra função diferente daquela que estivessem habituados cotidianamente. Além do mais, era ele, Maheu, líder do grupo e quem fechara contrato com a direção da Companhia de Minas; o mesmo assegurava a distribuição de tarefas, organização e controle do trabalho; ainda que houvessem todos mecanismos disponíveis de vigilância, como a figura do capataz.

Considerando as descrições minuciosas de Zola e os apontamentos citados quanto à atividade mineradora, podemos notar um diferencial quanto à divisão capitalista do trabalho, presente nos campos carboníferos, embora ali permanecessem as piores situações de emprego e higiene, de exploração e de vigilância permanente. Como já mencionado, o controle se materializa na figura do capataz e outros funcionários da Companhia, como o engenheiro de minas; mais além, são perceptíveis as relações de poder entre patrões e empregados; ainda que a extração se resumisse numa empreitada comum em torno de um grupo, o qual o controle do trabalho se diferenciava em certa medida do interior das fábricas.

> *[...] de modo que cada equipe fosse responsável por toda a sequência das tarefas, ao invés de uma tarefa pré-determinada... A responsabilidade da* ***coordenação*** *e do* ***controle*** *cabia ao próprio grupo. [...] De acordo com a tradição de polivalência, os homens da equipe que subia deviam retomar o trabalho no ponto em que a equipe que descia o deixara. [...] era preciso que os operários tivessem a* ***competência*** *necessária para realizar todas as tarefas que se pudessem apresentar [...] para enfrentar as tarefas que pudessem surgir. [...] Cada equipe polivalente devia ter o seu próprio* ***chefe****. [...] o grupo recebia uma* ***remuneração coletiva*** *e a cada um fornecia igual contribuição.*[220] (grifo nosso)

Marglin aponta que o motivo pelo qual os patrões aceitaram o uso de grupos de trabalho auto-organizados, não-especializados e não-hierarquizados, na mineração, foi pela existência de baixos riscos de os mineiros se estabelecerem por conta própria, uma vez que o

---

[219] Idem, p. 52-53.
[220] Idem, p. 54-55.

proprietário, em grande partida, possuía muitas jazidas de carvão, sendo as mesmas raras e sua exploração de custo alto. Caso contrário seria necessário recorrer à especialização, "como meio de manter o operário no seu lugar - e, portanto, o patrão, no dele".[221]

Stephen Marglin elucida ainda a função política da divisão do trabalho e da maquinaria nos processos de acumulação de capital, em que a mecanização não correspondeu exclusivamente às necessidades técnicas, porém, basicamente, às necessidades disciplinares. Isto incita uma reavaliação da maquinaria na industrialização, bem como nas relações sociais de trabalho: a oposição entre operários vigiados e disciplinados a operários domiciliares significou redução de custos, sem necessariamente adotar uma tecnologia mais eficaz, fazendo deste argumento - da superioridade tecnológica - desnecessário e insuficiente para explicar o sucesso do regime fabril.

Nessa discussão, Michelle Perrot contribui apontando os controles oriundos da máquina: o controle de matérias-primas (por exemplo, o roubo de materiais como a seda por operários em Lyon ou Saint-Etienne), controle dos produtos em qualidade e quantidade, controle dos ritmos e dos homens, controle do espaço e do tempo, dado que a máquina é um instrumento de disciplina. A autora afirma a importância de se ter em mente estes aparatos disciplinadores para compreensão da resistência operária arregimentada por sua existência. A visibilidade e a vigilância são princípios da disciplina nas fábricas; o espaço é ordenado e há uma impregnação de dois métodos disciplinares: o religioso (silêncio) e o militar (hierarquia, disposição em fileiras).[222]

> *[...] a* ***concentração*** *dos operários nas fábricas foi uma consequência lógica do* putting-out system *e seu sucesso não tinha muito a ver com a superioridade tecnológica das grandes máquinas. O segredo do sucesso da fábrica, o motivo da sua adoção, é que ela tirava dos operários e* ***transferia*** *aos capitalistas o* ***controle*** *do processo de produção.* ***Disciplina*** *e* ***fiscalização*** *podiam reduzir os custos, na falta de uma tecnologia superior.*[223] (grifo nosso)

---

[221] Além disso, o autor chama a atenção no que diz respeito à figura do trabalhador assalariado, não sendo este fruto do crescimento do capital e da produção, dado que o mesmo já existia antes das máquinas se tornarem dispendiosas, sendo uma consequência direta da especialização dos homens nas tarefas parceladas características do *putting-out system*. MARGLIN, op. cit., p. 55.

[222] PERROT, op. cit., p. 56-58.

[223] MARGLIN, op. cit., p. 58. Michelle Perrot complementa, "a máquina é uma arma de guerra dirigida contra essas barreiras de resistência que são os operários de ofício. Ela permite eliminá-los, substituí-los por uma equipe de engenheiros ou técnicos, racionalizadores por natureza, mais ligados à direção da empresa. Ela permite que o patronato se assenhoreie da totalidade do processo de produção. A tese de Stephen Marglin parece amplamente corroborada pelo exemplo francês. A resistência pontual se inscreve sobre a resistência menos visível, mais difusa que os trabalhadores do sistema doméstico opuseram, na medida do possível, a uma mecanização que, ao cabo, significa o ingresso na fábrica, o aquartelamento". PERROT, op. cit., p. 24, 39.

A propagação da mineração foi acompanhada pela degradação da paisagem e pela desordem do ambiente comunal. Conforme Mumford, o processo de mineração é destruidor, considerando que o produto imediato da mina é desorganizado e inorgânico; o que é retirado do veio não mais pode ser recolocado. A energia estava concentrada nos campos carboníferos.

> *Onde era possível minerar o carvão, concentrá-lo em armazéns ou obtê-lo a baixo preço, por meios baratos de transporte, a indústria podia produzir regularmente o ano inteiro, sem interrupções devidas à falta cíclica de energia. Num sistema de negócios baseado em contratos e em pagamentos a termo, essa regularidade era altamente importante. O carvão e o ferro exerceram um* ***impulso gravitacional*** *sobre muitas indústrias subsidiárias e acessórias: primeiro por meio do canal e, depois de 1830, através das novas estradas de ferro. A ligação direta com as zonas de mineração era condição primacial de* ***concentração urbana****: até hoje* [texto escrito na década de 1950] *em dia, a principal mercadoria conduzida pelas estradas de ferro é o carvão destinado ao aquecimento e à produção de energia.*[224] (grifo nosso)

As condições artificiais e a existência encasulada nas cidades subterrâneas justificariam a crença do progresso humano mediante os avanços tecnológicos? Mumford associa a própria imagem de descontinuidade humana ao que representa a mineração. Passa-se rapidamente da riqueza à exaustão, da exaustão ao abandono das jazidas, dentro de, no máximo, umas poucas gerações.[225] A descrição realista de Zola nos leva a pensar que não se justificaria tal crença mencionada se analisarmos as péssimas condições de vida e trabalho dos mineradores, uma vez mais pela crueza e a frieza de seu "olhar naturalista".

Zola também descreve como o transporte se realizava dentro dos veios da mina através de vagonetes empurrados por operadoras, revelando o caráter selvagem e bestial dos homens. "Havia um sopro de bestialidade por toda a mina, um desejo súbito de macho, quando um mineiro encontrava uma dessas moças de quatro, o traseiro ao ar, as ancas arrebentando as calças do homem".[226] Percebe-se aí o poder da estética naturalista, de forma que o ser humano é considerado um animal moldado pelo ambiente que o cerca e de uma brutalidade e selvageria tão tocantes, representando a degradação humana e reforçando sua função meramente instrumental enquanto insetos dentro da cidade subterrânea degradante e insalubre.

---

[224] MUMFORD, op. cit., 1991, p. 495.
[225] Hoje presente, amanhã desaparecida, hoje febril por causa do lucro, amanhã esgotada e abandonada. MUMFORD, op. cit., 1991, p. 488.
[226] Z. G, p. 46.

Uma outra faceta das cidades subterrâneas são as péssimas condições de segurança e a irrisória higiene. Uma vistoria realizada na Voreux por Négrel, engenheiro de minas, e Dansaert, capataz, traduz as condições perigosíssimas que milhares de mineradores se encontravam imersos no subterrâneo. Nessa passagem, o engenheiro adverte Maheu e seus empregados para necessidade de se refazer o revestimento do veio onde trabalhavam, dado que o mesmo não apresentava segurança alguma.

Todavia, os custos desta operação seriam pagos à parte e descontados dos pobres salários dos operários. Isto acabou sendo fulminante: provocou um clima de descontentamento profundo entre aqueles miseráveis imundos de carvão, que, nas palavras de Zola, "germinava uma rebelião naquele buraco estreito, aproximadamente seiscentos metros abaixo do solo".[227]

Após mais um exaustivo dia de trabalho, Maheu decide procurar um quarto e crédito para Etienne, seu novo colega de ofício. Os dois então procuram ajuda com Rasseneur, dono de uma taberna e ex-britador que a companhia havia despedido. O taberneiro arranjou dinheiro e estabeleceu-se defronte a Voreux, como uma provocação aos antigos patrões. Por conhecer e ter trabalhado com Pluchart[228], conhecido de Rasseneur, Etienne tem sua estadia facilitada, iniciando assim uma nova vida naquele lugar. Para quem vagava pelas estradas a poucas horas, visando amenizar o frio e a fome, aquela situação era mais que suficiente.

> *É bem verdade que a chegada da noite, da "amável noite", também se faz desejada pelos que trabalharam; nessa hora o operário curvado pelo* ***cansaço*** *retorna ao leito. Esse configura, porém, um movimento de* ***recolhimento****, da intimidade circunscrita ao interior das casas. [...] A multidão é outra. O formigar das prostitutas, os escroques atentos junto às mesas de jogo, os ladrões na sua labuta silenciosa: tais são seus componentes. Também o barulho da noite se faz com outros sons: o assobio das cozinhas, a algazarra dos teatros, o troar das orquestras, o ruído áspero e tenso das mesas de jogo.*[229] (grifo nosso)

A taberna de Rasseneur é um espaço social bastante frequentado pelos mineradores. Estes costumam descansar e tomar cervejas nesse ambiente. Como aponta Thompson, os trabalhadores agrícolas, os carregadores de carvão e os mineiros consideravam a cerveja essencial para o desempenho de qualquer trabalho pesado ("para repor o suor"); era sinônimo de "trago". A preparação caseira de cerveja suave era tão essencial para a economia doméstica que "se uma moça soubesse preparar um bolo de aveia e uma boa

---

[227] Z. G, p. 61.
[228] Chefe dos trabalhadores filiados à Internacional na região norte da França. Etienne havia trabalhado com este, em Lille, e Rasseneur trocava cartas constantemente com o mesmo.
[229] BRESCIANI, op. cit., 2004, p. 13.

cerveja, seguramente daria uma bela esposa"; por outro lado, "alguns líderes de grupo metodistas afirmavam que não podiam conduzir suas turmas sem antes tomar uma caneca de bebida".[230]

"Para repor o suor" e para dar um "trago", tomar cerveja era uma forma de relaxar e molhar a garganta sedenta após a saída dos veios mineiros. Porém, enquanto os trabalhadores descansavam num dos espaços sociais mais importantes da narrativa - a taberna é ponto de encontro dos operários - "o que continuava, sem descanso, era o escapamento da bomba, respirando com o mesmo fôlego grosso e amplo, a respiração de um monstro, cujo bafo cinzento nada podia fartar".[231]

Germinantes divergências

> *– Aumentar o salário, como? Ele está fixado pela lei de bronze*[232] *na menor soma indispensável, exatamente no necessário para os operários poderem comer pão seco e fabricar filhos... Se cai muito baixo, os operários morrem e a procura de novos homens faz que ele suba. Se sobe muito alto, o excesso de oferta faz que baixe. É o* ***equilíbrio das barrigas vazias****, a* ***condenação perpétua à escravidão da fome****. [...] É preciso destruir tudo para que a fome não renasça. Sim! A anarquia, o nada, a* ***terra banhada em sangue****, purificada pelo incêndio! Em seguida veremos o que se pode fazer.*[233] (grifo nosso)

Etienne começa a se instruir mais sobre o operariado, após adaptar-se à rotina do conjunto habitacional e dos veios mineradores. Havia dois meses que mantinha correspondência com Pluchart, delegado da Internacional[234] na região norte da França e ex-

---

[230] Todavia, em momentos de crise, o aumento do consumo de chá, considerado um componente pobre, refletia a substituição da cerveja e do leite, itens mais caros. Consumir chá e cerveja expressava a necessidade de estimulantes face à horrenda carga de horas de trabalho, bem como da dieta inadequada dos trabalhadores. THOMPSON, op. cit., 1987, p. 183-184.

[231] Z. G, p. 69.

[232] De acordo com a *lei de bronze* de Lassalle, os salários não devem estar abaixo de um mínimo vital, uma vez que o aumento da população trabalhadora de maneira contínua provocaria a queda dos salários abaixo desse nível, na medida em que a população aumenta mais depressa que os postos de trabalho.

[233] Z. G, p. 128.

[234] A Primeira Internacional ou *Associação Internacional dos Trabalhadores* - AIT foi uma organização entre grupos políticos de esquerda e sindicatos operários criada em 1864, em Genebra. Após ter sido afogada num banho de sangue, a Comuna de Paris serviu de bandeira para a Internacional. Este evento assustou os governos europeus, de modo que as ideias da Comuna eram temidas por sua expansão crescente.

mecânico de Lille com quem trabalhara. Estava animado e predisposto para organizar uma luta do trabalho contra o capital com a possibilidade de apoio da Internacional.

> *Não havia nisso um esforço maravilhoso, uma campanha onde a justiça ia enfim triunfar? O fim das fronteiras, os trabalhadores do mundo inteiro levantando-se, unindo-se para assegurar ao operário o pão que ganha. E que organização simples e grandiosa! Embaixo a seção que representa a comuna, em seguida a federação que agrupa as seções de uma mesma província, depois a nação e por fim, no topo, a humanidade encarnada num conselho geral onde cada nação está representada por um secretário correspondente. Antes de seis meses a terra seria conquistada e ditar-se-iam as leis aos patrões se eles se fizessem de espertos.*[235]

Conforme cartas trocadas com seu amigo e contagiado pelo clima de organização trabalhista em nível internacional, Etienne defendia a agremiação e se apoiava em diferentes leituras de cunho esquerdista, transformando-se rapidamente em um líder comunista para a aldeia operária. Acreditava em uma greve iminente face à questão mal-resolvida dos revestimentos, após vistoria de Négrel e Dansaert, sobretudo pela exploração dos mineradores mediante as pesadas exigências da Companhia.

Como já ponderado, a taberna de Rasseneur é um dos ambientes sociais mais importantes na trama. Os encontros com os colegas operários eram marcados por diferenciadas posições e orientações políticas e sindicais. Além de Etienne, o próprio taberneiro, ex-britador, tinha seu próprio posicionamento socialista "moderado" e havia liderado movimentos grevistas ainda quando empregado nas minas.

Nessas discussões há também o mecânico russo Suvarin, marcado como uma espécie de terrorista anarquista[236], expulso de seu país por atividades criminosas. Ao longo da narrativa, o russo constantemente refuta as ideias de Etienne e Rasseneur, pelo motivo ou crença de que somente pelo banho de sangue o mundo poderia se transformar.

> *– Bobagens! – Repetiu Suvarin. – Esse Karl Marx de vocês ainda acredita que se deve deixar agir as forças naturais. Nada de política, nada de conspiração, não é isso? Tudo feito abertamente, luta só para subir salários... Não quero ter nada a ver com essa* ***evolução*** *de vocês. Incendeiem as cidades, ceifem os povos, arrasem tudo, e, quando não sobrar mais nada deste mundo podre, talvez nasça outro melhor dos escombros.*

---

[235] Z. G, p. 126.

[236] Conforme Daniel Guérin, a palavra anarquia é tão velha quanto o mundo. Significa ausência de autoridade ou de governo, contudo o preconceito reinante lhe marcou de forma pejorativa como sinônimo de desordem, de caos, de desorganização. Anarquismo é, com efeito, e antes de tudo, sinônimo de socialismo. O anarquista é, em primeiro lugar, um socialista que visa abolir a exploração do homem pelo homem. O anarquismo é um dos ramos do pensamento socialista, onde predominam, fundamentalmente, o culto da liberdade e a vontade de abolir o Estado. GUÉRIN, Daniel. As ideias-força do anarquismo. In: *Anarquismo*. Tradução de Manuel Pedroso. São Paulo: Germinal, 1968, p. 19-21.

> *Etienne pôs-se a rir. Nem sempre prestava atenção às palavras do companheiro; essa história de* ***destruição*** *parecia-lhe uma atitude para impressionar. Rasseneur, mais prático, com um bom senso de homem de negócios, nem sequer se zangou. Quis apenas saber em que pé andavam as coisas.*[237] (grifo nosso)

As passagens narradas na taberna marcam as divergências ideológicas entre as personagens mencionadas e são decisivas na trama, principalmente no que diz respeito à organização do movimento grevista em Montsou. Etienne, personagem central da trama, é cheio de dúvidas e dominado pelo orgulho e frustrado amorosamente: uma representação do homem em conflito. Tornar-se-á líder da greve e, posteriormente, é desacreditado pelos colegas operários, apedrejado e traído. *Germinal* destaca o trajeto desta figura; um desempregado vagando pelas estradas francesas num período de depressão e de dificuldades econômicas.

Percebe-se nas colocações de Etienne certa dimensão de evolucionismo da teoria materialista marxista, que segue o preceito da formação de uma sociedade baseada na vivência comunal, na qual, através da revolução proletária, chegar-se-ia ao comunismo com a transição pelo Estado Proletário regido sob a égide do Partido Comunista, isto é, a "ditadura do proletariado", conforme levantado nas obras de Marx e Engels, sobretudo no panfleto/ manifesto comunista de 1848. [238]

Por outro lado, os preceitos teóricos anarquistas quanto à construção ou transição de uma nova sociedade contrapõem-se profundamente àquela visão socialista, dado que para o anarquista, conforme podemos observar na postura de Suvarin, o Estado é de todos os preconceitos que embrutecem o homem, o mais nefasto. Para Bakunin, diga-se de passagem, uma das referências do mecânico russo de *Germinal*,

> *O estabelecimento de uma ditadura universal que necessitaria de um engenheiro-chefe da revolução mundial, regulando e dirigindo o movimento insurrecional das massas de todos os países como se dirige uma máquina, o estabelecimento de tal ditadura seria suficiente para matar a revolução, para paralisar e falsear todos os movimentos populares. [...] E que pensar de um congresso internacional que, no sedizente*[239] *interesse desta revolução, impõe ao proletariado de todo o mundo civilizado um governo investido de poderes ditatoriais?*[240]

---

[237] Z. G, p. 126.

[238] Cf. MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2005.

[239] O que pretende ser ou quer, de modo visionário, ou não, ter seu algum bem ou qualidade.

[240] Johann Kaspar Schmidt, pseudônimo Max Stirner (1806-1856), escritor e filósofo alemão, afirma que "todo Estado é uma tirania, seja a tirania de um só ou de vários. O Estado tem por único fim: limitar, ligar, obrigar o indivíduo a sujeitar-se à coisa geral. O Estado procura pela censura, pela vigilância e pela polícia, impedir toda a atividade livre e tem esta repressão por seu dever pelo instinto de conservação pessoal". Para Proudhon, "o governo do homem é a servidão. Ser governado é ser guardado à vista, inspecionado, espionado, dirigido,

Nas sociedades industriais dos últimos dois séculos, as concepções sociais e políticas que puseram em pauta a discussão sobre o sentido de igualdade e solidariedade cívica, na contramão da predominante liberdade econômica em virtude do mercado, reivindicaram a designação socialista. Sob diversos prismas, encontramos muitas leituras, nem sempre convergentes, mas complementares, que apontam para uma necessidade de reformulação do contrato social como garantia de autonomia individual e cobertura dos riscos sociais.

Conforme Guilherme Martins, se observarmos a literatura considerada utópica ou os primeiros textos que apelam ao socialismo - de Thomas More[241] a Owen, passando por Saint-Simon, Fourier, Louis Blanc ou Proudhon - verificamos que há neles sempre uma ideia ligada à resposta às injustiças sociais. O socialismo surge como impulso ético. Owen foi um industrial defensor das ideias de emancipação dos operários e de cooperação, levando à pratica a construção de cidades como New Lanark ou New Harmony. O socialismo científico correspondeu à tentativa de compreensão dos fenômenos sociais, sob a perspectiva de evolução necessária no sentido de justiça.[242]

> *Tratar-se-ia de utilizar os antagonismos que dominam as sociedades industriais para que as transformações se tornassem inevitáveis, atribuindo progressivamente às classes oprimidas a consciência do seu papel histórico. O Socialismo passou a contrapor-se, nessa lógica, ao Capitalismo, enquanto sistema econômico. [...] Segundo uma perspectiva determinista, a história corresponderia a uma perpétua transformação das sociedades humanas, e a causa deste movimento perpétuo seria o desenvolvimento da técnica dos instrumentos de produção.*[243]

O socialismo não se resumiu a esta concepção dita científica e determinista. O pensamento libertário se fez presente em movimentos trabalhistas, sobretudo na Europa continental. Enquanto as circunstâncias históricas e o determinismo social eram vitais para o marxismo, posto que o fim do capitalismo seria o resultado inexorável do processo histórico, a organização voluntária e mutualista dos oprimidos era o método fundamental para as concepções proudhonianas.[244]

---

legislado, regulamentado, parqueado, endoutrinado, predicado, controlado, calculado, apreciado, censurado, comandado". GUÉRIN, op. cit., p. 32, 22-23.

[241] Em *Utopia*, More criou uma ilha imaginária que alguns autores, posteriormente, viram como uma proposta idealizada de Estado e outros como uma sátira da Europa do século XVI.

[242] MARTINS, Guilherme de Oliveira. Socialismo. In: *Dicionário de Filosofia Moral e Política*. Disponível em <http://www.ifl.pt/ifl_old/dfmp.htm>. Acesso em 21 set. 2010.

[243] Idem, p. 2.

[244] Além das "tendências" expostas, "utópicos, científicos, libertários", assim como os movimentos associativos, trabalhistas e cooperativistas, o século XIX conheceu ainda o *socialismo catedrático*, sobretudo na Alemanha com Karl Rodbertus (1805-1875), Ferdinand Lassalle (1825-1864) e Adolf Wagner (1835-1917); e o *socialismo reformista*,

Nessa imersão de teorias que visavam reformular o social, a década de 1860 foi marcada por acontecimentos notáveis no cenário internacional, levando lideranças sindicais e ativistas a pensar na organização do movimento operário que fosse possível reunir os sentimentos em prol da luta dos oprimidos. A síntese dessas aspirações culminou na fundação da Internacional. E, no seio desta organização, evidenciou-se o embate entre teorias divergentes, sobretudo entre Marx e Bakunin, o que de certa forma é refletido nas discussões entre as personagens de *Germinal*.

As seções da Associação Internacional que seguiam as ideias de Bakunin reuniram-se em novembro de 1871 e negaram as decisões oriundas do conselho geral instalado em Londres. A partir de então o conflito tornar-se-ia aberto: Bakunin é contra qualquer forma de centralização orgânica, forma de organização ou ação política, defendia a autonomia completa das seções e era favorável à abolição da política e do Estado. O Congresso de Haia, de setembro de 1872, consumaria a cisão da organização dos trabalhadores.

Para uns a Internacional deveria ser um corpo disciplinado sob o direcionamento do Comitê Central, enquanto para outros é desejado que a mesma fosse uma livre federação constituída por organizações autônomas. O conselho centralizado em Londres, dirigido pelos marxistas, conduziu ao rompimento e Bakunin foi expulso. Diante disso, o anarquismo projetou-se decisivamente com ponto de vista político e econômico próprio, bem como métodos de ação inconfundíveis.

Como ponderado, a vertente de Marx sai-se vitoriosa; preservaram-se as decisões de conferências anteriores e o conselho geral é transferido para Nova Iorque, onde encontrou muitas dificuldades de estabelecimento, acabando por se extinguir dois anos após sua transferência. As intrigas que corroíam o seio da Internacional eram visíveis, juntamente com a derrota francesa e o fracasso da Comuna, além da adesão firme do operariado inglês ao *tradeunionismo*, restou somente a jovem unificada Alemanha como possível espaço de intervenção política no continente europeu e os Estados Unidos, como um território novo, assim parecendo para Marx um país onde a educação de uma classe operária se formava rapidamente.[245]

A Primeira Internacional durou somente sete anos, até ser dissolvida após a supressão da Comuna. Segundo Jacques Droz, a fundação desta associação é um marco na história das resistências sociais, pela proposta da classe trabalhadora à conquista do poder

---

como exemplo a Sociedade Fabiana, fundada em 1883 por Edward R. Pease, na esfera dos trabalhistas britânicos. MARTINS, op. cit., p. 3-4.

[245] DEL ROIO, Marcos Tadeu. Marx e a Internacional. In: *V Simpósio Sobre Trabalho e Educação*. Disponível em <http://www.portal.fae.ufmg.br/simposionete/sites/default/files/DEL%20ROIO,Marcos.pdf>. Acesso em 30 set. 2010, p. 17-18.

político. Nesse ponto, evidenciou-se que uma "máquina política" bem organizada, a partir de Londres, poderia substituir ações isoladas e dispersas. Mais além, a organização de operários oriundos de diversos países e a tentativa de tomada do poder no episódio da Comuna de Paris abalou os governos europeus pelo temor do comunismo.[246]

Sobre esse contexto de agitações e divergências ideológicas, *Germinal* é um romance que se caracteriza pela primazia que concede à pintura do meio histórico e dos ambientes sociais nos quais decorre a intriga e o constante embate de ideias e opiniões. O romance permite ao leitor conhecer implicações éticas e políticas de um determinado contexto histórico através de uma leitura de posições e conflitos entre personagens de uma mesma classe social ou não, em decorrência de disputas pela própria sobrevivência, pela ascensão social, pelo reconhecimento político ou por sentimentos amorosos.

Podemos notar também, nas passagens sobre as discussões ideológicas, o posicionamento das personagens quanto às leituras que faziam de Darwin. Isto reflete a importância dos estudos deste pesquisador naquele momento tanto nas ciências consideradas naturais como a biologia e a história natural, bem como para as ciências humanas, nas quais suas ideias foram adaptadas e utilizadas na formulação de teorias sobre a sociedade como o darwinismo social[247], por suas contribuições na teoria evolucionista e na seleção natural.

Etienne mostrava-se entusiasmado com as leituras fragmentadas de um volume de cinco soldos de Darwin, aplicando tais teorias às ideias revolucionárias da luta pela existência, onde "os magros comeriam os gordos, o povo devoraria a burguesia". Já Suvarin irritava-se com a aceitação dos socialistas por Darwin. Considerava este um "apóstolo da desigualdade científica, cuja famosa seleção só era boa para filósofos aristocratas"[248], exclamando a incompatibilidade do homem com a justiça.

> *E o outro* [Etienne] *insistia, queria raciocinar e exprimia suas dúvidas por uma hipótese: a* ***velha sociedade*** *não existia mais, fora varrida até as migalhas: pois bem! Não era de temer que o* ***mundo novo*** *crescesse, lentamente* ***estragado pelas mesmas injustiças****, uns* ***fracos*** *e outros* ***fortes****, uns mais hábeis, mais inteligentes, comendo tudo, e outros idiotizados e preguiçosos, voltando novamente à* ***escravidão****? Diante dessa visão de* ***eterna miséria*** *o mecânico exclamou em tom feroz que, se a justiça não era compatível com o homem, este tinha que* ***desaparecer****.*

---

[246] DROZ, Jacques. *Historia del socialismo*. Barcelona: Laia, 1977.

[247] Conjunto de teorias explicativas da sociedade humana com base na aplicação de conceitos oriundos das teses de Darwin sobre a seleção e a evolução natural. Diversos autores, sobretudo o filósofo Hebert Spencer, embora jamais tenha usado o termo darwinismo social, popularizam a ideia de que grupos sociais vivem através de conflitos e competições, o que, sob esta visão, justificaria a pobreza e o imperialismo.

[248] Z. G, p. 377.

> *Enquanto houvesse sociedades* ***podres*** *haveria massacres, até a exterminação do último ser.*[249] (grifo nosso)

Como observado, Etienne e Suvarin divergiam sob diversos pontos de vista. Alison Murray chama a atenção quanto a disseminação de ideias de Bakunin na França, dado que as mesmas tornar-se-iam presentes ou discutidas somente algumas décadas após o recorte histórico apresentado em *Germinal*, portanto a figura de Suvarin seria contraditória. Todavia, para a narrativa, trata-se de uma figura bastante importante não somente por seus posicionamentos ideológicos contrapostos à Etienne ou Rasseneur, assim como por suas ações no decorrer da trama.

> *Souvarine's Bakounine-based anarchism, one clear example of anachronism in the novel, did not arrive in France until the early 1880s. The inclusion of the cold-hearted, violent, almost monstrous character of Souvarine, however, provides dramatic counterpoint to Etienne's socialism and highlights the latter character's idealism and humanity.*[250]

Além disso, não podemos esquecer de uma particularidade trabalhada por Zola em torno de Suvarin. O russo anarquista possui uma coelha chamada Polônia, que parece não ter recebido esse nome em vão, uma vez que o Estado Polonês encontrava-se anexado ao território russo desde 1772.[251] Seria a relação desta personagem com seu animal de estimação a sugestão de uma caricatura das conflituosas relações entre Rússia e Polônia? É provável que sim.

Os poloneses vivenciaram frustradas rebeliões frente aos países como a Prússia, a Áustria-Hungria e a Rússia. Interessante é a forma como Zola trabalha as relações de afetividade entre Suvarin e a coelha Polônia: acariciando-a e ciumento de sua posse com o animal sempre tentando escapar.[252] "E a inquietação nervosa dos seus dedos sobre os joelhos chegou a tal ponto que acabou tomando consciência de que lhe faltava o pêlo macio e calmante da coelha".[253]

> *Apertada a leste pela Rússia revigorada por Pedro, o Grande, ao norte pela Suécia que pretendia dominar o mar Báltico, a sudeste pelo Império Turco*

---

[249] Idem, ibidem.
[250] MURRAY, op. cit., p. 910.
[251] Desde a segunda metade do século XVII, o Estado Polonês vinha sendo atacado por estrangeiros (suecos, austríacos, russos e dinamarqueses), o que arruinou o país e matou cerca de um terço da população. Ao fim do século XVIII, os poloneses passam por intensos conflitos internos culminando na intervenção de tropas russas e prussianas que realizam três partilhas do país (1772, 1793 e 1795) entre Rússia, Áustria e Prússia. Napoleão restabeleceu o Estado Polaco em 1807, que foi desfeito em 1815 e anexado ao Império Russo. O país somente ressurgiria como Estado independente em 1918, após o fim da Primeira Guerra Mundial.
[252] LINHARES, op. cit., p. 69.
[253] Z. G, p. 414.

> *e a oeste pela Prússia cujo poderio não parava de aumentar, o destino da Polônia era marcado pela geografia e ela deveria sofrer o assalto conjugado dos seus vizinhos. De todos, russos e alemães são os maiores conquistadores, e é a leste que ela perde um após outro os territórios mais duramente adquiridos. A lembrança da Grande Polônia obceca as memórias, tanto quanto a das três partilhas. Nasce assim, sob a dominação estrangeira, o sonho da reconquista, que explode brutalmente em 1918, depois de recobrada a independência.*[254]

Posteriormente, durante o movimento grevista, num momento de inquietação e com os dedos sobre os joelhos, Suvarin procurava desesperadamente o pêlo macio e calmante da coelha, porém já era tarde. O animal havia sido preparado como jantar, causando tristeza e náuseas ao russo.

> *– Onde está a Polônia? – perguntou ele.*
> *O taberneiro deu outra risada e olhou para a mulher. Depois de certa hesitação decidiu-se:*
> *– A Polônia? Está no quente.*
> *Desde a sua aventura com Jeanlin, a enorme coelha, certamente ferida, só tivera filhos mortos. E, para não alimentarem uma boca inútil, tinham decidido nesse mesmo dia fazê-la com batatas.*
> *– Comeste uma perna dela hoje na janta... Não estava bom? Chegaste a lamber os dedos...*
> *A princípio Suvarin não compreendeu. Depois ficou muito pálido e teve uma contração de náusea, apesar de sua vontade de ser estóico, duas grossas lágrimas encheram seus olhos.*[255]

Para Caudet, ao longo do romance, a coelha Polônia adquire uma notória dimensão simbólica, pois sua morte está relacionada com o fato de ter deixado de ser fértil, sendo sua carne o alimento mais apreciado dos mineiros, o que ilustra a situação de precariedade e a falta de uma alimentação sustentável, uma vez que os trabalhadores às vezes nem pão tinham, quiçá carne.[256] Suvarin persiste em discorrer com afirmações desoladoras às quais Etienne e Rasseneur não sabiam o que responder. Para o anarquista, as contradições sociais se mantinham pelo "equilíbrio das barrigas vazias" ou a "condenação perpétua à escravidão da fome", em se considerando que somente pelo "banho de sangue" a sociedade renasceria.

A possibilidade de ver seus filhos casados ou saindo de casa assustava as mães de família pelo fato de que um braço a menos poderia faltar para sustentar a casa. Isto é mais visível ainda na casa dos Maheu, onde há dez bocas para se alimentar e somente metade

---

[254] FERRO, Marc. A história vista de perfil: a Polônia. In: *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*. Tradução de Wladimir Araújo. São Paulo: IBRASA, 1983, p. 217.
[255] Z. G, p. 339.
[256] La muerte de Polonia simbolizaria el fin de las últimas posibilidades de subsistência, de agotamiento de un símbolo de la fertilidad natural y abundante. Pero además, la muerte de Polonia determina a Souvarine a actuar de una vez, destruyendo la mina. Souvarine echó en falta el lazo directo entre la desaparición de Polonia y la decisión de realizar el atentado contra la mina. CAUDET, op. cit., p. 60.

trabalha. Não é de se surpreender a preocupação então da mulher de Maheu em virtude do casamento de Zacharie, o filho mais velho. Assim como Catherine[257], que se amasiou com Chaval[258], outro operário do veio de Maheu partiria.

Ver os filhos partirem consolida aquela "condenação perpétua à escravidão da fome" que Suvarin insiste em dizer que só seria destruída pelo derramamento de sangue. É nesse momento, de partida do filho, que Maheu tem a ideia de convidar Etienne para se tornar seu hóspede; este que estava vivendo na taberna de Rasseneur. Etienne seria mais uma fonte de renda para complementar a alimentação dos Maheu. Além disso, o operário se viu feliz com a oportunidade de viver no conjunto habitacional.

Algumas perguntas não se calavam para o jovem minerador Etienne que agora se instruía cada vez mais. Por que havia tanta miséria de um lado e tanta riqueza de outro? Por que uns tinham de viver escravizados aos outros, sem a menor esperança de um dia mudarem de posição? Para Etienne, reconhecer sua ignorância foi sua primeira etapa para se compreender, na medida em que lutava contra um desgosto oculto por nada saber nem ousar falar sobre coisas que eram sua paixão: a igualdade entre os homens e a justiça de repartir os bens da terra entre todos. Para tanto, começou a estudar sem método como faz aqueles que anseiam aprender.

> *Entabulou uma* ***correspondência*** *regular com Pluchart, mais instruído e a par do movimento socialista. Encomendou* ***livros*** *cuja leitura mal digerida acabou por exaltá-lo, sobretudo um livro de* ***medicina***, Higiene do Mineiro, *em que um médico belga fazia o resumo das doenças de que morrem os trabalhadores das hulheiras, sem contar os* ***tratados de economia política*** *de uma aridez técnica incompreensível,* ***folhetos anarquistas*** *que o perturbavam, inúmeros* ***artigos de jornais*** *que lia e guardava depois como argumentos irrefutáveis em possíveis discussões. Também Suvarin lhe emprestava livros, e a obra sobre sociedades cooperativas fizera-o sonhar durante um mês com uma associação universal de intercâmbio. Abolindo o dinheiro e baseando toda a vida social no trabalho. A vergonha de sua ignorância foi cedendo lugar a um certo orgulho desde que sentia que pensava.*[259] (grifo nosso)

---

[257] Catherine, a contragosto tornara-se amante de Chaval, personagem com características e atitudes semelhantes às de um cavalo. Incapaz de ser amada por este, a moça de quinze anos pode ser vista em contraposição à Cécile. Enquanto a filha única dos Grégoire é descrita como uma moça fina e bem nutrida, Catherine teve a beleza perdida pelo trabalho pesado na mina. Conseguia movimentar vagonetes bastante pesados suspendendo-os nas costas. Ao contrário de Cécile, sabia que não se casaria como as moças de famílias distintas, pois conhecia bem o destino das moças da sua classe social.

[258] Chaval, que em francês significa cavalo, é uma personagem grosseira e selvagem. Regojizava-se espancando sua amante Catherine. Foi mineiro na Voreux, onde trabalhou no veio de Maheu. Posteriormente, empregou-se na Jean-Bart, onde somente consegue um novo cargo após trair a organização grevista dos mineradores. Ver Anexo B – *Germinal* – I. Personagens e II. Localidades.

[259] Z. G, p. 145.

Percebemos a motivação de leitura de Etienne no intuito de se informar sobre o mundo que vive. Na passagem é mencionado um livro de medicina, *Higiene do Mineiro,* uma referência aos escritos médicos e higienistas da época. Se este título em específico existe ou não, pouco importa. O importante é o objeto de preocupação em questão, em sintonia com as propostas de controle das condições sanitárias daquele período. Os cenários urbanos contemporâneos foram objetos de atenção para indivíduos e gestores públicos durante as transformações sociais e a criação de saberes especializados, mediante o processo de modificação aguda do ambiente urbano, sobretudo ao longo do século XIX.

Nesse contexto, os princípios higienistas assumiram distintas conotações face ao desenvolvimento da engenharia sanitária, responsável por diversas obras de infraestrutura, acompanhada pelas pesquisas sociais, os novos preceitos médicos, o aprimoramento de técnicas e as preocupações arquitetônicas, biológicas e intelectuais.

> *O novo ambiente industrial carecia, de maneira tão gritante, dos atributos da saúde, que dificilmente causaria admiração o fato de o movimento em contrário, o da higiene, ter proporcionado as contribuições mais positivas do urbanismo, durante o século XIX. Os novos ideais foram provisoriamente concretizados numa utopia, chama* Hygeia, *ou* A Cidade da Saúde, *publicada pelo Dr. Benjamin Ward Richardson, em 1875. Descobrem-se ali restos inconscientes que rejeitaram o grau aceito de sobrepovoamento, pois, ao passo que, menos de uma geração depois, Ebenezer Howard destinava 2.430 hectares para abrigar e conter 32.000 pessoas, Richardson propunha-se a colocar 100.000 pessoas em 1.620 hectares.*[260]

Na passagem dos séculos XIX e XX, abre-se espaço para consolidação de discursos e práticas que assinalavam como necessidades a modernização e o progresso. Uma de suas decorrências é a valorização da população como bem e recurso da nação sob propostas de defesa da salubridade e mobilização educacional de novos hábitos considerados higiênicos. Tratou-se de uma preocupação por parte de intelectuais e autoridades que viam a saúde da população, em espaços públicos ou privados, compreendida como condição para o desenvolvimento de uma sociedade organizada e plenamente saudável.

Para Bresciani, o saber que se forma é tributário de vários outros saberes de campos diversos que enfeixam um saber multifacetado sobre a cidade, designado como *Ideia Sanitária*, sob os postulados de sanear o corpo, bem como atuar sobre a moralidade do trabalhador ou do homem pobre. Nesse sentido, percebemos que as condições de trabalho fabril (indústria, mineração, ferrovias), a concentração populacional e a relação entre pobreza

---

[260] MUMFORD, op. cit., 1991, p. 517.

e poder público constituem elementos importantes no quadro das condições da vida nas cidades.[261]

Nesse sentido, o saber médico se articula com o do engenheiro na composição do saber sobre as cidades. Motivados por um sentimento com relação à cidade, o olhar atento desses cientistas indicavam os locais marcados pela ausência dos elementos positivos, isto é, o ar e a água. Como aponta Marisa Carpintéro, os locais insalubres, assim denominados pelo saber médico, representavam o grande perigo de contaminação para a população. Os cemitérios, os matadouros, os hospitais e a moradia da população pobre eram os locais considerados perigosos, por esses cientistas, pela falta de agentes necessários à saúde.[262]

> *[...] o* saber médico *com sua teoria mesológica apoiada na teoria dos miasmas*[263] *e na descoberta da dupla circulação sanguínea por Harvey*[264]*, reivindicando deter os parâmetros do que seria o meio ambiente adequado para formar homens sãos para o trabalho (e para política), já que a saúde pressupunha o abandono dos vícios e costumes promíscuos, daí, das práticas consideradas imorais; outro – o* do engenheiro *–, reivindicando deter o saber fazer/produzir esse ambiente desejado por meio do domínio da técnica.*[265]

Os médicos e higienistas enfatizavam a necessidade de purificação das cidades do século XIX, com o intuito de tornar as casas um espaço desejável. Aos engenheiros e arquitetos coube a materialização de projetos de habitação higiênica. A denúncia das

---

261 BRESCIANI, op. cit., 2002, p. 23.

262 CARPINTÉRO, op. cit., p. 22.

263 Teoria mesológica: relativo à mesologia, isto é, ao meio físico ou as condições do meio ambiente. Miasmas: emanação oriunda de substâncias animais ou vegetais em decomposição, putrefação ou podridão.

264 William Harvey (1578-1657) foi um médico britânico. Através de suas descobertas sobre a circulação do sangue, Harvey deu partida numa revolução científica que mudou toda a compreensão do corpo, o que coincidiu com o advento do capitalismo moderno, contribuindo para o nascimento de uma grande transformação social: o individualismo. O homem moderno é, acima de tudo, um ser humano móvel. Em *Riqueza das Nações*, Adam Smith foi o primeiro a reconhecer que as descobertas de Harvey levariam a isso; ele imaginou um mercado livre, de trabalho e mercadorias, operando de modo parecido à circulação do sangue e capaz de produzir idênticas consequências. O *homo economicus* especializado poderia movimentar-se por toda a sociedade, explorar posses e habilidades oferecidas pelo mercado. A revolução de Harvey também favoreceu mudanças de expectativas e planos urbanísticos, levando a novas ideias a respeito da saúde pública. Construtores e reformadores passaram a dar maior ênfase a tudo que facilitasse a liberdade do trânsito das pessoas e seu consumo de oxigênio, imaginando uma cidade de artérias e veias contínuas, através das quais os habitantes pudessem se transportar tais quais hemácias e leucócitos no plasma saudável. A revolução médica parecia ter operado a troca de moralidade por saúde - e os engenheiros sociais estabelecido a identidade entre saúde e locomoção/circulação. SENNETT, op.cit., p. 213-214.

265 BRESCIANI, op. cit., 2002, p. 26. De acordo com a teoria dos fluídos que norteava o pensamento médico do século XVIII, o ar e a água eram também portadores de emanações fétidas e pútridas conhecidas como miasmas. Na década de 1870, a partir das descobertas do cientista francês Pasteur (1822-1895), a teoria do miasma abandona o palco da ciência, sendo substituída pela teoria dos micróbios. Os cientistas deixam de lado a antiga crença de que as doenças contagiosas se transmitiam pela inalação do ar contaminado, e passam a aceitar a ideia de contaminação por germes infecciosos que penetram em toda parte. Uma nova lógica da salubridade se impõe: os médicos alertam para o perigo das infecções e enfatizam a importância terapêutica da circulação dos fluídos. A concepção de Harvey sobre a dupla circulação sanguínea serve de modelo para se pensar o sistema de circulação que se deve implantar no corpo social. CARPINTÉRO, op. cit., p. 23.

péssimas condições de vida da população pobre demonstrava também as vantagens oferecidas pelo conforto sobre o bem-estar do corpo. Segundo os médicos, o conforto propiciava a produtividade e o interesse pelo trabalho dos indivíduos.

> *Discípulos de Hipócrates, defensores do ar puro, os médicos do século XIX acreditam nas virtudes do "ar livre", nos danos do ar "mefítico", viciado pelas grandes densidades populacionais. Atribuem à promiscuidade das multidões urbanas, aos amontoamentos dos cortiços (palavra dominante nos anos 1880) a propagação de doenças difundidas por contato, por "contágio": epidemias, e logo a tuberculose.*[266]

Conforme François Béguin, o conforto é uma disciplina suave capaz de provocar mudanças nos hábitos e nos comportamentos da população pobre. A imagem de uma habitação saudável e higiênica foi divulgada pelos setores dominantes como um agente eficaz de controle do trabalhador urbano.[267] O auxílio das maquinarias do conforto, isto é, a instalação de redes de água e esgoto, a partir dos projetos elaborados por arquitetos e engenheiros objetivavam a distribuição e a funcionalidade dos espaços internos, sendo que esta nova maneira de intervenção no meio ambiente será um diferencial no século XIX.

> *Esta nova maneira de intervenção no hábitat, demonstrada por Béguin, indica uma mudança no século XIX, com relação aos problemas decorrentes da pobreza. Encontramos, no século XVIII, atitudes isoladas em relação à pobreza, pois tais atitudes estavam a cargo de associações filantrópicas ou de alguma entidade particular. Por outro lado, a partir do século XIX, a pobreza deixa de ser uma simples questão de caridade e passa a representar um problema a ser combatido e eliminado pelo saber científico.*[268]

Os estudos ou tratados sanitários evidenciam, do ponto de vista da ordem, a ameaça ou a questão social da grande massa de homens sem propriedade que permeavam as cidades, o que ao encontro dos postulados da teoria da degeneração urbana, que ganhou adeptos entre empresários, cientistas e administradores. Nas décadas finais do século XIX, a opinião corrente acentua a deterioração substancial das condições de vida nos bairros pobres das grandes cidades. O médico J. P. Freeman sentencia em 1890, "o filho do homem da cidade cresce muito magro, precocemente excitável e doentio na infância, neurótico, melancólico, pálido e mirrado quando adulto, e isso no caso de atingir esse estágio da vida", conforme referência de Bresciani. O saber sanitário do médico e do engenheiro também se

---

[266] PERROT, op. cit., p. 110.
[267] Cf. BÉGUIN, François. As maquinarias inglesas do conforto. In: *Revista Espaços e Debates*, nº 34, 1992.
[268] CARPINTÉRO, op. cit., p. 26.

entrecruzou com o pensamento político e econômico nas considerações sobre as concentrações humanas.[269]

> *Os postulados políticos de Adam Smith, por sua vez, já haviam problematizado as concentrações permanentes de trabalhadores nas cidades, assinalando sua preocupante ambivalência. O pobre é uma* ***ameaça*** *pelo* ***potencial destrutivo*** *quando se apresenta na* ***forma coletiva****, fora do ambiente de trabalho, ou seja, sem a supervisão direta da autoridade disciplinar: é ainda uma ameaça à sua própria saúde e à dos outros habitantes da cidade: seus corpos sujos e fracos seriam* ***vítimas fáceis*** *das doenças; o lugar onde se abrigavam para descansar constituiria o meio ambiente mais propicio à produção de miasmas e ao aparecimento de doenças epidêmicas.*[270] (grifo nosso)

As implicações econômicas da degradação física e moral dos trabalhadores são constantemente lembradas pelos sanitaristas, juntamente com a latente ameaça social das multidões. Com este pano de fundo que o darwinismo social, a partir da década de 1880, proporcionou uma "cobertura biológica" para a teoria da degeneração urbana.[271] As grandes concentrações urbanas, como Londres e Paris, no século XIX, foram marcadas por dois fatores que transformaram a configuração e o planejamento urbano: a ferrovia, que marca fortemente os seus espaços e conecta o centro a novas áreas para habitação, e a promulgação de leis sanitárias aplicadas nos antigos espaços centrais deteriorados, bem como ao restante da cidade.[272]

> *Na França, as ideias difundidas por Saint-Simon, pelos socialistas cristãos, comunistas pré-marxistas, seguidores de Babeuf, adeptos das ideias de Fourier tido como pai das cooperativas de consumo, por Louis Blanc defensor do socialismo de Estado, e escritos de pessoas como Flora Tristan e P. J. Proudhon muito fizeram para difundir forte* ***consciência social,*** *que vai em muito influenciar a eclosão da revolução de fevereiro de 1848, de grande repercussão na Europa, e que irá estabelecer a Segunda República. Nesta República, em 1850, é aprovada lei que permite a* ***intervenção do Estado*** *na desapropriação pública de áreas onde graves faltas comprometam a* ***salubridade*** *das habitações alugadas. [...] Em 1848 também é publicado o* Manifesto do Partido Comunista *de Marx e Engels,* [em que] *as reformas propostas pelos Socialistas Utópicos sofrem fortes críticas, pois não atingiram as causas, mas sim os efeitos do processo social vigente. A própria forma e o funcionamento da cidade futura só iriam ser delineados dentro dos processos de mudança.*[273] (grifo nosso)

---

[269] BRESCIANI, op. cit., 2004, p. 27-28.

[270] CARPINTÉRO, op. cit., 27.

[271] BRESCIANI, op. cit., 2004, p. 31.

[272] A partir de 1830, o ambiente da mina, outrora restrito ao seu sítio original, foi universalizado pela ferrovia. Aonde quer que fossem os trilhos da estrada de ferro, aí também iam a mina e os seus destroços. As estradas de ferro da etapa paleotécnica abriram profundas feridas: os cortes e valados, na sua maior parte, permaneceram muito tempo sem vegetação e as feridas da terra não foram tratadas. As locomotivas apressadas levaram ruído, fumaça e poeira ao coração das cidades. MUMFORD, op. cit., 1991, p. 488.

[273] OTTONI, op. cit., p. 24-25. François Noel Babeuf (1760-1797), jornalista francês, foi executado durante a Revolução Francesa. Louis Jean Joseph Charles Blanc (1811-1882) foi um socialista francês. Flora Tristan (1803-

São as Leis Sanitárias os primeiros instrumentos práticos do urbanismo moderno. Em 1848, surge na Inglaterra o primeiro *Public Health Act*, uma lei reguladora que introduziu o controle na construção de edificações e ruas. Como aponta Dacio Ottoni, as leis urbanísticas formatam um novo espaço urbano. John Silk Buckingham propõe a cidade ideal de *Victoria* para 10.000 habitantes, em 1849. Em 1876, o médico Benjamin Richardson escreve seu livro de grande repercussão na época, propondo *Hygea* para 100.000 habitantes, visando uma melhoria das condições higiênicas urbanas. Alguns empresários construíram as chamadas *Company Towns*, como os de Titus Salt em Saltaire, George Cadbury em Bournville e William H. Lever em Port Sunlight, aproximando-se em muitos aspectos com as implantações feitas por Owen em New Lanark.[274]

Nesse sentido, é perceptível, de formas diversas, as propostas ou intervenções públicas no ordenamento urbano. É evidente que as condições de trabalho e vida, as mais insalubres possíveis, despertaram a preocupação de engenheiros sanitários, no intuito de buscarem soluções ou melhorias. Diferentemente da ação ordenadora projetada pelos saberes especializados diante desse cenário, o incômodo gera outra reação na literatura. Nesse cenário, a vida para as camadas mais pobres da população não era sentida de modo agradável numa sociedade industrial que cada vez mais se arregimentava. E, tal situação precária, é notória na descrição de Zola, cuja a visão da condição miserável dos mineiros é sempre retomada ao longo da narrativa, sobretudo ao se frisar o descontentamento de Etienne com tudo que via e desejava transformar. Era justamente sobre as irrisórias situações de vivência dos operários, que trabalhavam como bestas e ali morriam, antes de sua hora, para nem sequer terem carne no jantar, que incitavam as conversas entre Etienne, Rasseneur e Suvarin.

> *Ainda comiam, claro, mas tão pouco, apenas o suficiente para seguirem sofrendo, cheios de dívidas, perseguidos como se estivessem roubando o pão que não os deixava morrer de fome. Aos domingos, sucumbiam, exaustos. Os* ***únicos prazeres*** *eram* ***embriagar-se*** *e* ***fazer filhos*** *na mulher. E ainda por cima a cerveja fazia crescer a barriga, e os filhos, mais tarde, renegavam os pais. Não, não, a vida não tinha graça nenhuma.*[275] (grifo nosso)

1844) foi uma escritora e ativista socialista francesa. Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) foi um filósofo político e econômico francês; é considerado um dos maiores escritores anarquistas.

[274] Idem, p. 25.

[275] Z. G, p. 146.

É este o clima de revolta que, nas palavras de Zola, um dia tudo aquilo faria *germinar* nas entranhas da terra uma semente, onde homens brotariam e a justiça seria restabelecida. O mundo acabaria explodindo por todas injustiças; Etienne sabia que isso só poderia se concretizar graças à sua instrução e mobilização. Levava seus estudos a sério na medida em que se motivava cada vez mais face à miséria e opressão que sentia e observava.

Sobre a questão de começar ou não um movimento grevista, mediante toda aquela opressão da Companhia das Minas sobre os operários de Montsou, Suvarin não via com bons olhos a paralisação geral, uma vez que a caixa de previdência organizada entre os trabalhadores ainda apresentava poucas reservas e não seria suficiente para uma greve prolongada. Para o russo, somente a destruição de tudo traria à tona um novo mundo livre da exploração; "nesse ritmo gastaremos mil anos para renovar o mundo. Por que não começam fazendo explodir esse calabouço onde todos vocês deixam a pele?".[276]

Um aviso da Companhia foi a gota d'água para os operários se rebelarem. Tratava-se de um comunicado referente ao descuido em se fazer os estaqueamentos nos veios mineiros. A Companhia resolvera aplicar um novo método de pagamento da produção sob um preço menor do vagonete de carvão e os mineradores deviam aplicar deles mesmos os recursos do estaqueamento. Todo conjunto habitacional expressou um mesmo grito de miséria mediante este abuso. De forma semelhante, podemos observar na análise detalhada de Engels sobre o proletariado mineiro o quão absurdo era a exploração do trabalho. Tanto a análise deste autor, como a de Zola, nos chama a atenção sobre a opressão e a imposição, desde a compensação em multas por produção insuficiente ou, como ilustrado em *Germinal*, por estaqueamentos mal-feitos; até os casos extremos de prisões.

> *O pagamento em espécie* (truck system) *não é exceção, é regra geral, praticado direta e abertamente. O sistema de moradias operárias* (cottage system), *também é generalizado e utilizado de modo a* ***explorar*** *mais o trabalhador. Quanto às* ***fraudes****, há-as das espécies mais variadas: ainda que o carvão seja vendido a peso, o operário é pago em geral por medida de volume, e se sua selha não está completamente cheia,* nada lhe pagam *(contudo, se tem excesso, não recebe um tostão a mais); se, em sua selha, as rochas não-carboníferas superam a quantidade determinada, não só nada recebe como ainda paga uma* ***multa****.*[277]

Conforme análise de Engels, o sistema de multas em dinheiro nas minas é geralmente desenvolvido de um "modo quase perfeito", isto é, acontece diversas vezes que um minerador, ou "pobre diabo" como se refere o autor, trabalhe a semana inteira e quando se

---

[276] Z. *G*, p. 157.
[277] ENGELS, op. cit., 2008, p. 284.

apresenta para receber o que lhe é de direito, fica sabendo do capataz que não somente nada tem de haver, bem como ainda tem de pagar multas. Descrições como essa sobre o poder arbitrário dos capatazes nos remete às que Zola expõe, à sua maneira, em *Germinal*, sobretudo pela figura de Danseart e seus superiores hierárquicos.

> *Comumente, o capataz tem* ***poderes absolutos*** *no que diz respeito ao salário: ele anota o trabalho fornecido e paga o que quiser, uma vez que o operário não tem controle sobre suas anotações. Em algumas minas onde se paga a peso, utilizam-se* ***balanças decimais adulteradas,*** *nunca sujeitas a aferição por nenhuma autoridade; numa dessas minas, chegou-se ao cúmulo de impor uma regulamentação pela qual todo trabalhador que quisesse reclamar da balança* deveria avisar o capataz com três semanas de antecedência! *Em certas regiões, em particular no norte da Inglaterra, é costume contratar o operário por um ano; o operário compromete-se a não trabalhar para mais ninguém nesse período, mas o patrão não tem o compromisso de dar-lhe trabalho; muitas vezes, o operário fica desocupado por meses – porém, se busca trabalho em outro local, mandam-no para a* ***prisão*** *por seis semanas sob o pretexto de abandono do trabalho.*[278]

Além disso, em alguns distritos o patronato adianta ao operário pequenas quantias a serem descontadas posteriormente, sendo uma forma de aprisioná-lo. Conforme Engels, é normal reter o salário de uma semana, prendendo o operário a mina. Mais do que isso, para completar a escravidão e a opressão, nas palavras do autor, quase todos os juízes de paz dos distritos carboníferos são eles mesmos proprietários de minas, amigos ou parentes de proprietários. Estes juízes detêm um "poder quase ilimitado", sendo complicado fazer uma ideia precisa de como o mineiro é tiranizado por eles.[279]

> *As* ***penalidades*** *são de diversos tipos:* ***demissões***, ***multas***, *mas também* ***prisões*** *e* ***incriminações*** *na Justiça. O furto de mercadorias, que às vezes atingia proporções consideráveis, é considerado como um roubo* doméstico *e reprimido com grande* ***severidade,*** *como um atentado contra o pai-patrão. O Código Napoleônico*[280] *converte-o em crime apresentável ao Tribunal Penal, passível de* ***penas pesadas.*** *Através disso, os fabricantes esperavam* ***atemorizar*** *os trabalhadores.*[281] (grifo nosso)

Engels indica que, pouco a pouco, os operários desenvolveram um "espírito de resistência à brutal opressão dos reis do carvão", isto é, o panorama no qual os mineiros "tinham nascido para entregar até a sua última gota de sangue", nas palavras do autor,

---

[278] Idem, p. 284-285.
[279] Idem, p. 285.
[280] *Code Civil des Français* outorgado por Napoleão Bonaparte em 1804. Embora não tenha sido o primeiro a ser criado, é considerado o primeiro a obter êxito e nortear diversos sistemas legais em outros países.
[281] PERROT, op. cit., p. 59.

estava ruindo face à constituição de associações e a promoção de greves.[282] Em *Germinal*, as ideias semeadas por Etienne começavam a tomar corpo como símbolo de revolta. Como observado, os operários não aguentavam mais tamanha opressão. Assim, ficou resolvido entre os trabalhadores que a greve era o único meio de mudança. Rasseneur não mais a negava e até Suvarin aceitava-a como primeiro passo. A miséria intensa não revela apenas uma condição biológica, como também o sofrimento da "alma" do operário. Não eram apenas corpos doentes e frágeis, eram aparelhos psíquicos dilacerados pela opressão.

Rosário de desgraças: "desmoronamento natural das coisas"

> *Era a impaciência pela* ***idade de ouro prometida****, a pressa para gozarem do seu quinhão de felicidade, libertos enfim desse horizonte de miséria, esmagador como um sepulcro. A* ***injustiça*** *estava-se tornando quase insuportável, acabariam por exigir seus direitos, uma vez que lhes era tirado o pão da boca.*[283] (grifo nosso)

Dias após o descontentamento geral dos operários de Montsou ocorre um grave acidente nas minas em virtude de um desmoronamento. Os estaqueamentos não estavam suficientemente resistentes e cederam. Jeanlin, aprendiz na mina e filho de Maheu, acaba se machucando gravemente durante o acontecimento, tendo as suas duas pernas quebradas. Além disso, um outro operário, Chicot, havia morrido com a queda das rochas. Ambos foram levados às pressas ao médico da vila operária, Dr. Vanderhaghen.

> *O médico, mal examinou Chicot, e foi logo dizendo:*
> *–* ***Acabado****! Podem levá-lo...*
> *[...]*
> *– A cabeça não tem nada – continuou o doutor, de joelhos sobre o colchão de Jeanlin. – O peito também não... Ah!... foram as pernas que sofreram.*

---

[282] Engels cita como exemplo desta resistência a greve geral (de 1843) dos mineradores ingleses, na qual destacou-se a atuação do advogado W. P. Roberts (1806-1871), designado "procurador-geral" pela *Union* (organização dos proletários mineiros ingleses que promoveu forte resistência durante a década de 1840 envolvendo em torno de 40 mil membros). "A burguesia tentou, naturalmente sem sucesso, convencer os operários que homens como Roberts e os funcionários pagos pela *Union* não passavam de astutos mistificadores, desejosos de extrair de sua bolsa até o último vintém. Se no seio da classe proprietária reina tal grau de loucura, se ela está tão cega por seus interesses imediatos que não tem olhos para ver os claros sinais dos tempos, então é preciso renunciar à esperança de uma solução pacífica para a questão social... a única alternativa que resta é uma revolução violenta, que certamente não tardará". ENGELS, op. cit., 2008, p. 292.

[283] Z. G, p. 161.

> *[...] o* ***pobre corpinho*** *surgiu,* ***magro*** *como um* ***inseto,*** ***imundo*** *de poeira negra e terra amarela, que o sangue manchava. Era* ***de partir o coração*** *aquela* ***degenerescência final*** *de uma* ***raça de miseráveis,*** *aquele* ***pobre serzinho sofredor,*** *meio esmagado pela queda das rochas.*[284] (grifo nosso)

A única sorte do garoto Jeanlin, mesmo diante de toda essa desgraça, foi ter evitado a amputação de suas pernas. A fé absoluta tornavam os cientistas do século XIX reféns de um conhecimento que desprezava subjetividades, valores e vivências que não pudessem ser quantificados. Se, em *Germinal*, os mineiros e suas famílias viviam sob condições de miséria e penúria, independente de qualquer ação humana, essa condição era, para eles, a ordem natural das coisas.

A forma pela qual Zola descreve o acidente e suas consequências para Jeanlin é de sensibilizar profundamente o leitor, espantando-o e indignando-o com aquela situação, onde o "pobre serzinho sofredor" realmente parte o coração não só de seus pais e colegas de trabalho, como também do leitor. A descrição minuciosa do autor retrata uma situação comum, ou ainda, a ordem natural das coisas para muitos mineradores de Montsou, sendo sua crítica contundente quanto ao desleixo e à desconsideração de condições mínimas de segurança de trabalho, sobretudo nos campos carboníferos que são bastante perigosos.

Além disso, Zola remete sua narrativa à uma situação decorrente daquele século, isto é, a exploração da mão-de-obra infantil. Essas descrições são comuns no que se refere ao mundo do trabalho e o envolvimento precoce de crianças, representando uma forma de sustento e contribuição na renda familiar. Era recorrente que os pais não só necessitavam dos salários de seus filhos, como também julgavam natural que eles trabalhassem, constituindo um componente essencial para a família. São descrições como a de Jeanlin ou fotografias como as de Lewis Hine, conforme abaixo, que sensibilizam nosso olhar sobre a sociedade industrial.

---

[284] Z. G, p. 167.



Figura 6. *Jovens mineradores*, por Lewis Hine. Fotografia tirada em *Hughestown Borough Pennsylvania Coal Company*. Pittston, Pennsylvania, Estados Unidos.[285]

A exploração infantil era praticada pelos próprios pais sob a necessidade latente de complementação da renda. "O irmão era tão pequeno, de membros franzinos e articulações enormes deformadas pelas escrófulas, que ela o pegou no colo [...] Lydie, uma garotinha muito sabida e que empurrava seu carro tão vigorosamente como uma mulher, apesar de seus braços de boneca".[286] Jeanlin engrossara as articulações porque tinha de trabalhar agachado nas minas e Lydie, amiga deste, empurrava o vagão com a força de uma mulher. O trabalho infantil não era uma novidade. Era normal no século XIX, predominando no seio familiar e na vida doméstica. Os próprios operários eram os mais cruéis no tratamento das crianças.[287]

> *De acordo com os padrões da época, em todas as casas as meninas ocupavam-se com o preparo do pão e da cerveja, a limpeza e outros serviços. Na agricultura, as crianças – frequentemente* ***mal agasalhadas*** *– trabalhavam nos campos ou na fazenda, sob qualquer condição climática. Contudo, em relação ao sistema fabril, havia diferenças significativas. As atividades domésticas eram mais variadas (e a* ***monotonia*** *é particularmente cruel para a criança). [...] Em casa, as condições da criança variavam de acordo com o* ***temperamento*** *dos pais ou do patrão e, de certa forma, seu trabalho era graduado de acordo com suas habilidades. Na fábrica, a* ***maquinaria*** *ditava as condições, a* ***disciplina***, *a* ***velocidade*** *e a* ***regularidade*** *da jornada de trabalho, tornando-as equivalentes para o mais delicado e o mais forte.*[288] (grifo nosso)

---

[285] Esta fotografia faz parte da coleção *Child Labor in América 1908-1912* de Lewis Hine. Disponível em <http://www.historyplace.com/unitedstates/childlabor>. Acesso em 25 mar. 2010. É impressionante a deformação das faces dos pequenos operários. Ver Anexo D - Trabalho Infantil.

[286] Z. G, p. 22, 49.

[287] THOMPSON, op. cit., 1987, p. 203.

[288] Idem, p. 205-207.

O próprio processo de trabalho, como afirma Perrot, continuou a ser na maior parte do tempo, assunto dos trabalhadores e de sua família, cujo papel disciplinar importa mencionar. A família é peça chave do emprego de crianças; pai e mãe são instrutores dos seus filhos no trabalho e esse tipo de aprendizagem prolongou por muitos anos durante o século XIX. Os fabricantes visam empregar toda a família, como acontece com os Maheu, não somente a família como diferentes gerações dessa mesma, para garantir o recrutamento e a fidelidade da mão-de-obra, em que cada membro é utilizado conforme suas forças e seu estatuto.[289] Boa-Morte, por exemplo, não mais trabalha nos veios por sua condição física. Jeanlin realiza trabalhos limitados por sua idade dada sua pequena estatura e força, mesmo assim, como tantas outras crianças, é fundamental na circulação entre veios apertadíssimos. Mesmo depois do acidente, o garoto ainda é empregado em outras atividades em virtude de sua condição física.

> *A eventual revolta dos jovens contra a fábrica se transforma em revolta contra o pai. Dessa forma, a industrialização, longe de destruir a família, como muitas vezes se supôs, tenta reforçá-la para usá-la para seus próprios fins, não sem aumentar as contradições e tensões internas.*[290]

O trabalho árduo e pesado transforma precocemente as crianças em adultos, deformando-os em decorrência da força física descomunal aplicada, adoecendo-os ou matando-os mediante a exploração e as condições de insalubridade gritantes. Os relatórios das *Comissões sobre o Emprego das Crianças* de 1842, mencionados por Thompson, demonstram uma nova espécie de conselho de segurança em cidades britânicas como Staffordshire, Yorkshire e Lancashire, que tentava livrar-se de meninos indigentes de seis, sete ou oito anos, entregando-os como aprendizes aos carvoeiros, ficando aqueles garotos totalmente à mercê dos capatazes.

> *[...] tenho essa* ***mancha calva*** *em minha cabeça por ter de empurrar os carrinhos de minério. Minhas pernas nunca incharam, ao contrário de minhas irmãs, quando começaram a trabalhar numa fábrica. Tenho de transportar os carrinhos por uma milha ou mais, sob o solo, e voltar, eles pesam 3 cwt*[291]*; os mineiros para quem eu trabalhava não costumavam* ***vestir nada****, a não ser um boné... às vezes me* ***batiam****, se eu não fosse suficientemente rápida. [...] Preferiria trabalhar numa fábrica, ao invés de uma mina de carvão.*[292] (grifo nosso)

---

[289] PERROT, op. cit., p. 59-60.
[290] Idem, p. 61.
[291] Cwt (*hundredweight*) - equivalente a 112 libras na Inglaterra.
[292] *Children's Employment Commission Mines*, 1842, p. 43 *apud* THOMPSON, op. cit., 1987, p. 206.

O trabalho infantil, uma das questões mais polêmicas do século ao qual pertence *Germinal*, foi observado tanto nas minas menores e ineficientes, onde as galerias eram tão estreitas que apenas crianças poderiam atravessá-las, quanto em diversos campos carboníferos maiores, onde as crianças eram empregadas como ajudantes de cozinheiro ou como operadores das portinholas de ventilação, conforme o ponto de extração se afastava da entrada da mina. Nas fábricas, sob diversos ofícios, a força infantil ampliava-se a cada ano, tornava-se mais intensa e a jornada mais longa.[293]

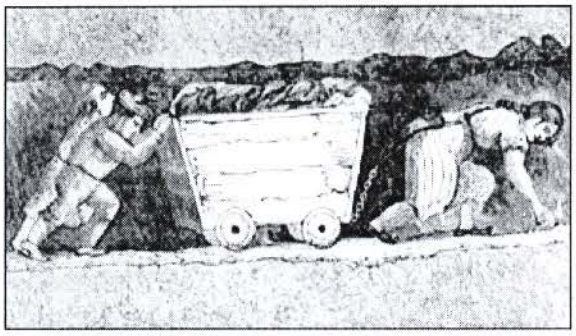


Figura 7. *The white slaves of England*, por J. Cobden, 1853.[294]

A figura acima representa o diferencial quanto à mobilidade das crianças em veios apertadíssimos perante os adultos. Além do mais, deixa clara a situação desumana que é arrastar carrinhos pesadíssimos abaixo da superfície, na cidade subterrânea. Na medida em que a mecanização nivela por baixo a habilidade necessária dos trabalhadores, tornava-se possível incorporar o trabalho feminino e infantil, o que significava também baixar o custo de remuneração do trabalho. A debilidade física das crianças

> *[...] era garantia de* ***docilidade****, recebendo apenas entre 1/3 e 1/6 do pagamento dispensado a um homem adulto e, muitas vezes, recebiam apenas alojamento e alimentação [...] a maior parte destes infelizes era contratada nas paróquias, junto aos responsáveis pelas casas*

[293] THOMPSON, op. cit., 1987, p. 202.

[294] Desde as primeiras explorações subterrâneas, as crianças foram consideradas hábeis trabalhadoras pelo fato de se movimentarem com mais facilidade que os adultos por meio dos estreitos veios. Imagem disponível em <http://www.blewa.co.uk/project3/teachers/T3-1-b.htm>. Acesso em 17 jul. 2010. "Nossos "escravos brancos", bradou o *Morning Star*, órgão dos livre-cambistas Cobden e Bright, "nossos escravos brancos são levados ao túmulo por estafa e fenecem e morrem silenciosamente". MARX, op. cit., 1980b, p. 289. As mulheres e as crianças que se ocupam do transporte são obrigadas a engatinhar nessas galerias baixas, uma delas arrastando os recipientes mediante uma espécie de arreio e uma corrente, que em muitos casos lhe passa por entre as pernas, e a outra engatinhando atrás do recipiente, empurrando-o com a cabeça - que, nesse caso, é afetada por irritações, ulcerações e inchaços dolorosos. Muitas vezes, as galerias são tão úmidas que esses operários rastejam em poças de água de várias polegadas de profundidade e, porque se trata de água suja e salobra, sofrem de várias afecções cutâneas. ENGELS, op. cit., 2008, p. 282.

> *assistencialistas, que* ***livravam-se****, por este meio, das despesas de sustento, diminuindo os encargos que pesavam sobre a comunidade local, na medida em que diminuía o imposto dos pobres, que sobre eles recaía [...] a* ***descrição*** *da vida destes pequenos trabalhadores, de ambos os sexos, é* ***dantesca****. Trabalhavam até 18 horas por dia, sob o látego de um capataz que ganhava por produção. Os* ***acidentes*** *de trabalho eram frequentes,* ***má alimentação, falta de higiene, de ar ou de sol, imoralidade*** *e* ***depravação*** *nos alojamentos. As faltas eram punidas com* ***castigos terríveis****.*[295] (grifo nosso)

Essas descrições sobre o uso de mão-de-obra infantil nos sensibilizam profundamente, contudo friamente não deixam de expor uma dantesca mazela social. O trabalho desviava as mulheres dos afazeres domésticos e da guarda e educação das crianças. Nas manufaturas metálicas de Birmingham, por exemplo, Marx diz que, em serviços pesados, havia mais de 30 mil crianças e 10 mil mulheres. Entre as operárias, há mulheres que trabalham muitas semanas seguidas de 6 da manhã até meia-noite, com menos de 2 horas para as refeições, de modo que, em 5 dias da semana, só dispõem de 6 horas das 24, a fim de ir para casa, dormir e voltar.[296]

> *O juiz do condado de Broughton, presidindo uma reunião na prefeitura de Nottingham, declarou que naquela parte da população, empregada nas fábricas de renda da cidade, reinavam sofrimentos e provações em grau desconhecido no resto do mundo civilizado... As 2, 3 e 4 horas da manhã, as crianças de 9 e 10 anos são arrancadas de camas imundas e obrigadas a trabalhar até às 10, 11 ou 12 horas da noite, para ganhar o indispensável à mera subsistência. Com isso, seus membros definham, sua estatura se atrofia, suas faces se tornam lívidas, seu ser mergulha num torpor pétreo, horripilante de se contemplar* (Daily Telegraph, Londres, 17 de janeiro de 1860).[297]

Nas minas da Cornualha[298], ambiente semelhante às minas de Montsou de Zola, como demonstra Engels, estão empregados cerca de 19 mil homens e 11 mil mulheres e crianças, em galerias subterrâneas, poços e na superfície. Baseado no *Children's Employment Report*, o autor menciona o relatório do doutor Barham, o qual mostra como a respiração é afetada negativamente em virtude da pobreza de oxigênio e a saturação de poeira e fumaça, provocando perturbações nas funções cardíacas e fragilizando os órgãos digestivos. O doutor constata ainda que

> *[...] o* ***trabalho extenuante****, e particularmente o descer e subir escadas agrava aqueles* ***males****. Homens que começam a trabalhar precocemente*

---

[295] Látego: espécie de chicote feito de corda ou correia. ARRUDA, op. cit., p. 76-77.
[296] MARX, op. cit., 1980b, p. 269.
[297] Pétreo: estado de entorpecimento, de inatividade física e mental, desumano e cruel. MARX, op. cit., 1980b, p. 276.
[298] Condado inglês situado na região sudoeste daquele país; de grande importância para a indústria mineradora.

> *nas minas não atingem o desenvolvimento físico das mulheres que trabalham na superfície; muitos* ***morrem*** *ainda jovens, vítimas de* ***tuberculose*** *galopante, e outros na meia-idade, em razão da tuberculose lenta; é comum o* ***envelhecimento precoce****, que torna os homens* ***inaptos*** *para o trabalho entre 35 e 45 anos; e muitíssimos operários, passando quase sem transição do ar quente das galerias, depois de transpirar abundantemente na penosa subida das escadas, ao ar frio da superfície, contraem* ***inflamações agudas*** *nas vias respiratórias que levam habitualmente a consequências fatais. [...] os mineiros têm* ***baixa estatura*** *e quase todos, aos trinta anos, sofrem de* ***doenças pulmonares*** *que, se eles continuam no mesmo trabalho, transforma-se em tuberculose, o que reduz sensivelmente sua média de vida.*[299] (grifo nosso)

Podemos sentir a dramaticidade e a miséria da atividade mineradora nas descrições de Engels e Zola. Nas minas de carvão e ferro trabalham crianças de quatro, cinco e sete anos que são ocupadas no transporte dos minérios do local da extração até a galeria em que o material é puxado por vagonetes tracionados por cavalos ou até o poço principal, assim como abrem e fecham portões que separam diversas seções da mina à passagem de homens e materiais. Nesta última função, ocupam-se principalmente crianças menores, por doze horas ao dia, acocoradas e solitárias. Crianças e jovens queixam-se de uma enorme fadiga.

> *É frequente as crianças chegarem à casa tão* ***esgotadas*** *que se atiram no piso, junto ao fogo, adormecendo sem sequer comer, sendo lavadas e postas na cama pelos pais. É fato corriqueiro essas crianças passarem todo o domingo na cama, tentando recompor as energias esgotadas durante a semana; a* ***igreja*** *e a* ***escola*** *são frequentadas por poucas e, dessas poucas, os professores comentam acerca de sua* ***sonolência*** *e dificuldade de aprender [...] Essa* ***fadiga continuada****, que vai se acumulando dia após dia até se tornar* ***insuportável****, tem efeitos sobre o físico dos trabalhadores. [...] toda a energia do trabalhador é utilizada unilateralmente, com a* ***hipertrofia*** *de certas partes do corpo, precisamente as mais exigidas no trabalho [...] e a* ***atrofia*** *do conjunto do organismo, até pela* ***falta de alimentação*** *[...] quase todos mineiros são pequenos e atarracados [...] a puberdade é atrasada, tanto nos rapazes quanto nas moças.*[300] (grifo nosso)

A miséria impera. Muito das descrições pontuadas por Engels vão ao encontro da narrativa elaborada por Zola em *Germinal*. Tal fadiga continuada está presente em todas personagens da obra; mais além, faz-se presente por gerações como é o caso da família Maheu. A igreja e a escola são ambientes inexistentes no romance, contudo ainda que se fizessem presentes é inegável o peso do trabalho para crianças como Jeanlin, em virtude do

---

[299] ENGELS, op. cit., 2008, p. 276.
[300] Idem, p. 278-279.

esgotamento que os privava de outras atividades senão o trabalho.[301] A ausência da escola e da igreja desfavorece a instrução e a formação moral dos mineiros, como descreve Engels:

> *Esses operários vivem no campo, em regiões abandonadas e, desde que realizem seu duro trabalho, ninguém – exceto a polícia – se ocupa deles. Por isso, e por causa da tenra idade em que as crianças são postas a trabalhar, sua formação intelectual é negligenciada. Não podem frequentar as escolas convencionais, as noturnas e as dominicais são uma ilusão, os professores nada valem. Poucos são os mineiros que sabem ler e menos ainda os que sabem escrever. [...] Nunca vão à igreja, ou só o fazem raramente; quanto a eles, todos os clérigos se queixam de uma irreligiosidade sem par. [...] O trabalho incumbe-se de, por si só, destruir sua moralidade – é claro que o trabalho excessivo dos mineiros deve necessariamente induzi-los à embriaguez.*[302]

Neste ponto, a moralidade apresenta-se destruída face à incumbência da obrigação de se trabalhar desde cedo, o que prejudica a formação intelectual dos jovens reforçada pela ausência da escola e da igreja. A miséria hereditária obrigava cada filho de família a ser um ganha-pão para o futuro; era isso o que mais chocava a mulher de Maheu diante dos acontecimentos.

> *A mulher, agora, desfiava seu* ***rosário de desgraças****: primeiro Zacharie, a quem tiveram de casar; em seguida o velho Boa-Morte, imobilizado numa cadeira, com os pés inutilizados; depois Jeanlin, que não poderia deixar a cama antes de dez dias, com os ossos ainda mal colados; e finalmente, para cúmulo dos males, a* ***prostituta da Catherine*** *resolvera fugir com um homem! A casa ia por água abaixo, só o pai continuava trabalhando e trazendo dinheiro. Como é que haviam de viver sete pessoas, sem contar Estelle, com os três francos do pai? Ah, o melhor era atirarem-se todos juntos no canal!*[303] (grifo nosso)

Catherine é hostilizada pela própria mãe e marcada como uma mera prostituta que largou a casa para se amasiar com outro homem. A figura da mulher como instrumento é também um destaque ao longo da narrativa mediante uma linguagem que fala abertamente

---

[301] Perrot faz menção à tripla contribuição da Igreja à industrialização: pôr no trabalho populações pobres ou delinquentes, crianças e mulheres, procedimento mais do que secular, no quadro das oficinas de caridade, com muitos milhares em todo o país; fornecer um pessoal de supervisão particularmente precioso nessa fase de disciplina "pan-ótica", que requer olhos vigilantes; prestar-se à fase de experimentação técnica, aspecto este o menos conhecido. Longe de ser rebelde às máquinas, a Igreja lionesa, por exemplo, solicitava empréstimos aos industriais para se equipar. Abençoando as máquinas, como outrora os sinos, a Igreja simbolizava a nova aliança entre a Máquina e o Altar. Daí a animosidade dos trabalhadores contra os estabelecimentos religiosos, acusados ainda de serem locais de sequestro e tortura, e mesmo impudicícia [falta de pureza] e sadismo [prazer com sofrimento alheio], e o duplo aspecto anticlerical e antimecânico que assumem as agitações populares desde o outono de 1847, e sobretudo na primavera de 1848 em Reims, Lyon e Saint-Etienne, insurreição violenta contra o conluio da Igreja com a nova ordem industrial. PERROT, op. cit., 45.

[302] ENGELS, op. cit., 2008, p. 283.

[303] Z. G, p. 171.

sobre sexo e a bestialidade do ser humano. A imposição de que Catherine permanecesse um tempo maior junto de sua família se devia a sua contribuição na renda e no sustento.

Um outro exemplo de degradação dos valores morais é a filha de Mouque (Mouquette na versão francesa), que havia estabelecido relações sexuais livremente com os mineiros, inclusive com Etienne, e exibe suas nádegas em diversos momentos do romance, como expressão de sua repulsa ao mundo burguês. Em contraposição, a Sra. Hennebeau, que mantinha um caso amoroso com seu sobrinho Négrel, não exibe suas nádegas na narrativa, pois seria impróprio para sua posição social, ainda que no âmbito privado sua relação seja incestuosa e conserve traços de animalidade, característicos da estética naturalista.[304]

> *Ao entrar, Sr. Hennebeau teve uma surpresa: o quarto não estava arrumado, sem dúvida por esquecimento ou preguiça de Hippolyte. Reinava ali um calor úmido, o calor abafado de uma noite inteira [...] seu olfato açulado*[305]*, quase sufocado com um perfume penetrante, que julgou ser o cheiro dos sais de banho, de que a bacia estava cheia. Uma grande desordem reinava na peça, roupas espalhadas, toalhas molhadas jogadas nos encostos das cadeiras, a cama descoberta [...] percebeu, na cama descoberta, algo que brilhava como uma faísca. Aproximou-se maquinalmente e estendeu a mão. Era um pequeno frasco de ouro entre duas pregas do lençol. Imediatamente reconheceu-o como da Sra. Hennebeau, o frasco de éter do qual ela nunca se separava. [...] Sua mulher havia dormido ali. [...] Sentia-se invadido pelo ódio, necessitava de uma cloaca para nela enterrar toda essa imundície, esmagando-a com os pés. Aquela mulher era uma* ***cadela!***[306] (grifo nosso)

Por outro lado, muitas mulheres proletárias em *Germinal* se prostituem com a conivência dos pais e dos maridos, como é o caso da mulher de Levaque e da mulher de Pierron. Ambas aumentavam os rendimentos da família dessa forma, alimentavam-se e vestiam-se melhor que as outras esposas dos mineradores. Isto representa na narrativa a degradação dos valores morais à época, principalmente pela instrumentalização da mulher, como é notório na relação entre Catherine e Chaval.

> *Ela dera de ombros,* ***resignada****. Sim,* ***ele a espancaria****, e, quando estivesse cansado de bater, pararia; preferia isso a andar rolando pelas sarjetas,* ***como uma meretriz****. E depois, já* ***estava acostumada a apanhar****; dizia mesmo, para se consolar, que, em dez mulheres, oito não viviam melhor que ela. Se um dia Chaval quisesse casar, tudo estaria resolvido. [...] Chaval, ao voltar, encontrou-a deitada e a pôs em pé com um*

---

304 Las nalgas, por otra parte, resumen el valor significativo atribuido al pueblo ("nalgas" = "pueblo" = "nada" vs. "vestido" = "burguesía" = "todo"). Mas este signo lo erige la Mouquette en estandarte de la negación de los valores atribuídos a la burguesia. Entre la Mouquette y la esposa de Hennebeau cabe establecer, por consiguiente, un paralelismo. Las dos mujeres comparten el tener unos apetitos sexuales exarcebados, pero en el caso de la Mouquette recibía satisfacción, desenfadadamente, al aire libré, mientras que la esposa de Hennebeau, muy "correcta", acudia al espacio cerrado de una habitación en sua casa matrimonial. CAUDET, op. cit., p. 73.

305 Instigado, irritado.

306 Z. G, p. 290-292.

> ***tabefe, gritando**-lhe que saísse imediatamente se não quisesse voar pela janela. E ela, em lágrimas, sem abrigo, com as **pernas** todas **roxas** dos pontapés, tivera de sair, empurrada para fora com um último **tapa**. Essa separação **brutal** a deixara tonta.*[307] (grifo nosso)

Poncioni chama a atenção para um detalhe na tradução dos nomes das mulheres no romance. Em francês, a utilização do artigo definido antes dos nomes próprios não é a mesma que em português, isto é, nesta condição o artigo confere aos nomes uma conotação vulgar. Em *Germinal*, a utilização do artigo diante dos nomes das mulheres, que não tem prenome, é sinal de seu lugar subalterno naquela sociedade, como, por exemplo, *la Maheude, la Levaque, la Pierrone*. Francisco Bittencourt[308] traduziu esses nomes por "mulher de Maheu", mulher do Levaque" e "mulher do Pierron" etc., o que acabou por privar o leitor da conotação de inferioridade que têm no original francês.[309]

Nesse sentido, não podemos desconsiderar a influência de Maigrat, fornecedor de comida e empréstimos às mulheres que aceitavam se submeter aos favores sexuais como forma de pagamento. Ele nem mesmo escondia isso de sua esposa. "Era coisa sabida: quando um mineiro queria uma prorrogação do crédito, bastava enviar sua filha ou esposa, feias ou belas, contanto que fossem condescendentes".[310]

Desse modo, a prostituição funciona como sobrevivência num meio propício para tal. Esta situação retrata ainda a bestialidade e a abertura à linguagem sexual como marcas no naturalismo literário. Zola documenta uma das mais dolorosas facetas francesas de sua época; o que, segundo Marx, os operários chamavam a prostituição, de suas esposas e filhas, de a *enésima hora de trabalho*.[311] Como já mencionamos, um espaço social bastante comentado na narrativa é o prostíbulo Volcan, local compartilhado por homens de diferentes origens sociais.

A agonia da mulher de Maheu se traduzia nas palavras de Suvarin sobre a "condenação perpétua à escravidão da fome". Será que realmente somente o banho de sangue lavaria as desgraças da terra e faria surgir um novo mundo? Todos aqueles acontecimentos, as cobranças abusivas da Companhia, o acidente e o desabamento e a extrema miséria dos operários explodiriam na revolta pela greve. Uma vez mais, Zola nos incita ao mundo de oposições descrevendo o modo de vida dos burgueses que pouco se importavam com a paralisação e o movimentação grevista.

---

[307] Z. G, p. 346, 352.
[308] Francisco Bittencourt (1933-1997) foi poeta, tradutor, jornalista, editor e crítico de arte; trabalhou no Egito e na embaixada britânica no Rio de Janeiro. A versão de *Germinal* utilizada neste estudo foi traduzida por este.
[309] PONCIONI, op. cit., p. 73.
[310] Z. G, p. 97.
[311] LINHARES, op. cit., p. 60.

> *[...] a greve foi finalmente esquecida no momento em que a sobremesa surgiu. A* ***compota de maçãs coberta de merengue*** *foi muito elogiada. Em seguida as senhoras discutiram uma receita, a propósito do* ***ananás***, *que foi declarado igualmente delicioso. As* ***frutas, uvas e pêras***, *foram o* ***fecho de ouro*** *daquele* ***opulento almoço***, *que resultou num cansaço feliz. Todos falavam a um tempo, alegres e comovidos, enquanto o empregado servia* ***vinho*** *do Reno em substituição ao champanha, que foi julgado comum.*[312] (grifo nosso)

É nítida nessa passagem a contraposição entre o tipo de alimentação de que se servia a burguesia e o proletariado. Os mineradores se alimentavam de batata, chicória, café (coado diversas vezes), beterraba, manteiga, pão, cebola e, raramente, carne. Em poucas ocasiões, como a *fête de la ducasse*[313], uma espécie de festa popular, os mineiros alimentavam-se de carne assada e bebiam cerveja. Já os ricos ostentavam alimentos como ostras, brioches, carne de perdiz, vinhos, ovos, trutas, abacaxis, uvas, tortas, bolos etc. Enquanto alguns se deliciam fartamente sobre inúmeros pratos, frutas e bebidas; outros nada têm, sendo basicamente uma alimentação pautada na luta diária e coletiva pela sobrevivência.

Quanto à greve, alguns delegados foram escolhidos como representantes dos operários para se encontrarem com o Sr. Hennebeau, o diretor da minas. Entretanto, o encontro foi um fracasso para os mineradores. O diretor apontava em direção à janela se referindo aos verdadeiros donos daquele enorme complexo de mineração, como se habitassem uma região inacessível e misteriosa, onde reinava um deus desconhecido. Isto tudo representava uma força absurda que pesava sobre os ombros dos dez mil mineiros.

> *[...] é só na junção do* ***natural informe, oculto e terrível***, *significado como o* ***deus telúrico, voraz*** *e* ***subterrâneo***, *com o* ***humano anônimo*** *– junção esta sempre designada como um "além" e "os que estão além" -, que surge a figura ambígua de um* ***deus distanciado*** *da vivência humana, e de um deus em relação ao qual esta* ***vivência*** *também é* ***alienada***. *Na tessitura de* Germinal, *este deus é ocasionalmente apresentado como* ***"ídolo" voraz***, *ao qual o mineiro é obrigado a descer e ser* ***sacrificado***; *mas com esse* ***ídolo mineral*** *se confundem as relações sociais de exploração, a sua comunidade de adoradores anônimos.*[314] (grifo nosso)

---

[312] Z. G, p. 184.

[313] Trata-se de uma festa pública católica, comum na Bélgica e no norte da França, onde as crianças dão voltas em carrosséis em cavalos de madeira. Bittencourt traduziu como "a festa do padroeiro de Montsou", contudo não perpassou a ideia da realidade daquele evento para as populações desta região da Europa, assim como fizeram os outros tradutores que utilizaram "dia do santo" ou "dia do orago de Montsou". Não teria sido preferível conservar *ducasse* no texto traduzido? E assim deixar passar a ideia de que se trata de uma realidade intraduzível? PONCIONI, op. cit., p. 88-89.

[314] DREHER, op. cit., p. 14.

Conforme Dreher, ressalta-se no romance um forte contraste entre a ineficácia e a marginalidade do clero, e a instauração de um sacerdócio todo original na figura contraditória de Hennebeau, ele próprio alienado do "além" que representava do capital e do anonimato possuído de atributos divinos dos acionistas. O diretor das minas aparece como o grande intermediário, de uma existência hipócrita marcada pela farsa de sua vida privada, isto é, por um amor não-correspondido, uma vez que sua mulher o traía com seu próprio sobrinho, e a verdade de sua figura pública como referência de poder.

> *O administrador da mina é o intermediário do deus que dispensa o sacramento da vida à família dos Grégoire. Contudo, este mesmo intermediário é, para os habitantes do cortiço, um anjo mau, um mero mensageiro do destino inevitável, de um determinismo imposto desde não-se-sabe-onde. Como mensageiro, Hennebeau é quem transmite aos futuros grevistas o mistério puro, e não-sacramental, de uma força e de um deus impessoais que, a rigor, nada tem a lhes dizer, e que lhes nega, por um decreto imutável a sobrevivência. A mensagem intermediada exige confiança absoluta, mas não é profética ou salvífica. E aquele que a transmite em forma oracular serve aos desígnios de um deus maligno que, protegido e abscôndito num "além", é inacessível e inapelável.*[315]

O patronato nada cedeu aos pedidos dos trabalhadores e a greve prosseguiu. O Sr. Hennebeau insistia que não dependeria somente de sua vontade para que se resolvesse a situação de insatisfação dos operários. Isto reflete a imensidão da Companhia de Minas, isto é, uma monstruosidade de capitais aglomerados por diversos acionistas distantes, tão longe e poderosos, considerado um deus em seu tabernáculo protegido e escondido. Diversas minas aderiram ao movimento e paralisaram suas atividades: Voreux, Crèvecoeur, Mirou, Madeleine, Victoire, Feutry-Cantel e Saint-Thomas. A greve geral estava consumada.

Em *Germinal*, a degradação do operariado pela exploração do trabalho, a miséria, a promiscuidade e insalubridade são todos resultados, não causas primeiras, isto é, Zola elege o meio e o momento histórico para estabelecer suas leis naturalistas, atuantes sobre as personagens. A relação entre mineiros e burgueses aparece figurada em símbolos como a mina, que parece devorar os trabalhadores. Do mesmo modo, o posicionamento do autor ao lado dos operários fica evidente ao descrever a família burguesa de Hennebeau como degenerada, ainda que suas condições materiais fossem melhores que as dos operários.

A confrontação dos operários com o diretor das minas, durante o jantar ostentoso, reflete a antítese fome/saciedade convertida numa revelação da situação social, agravada pela greve e antecipada pela injustiça nas relações entre proletários e burgueses. Ao entrarem no salão, os mineiros sentem a indiferença de forma palpável ao observarem o mobiliário do

---

[315] DREHER, op. cit., p. 4-5.

cômodo: os objetos que lhes cercam exercem um efeito paralisador; são descritos com um vocabulário que não lhes pertence que dificilmente poderiam identificar a época e o estilo dos mesmos. Ademais, a riqueza exprime um valor simbólico do tabernáculo do "deus capital", o que proclama a hierarquia sócio-econômica, conforme apontamento seguinte de Caudet, das contradições oriundas do jogo de oposições binárias entre classes.[316]

bem-estar	comida	calor	palavra	luz	humanidade
pobreza	fome	frio	silêncio	obscuridade	bestialidade

burguesia	tudo
operariado	nada

Por outro lado, mesmo com o descaso das reivindicações grevistas durante o jantar, percebemos o teor de preocupação de Deneulin para com Grégoire, em função da situação econômica do país. A França apresentava-se complicada desde 1848, quando então o governo provisório teve de lidar com um déficit de cem milhões de francos e uma crise comercial-industrial de difícil solução.[317] A concentração de capitais tendeu a realizar diversas fusões, absorções e controles financeiros que paulatinamente foram exterminando as pequenas e médias indústrias. Os conselhos de administração do grande capital se converteram em uma força anônima que exercia domínio e controle quase absolutos. Em *Germinal,* a vítima do capital é o mineiro, como também o pequeno proprietário, no caso Deneulin.[318]

Para Hobson, a estrutura empresarial moderna consolidou o capital acionário como modelo para as companhias de diversos ramos da produção, a partir da segunda metade do século XIX. Neste quadro, percebemos que a concentração de capitais minou a existência de pequenos proprietários como Deneulin. Grégoire, diferentemente de seu primo, apoiava sua existência na imensidão que se constituía a Companhia de Minas de Montsou, ainda que uma greve representasse uma grande ameaça, sua posição era mais confortável que a de Deneulin.

> *A formação de uma "companhia" resulta do fato de que certo número de pessoas, possuidoras de capital que elas não podem empregar lucrativamente de outra forma, acordam em constituir um fundo comum a fim de formar um* ***capital bastante grande****, para produzir lucros em um negócio por elas escolhido: elas indicam diretores para representar seus interesses e exercer o controle geral da empresa, sujeito à sua*

[316] CAUDET, op. cit., p. 69.
[317] LINHARES, op. cit., p. 45.
[318] CAUDET, op. cit., p. 23.

> *desaprovação numa assembléia geral de acionistas; os diretores nomeiam gerentes, que assumem o comando dos processos industriais existentes; o controle supremo e derradeiro permanece sempre com o* ***organismo de acionistas****, sendo a meta do empreendimento assegurar-lhes o* ***lucro máximo*** *de seu capital.*[319] (grifo nosso)

Deneulin se compadece da situação miserável dos mineiros muito provavelmente por sua própria situação financeira estar próxima à falência, na medida em que, cada vez mais sua ruína se consolidava, era um passo a mais para seu primo Grégoire lhe comprar suas minas, com interesse de ampliar seu controle sobre as propriedades de Montsou, ainda que se alegue que o momento econômico fosse ruim para o patronato também.

> *O cortejo tecnológico que acompanhou mundialmente o setor manufatureiro, no século XIX, excluía do mercado capitalista não apenas as pequenas iniciativas individuais, como também, tornando imprescindível a figura do* ***capitalista*** *– e aí estava em jogo o papel do* ***grande capital*** *-, organizava o* ***processo de trabalho*** *sob a égide de uma* ***disciplina*** *imposta pelo próprio funcionamento do* ***aparato tecnológico****.*[320] (grifo nosso)

Com a paralisação do trabalho, a situação se agravava cada vez mais a tal ponto que a caixa[321] se esgotara e a Companhia dificilmente cederia; mesmo com barrigas vazias os grevistas ainda mantinham suas esperanças aguardando um milagre. Do ponto de vista dos antagonismos, a exploração eclode em vários tipos de violência contra o homem e sua dignidade, sendo que a redução ou o corte de salários não deixa de caracterizar uma forma de violência do sistema.

Etienne sentia-se culpado por toda aquela desgraça e pela enorme responsabilidade que carregava nos ombros por ter incitado a movimentação grevista. Por sua cabeça, passavam-se imagens do desastre: crianças morrendo, mães soluçando, enquanto os homens, cadavéricos e cabisbaixos, voltavam a descer ao fundo da mina quando nada tivesse se resolvido.[322] Mesmo assim, orgulhava-se de possuir ideias maduras depois de longas leituras e estudos. Porém, ainda explicava-se mal com frases cuja confusão tinha um pouco de teorias adotadas e abandonadas, modificadas e misturadas.

---

[319] HOBSON, op. cit., p. 178.
[320] DE DECCA, op. cit., p. 71.
[321] A formação de um fundo comum, proposta organizada por Etienne, visava a cotização de todos para ser distribuído durante a greve como fundo de resistência para que fosse possível enfrentar o período de paralisação. Todavia, a caixa não havia sido composta de recursos suficientes, o que acabou por cortar este apoio dos mineradores. Devemos lembrar que a organização dos trabalhadores durante o século XIX se dava muitas das vezes escondida, dado que o sindicato era proibido e a repressão era intensa.
[322] Z. G, p. 201.

> *No cimo, pairava-se a teoria de* ***Karl Marx****: o capital era o resultado da exploração, o trabalho tinha o direito e o dever de reconquistar essa riqueza roubada. Na prática, no princípio ele se deixara prender na quimera de* ***Proudhon*** *do crédito mútuo, de um vasto banco de troca que suprimiria os intermediários; depois as sociedades cooperativas de* ***Lassalle***[323]*, financiadas pelo Estado, transformando pouco a pouco a terra numa única cidade industrial apaixonaram-no, até o dia em que renunciara ao sistema diante da dificuldade de controle. Mas tudo isso ficara numa nebulosa, ele não sabia como realizar o novo sonho, impedido ainda pelos escrúpulos da sua sensibilidade e da sua razão, não ousando arriscar-se em afirmações absolutas e sectárias. Dizia simplesmente que era preciso apoderarem-se, antes de mais nada, do* ***governo****. O resto vinha depois.*[324] (grifo nosso)

Confrontar personagens, como Etienne, Rasseneur e Suvarin, com pensamentos divergentes sobre a organização operária, a associação à Internacional ou a incitação de uma greve, certamente foi uma forma de Zola expor as rivalidades ou incongruências existentes entre as diferentes formas de pensamento esquerdistas contemporâneas, bem como ilustrar em certa medida as "lutas intestinas", em suas palavras, da associação internacional dos trabalhadores.

Para Etienne, aderir à Internacional tratava-se de uma questão vital para o prosseguimento do movimento grevista. Uma reunião decidiria os rumos da greve, para resolver se os dez mil mineiros de Montsou deveriam ou não aderir à organização. Para Suvarin, a adesão era vista com bons olhos, porém somente com olhos para a atuação de Bakunin[325], para quem era o único que poderia esmagar o velho mundo.

Etienne cada vez mais se motivava a entender o "culto de destruição" de que tanto o russo comentava que levaria à comuna primitiva e ao começo de tudo. E, os meios para este fim seriam os do renascimento da sociedade pelo fogo, pelo veneno e pelo punhal, nas

---

[323] Ferdinand Lassalle (1825-1864) foi um intelectual alemão, jurista e socialista. O mutualismo de Proudhon pressupõe uma sociedade sem a figura do Estado, onde a propriedade dos meios de produção fosse individual ou coletiva, mediante intercâmbio de bens e serviços, constituindo-se uma sociedade baseada na forma livre de produção em cooperativas. Isto é, os preceitos anarquistas opõem-se veementemente à ideia de ganho ou renda dos indivíduos, e, sob esta ótica, contrapondo-se ao modelo de socialização dos meios de produção proposto pelo socialismo, superaria-se a sociedade capitalista pela contrapartida do trabalho/produção por bens e serviços. A cooperação embasaria o funcionamento econômico-social através de empréstimos, benefícios mútuos e garantias aos trabalhadores. Para Lassalle, considerado socialista catedrático, caberia ao Estado ter iniciativa e apoiar as medidas correspondentes a exigências sociais. As incapacidades do mercado exigiriam uma forte intervenção do Estado. A necessidade de um forte apoio aos trabalhadores não teria apenas como motivação objetivos políticos, conforme este teórico, mas também econômicos, em que a retribuição dos trabalhadores não poderia descer de maneira duradoura abaixo do valor de subsistência, sob pena de a miséria conduzir à diminuição do número de operários, o que pressionaria, por fim, o valor dos salários no sentido da sua elevação. MARTINS, op. cit., p. 3. A concepção de Lassalle tinha semelhanças fundamentais com o desenvolvimento do proudhonismo no que se refere à contrariedade diante da greve e do sindicato, à aproximação com o poder bonapartista tendo em vista a consecução dos interesses dos operários sob a forma de estímulo às cooperativas, como meio de se chegar a uma forma de socialismo de Estado nacional. DEL ROIO, op. cit., p. 6.

[324] Z. G, p. 206.

[325] Mikhail Aleksandrovitch Bakunin (1814-1876) foi um teórico político russo; considerado um dos expoentes do anarquismo.

palavras de Zola. Todavia, Etienne não se interessava por estes meios, considerando-os uma abominável visão. Suvarin reafirma que seria preciso uma série de horríveis atentados para aterrar os poderosos e acordar o povo.

Os acontecimentos narrados na obra vão ao encontro de um período em que as classes trabalhadoras começavam a atrair a atenção da sociedade francesa, na medida em que *Germinal* retrata um momento rico em implicações político-sociais durante os anos de 1866 e 1867.[326] As décadas de 1860 e 1870 ficaram marcadas, não somente na França, como em grande parte da Europa, pelas agitações sociais. Para Josephson, Zola esperava profetizar a Revolução, pois era notória sua aversão ao Segundo Império. Idealizava a Terceira República como uma república socialista e desejava que o capitalismo fosse suplantado por uma sociedade de homens livres unidos pelo trabalho e pelo amor.[327]

É interessante notar uma considerável mudança no ambiente político a partir da década de 1880, considerando as grandes greves declaradas em 1884, tanto na França como na Bélgica, e, sobretudo, a mudança de postura dos partidos esquerdistas como uma realidade política. Vale lembrar as greves em Anzin, testemunhadas pelo próprio Zola, de grande importância para constituição dos ambientes e das personagens de seu romance. Desde a solidariedade internacional manifesta pelo proletariado para com a Comuna de Paris e a instauração do Império Alemão, o movimento operário aparece em ascensão. Cresce o número de greves e se amplia a organização sindical e política.[328]

Desde a década de 1860, os trabalhadores franceses ampliavam sua ação política e de organização tirando proveito das tentativas do regime napoleônico de ampliar as suas bases sociais. Os franceses tiveram um papel decisivo na fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores e a seção francesa daquela organização surgiu em 1865. Como indica Marcos Del Roio, o predomínio das ideias de Proudhon era inconteste entre os operários franceses e foram as mesmas que estabeleceram a ponte que possibilitou a cartada de Napoleão III de tentar cooptar os trabalhadores, tanto que a AIT acabou sendo tolerada pelo regime.

> *A morte de Proudhon, em 1865, coincidiu com uma nova prática de luta ensaiada pelos trabalhadores: a* ***greve****. Uma nova geração assumia a direção da AIT, tendo a frente Varlin e Benoit-Malon, com uma nova concepção teórica, que mesmo sem romper com o proudhonismo, via na associação operária o instrumento de sua luta e libertação. Era um passo na gestação do anarco-sindicalismo, mas na visão de Marx esse era*

---

[326] Z. G, p. 439.
[327] JOSEPHSON, op. cit., p. 276.
[328] DEL ROIO, op. cit., p. 19.

> *certamente um grande passo à frente na auto-educação dos trabalhadores.*[329] (grifo nosso)

Nesse contexto, o industrialismo francês, assim como em diversos países, consolidará a coexistência da prosperidade material burguesa e da miséria operária. Mediante uma situação de grande disponibilidade de mão-de-obra, decorrente da proletarização de antigos camponeses e artesãos, as precárias condições de vida e trabalho, as longas jornadas, a exploração do trabalho feminino e infantil, os baixos salários, a insalubridade etc., eclodiriam inúmeras revoltas perante um quadro calamitoso de agitações.

Toda aquela movimentação possivelmente fez Zola se aproximar do ideal de uma república socialista, o que é perceptível em sua obra pela força do romance com ambiente industrial como é *Germinal*, trazendo suas ideias políticas e naturalistas à tona. Na França da década de 1860, os movimentos operários ganharam força com o crescimento da Internacional e com a flexibilidade política do Imperador que deixou de considerar crime as greves e movimentos de reivindicação trabalhista.

No plano internacional, durante os anos 1864 e 1876, a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) representou uma tentativa de coordenação, ação e solidariedade do movimento operário europeu. Em setembro de 1865, uma conferência realizada em Londres confirmou os termos da fundação da associação; somente em setembro do ano seguinte, por intermédio de um congresso propriamente dito, que foi oficializado sua fundação, expondo um predomínio nítido do proudhonismo e sua oposição à greve e à revolução – presença esta que entraria em declínio nos anos seguintes.

> *Ela (a **Internacional**) foi, porém, constantemente **dilacerada** pela luta de três tendências: o **proudhonismo**, defensor de um programa associacionista e educativo; pelo **marxismo**, que advogava uma ação política do movimento operário com vistas à conquista do poder; os **anarquistas** seguidores de Bakunin, que não admitiam a tomada de poder, pois pregavam a destruição de qualquer autoridade, inclusive o Estado, fosse ele conservador ou revolucionário.*[330] (grifo nosso)

---

[329] Idem, p. 5.

[330] FALCON, Francisco. *A formação do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Campus, 1983, p. 121. A influência das ideias de Proudhon, no entanto, estava em declínio, na mesma medida do fracasso das empresas cooperativas e da ascensão do sindicalismo e do movimento grevista, o que pode ser observado já no congresso seguinte, de Lausanne, em 1867. A AIT se expande e se consolida, mas perde força precisamente na Inglaterra. O Congresso de Bruxelas, em 1868, indica já o predomínio da vertente que apontava para o sindicalismo revolucionário, o dito "coletivismo". No congresso da Basiléia, realizado em setembro de 1869, se apresentam delegados de 9 países, incluindo os EUA, cujo proletariado alimentava muitas esperanças em Marx... Na França, a influência de Marx e do Conselho Geral da AIT eram pouco significativos. Na seção francesa da AIT predominava o universo ideal de Proudhon, ainda que diferenciações e divergências ocorressem. Outra corrente que, desde 1869, veio engrossar o caldeirão ideológico do movimento operário francês em ascensão foi aquela encabeçada por Bakunin, cuja influência se manifestou em especial na Itália e Espanha, além da Suíça, onde se encontrava radicado o revolucionário russo. DEL ROIO, op. cit., p. 7-8.

A narrativa de *Germinal* é repleta de alusões ao Segundo Império, à Internacional, às crises industriais, aos expoentes escritores esquerdistas ou às greves e lutas operárias ocorridas em localidades reais como Machiennes e Lille ou localidades fictícias como Montsou, mesmo que o próprio mapa esboçado remeta à existência de um lugar imaginado, conforme desenho de Zola.[331] São poucas as indicações de data e numerosas são as notações de tempo e duração. Talvez fosse essa a maneira pela qual Zola encontrou de aproximar sua obra naturalista à tensão existente entre o capital e o trabalho, em se considerando sua construção quanto ao efeito de realidade perpassado por sua obra.

Os operários de Montsou resolvem se organizar na floresta pelas repressões e perseguições que aconteciam na cidade. Lá estariam livres e ninguém poderia fazê-los se calar. Neste momento da narrativa, Etienne se destaca durante as explanações em público. Fica visível a oposição de ideias e opiniões entre este e Rasseneur. O primeiro se inflama e não possui a abundância do segundo, porém com seus gestos de mineiro, seus punhos lançados, sua mandíbula avançando como para morder, exercia uma ação extraordinária sobre os seus camaradas.

O discurso de Etienne está basicamente apoiado na teoria social de Charles Fourier que pregava a ideia de falanstérios e associações de produção, onde os indivíduos trabalhariam vivendo em comunidade. Etienne, um jovem líder revolucionário, pregava o sonho de uma sociedade em que o capital e o trabalho coexistissem em harmonia.

> *– O sistema assalariado é uma nova forma de escravidão – continuou ele com a voz ainda mais vibrante. – A mina deve ser do mineiro, como o mar é do pescador, como a terra é do camponês. Compreendam isso de uma vez por todas: a mina é de vocês, de todos vocês, que há um século a vêm pagando com tanto sangue e tanta miséria.*[332]

Etienne é um coletivista autoritário e ambicioso: politicamente deseja ser como Pluchart, ouvido e respeitado por multidões de trabalhadores; e amorosamente deseja conquistar Catherine. A imagem de um assassino, com sentimentos mais torpes[333] e problemas com álcool, conforme preceitos da hereditariedade[334], cede lugar à imagem do aprendiz de teses socialistas; leitor de Marx, Proudhon, Lassalle e Fourier. A ideia de que,

---

[331] Ver Anexo B - *Germinal* - III. Mapa.
[332] Z. G, p. 243.
[333] Vergonhoso, indecente, obsceno, infame, sórdido.
[334] Etienne Lantier faz parte da árvore genealógica de *Rougon-Macquart*, que teve como primeiro membro da família, Adelaide Fouque; esta morreu centenária em 1871. A personagem principal de *Germinal* é filho de Gervaise Macquart, lavadeira em outro romance de Émile Zola: *L'Assommoir* (A Taberna). Ver Anexo B - *Germinal* - I. Personagens.

naquelas circunstâncias mais precárias de exploração, o operário somente poderia salvar sua condição humana pelo ódio e pela rebelião contra a burguesia estava presente em diversos autores socialistas e anarquistas.

Em contrapartida, as propostas de Lassalle e Fourier são consideradas possibilidades de incremento ou melhoria na vida operária, contudo, mediante reformas, não possuem caráter revolucionário conforme o socialismo científico. Engels escreve, na década de 1840, sobre a situação desumana do homem ou da classe inteira de homens, que não poderiam mais pensar, sentir e viver humanamente. Sob sua ótica, conforme escreve em diversos escritos, juntamente com Karl Marx, ao longo do século XIX, a "necessidade de organização" operária em partidos e associações era vital para "salvar sua condição humana".

> *Os operários devem, portanto, procurar sair dessa situação que os embrutece, criar para si uma existência melhor e mais humana e, para isso, devem* ***lutar*** *contra os interesses da burguesia enquanto tal, que consistem precisamente na exploração dos operários. Mas a burguesia defende seus interesses com todas as forças que pode* ***mobilizar****, por meio da propriedade e por meio do poder estatal que está à sua disposição. A partir do momento em que o operário procura* ***escapar*** *ao atual estado de coisas, o burguês torna-se seu* ***inimigo*** *declarado. [...] existe uma* ***guerra social*** *aberta e que, se a burguesia tem todo o interesse em conduzi-la hipocritamente, sob o manto da paz e até da filantropia, aos operários só pode favorecer a revelação das relações reais, só pode favorecer a* ***destruição*** *dessa hipocrisia.*[335] (grifo nosso)

A referência que Engels faz à guerra social existente camuflada pelo "mato da paz e até da filantropia" talvez se traduza em *Germinal* nas doações de Cécile aos miseráveis operários. A descrição que Zola faz do momento que Etienne discursa, eleva-o ao nível da epifania, como se os mineiros enxergassem a figura de Cristo, de um salvador naquele instante, apropriada da lua como auréola e da luz como vislumbração, ao meio da escuridão da floresta, mediante a promessa da terra prometida e do mundo justo dos mineiros. Para Etienne, a crença na construção de um mundo mais justo e mais humano estava na revolução que um dia aconteceria para destruir a velha sociedade. Estava convicto de que sua fé messiânica num futuro poderia redimir os trabalhadores de sua pobreza.

> *E com as* ***mãos estendidas*** *ele mostrava a região inteira, para além da floresta. Nesse momento, a lua que subia no horizonte, escorregando pelos ramos mais altos,* ***iluminou-o****. Quando a multidão, ainda no escuro, divisou-o assim, todo* ***iluminado, distribuindo a fortuna*** *com suas mãos abertas,* ***aplaudiu*** *de novo, prolongadamente.*
> *– Sim, sim,* ***ele tem razão****! Bravo!* [336] (grifo nosso)

---

[335] ENGELS, op. cit., 2008, p. 247-248.
[336] Z. G, p. 243-244.

Etienne pôde então expor seu plano favorito: a distribuição de instrumentos de trabalho à coletividade. Seu coletivismo, antes humanitário e sem fórmula, enrijecera num programa complicado, que ele discutia, artigo por artigo. Para ele, a liberdade só podia ser conseguida com a destruição do Estado. Com o povo no poder as reformas seriam feitas: volta à comuna primitiva; substituição da família moral e opressiva pela família igualitária e livre; igualdade absoluta, civil, política e econômica; garantia da independência individual graças à possessão e ao produto integral dos instrumentos de trabalho; a instrução profissional e gratuita paga pela coletividade. Para Etienne seria a realização de uma profunda reforma do que considerava uma sociedade velha e podre.[337]

Se Suvarin estivesse presente no encontro na floresta teria aplaudido a exposição de Etienne, à medida que reconheceria os progressos anarquistas de seu discípulo, com exceção sobre a instrução, já que, para o russo, a santa ignorância devia ser o banho de onde os homens surgiriam com nova têmpera.[338] Por outro lado, Rasseneur, presente na reunião, não aprovava as ideias expostas e dava de ombros com desdém e cólera. O taberneiro gritou exigindo espaço para expor suas ideias. Entretanto, a multidão, contagiada com o discurso de Etienne, recusava-se a ouvi-lo: era um ídolo caído.

Rasseneur participou de diversos movimentos grevistas enquanto trabalhou na Voreux. Como mencionado, instalou sua taberna defronte a referida mina como provocação aos antigos chefes. Sua elocução que tanto tempo havia encantado, agora era chamada de morna e de adormecer os covardes.

> *Quis fazer o discurso do apaziguamento que trazia preparado sobre a impossibilidade de transformar o mundo mediante leis, sobre a necessidade de deixar à* ***evolução social*** *o tempo para amadurecer, mas ninguém lhe deu ouvidos; vaiaram-no, mandaram que se calasse [...] começaram a jogar punhados de musgo com gelo, uma mulher grito com voz esganiçada: – Abaixo ao traidor!*[339] (grifo nosso)

Rasseneur tentou continuar explicando que a mina não poderia ser propriedade dos mineiros tal como o tear é do tecelão. Preferia a participação nos lucros entre operários e

---

[337] "Atacou o casamento, o direito de fazer testamento, regulamentou a fortuna particular, pôs abaixo o monumento iníquo [injusto, perverso, malvado] dos séculos mortos com um grande gesto, sempre o mesmo, o gesto do ceifador que derruba a colheita madura. Com a outra mão foi reconstruindo, erguendo a futura humanidade, o edifício da verdade e da justiça surgindo na aurora do século XX. Diante de tal tensão cerebral a razão perdeu pé, restou apenas a ideia fixa do sectário. Os escrúpulos da sua sensibilidade e do seu bom senso evaporaram-se, nada era mais fácil do que a realização desse mundo novo; previra tudo, falava dele como de uma máquina que montaria em duas horas, sem levar em conta o fogo e o sangue". Z. G, p. 244.

[338] Caráter, consistência, temperamento, índole. Z. G, p. 245.

[339] Z. G, p. 246.

burgueses. Contudo, a multidão desaprovara suas exposições, rechaçando-o de traidor. Todos estavam estimulados com as palavras de Etienne mediante a insatisfação com um desconhecido deus impessoal, agachado em algum lugar, no mistério de seu tabernáculo, de onde sugava a vida dos mortos de fome que o alimentavam. Para aquela multidão afogada na miséria, o trabalho acertaria as contas com o capital, acabariam vendo aquele deus e sua "cara à luz dos incêndios; afogariam em sangue esse porco imundo, esse ídolo monstruoso, empanturrado de carne humana".[340]

Durante a passagem na floresta, é também clara a revolta dos grevistas contra os operários da mina Jean-Bart, onde Catherine agora trabalhava ao lado de Chaval, com quem vivia junto. Todos aqueles operários que ainda trabalhavam enquanto a greve estava declarada foram considerados traidores. Etienne incitou os mineradores a repudiá-los, taxando-os de espiões ao meio daquela reunião. Ao fim do encontro ficou decidido que todos estariam no dia seguinte nas minas que ainda estivessem ativas para paralisá-las e retirarem de dentro delas os ditos traidores que ainda permanecessem trabalhando.

> *– É! – gritou Etienne. – Quando os camaradas estão passando miséria para o bem de todos, é proibido ser egoísta e hipócrita e pôr-se do lado do patrão. Se a greve fosse geral, há muito tempo teríamos vencido... Então é correto que mesmo um único homem de Vandame se apresente ao trabalho enquanto Montsou está em greve? O grande golpe seria ter parado o trabalho em toda região, tanto na mina de Deneulin como aqui, entendes? Só há traidores nos veios de Jean-Bart, todos vocês são uns traidores!*
> *[...] O furacão daquelas três mil vozes encheu o céu, indo extinguir-se na claridade pura da lua.*[341]

Como combinado os grevistas foram ao encontro dos que ainda trabalhavam e incomodavam a paralisação. A Jean-Bart continuava funcionando a todo vapor, os elevadores enchiam-se de operadores de vagonetes e britadores, enquanto os ascensoristas empurravam os vagonetes com um barulho ensurdecedor. Deneulin, primo de Grégoire e dono das minas Vandame e Jean-Bart acabou oferecendo o cargo de contramestre a Chaval, que mirava a algum tempo um posto melhor e serviria como um negociador ao acalmar os operários e convencê-los de continuarem a extração mesmo com a ameaça de invasão dos grevistas de Montsou. Conforme designação de Engels, Chaval acabou se portando como um

---

[340] Z. G, p. 248.

[341] Z. G, p. 249-250. Há operários que não participam da associação e outros que, seduzidos pelas efêmeras vantagens que os burgueses lhes oferecem, dela se afastam. Sobretudo no caso de greves parciais, os industriais não têm dificuldades em recrutar dentre essas ovelhas negras um certo número de indivíduos (chamados *knobsticks*) e levar ao fracasso os esforços dos operários associados. Habitualmente, os *knobsticks* são ameaçados pelos membros da associação, insultados, maltratados e agredidos, atemorizados de várias formas. ENGELS, op. cit., 2008, p. 251.

knobstick. Zola descreve também os sacrifícios que Catherine enfrentava nos veios, bem como a violência que sofria com seu parceiro.

> *– Mais esta! Já estás dormindo? –* ***gritou violentamente*** *Chaval quando não mais ouviu Catherine movimentar-se. – Que castigo para mim ter conseguido uma* ***estropiada*** *dessa! Vais ou não vais encher teu vagonete e empurrá-lo?*
> *Ela estava na parte de baixo do veio, apoiada na pá; olhava a todos com um ar imbecilizado, sem obedecer, presa de um súbito* ***mal-estar****. Mal podia vê-los à luz avermelhada das lâmpadas, inteiramente nus, como* ***animais****, tão* ***negros*** *e* ***sujos de suor*** *e* ***carvão****, que sua nudez não a incomodava. Era um trabalho feito na obscuridade, espinhas de macacos que se espichavam, uma* ***visão infernal*** *de membros chamuscados, esgotando-se em meio aos golpes surdos e dos gemidos.*
> *[...] Num supremo esforço, Catherine decidiu-se a encher o vagonete e depois empurrou-o. [...] assim que ladeava o muro de greda*[342]*, o* ***suplício do fogo*** *recomeçava, o* ***suor*** *voltava a correr por todo o corpo, em gotas enormes, como uma chuva de tempestade. [...] E agora,* ***nua, deplorável****, rebaixada ao* ***trote de fêmea*** *ganhando a vida pela* ***lama*** *dos caminhos, esfalfava-se, com a garupa* ***coberta de fuligem*** *e barro até a barriga, como uma* ***égua de carroça****. De* ***quatro patas****, ela empurrava o vagonete.*[343] (grifo nosso)

É notória a descrição naturalista de Zola, caracterizando os mineradores como animais sujos e deploráveis. Catherine não aguentava mais e sentiu necessidade de tirar a camisa. O ar contaminado composto com pesados gases asfixiantes, as roupas grudando na pele sujas de carvão, a falta de circulação de ar e a inexistente segurança refletem as condições precárias do ambiente de trabalho. Novamente, como podemos observar, o autor associa os seres humanos à bestialidade de animais moldados pelo local que os cercam: a sujeira que cobre os corpos negros de suor e carvão sobrepõe a nudez.

Mesmo assim, Catherine se submetia a viver naquela miséria e exploração, tanto do trabalho, como de Chaval; seu único desejo era viver até o fim com este, desde que não a maltratasse muito. Enquanto os mineradores suavam centenas de metros abaixo da superfície, na cidade subterrânea, os operários enfurecidos surgiram na Jean-Bart com objetivo de lixar os ditos traidores que ainda trabalhavam e paralisar definitivamente as minas que ainda funcionavam.

Num momento de pânico, os trabalhadores que se encontravam nos veios sobem as escadas tentando chegar de qualquer maneira à superfície. Na correria, Catherine fica para trás, cai e é pisoteada. Finalmente ao conseguir chegar ao topo, empurrada pelos outros, encontrou-se no meio de uma multidão ululante que a vaiava. Os grevistas agrediam os que

---

[342] Calcário muito macio que geralmente contém sílica e argila. Amplamente utilizado na produção de giz de cera e na construção civil.
[343] Z. G, p. 261-262.

não aderiram à greve, aprendizes eram escorraçados, britadores socados e gradadoras eram violentamente açoitadas pelas mulheres. A violência não parava por aí, além de atacarem os colegas os revoltosos também partiram para destruição de máquinas. Nesse ponto percebemos que o "desmoronamento natural das coisas" chega ao extremo, conforme a exposição de Zola no romance. Em seguida, perceberemos contornos ainda mais brutais quanto à violência desencadeada na narrativa.

Tumultos, desordem e destruição: "a agonia suprema"

> *Invadiram a mina que, deserta, passou a pertencer-lhes. E, no seu desapontamento por não terem uma cara de traidor para esbofetear,* ***atiraram-se às coisas****. Um bolsão de* ***rancor*** *rebentava neles, uma* ***pústula***[344] ***envenenada****, que se enchera aos poucos. Anos e anos de fome os torturavam com uma* ***sede de massacre e destruição****. [...] Mas essas vinganças não enchiam a barriga. Os* ***estômagos gritavam mais alto****. E a grande lamentação dominou outra vez o tumulto:*
> *– Pão! Pão! Pão!*[345] (grifo nosso)

Quais eram as alternativas restantes para os trabalhadores face à opressão e as mazelas do industrialismo? A primeira, quase impossível, seria a ascensão social a uma condição financeiramente melhor, citando os exemplos de Rasseneur ou Maigrat. A segunda alternativa seria deixar-se dominar diante de uma situação "irreversível", uma catástrofe social incompreensível, como em diversos momentos do romance as personagens demonstram passividade ou aceitação aos padrões e imposições, bem como se entregam aos vícios como o álcool.

> *Empobrecidos, explorados, jogados em cortiços onde se misturavam o frio e a imundície, ou nos extensos complexos de aldeias industriais de pequena escala, mergulhavam na total desmoralização... O* ***alcoolismo*** *em massa, companheiro quase invariável de uma industrialização e de uma urbanização bruscas e incontroláveis... O* ***infanticídio****, a* ***prostituição****, o* ***suicídio*** *e a* ***demência*** *têm sido relacionados com este* ***cataclismo econômico*** *e* ***social****... O mesmo se deu em relação ao aumento da*

---

[344] Espécie de bolha caracterizada como lesões que surgem a partir da pele previamente normal. Nesse sentido, refere-se a necessidade de vingança contra a exploração mediante a longa miséria e falta de pão que perduravam por décadas.
[345] Z. G, p. 284.

> ***criminalidade*** *e da* ***violência*** *crescente e, frequentemente, despropositada que era uma espécie de ação pessoal cega contra as forças que ameaçavam engolir os elementos passivos.*[346] (grifo nosso)

Afastadas as hipóteses de ascensão social ou alienação, restava a revolta como reação contestadora do proletariado. Em *Germinal*, a cólera da multidão atingiu picos destruidores a ponto de homens descer com martelos e mulheres se armarem com barras de ferro. Falava-se em destruir os geradores, quebrar as máquinas e demolir a Jean-Bart; novos companheiros continuavam a chegar e totalizavam mais de mil. A mina de Deneulin foi destruída e paralisada caindo num total silêncio. Seu proprietário parou diante do poço e examinou o estrago: cabos cortados, pontas de aço pendendo, máquinas imóveis... Mais uma vez, a mina assume características humanas, transparecendo seu sofrimento e "morte".

Engels aponta que, ao operário que vivia na miséria e via nos outros uma existência melhor, existiam duas formas de revolta. A mais brutal se resumia no crime, no roubo. Todavia, o poder da sociedade se abatia sobre o indivíduo, esmagando-o a ponto de sentir que o roubo não serviria para nada. Uma outra forma de resistência era a destruição de máquinas - a rebeldia violenta. Mais do que paralisar máquinas: quebrá-las, fazê-las em pedaços... demolir fábricas.

Como indica Bresciani, a questão da multidão aglomerada se coloca de maneira diversa na França do século XIX, sobretudo como uma ameaça política. Os parisienses orgulhosos de sua civilização têm o temor das depredações e o constrangimento do espetáculo das multidões esfomeadas, principalmente com as jornadas revolucionárias.[347] E, ao olhar para a multidão não é somente a pobreza indigente sem trabalho que se percebe, com muito mais ênfase se arrepia com sua atividade exploratória, conforme forças subterrâneas da sociedade.[348]

> *[...] tinham deixado uma* ***ferida viva****, uma* ***chaga fresca*** *que reluzia no negro da graxa [...] contemplou a biela imóvel, semelhante à articulação de um* ***membro colossal atingido pela paralisia****; tocou o metal já* ***frio*** *e sentiu um estremecimento, como se estivesse tocando num* ***cadáver****. [...] Estava tudo terminado, sua* ***ruína*** *concluíra-se. Mesmo que consertasse os cabos, que reascendesse as fornalhas, onde encontraria operários? Mais quinze dias de greve e estaria falido.*[349] (grifo nosso)

---

[346] HOBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções (1789-1848)*. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 223-225.

[347] Em referência aos movimentos revolucionários das décadas de 1830 e 1840.

[348] A autora faz referência à metáfora da faísca elétrica prenunciadora das grandes tempestades usada por Victor Hugo em *Les Misérables*, como descrição da ansiedade social anterior às jornadas de 1832; "a doença política e a doença social declarando-se ao mesmo tempo nas duas capitais do reino; uma, a cidade do pensamento, outra, a cidade do trabalho: em Paris, a guerra civil, em Lyon, a guerra servil; nas duas cidades o mesmo clarão de fornalha, uma púrpura de cratera na fronte do povo". BRESCIANI, op. cit., 2004, p. 110.

[349] Z. G, p. 278.

De acordo com Michelle Perrot, a oposição às máquinas assume distintas formas, e a destruição é apenas a última delas. As formas de luta podem ser desde a reunião até a associação; petições, cartazes, interdições, manifestações; cartas dirigidas aos prefeitos, ao poder central - Ministério do Interior, Câmara dos Deputados. As petições demonstram a vontade legalista dos operários, isto é, afirmam o contrato tácito entre governo e povo: emprego em troca de imposto. Como os desempregados poderiam pagar imposto?[350]

Em *Germinal* os acordos entre o patronato e o proletariado não foram bem sucedidos, como vimos, sendo que a destruição surge como última forma de oposição ao capital. Após o ataque à mina de Deneulin, a turba, como se refere Zola, continua sua marcha às outras minas que ainda continuavam funcionando. Ampliavam-se os gritos de pão, na medida em que a fome de seis semanas de greve despertava nos estômagos vazios ao longo da marcha em campo aberto. O sofrimento aumentava a raiva contra os traidores que ainda trabalhavam. O bando passou pelos conjuntos habitacionais dos Cent-Quatre-Vingts e dos Soixante-Seize, onde homens, mulheres e crianças se uniam à retaguarda dos companheiros. Ao chegarem na Madeleine, outra mina da Companhia de Montsou, somavam cerca de mil e quinhentos.

Partiram para a Crèvecoeur. Uma operadora de vagonetes foi apanhada e açoitada pelas mulheres, as calças foram rasgas e as nádegas expostas diante dos homens. Como ponderado anteriormente, a exibição das nádegas resume o valor atribuído ao povo, sugerindo negação aos valores atribuídos à burguesia. Nessa ferocidade crescente movida por uma antiga necessidade de vingança, a loucura fervia em todas as cabeças e os gritos contra os traidores e o ódio ao trabalho mal pago continuavam. A Saint-Thomas era a próxima "vítima", contudo boatos diziam que estava protegida por policiais, o que criou uma hesitação por parte do movimento, embora a raiva continuasse com os operários daquela mina, uma vez que esta era a mina mais disciplinada e a greve não a atingira. Os operários invadiram então a Victorie.

Todavia, a vingança contra às máquinas não satisfaziam os estômagos. A sede de destruição e massacre, dos mineiros de Zola, era movida por uma embriaguez perigosa, a embriaguez dos famintos. "Pão! Pão! Pão!" Após o ataque à Victorie, o bando de famintos

---

[350] PERROT, op. cit., p. 35. O temor da multidão se fixa numa imagem de grandeza assustadora: aquela de homens fazendo valer suas exigências através do controle das instituições políticas; pondo, portanto, na ordem do dia, o assédio e a ocupação das praças e dos edifícios públicos. O espectro das multidões incontroláveis dos anos revolucionários faz-se presente a cada momento da vida cotidiana, como força em repouso de uma sociedade que se autoconcebe constituída sobre o marco do acolhimento da pobreza no campo da política. BRESCIANI, op. cit., 2004, p. 109-110.

parte para a Gaston-Marie, com cerca de dois mil e quinhentos furiosos, quebrando e varrendo tudo que viam pela frente. Em menos de quinze minutos, as fornalhas foram emborcadas, as caldeiras esvaziadas e as construções devastadas. A bomba era o alvo principal: atiraram-se contra ela como uma pessoa viva, a quem quisessem tirar a vida.

> *Destruíram a bomba com barras de ferro, tijolos, com tudo o que encontravam à mão. Alguns chegaram a esbordoá-la com varas. Os parafusos saltavam, as peças de aço e de cobre deslocavam-se, como* ***membros arrancados****. Um golpe de enxada violentíssimo fez em pedaços o corpo de ferro fundido e a água jorrou. A bomba, ao esvaziar-se, fez um* ***ruído de gargarejo****, semelhante a um* ***arranco de agonia****.*[351] (grifo nosso)

Havia os que apenas "paralisavam" as máquinas, em protesto contra a exploração e a jornada de trabalho, porém a luta contra invenções e inovações ressoou também durante o período manufatureiro marcada por numerosos atentados contra mercadorias, inventos e inventores: com a invenção da máquina, os revoltosos passaram a combater os instrumentos, símbolo material do próprio capital. A primeira lei contra a destruição dos maquinários é datada de 1769, definindo a pena de morte para os culpados, o que por si só demonstra a gravidade do problema.[352] Contudo, tais medidas não frearam a ação de agitadores. Thomas Bentley descreve as destruições em Bolton, na Inglaterra, em 1779:

> *[...] encontramos no caminho várias centenas de homens, que iam* ***destruir as máquinas*** *e que fariam o mesmo por todo o país. No mesmo dia, após o meio-dia, uma grande fábrica situada perto de Chorley foi atacada por eles... Dois assaltantes foram mortos no local, um afogado e muitos feridos. A* ***multidão*** *não possuía armas de fogo e não esperava tão calorosa recepção... Estes oito mil homens* ***marcharam*** *ao som de tambor, com a bandeira desfraldada, sobre a fábrica de que eles haviam sido rechaçados no sábado [...] a* ***multidão destruía*** *totalmente instrumentos avaliados em mais de 10.000 libras. Sua intenção declarada era apossar-se da cidade, em seguida de Manchester e de Stockport e marchar sobre a cidade em direção a Cromford, de destruir máquinas, não somente nestes diferentes lugares, mas em toda a Inglaterra* (Carta de Thomas Bentley, 9 de outubro de 1779).[353] (grifo nosso)

Os instrumentos e máquinas eram vistos como responsáveis pelo aparecimento de novas relações sociais, instituições e hábitos culturais, na medida em que a agitação popular durante a primeira metade do século XIX parecia confirmar esse cenário.[354] De forma mais

---

[351] Z. G, p. 286-287.
[352] ARRUDA, op. cit., p. 82.
[353] Idem, ibidem.
[354] Como aponta Thompson, entre 1811 e 1813, a crise dos luditas; ascensão de Pentridge; em 1819, Peterloo, por toda a década seguinte, a proliferação da atividade sindical, propaganda owenista, jornalismo radical, o

concisa, a luta contra as máquinas se manifestou por volta de 1811 com a explosão do ludismo[355], levando o terror aos distritos industriais. Os luditas chamaram a atenção por seus atos de invasão e destruição de máquinas sob a liderança de Ned Ludd. O medo e a insegurança traduziam os sentimentos daqueles proletários mediante a possibilidade das máquinas, por serem mais eficientes que os homens, suprimirem seus trabalhos.

> *Nunca deporemos as Armas [até que] A Câmara dos Comuns [Parlamento Inglês] aprove uma Lei para eliminar toda a Maquinaria prejudicial à Comunidade, e revogue a que enforca Destruidores de Armações. Mas nós. Nós não pedimos mais nada – assim não dá – temos de lutar* (Ned Ludd, General do Exército de Justiceiros).[356]

Eric Hobsbawm identifica dois momentos no movimento de quebra das máquinas. O primeiro seria um subterfúgio[357] para fazer pressão contra os empregadores, isto é, não contém uma hostilidade direta contra as máquinas. Suas origens seriam as primeiras manifestações não somente contra às máquinas, como também à propriedade privada dos empregados, como forma de pressão. O segundo momento se caracterizaria como uma manifestação direta contra os maquinários, especialmente contra os equipamentos que economizavam mão-de-obra.[358]

> *A própria destruição de máquinas só intervém como um último recurso. Convém distinguir entre o verdadeiro luddismo e um* luddismo simbólico, *onde a máquina é um* ***refém*** *e a destruição dela é um meio de* ***pressão*** *num conflito. [...] Ao longo de todo o século, este tipo de violência será para os trabalhadores o meio de* ***expressão*** *de sua fúria, sua maneira de afirmar o poder sobre os instrumentos de produção. [...] O luddismo é mais importante em 1848, quando assume* ***feições*** *particularmente* ***graves****, à imagem da duração da crise e da esperança despertada pela nova República. [...] Um* ***ato preparado****, ou pelo menos precedido por uma*

Movimento das Dez Horas, a crise revolucionária de 1831-2; e, além disso, a multiplicidade de movimentos que constituíram o Cartismo. THOMPSON, op. cit., 1987, p. 14.

[355] Dois episódios marcam a história do ludismo: o movimento teve seu ápice num assalto à manufatura de William Cartwright, em York, norte da Inglaterra, em abril de 1812. Como consequência, houve uma grande perseguição aos revoltosos e explosões desordenadas aconteceram em diversas regiões do país, como Nottingham, Derbyshire, Yorkshire e Leicestershire, bem como em outros países como Bélgica, França e Suíça. Outro destaque foram os *Massacres de Peterloo,* em 1819 - nome em referência ao comando do Duque de Wellington, que havia liderado a batalha de Waterloo, na qual Napoleão foi derrotado. Nesta ocasião, a repressão aos luditas atingiu sua culminância com a morte de cerca de 15 manifestantes e 500 pessoas feridas. Em agosto de 1819, no Parque de Saint-Peter em Manchester, uma multidão com mais de 50 mil pessoas, reunidas em protesto para reformas na representação parlamentar, foi atacada por uma brutal e numerosa cavalaria.

[356] THOMPSON, op. cit., 1987, p. 98. Perrot complementa nossa discussão com os cantos ecoados por luditas franceses: *Quando eles demoliam as torres nas colinas / Tínhamos pensado que era para sempre; / E o castelo renasce de suas ruínas, / Ninho de burgueses, refúgio de abutres* (*Chant des Mineurs* de 1896). *Aos tiranos! Aos ladrões! / Esses palácios feitos com nosso suor / E nosso sangue, que eles os rendam!* (*La Marseillaise anarchiste* de 1888, cantada durante greves no norte da França). PERROT, op. cit., p. 86.

[357] Desvio.

[358] HOBSBAWM, Eric J. *Os Trabalhadores:* estudo sobre a história do operariado. Tradução de Marina Leão Texeira de Medeiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 17-20.

> *série de reuniões, de procedimentos, de ultimatos. Assim, os aparadores de Vienne, os fundidores de armas de Saint-Etienne, os marceneiros do Havre... esgotam todos os meios pacíficos para obter a retirada das máquinas. A passagem para a ação é lenta, às vezes hesitante, quase solene; e aí o papel impulsionador das mulheres, ou dos jovens, pode ser decisivo.*[359] (grifo nosso)

Quais eram as máquinas visadas pelos operários? Perrot indica que eram as grandes máquinas, cujo tamanho e volume frequentemente requeriam novas construções e implicariam concentração, logo sua destruição significaria quebra do ordenamento fabril. No caso dos trabalhadores franceses, em 1848, na cidade de Lyon, por exemplo, não eram destruídos somente os pequenos teares, como também as máquinas pesadas e as máquinas a vapor. O fato de muitas vezes existirem máquinas inglesas moldava um teor xenófobo nos ataques destes trabalhadores franceses.[360]

A agitação social também se fez presente nas zonas rurais, principalmente pelo movimento de contestação *swing*, durante os anos de 1816 a 1844, com destaque na década de 1830 ao atingir diversos condados ingleses. A sua denominação vem dos folhetins e cantigas populares que destacavam a responsabilidade de um pretenso Capitão Swing nos movimentos sediciosos[361] rurais.[362]

As conquistas trabalhistas avançaram muito lentamente durante a primeira metade do século XIX. A Lei das Associações, de 1800, proibia reuniões numa clara fobia ao ideário disseminado pelo movimento revolucionário francês de 1789. Em 1824, na Inglaterra, esta lei foi derrubada e o movimento trabalhista crescia intensamente em prol de melhores salários e jornadas de trabalho mais decentes. Durante os anos 1830, o cartismo contribuiu de forma significativa para a arregimentação da classe operária em termos de reivindicações nacionais, visando reformas parlamentares e melhorias sociais.[363]

---

[359] PERROT, op. cit., p. 36-38.

[360] Idem, p. 29.

[361] Caráter de sedição, isto é, conspiração, revolta, indisciplina, insubordinação, provocação.

[362] Os objetivos destes trabalhadores eram basicamente a defesa dos direitos costumeiros dos pobres rurais e a restauração de uma ordem social estável, uma vez que o acelerado processo de industrialização modificava cada vez mais a situação no campo. Lutavam também por melhores salários e assistência social adequada. Os revoltosos ligavam-se pelos laços da vida comunitária, sendo os indivíduos mais instruídos que se incumbiram da difusão das ideias sediciosas quando os folhetos começaram a circular em aldeias. Cf. HOBSBAWM, Eric J. e RUDE, George. *Capitão Swing:* a expansão capitalista e as revoltas rurais na Inglaterra do início do século XIX. Tradução de Marcos Antonio Villela Pamplona e Maria Luiza da Silva Pinto. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

[363] Inicialmente, através da organização pela Associação dos Operários (*London Working Men's Association*), os cartistas lutaram pela inclusão política dos trabalhadores tendo em vista o documento intitulado *Carta do Povo*, enviado ao Parlamento inglês. A manifestação exigia a limitação de oito horas de jornada de trabalho, a extinção do trabalho infantil, a regulamentação do trabalho feminino, o salário mínimo, a folga semanal, a remuneração dos parlamentares, a igualdade de direitos eleitorais, o voto secreto e o sufrágio universal masculino. O programa não foi aceito pelos governantes, porém algumas reformas foram realizadas baseadas em legislações efetivadas como a primeira lei de proteção ao trabalho infantil, a lei da jornada de trabalho de dez horas, a lei de permissão

> *Tratava-se de uma frente comum a todos os setores sociais que representavam o trabalhador pobre e, especialmente, o trabalhador urbano. Suas experiências forjadas nas lutas anteriores deram-lhes* ***instrumentos de ação*** *vigorosos: o sindicato, as sociedades de auxílio mútuo e, acima de tudo, a solidariedade e a greve. Sua meta principal, contudo, era um novo tipo de Parlamento a ser eleito pelos trabalhadores e composto por seus próprios representantes, que fossem capazes de conquistar, para a classe trabalhadora, benefícios sociais.*[364] (grifo nosso)

Bresciani complementa:

> *[...] por mais que as condições materiais da vida do homem pobre tenham polarizado as atenções, o movimento cartista levantou o problema da* ***participação política*** *do trabalhador e obrigou os pensadores liberais a constatarem o grau de instrução e a difusão de jornais entre os operários, sua capacidade de organizar-se em sindicatos profissionais e em sociedades de benefícios mútuos.*[365] (grifo nosso)

Os sindicatos *(trade unions)*, existentes desde as décadas de 1820 e 1830, foram decisivos na obtenção de conquistas trabalhistas, principalmente a partir de negociações e greves. Contudo, somente ao longo da década de 1860 e 1870 que se legitimou o direito do seu funcionamento em países como Inglaterra, Bélgica, França e Estados Unidos. A época do início do Segundo Império Francês coincide com os primeiros frutos da revolução industrial naquele país. A instabilidade da Segunda República, após a revolução de 1848, e o temor dos anarquistas e socialistas, culminou a favor de um governo forte e centralizador sob a condução de Luís Napoleão. Apesar de ditatorial, foi neste governo que se iniciou a efetiva organização sindical na França, tendo sido reconhecido, em 1864, o direito de greve.[366]

> *Napoléon III, deseoso de conciliarse com la clase obrera para contrapesar la fricción desencadenada com la burguesia em 1860, mando una delegación de obreros a Londres para que asistieran a la Exposición Universal de 1862. Los miembros de la delegación entraron entonces em contacto com los trade-unions y, de vuelta a Francia, reivindicaron el derecho a la réunion y a la asociación. El 25 de mayo de 1864 se decreto la ley de coaliciones y los obreros franceses obtuvieron el derecho de huelga.*[367]

---

de associações políticas, a reforma do código penal, entre outras. De forma lenta e gradual, as reivindicações manifestadas pelo cartismo acabariam sendo incorporadas à legislação inglesa. ENGELS, op. cit., 2008, p. 262.

[364] ARRUDA, op. cit., p. 87.

[365] BRESCIANI, op. cit., 2004, p. 102.

[366] OTTONI, op. cit., p. 31.

[367] CAUDET, op. cit., p. 23. A arrancada moderna do Império de Napoleão III, que colocou a França na rota capitalista, possibilitando enriquecimentos e aumento a miséria, dando uma sociedade mais desenvolvida, mais diferenciada socialmente, mais despolitizada, que é também uma sociabilidade leviana e oportunista, encontrará continuidade no projeto burguês da III República, que herda o "laboratório político-econômico" do Império. CARA, op. cit., p. 146.

Naquele momento, Londres era o principal refúgio de exilados políticos do continente, que demonstravam forte sentimento de solidariedade com o proletariado britânico. Como aponta Marcos Del Roio, por ocasião da Exposição Internacional de 1862[368] foram lançadas as sementes do que viria a ser a Associação Internacional dos Trabalhadores. As lideranças sindicais inglesas receberam a delegação de operários franceses enviada por Napoleão III e pode já ter surgido a ideia de fundação da associação internacional. O fracasso de Napoleão no seu intento de cooptar a liderança operária francesa se evidenciou na multiplicação de greves entre 1862 e 1864, no momento em que efetivamente se consolidavam as bases da AIT.[369]

Como afirma Thompson, a imagem da "fábrica tenebrosa e satânica" domina nossa reconstrução mental do industrialismo por ser uma construção visual e dramática, como também pela rapidez do crescimento, engenhosidade das técnicas e a dureza da disciplina, marcada por edifícios semelhantes aos quartéis, a existência do trabalho infantil, a aglomeração em torno das indústrias, a expansão desordenada etc.[370] Derivou-se a partir disso uma tradição tanto literária quanto histórica, sob diversos relatos baseados na indústria de algodão; Cooke Taylor[371], Engels ou Dickens, bem como quanto à mineração, como é o caso de *Germinal*.

> *Quando um estrangeiro passa pelas massas humanas que se acumularam ao redor das tecelagens e estamparias... não pode deixar de contemplar essas "**colméias abarrotadas**" sem uma **sensação de ansiedade e apreensão** que beira o desalento. A população, tal como o sistema a que ela pertence, é nova, mas cresce a cada momento em força e extensão. Ela é um agregado de massas que nossas concepções revestem com termos que exprimem algo de **prodigioso** e **terrível**... A população manufatureira não é nova apenas em sua formação: é nova também em seus hábitos de pensamento e ação, que se formaram, pelas circunstâncias da sua condição, com **pouca instrução**, e orientação externa ainda menor.*[372] (grifo nosso)

No romance, os burgueses que se encontravam próximos dos locais que os operários estavam passando e destruindo ficaram com um profundo medo de serem atacados. A cólera e a fome de meses de sofrimento com aquela correria desenfreada pelas minas tinham transformado em animais os mineiros de Montsou. Mulheres e homens continuavam

---

[368] *Great London Exposition* foi uma exposição mundial realizada entre 1º de maio e 1º de novembro de 1862 em Londres com diversas representações sobre indústrias, tecnologias e artes. Informações disponíveis em <http://www.british-history.ac.uk/report.aspx?compid=47522>. Acesso em 01 out. 2010.

[369] DEL ROIO, op. cit., p. 2.

[370] THOMPSON, op. cit., 1987, p. 15.

[371] William Cooke Taylor (1800-1849) foi um escritor, historiador e jornalista irlandês.

[372] TAYLOR, William Cooke. *Notes of a Tour in the Manufacturing Districts of Lancashire*, 1842, p. 4-6 *apud* THOMPSON, op. cit., 1987, p. 13.

marchando, cobertos de sangue, como carniceiros em plena matança. Gelava o sangue dos ricos a possibilidade de serem massacrados. Négrel sentia-se empalidecer; Cécile, aninhada, nem se movia; as filhas de Deneulin se aproximavam da Sra. Hennebeau, pálidas de medo.

> *As mulheres tinham aparecido, cerca de mil, os farrapos deixando à mostra a pele nua, nudez de* ***fêmeas exaustas de parir mortos-de-fome****. Algumas traziam os filhos nos braços, e levantavam-nos, agitando-os como uma* ***bandeira de luto e vingança****. [...] os homens, dois mil furiosos, aprendizes, britadores, consertadores, verdadeira massa compacta que rolava como se fosse feita de um só bloco [...] os olhos faiscavam, viam-se apenas os buracos negros das bocas cantando a* Marselhesa[373]*, cujas estrofes se perdiam num bramido confuso acompanhada pelo bater dos tamancos na terra dura. Acima das cabeças, passou um* ***machado****, bem ao alto. Esse único machado, que era como o estandarte do bando, desenhava no céu claro o perfil aguçado de um cutelo de* ***guilhotina****. [...] Era a* ***visão vermelha*** *que arrastaria a todos [...] gotejando o* ***sangue*** *burguês, exibindo cabeças, semeando o ouro dos cofres arrombados. [...] Não sobraria nada, as fortunas e os títulos das situações adquiridas desapareceriam, até o dia em que talvez desabrochasse uma* ***nova sociedade****. Sim, eram essas coisas que estavam passando pela estrada, como uma força da natureza, e vinha delas o vento terrível que lhes açoitava os rostos.*[374] (grifo nosso)

Esse medo da horda de famintos e miseráveis era reforçado por histórias terríveis que corriam e cartazes manuscritos ameaçando os burgueses com uma carnificina. Ninguém os tinha lido, porém ainda citavam frases relacionadas. Já em Montsou, defronte à mansão dos Grégoire, os operários percebem Maigrat, pálido e trêmulo, entrincheirando seu armazém com trancas de ferro. Conforme Perrot, uma vez iniciada, a destruição de máquinas visava a sistemática aniquilação. Com o auxílio de instrumentos habituais como machados, martelos e foices, os operários tentavam proceder a um desmantelamento total, "em pedacinhos" impossíveis de serem reconstituídos.

> *A resistência dos trabalhadores a domicílios, rurais ou urbanos, à mecanização esclarece o sentido da luta. Introduzida para derrotar as reivindicações operárias, para controlar o processo de produção, a máquina é a arma de uma estratégia de dominação. A oposição, aberta ou latente, que a ela oferece aos operários significa a defesa de um modo de produção mais autônomo, a recusa da maior disciplina instaurada pela mecanização, tanto mais sutil e dissimulada na medida em que pode assumir ares de justificativa técnica. Contra a máquina, o mais infalível dos contramestres, é mais que o pão, é a sua liberdade que os trabalhadores defendem.*[375]

---

[373] Hino nacional francês composto em 1792.
[374] Z. G, p. 296-297.
[375] PERROT, op. cit., p. 45.

O ataque aos burgueses é uma das passagens marcantes no romance ao retratar a fúria das mulheres contra o merceeiro. Etienne estava confuso, pois toda aquela desorganização não era nada do que planejara, estava desconfortável com a situação descontrolada e não queria que acontecessem destruições, porém ninguém mais o obedecia. Todos se moviam pela cólera e selvageria. A multidão gritava cada vez mais forte: "Morte aos burgueses! Viva o socialismo!" No meio da fúria, Cécile pedia para que não lhe fizessem mal, contudo foi atacada por Boa-Morte.

> *De repente soltou um grito rouco: umas mãos álgidas agarravam-na pelo pescoço. Era o velho Boa-Morte [...] parecia estar* ***ébrio de fome****, embrutecido pela longa miséria, saído bruscamente do seu* ***meio século de resignação****, sem que se pudesse saber que impulso de* ***rancor*** *o fazia agir assim. [...] aperta os dedos, com seu ar de velho* ***animal enfermo****, ruminando recordações.*[376] (grifo nosso)

Cécile é salva por Négrel e Deneulin antes de perecer nas mãos do velho Boa-Morte. Diversas agitações de miseráveis, na década de 1880, provocaram o temor e o espanto da multidão amotinada. Em Londres, por exemplo, em fevereiro de 1886, bastaram algumas provocações para que uma marcha pacífica em direção ao Hyde Park se transformasse num ataque a todas formas de propriedades, riqueza e privilégio.

> *[...] janelas e vitrinas foram quebradas, carruagens foram tombadas e seus ocupantes assaltados [...] O* ***pânico*** *tomou conta da cidade; notícias desencontradas sobre* ***multidões avançando*** *em direção à City ou ao West End e* ***destruindo*** *tudo no seu avanço mantêm os proprietários, o governo e as tropas em prontidão durante mais dois dias que, nas palavras do historiador S. Jones, se assemelharam ao* Grande Medo *("Grand Peur") da Revolução Francesa. [...] milhares de desempregados e famintos invadem as praças, os parques e as ruas dos bairros ricos e elegantes da cidade, os proprietários chegam a afirmar que se a política não desse conta de "limpar as ruas" eles empregariam bandos armados para fazê-lo.*[377] (grifo nosso)

A multidão de miseráveis, em *Germinal*, agora se voltava para o armazém de Maigrat, que ficava próximo, aos gritos de "Pão! Pão! Pão!". Cada machadada na porta do estabelecimento feria o coração de seu dono; mas este não se deixaria arruinar, antes morrer. Os operários observam Maigrat esgueirando-se pelo teto da loja tentando fugir. "Pega o gato! Pega o gato! Vamos fazê-lo em pedaços!"[378] Bruscamente suas mãos se soltaram e o merceeiro cai atravessado na parede, tão desastradamente que foi espatifar-se na rua, onde

---

[376] Z. G, p. 307.
[377] BRESCIANI, op. cit., 2004, p. 47-48.
[378] Z. G, p. 310.

abriu o crânio e morreu. As mulheres eram as que mais se precipitavam, presas da embriaguez de sangue.

> *– A justiça tarda, mas não falha! Ah, porco, morreste, enfim!*
> *Rodearam o cadáver ainda quente e começaram a insultá-lo com gargalhadas, chamando de coisa imunda sua cabeça despedaçada, berrando na cara da morte o longo rancor de suas vidas sem pão.*
> *– Eu te devia sessenta francos, já estás pago, ladrão! – gritou a mulher de Maheu, tão enfurecida quanto as outras. – Nunca mais vais negar-te a me vender fiado... Espera! Espera! Vou engordar-te mais ainda.*
> *Começou a cavar a terra com as duas mãos, tomou dois punhados e os enfiou violentamente na boca do cadáver.*[379]

A terra enfiada em sua boca era o pão que tinha recusado àquelas mulheres. Elas ainda estavam possessas de raiva e com sede de vingança, mesmo com Maigrat já morto. Queimada sugere castrá-lo como um miserável gato. Com suas mãos secas de velha, abriu-lhe as coxas nuas e empurrou a virilidade morta.

> *Segurou tudo e fez tal esforço para* ***extirpar o membro*** *que suas costas magras se distenderam e seus braços enormes estalaram. Mas a pele mole resistia, ela teve de atracar-se novamente e acabou arrancando o* ***despojo***[380]*, um pedaço de carne cabeluda e sangrenta que agitou no ar com uma gargalhada de triunfo.*
> *– Ah, desgraçado!* ***Não engravidarás mais as nossas filhas!***
> *– Chega! Não te pagaremos mais com a nossa carne!* ***Nunca mais teremos de abrir as pernas*** *para conseguir um pão!*
> *[...] Queimada, então, espetou o* ***naco de carne*** *na ponta da sua vara, e, levantando-o bem alto, como um* ***estandarte****, empreendeu a marcha, seguida pela* ***debandada ululante***[381] *das mulheres.*[382] (grifo nosso)

A espantosa mutilação causou tremendo horror. Ninguém pôde intervir: os homens ficaram boquiabertos com o que viam. O despenseiro emprestava dinheiro a juros e tinha o hábito de cobrar as dívidas de suas freguesas com favores sexuais. Era comum esposas e filhas de mineiros acertarem as contas do armazém na cama de Maigrat. A cena é bastante forte, todavia pode ser considerada naturalmente, uma vez que a estética do autor é quase tão bruta quanto a estrutura narrada.

> *– Mas o que é que elas têm na ponta daquele pau? – perguntou Cécile, que se enchera de coragem para olhar.*
> *Lucie e Jeanne declararam que devia ser a pele de um coelho.*
> *– Não, não – murmurou a Sra. Hennebeau. – Devem ter pilhado a salsicharia, deve ser um pedaço de porco.*[383]

---

[379] Z. G, p. 311.
[380] Restos, o que se caiu ou se arrancou.
[381] Que uiva, grita, lamenta.
[382] Z. G, p. 312.

Durante a greve, o merceeiro havia decidido não mais vender fiado, tampouco emprestar dinheiro. Os mineiros, mais do que nunca, viviam numa situação de indigência de miséria e estavam cansados de buscar entendimento para o fato de sofrerem tantas privações. Ao partirem para pilhagem da venda de Maigrat, e castrá-lo, tentavam livrar-se de um objeto que tantas vezes desonrou os lares operários com sua falta de moral e de decência.

A velha Queimada arrancou com suas próprias mãos a genitália do cadáver e a espetou numa vara, transformando aquele "naco de carne" em estandarte numa marcha simbólica e sinistra. Este pedaço de matéria morta para aquelas pobres e abusadas mulheres refletia uma outra realidade: o órgão sexual extirpado e exposto como um troféu representa então o fim de Maigrat, o fim da opressão e da desonra, o fim da vergonha e das dívidas. Trata-se de uma cena forte e marcante durante a marcha grevista.

Na luta contra as máquinas, as mulheres estiveram presentes de duas formas. A primeira como mulheres de operários desempenhando nas agitações seu papel tutelar de donas-de-casa e defendendo as condições de vida da família, a qual necessita de trabalho e pão, como é o caso da mulher de Maheu. Isto é tão forte que diversos motins por alimentos às vezes misturavam-se ao ludismo. De outra maneira, as mulheres não intervêm somente como auxiliares; insurgem por si mesmas contra a máquina destruidora ou contra um símbolo de opressão como Maigrat, conforme a fúria de Queimada e outras. Nesse ponto, as mulheres defendem, assim como os homens, o seu direito ao emprego e ao pão.[384]

A desordem provocada pela marcha sangrenta e avassaladora dos famintos trabalhadores, juntamente dos ataques às minas, às mansões burguesas, à mercearia, bem como a morte e castração de Maigrat foram fatalmente abafados aos gritos de fuga com a chegada dos policiais. Uma correria desabalada começou num "salve-se-quem-puder tão

---

[383] Z. G, p. 313.

[384] Perrot cita algumas situações de participação das mulheres em resistências. Em Saint-Etienne, o procurador do Rei deplorava: "E o que é penoso de se dizer é que, entre os mais encarniçados contra a guarda nacional, faziam-se notar sobretudo as mulheres que, com os aventais cheios de pedras, ora atiravam-nas pessoalmente, ora distribuíam-nas para atirar". Muito antes das máquinas, no tempo de Colbert (1619-1683) - político francês, ministro de Estado e economia no reinado de Luís XVI -, as mulheres de Alençon, Bourges, Issoudun tinham-se levantado contra o monopólio das Manufaturas Reais e a ameaça de uma impossível reclusão na fábrica. Em Rouen, em novembro de 1788, elas boicotaram a máquina de Barneville instalada no convento Saint-Maclou, sob a direção do padre e das freiras, que acarretava numa jornada de trabalho incompatível com as exigências das tarefas domésticas. Em Paris, durante a Revolução, as mulheres se levantaram para conseguir trabalho e domicílio, e tão turbulentas que por vezes cede-se a elas: "Mais vale deixar as mulheres isoladas e mantê-las ocupadas em casa do que reuni-las aos montes, pois as pessoas dessa categoria são como as plantas que fermentam quando se amontoam". PERROT, op. cit., p. 31-33.

rápido que em dois minutos a estrada ficou vazia; só o cadáver de Maigrat manchava de escuro a terra branca".[385]

> *[...] as associações são impotentes diante das causas mais importantes que condicionam o mercado de trabalho. E quando estas esfaimam os operários, a greve se perde: pouco a pouco os operários aceitam trabalho sob quaisquer condições e, mesmo que o número deles seja pequeno, isso basta para anular a força da associação – os* knobsticks *e os estoques de mercadorias que ainda existem no mercado permitem à burguesia obviar as consequências negativas da greve sobre seus negócios. Os fundos da associação logo se esgotam, dado o grande número de operários que recorrem à ele; os merceeiros não tardam a negar o crédito, que inicialmente concediam a altos juros'– e a necessidade obriga os operários a retornar ao jugo da burguesia.*[386]

Os fundos da associação logo se esgotam... os merceeiros não tardam a negar o crédito. Merceeiros como Maigrat? Após o incidente, a planície de Montsou estava afundada na noite escura. Somente os altos-fornos e as fornalhas de coque iluminavam ao fundo enquanto o galope pesado dos soldados se aproximava. A partir desse momento, ouvia-se somente o lento desfilar das patrulhas por toda região. Havia soldados diante de cada máquina nos poços mineiros, nas mansões burguesas, no palácio do diretor e na mercearia. A morte de Maigrat era um mistério para as autoridades: algumas prisões tinham sido efetuadas de pessoas que "com papel insignificante nos acontecimentos, como sempre, de imbecis e pobres-diabos que não sabiam de nada".[387]

Enquanto isto, a Companhia preparava as listas de demissões e devolução das carteiras de trabalho em massa. Etienne fugiu e manteve-se escondido, no fundo de Réquillart, "na toca de Jeanlin", espaço que a criança houvera guardado suas rapinas durante toda a greve. Enquanto o pânico se alastrava, na medida em que o regimento ocupava Montsou, ninguém julgava que Etienne estivesse tão perto. Em contraposição à Voreux, a mina desativada de Réquillart é, para Etienne, um lugar de refúgio e recolhimento, apesar da constante tensão vivida entre o desespero e a esperança.[388]

Contudo, Etienne, que agora era procurado pelas autoridades, decide ousar ao sair do fosso desativado para estudar a situação; "vagava pela planície escura como um lobo fora do esconderijo, parecia estar ouvindo o estrondo das falências, de uma ponta à outra do

---

[385] Z. *G*, p. 313.
[386] ENGELS, op. cit., 2008, p. 252.
[387] Z. *G*, p. 316.
[388] A mesma galeria que, ao fim do desastre causado pela sabotagem da mina, também foi rota para a salvação, bem ao lado do perigo. O subterrâneo parece doar também a esperança, e o mesmo monstro que aqui reclama a vida, ali também a devolve. Mesmo o estéril e o mortífero podem tornar-se, e de fato se torna em *Germinal*, o substrato e a base da vida.

campo".[389] Toda região se encontrava em ruínas, as fábricas estavam "mortas" e os edifícios apodrecendo. Isto tudo era reflexo de um cenário de crise industrial maior, na qual a greve dos mineiros aumentara e precipitara a catástrofe.

A crise que se arrastava por alguns anos, como observamos no relato de Boa-Morte no início do romance, "há três ou quatro anos: tudo produzindo, faltava mão-de-obra, nunca se ganhou tanto" e, de repente, "uma verdadeira desgraça cai sobre a região", era, sobretudo, consequência da suspensão de encomendas da América, o estrangulamento dos capitais imobilizados num excesso de produção e a falta imprevista de hulha para as poucas caldeiras que permaneciam acesas; essa era a "agonia suprema, a falta de pão das máquinas que os poços não forneciam mais", nas palavras de Zola.[390]

> *Assustada com o mal-estar geral, a companhia, diminuindo sua extração e esfomeando seus mineiros, em fins de dezembro encontrara-se fatalmente sem um pedaço de carvão no pátio das suas minas. Eram os elos de uma cadeia, o flagelo soprava de longe, uma queda provocava a outra, as indústrias iam-se esmagando umas às outras, numa série tão rápida de catástrofes, que as consequências repercutiam até nas cidades vizinhas – Lille, Douai, Valenciennes, onde certos banqueiros em fuga arruinaram famílias inteiras [...] a todo momento havia enormes despesas, brechas abertas nos dividendos dos acionistas, uma rápida destruição das minas, que, com o tempo, terminaria comendo os famosos dinheiros de Montsou, centuplicados em um século.*[391]

Nesse momento, Etienne se alterna entre sentimentos de esperança e desespero. A crise que se alastrara e fizera a miséria de muitos patrões, fazia-o acreditar que com um terceiro mês de resistência seria possível dar "cabo do monstro, do animal cansado e farto, agachado como um ídolo lá longe, no seu ignoto tabernáculo", uma vez que a revolta era repercutida com grande temor pelo país e nos jornais de Paris. Contudo, ao mesmo tempo em que vislumbrava uma ponta de esperança, o desespero tomava conta pelo sentimento de fraqueza frente àquela companhia poderosa, que podia perder milhões, mas posteriormente os reaveria por meio da exploração dos operários, cortando-lhes o pão caso fosse preciso.

As lendas em torno do protagonista da trama somente cresciam, ninguém sabia ao certo o que acontecera com o rapaz. Alguns acreditavam que Etienne reapareceria "à frente de um exército, com caixas cheias de ouro; era sempre a expectativa religiosa de um milagre, o ideal [messiânico] realizado, a entrada repentina na cidade da justiça que lhes fora prometida". Todavia, a maioria dos operários que havia depositado suas esperanças nas palavras daquele jovem operário com ideias revolucionárias encontrava-se desesperada com

---

[389] Z. G, p. 319.
[390] Z. G, p. 320.
[391] Z. G, p. 320-321.

a miséria absoluta e o descontentamento com o desenrolar da greve. Ao aparecer na casa dos Maheu, o próprio Etienne manifestava desânimo com o desfecho da resistência, embora a mulher de Maheu tenha explodido a sua frente.

> *– Isso não pode continuar, estamos perdidos... Temos que nos render...*
> [...]
> *– Não repitas isso, com todos os diabos! Ou eu, mesmo sendo mulher, te mando esta mão na cara... Então estamos aqui morrendo de fome há dois meses, vendi tudo o que tinha dentro de casa, meus filhos caíram doentes, para nada, para a injustiça recomeçar? Ah, só de pensar, o sangue me sobe à cabeça! Não e não! Prefiro queimar tudo, agora estou disposta até a matar em vez de me render [...] se o meu marido volta para a mina, serei a primeira a esperá-lo na estrada para cuspir-lhe na cara e chamá-lo de covarde [...] é a nossa vez, como tu bem o dizias... Quando penso que o pai, o avô, o pai do avô e todos aqueles antes deles sofreram o que nós estamos sofrendo, e o que nossos filhos e os filhos dos nossos filhos sofrerão ainda, fico louca, tenho vontade de apanhar uma faca e sair por aí...*[392]

A mulher de Maheu traduzia a fúria dos operários, à qual Etienne recuava assustado e resignado que era obra sua, não reconhecendo mais a mulher de outrora que não desejava a morte de ninguém. Era o grito contra a fome e a opressão que atingia aquela família por gerações. A situação era tão crítica que os filhos de Maheu agora mendigavam pelas estradas de Montsou, sendo que tempos atrás a mãe deles ameaçava matá-los se ousassem estender a mão.

Alzire, que tinha somente nove anos, era doente e não trabalhava nas minas, mas ajudava nos afazeres domésticos, não resistiu à miséria e pereceu de fome. Dr. Vanderhaghen nada tinha o que fazer. "Pois aí está, expirou... Morreu de fome, a desgraçada. E ela não é a única; agora mesmo vi outra ao lado. Todos vocês me chamam, mas eu não posso fazer nada, é de carne que precisam para se curarem".[393] Mas, carne era o que mais faltava naquele instante. A própria carne (humana) era tudo que tinham.

---

[392] Z. G, p. 333-334.
[393] Z. G, p. 335.

Para além do choque lamentável: civilização incinerada

> *Era o fim, a* ***besta má****, acocorada no seu buraco,* ***farta de carne humana****, já não mais expelia seu hálito forte e extenso. A Voreux, inteira, acabava de desaparecer no abismo. [...] Até onde teria de fugir para ficar salvo, naquele medonho fim de dia, sob aquelas nuvens de chumbo, que também pareciam esmagar o mundo? [...] Um* ***silêncio aterrorizado*** *tinha-se feito, só se ouvia a queda da água roncando nas* ***entranhas da terra****.*[394]

Pode-se dizer que *Germinal* é um romance bastante violento. Em diversos momentos, a violência assume caracterizações ideológicas, físicas e morais, manifestando-se em narrativas marcantes, episódios de atividades econômicas como na redução dos salários e na exploração da mão-de-obra, razões para o movimento grevista, como também em situações mal conduzidas de convívio social, marcadas por agressões físicas e a prostituição entre casais, familiares e crianças.

No empenho de abarcar um vasto mundo nas relações conflituosas em torno do capital e do trabalho, ao longo do século XIX, e mostrar que a sociedade experimentaria uma desordem se não fossem atendidas as reivindicações de quem tivesse a força de trabalho - força esta que poderia transformar-se na direção da violência incontrolável - Zola necessitava tecer sobre uma densa realidade histórica referencial, reduzida às situações limitadas retratadas em seu romance.[395]

Um dos exemplos mais grotescos da violência é o assassinato do jovem soldado bretão Jules, que fazia parte do regimento que ocupara Montsou após os incidentes e a morte de Maigrat. Etienne, que se encontrava próximo do local do crime, resolveu esconder o corpo do pobre guarda fatalmente morto pelas costas por Jeanlin.

> *Etienne, abismado com aquele brotar surdo do* ***crime*** *no fundo de um cérebro de criança, escorraçou-o de novo com um pontapé, como a uma* ***besta inconsciente****. Temia que a guarnição da Voreux tivesse ouvido o grito abafado da sentinela e olhava para a mina a cada vez que a lua surgia. Mas nada se mexia, e ele debruçou-se sobre o* ***cadáver****, tocou as mãos que esfriavam, auscultou o coração parado sob o capote [...] Que coisa detestável era isso, os pobres-diabos matarem-se entre si, pelos ricos!*[396] (grifo nosso)

---

[394] Z. G, p. 397-398.
[395] CAUDET, op. cit., p. 51.
[396] Z. G, p. 349.

Antes mesmo deste crime "do fundo de um cérebro de criança como uma besta inconsciente", Jeanlin já era acostumado com atos violentos entre seus amigos que o consideravam como um pequeno capitão. "Lydie não ousava dizer em voz alta seus sofrimentos de menina-mulher acostumada a apanhar, da mesma forma que Bébert não tinha coragem para queixar-se dos tabefes com que seu capitão lhe inchava o rosto."[397]

Com o desencadeamento da greve, cuja tensão durava por mais de dois meses, a violência contribuirá para um saldo de alguns trabalhadores mortos, seja pela fome, frio ou doença, seja pelo confronto com os soldados, como foi o caso de Maheu e outros. Os operários clamavam pela retirada do regimento que ocupava Montsou e a região, principalmente pelo fato de protegerem os fossos mineiros, onde trabalhavam agora mineradores belgas, contratados para suprirem a ausência dos revoltosos. A contratação de estrangeiros foi a saída do grande capital, isto é, buscar na Reserva de Trabalho braços para substituir os grevistas.

> *O povo foi submetido, simultaneamente, à intensificação de duas formas intoleráveis de relação: a* ***exploração econômica*** *e a* ***opressão política****. As* ***relações*** *entre patrões e empregados tornaram-se mais* ***duras e menos pessoais*** *[...] Em qualquer situação em que procurasse resistir à exploração, ele se encontrava frente às forças do patrão ou do Estado, e, comumente, frente às duas.*[398] (grifo nosso)

Os mineiros de Zola gritavam as mesmas frases: "Morte aos estrangeiros! Morte aos belgas!", "Abaixo aos calças-vermelhas" (em referência aos soldados). O regimento que se manteve imóvel e mudo aos apelos mudou de posição às ordens do capitão para preparar as baionetas; duas fileiras de pontas de aço vieram encostar-se ao peito dos grevistas.

> *– Vamos, ataquem! – repetia Maheu. – Ataquem, se têm coragem!*
> *E abriu a jaqueta e a camisa, mostrando o peito nu, cabeludo e tatuado pelo carvão. Começou a investir contra o aço, obrigando os soldados a recuarem, terrível na sua insolência e bravura. Uma das baionetas atingiu-o à altura do mamilo e ele, como doido, forçava-a para que entrasse profundamente, querendo ouvir as costelas estalarem.*
> *– Covardes, não se atrevem... Há dez mil atrás de nós. Podem matar-nos, terão de matar mais dez mil.*[399]

No embate com os operários, a posição dos soldados era cada vez mais crítica: podiam usar as armas somente em situação extrema. Era necessária toda disciplina para conter as ameaças e os xingamentos que cada vez mais cresciam. A tropa resistia a sangue-

---

[397] Z. G, p. 353-354.
[398] THOMPSON, op. cit., 1987, p. 23.
[399] Z. G, p. 349.

frio as ordens breves do capitão, mas este temia ver seus soldados perderem a cabeça com a avalanche de mineiros que cada vez mais se aglomerava. A multidão começou uma chuva de tijolos, que se tornou cada vez mais intensa, até que ao meio da confusão começaram os tiros, diversos tiros e depois um profundo silêncio. As pessoas ficaram boquiabertas e seguiu-se um pânico enorme com uma fuga sem rumo. Maheu foi atingido no coração e caiu com o rosto numa água negra de carvão.

> *A essa altura, o fogo do pelotão já varria o terreno, ceifava a cem passos os grupos de curiosos que riam da batalha.*
>
> *[...]*
>
> *Imbecilizada, a esposa abaixou-se.*
> *– Eh, meu velho, levanta-te! Vamos! Estás sentindo alguma coisa?*
> *Com as mãos ocupadas por Estelle, teve de pô-la debaixo de um braço, para voltar a cabeça do seu homem.*
> *– Vamos, fala! Onde é que estás ferido?*
> *Maheu tinha os* ***olhos vidrados****, a boca escorrendo uma* ***baba sanguinolenta****. Ela compreendeu: o marido estava* ***morto****. Ficou então sentada no lodo, a filha debaixo do braço como um pacote, olhando* ***estupefata*** *para o seu homem.*
>
> *[...]*
>
> *Do outro lado do horizonte, na borda do planalto, Boa-Morte não se movera, com uma das mãos apoiadas na bengala e a outra fazendo uma pala sobre os olhos, para ver melhor, embaixo, o* ***extermínio dos seus****.*[400] (grifo nosso)

Podemos observar que o uso da metonímia *seus* provavelmente é referência à família de Boa-Morte, que sofria com diversas mortes, assim como aos trabalhadores de um modo geral, reforçando o caráter dramático e antagônico entre mineradores e proprietários dos veios. Os tiros disparados pelos soldados, que neste contexto não deixam de ser um aparelho repressor, marcam o drama dos mineiros em torno da mina, fugindo pela lama e sendo alcançados de longe pelas balas. A selvageria de uma multidão desmembrada pelo tiroteio repercutiu em Paris nas publicações dos jornais, com narrativas atrozes em suas primeiras páginas.

> *Era simplesmente um* ***choque lamentável****, coisa vaga e distante, na* ***região carbonífera****, muito longe do centro de gravitação, que era Paris. Tudo seria esquecido em pouco tempo, a companhia recebera ordem de* ***abafar o problema*** *e de* ***acabar com a greve****, cuja irritante duração se transformava em* ***perigo social****.*[401] (grifo nosso)

---

[400] Z. G, p. 365.
[401] Z. G, p. 366.

O lar dos Maheu conservava-se permeado de dor e desgraças, com a morte de Toussaint, pai da família, e Alzire, a filha morta de fome. Catherine havia voltado para casa, enlameada e semimorta. Sua mãe pensou que também estivesse ferida por apresentar manchas de sangue na roupa, mas se tratava do "sangue da puberdade que corria, devido ao choque daquele dia abominável... a garota podia agora fazer filhos para serem mortos pelos policiais..."[402] Catherine ansiava voltar ao trabalho na Voreux, mas sua mãe não tolerava a ideia de que todo aquele sofrimento e mortes em vão fosse um esforço inútil.

Após o tiroteio, Etienne vaga pelas ruas e sente o constrangimento dos olhares cheios de rancor. Sua popularidade havia acabado como uma presa diante do conjunto habitacional que saía à rua para lhe gritar sua miséria... a cólera de olhos dilatados pela fome e pelas lágrimas. Sua imagem messiânica, daquele que conquistaria uma era de ouro e justiça àquela multidão de miseráveis, acabava de ser sepultada.

> *Punhos ameaçavam-no, mães o apontavam para os filhos com um gesto de* ***rancor****, os velhos, ao vê-lo,* ***cuspiam****. Era o resultado da* ***derrota****, o* ***reverso fatal*** *da popularidade, uma* ***execração***[403] *que se exasperava em razão de todos os* ***sofrimentos*** *suportados sem resultado. Ele pagava pela* ***fome*** *e pela* ***morte****.*[404] (grifo nosso)

O sangue fervia sua cabeça e chamava os companheiros de animais ao vê-lo como culpado dos fatos. Estava frustrado por não poder "domá-los" novamente. Cada casa que passava era praguejado, o povo amaldiçoava-o dominado pelo ódio. De uma hora para outra, "era ele o explorador, o assassino, a causa única da desgraça de todos", estava pálido e conturbado com "aquela turba ululante atrás de si".[405] Sua influência estava morta. Lembrava-se com amargura daquela vez que discursou veementemente aos mineradores na Floresta de Vandame.

> *Naquele dia tivera sua popularidade nas mãos, esse povo lhe pertencia, sentira-se o senhor dele. Sonhos loucos o embriagavam então: Montsou aos seus pés, Paris ao longe, deputado talvez, fulminando os burgueses com um discurso, o primeiro discurso pronunciado por um operário na tribuna de um parlamento. E agora, tudo acabado! Despertava miserável e detestado; seu povo acabava de corrê-lo a pedradas.*[406]

Diante do cenário de miséria absoluta e da ineficiência grevista, enquanto a companhia mineira não cedia às reivindicações, Suvarin resolve tomar partido da luta com

---

[402] Z. G, p. 368.
[403] Aversão, horror, repulsão, abominação.
[404] Z. G, p. 371.
[405] Z. G, p. 372.
[406] Z. G, p. 374.

base numa ação mais concreta ou de efeito, isto é, pela destruição da mina Voreux. As ameaças de desabamento e de inundação eram os grandes perigos que a região carbonífera apresentava. O russo procurou a prancha mestra que servia de apoio para segurar os mananciais de água nas proximidades da mina, "punha nisso tal ferocidade, que era como se estivesse esfaqueando um ser vivo, que odiasse", ansiando por exterminar "essa besta malfazeja com a goela sempre aberta que já devorara tanta carne humana".[407]

> *A **besta** estava **ferida na barriga**, ver-se-ia se ela poderia viver até a noite. E lá estava a sua marca; o mundo, aterrado, viria a saber que ela não morrera de morte natural. Demorou-se enrolando metodicamente as ferramentas na jaqueta, subiu as escadas lentamente. Depois, tendo saído da mina sem ser visto, nem chegou a pensar em mudar de roupa. [...] Havia meia hora que **observava** os mineiros voltando ao trabalho, confundidos com o escuro, passando com o seu surdo bater de cascos, como um **rebanho**. Contava-os, como os magarefes[408] contam as **reses**[409] à entrada do **matadouro**; e estava surpreso com a quantidade, não previra, mesmo no seu pessimismo, que o número de **covardes** pudesse ser tão grande. A **fila não tinha fim**, ele se retesava, friorento, cerrando os dentes, os olhos claros.*[410] (grifo nosso)

Este é mais um episódio narrado com ênfase na violência, marcando a desgraça de muitos. O plano de Suvarin se concretizou com a correria pavorosa provocada por sua ação na noite anterior; a mina transbordava de água com uma chuva mortífera de madeiras e os trabalhadores que para lá havia voltado se encontravam agora numa desesperada fuga dos veios mineiros; esmagavam-se e matavam-se para subir.

A derrocada da Voreux era ouvida por uma série de detonações, madeiras rachadas e elevadores destroçados, enquanto uma centena de homens gritava, ensanguentados e afogados, tentando sair daquele desastre. O engenheiro Négrel mandou chamar o Sr. Hennebeau para fecharem a mina, porém já era tarde. A agitação tomara conta do conjunto habitacional Deux-Cent-Quarante com o desespero das famílias.

> *[...] bandos de mulheres, velhos, crianças surgiam desabalados, sacudidos por **gritos** e **soluços** [...] muitos operários que tinham subido permaneciam por ali, estupefados, sem pensar em mudar de roupa, retidos por uma **fascinação do medo**, fitando aquele **buraco horrendo** onde quase tinham ficado. As mulheres, em volta deles, **desesperadas**, suplicavam que lhes dissessem os nomes. Quem estava lá embaixo? [...] A **multidão** aumentava rapidamente, uma **lamentação** subia das estradas. E lá em cima, no aterro, na cabana de Boa-Morte, um homem estava*

---

[407] Z. G, p. 382.
[408] Açougueiro que trabalha em matadouro; responsável pela classificação das carnes.
[409] Qualquer animal quadrúpede que se abate para alimentação humana.
[410] Z. G, p. 382-385.

> *sentado no chão: era Suvarin, que não se afastara e que olhava.*[411] (grifo nosso)

Para o desespero da mulher do falecido Maheu, após tantas desgraças ocorridas em sua miserável família, sua filha Catherine ficou presa nos veios da monstruosa, porém enfraquecida, Voreux - "sangrada no pescoço e agonizando", juntamente com Etienne e Chaval, além de outros operários que não conseguiram fugir. Em tons dramáticos, Zola descreve a amplitude da catástrofe e a destruição da mina, que cada vez mais afundava, enquanto Suvarin afastava-se sem olhar para trás pela noite escura, a mesma escuridão da noite em que começa o romance... "para o extermínio, para onde quer que houvesse dinamite para fazer ir pelos ares cidades e homens".

> *E viu-se então uma coisa espantosa: a máquina, deslocada do seu pedestal, com os* ***membros esquartejados***, ***lutar contra a morte****: caminhou, estendeu sua biela, seu joelho de gigante, como para se levantar, mas* ***expirou, esmagada, sorvida****.*
>
> *[...]*
>
> *A* ***multidão*** *fugiu aos* ***gritos****. [...] Ninguém queria gritar e gritava, com a garganta pulsando, os braços no ar, diante do imenso buraco que se abrira. Aquela* ***cratera de vulcão extinto****, com uma profundidade de quinze metros, estendia-se da estrada ao canal, numa largura de pelo menos quarenta metros. [...] E o* ***buraco aumentava****, fendas partiam das suas bordas, corriam através dos campos, a grandes distâncias. Uma fenda subia até o estabelecimento de Rasseneur, cuja fachada rachara. Será que o conjunto habitacional seria atingido?*
>
> *[...]*
>
> *O* ***desastre*** *ainda não estava completo, a margem do canal rompeu-se e ele precipitou-se de uma vez, como um lençol borbulhante, por uma das fendas. O canal foi-se esvaindo, caindo como uma cascata num* ***vale profundo****. A mina bebia aquele regato, a* ***inundação*** *agora submergia as galerias por muitos anos. Breve a* ***cratera*** *ficou cheia, um* ***lago lodoso*** *ocupou o lugar da Voreux, semelhante a esses lagos sob os quais jazem* ***cidades malditas****.*[412] (grifo nosso)

Para completar toda repercussão, Montsou ilustrava novamente a imprensa de Paris, tal como durante a fúria da multidão de mineiros nos ataques às minas, bem como no confronto destes com soldados, resultando na morte de muitos, a catástrofe na Voreux foi engrossar os noticiários, nos quais só se falava da agonia dos operários no fundo da mina. Criou-se uma verdadeira demonstração de grande piedade pelas vítimas na região pelo "horror dos escombros que pesavam tanto na cabeça dos miseráveis soterrados".

---

411 Z. G, p. 391.
412 Z. G, p. 397-399.

> *O terror da mina é um terror subterrâneo, expresso pelo silêncio e pelo ambiente deserto do fundo do poço [...] também é, logo depois, o terror dos poços que se inundam. [...] A rigor, a mina tem precedentes na imaginação mítica do sagrado natural, pois ela representa o abismo em cujo interior reside o monstro do qual o herói e o iniciado* [Etienne] *devem dar cabo, sob pena de não voltar.*[413]

Após vistoria de Négrel, ficou evidente que o desastre havia sido provocado. O engenheiro de minas ficou assustado com tamanha maldade e enorme medo religioso ao pensar no homem que fizera aquilo, como se sentisse que o mesmo ainda estivesse por lá, à espreita nas trevas, observando seu trabalho de destruição.[414]

O desespero da família Maheu se traduzia na apreensão de Zacharie que imaginava sua irmã Catherine gritando por socorro nas entranhas da terra. Este se batia contra a hulha ferozmente no intuito de encontrá-la e sofria com o calor que aumentava a cada metro de avanço, insuportável naquele buraco estreito onde não circulava ar. Havia quase duas semanas que os prisioneiros permaneciam num frio absoluto sem pão. Mais uma vez o sofrimento aumentaria para a mulher de Maheu: seu filho que buscava a irmã morreria num acidente fatal durante as buscas.

Zacharie cometeu a imprudência de acender sua lanterna, que ao contato com o gás que se formava no corredor sem ventilação *(grisu)* bruscamente provocou uma explosão. O contramestre e os operários que estavam próximos não morreram, mas suplicavam que os matassem exalando um cheiro de carne queimada. De Zacharie, somente restou uma parte de seu corpo, fatalmente queimado.

> *As roupas tinham ardido, o* ***corpo*** *não passava de um* ***carvão negro, calcinado, irreconhecível.*** *Esmagada na* ***explosão****, a cabeça tinha desaparecido. E quando aqueles* ***restos horríveis*** *foram* ***depositados*** *sobre uma maca, a mulher seguiu-os maquinalmente, os olhos reluzindo, sem uma lágrima. Levava nos braços Estelle adormecida, caminhava trágica, com os cabelos fustigados pelo vento. No conjunto habitacional, Philomène ficou petrificada, depois começou a chorar copiosamente, sentindo-se aliviada. No mesmo passo em que viera, a mãe voltou a Réquillart: tinha acompanhado o filho, voltava para esperar pela filha [...] nas* ***ruínas*** *de uma* ***cidade destruída*** *e* ***diluída*** *no lodo.*[415] (grifo nosso)

---

[413] Nem os cavalos, os animais de carga do subsolo, estão livres. Batalha e Trombeta surgem na narrativa com os sentimentos do animal humano. Trombeta quando é baixado, imóvel e suspenso, ao fundo do poço, desiste já de se espernear e escabujar; sobrevive no fundo da mina com o olhar fito, aumentado pelo terror. A experiência do terror se estende até os animais, nivelando-os com os humanos e é levada na descrição da vida e morte do cavalo prisioneiro das profundezas, Batalha. Não por acaso pertence à própria condição de Batalha não ter podido sair, em dez anos, da goela do deus subterrâneo; seu triste fim só corrobora este destino, que morre durante a catástrofe da Voreux. DREHER, op. cit., p. 9-10.

[414] Z. G, p. 393.

[415] Z. G, p. 406-407. Philomène: esposa de Zacharie com quem tinha duas crianças.

As minas de carvão são palcos de pavorosos desastres. Engels critica a ilusória segurança nesses ambientes subterrâneos, onde o *metano* combina-se à atmosfera, formando um composto gasoso que se inflama com a menor faísca, explodindo e aniquilando todos que se encontram em seu raio de ação. Além disso, o *anidrido carbônico*, que assim como o metano se desprende abundantemente nessas localidades, acumula-se nas partes mais profundas que asfixia qualquer um que passe por ali. Os portões que separam as diferentes partes das minas deveriam impedir a propagação das explosões, todavia a vigilância normalmente é confiada a crianças pequenas, que adormecem durante o expediente ou executam o trabalho sem muito cuidado.[416]

> *Os **funestos efeitos** desses dois gases seriam perfeitamente evitáveis se assegurasse uma correta ventilação mediante poços de aeração adequados; mas o burguês não gasta seu dinheiro na construção deles e limita-se a recomendar aos operários o uso exclusivo da lâmpada Davy, cuja luminosidade tão débil a torna inservível e, por isso, é substituída por velas. Se, então, ocorre uma explosão, a responsabilidade é posta na conta da negligência dos operários – mas se o burguês tivesse providenciado uma boa ventilação, seriam praticamente impossíveis quase todas as explosões. Ademais, a qualquer momento as galerias **desmoronam**, parcial ou totalmente, **sepultando** ou **esmagando** os trabalhadores. E isso sem contar o **mau estado** dos cabos pelos quais os mineiros descem aos poços: muitas vezes se rompem e os infelizes **esfacelam-se** na queda até o fundo do poço.*[417] (grifo nosso)

A dramática morte de Zacharie é somente uma ilustração desta face sinistra do industrialismo, responsável pela morte de tantos outros operários, que são os acidentes. Como indica Engels, explosões desse gênero eram quase cotidianas, conforme seu exemplo de Haswell Colliery, em Durham na Inglaterra, onde 96 pessoas morreram.[418] Enquanto os mineiros de Zola permaneciam desesperados com o soterramento de seus amigos e familiares, o acidente aguçou mais ainda a curiosidade de Montsou com o impacto da destruição e inundação da mina. Os burgueses organizavam excursões, entusiasmados em passeios de carruagem. Os Grégoire decidiram fazer o mesmo, juntamente com a Sra. Hennebeau, Lucie, Jeanne[419], Deneulin e Négrel.

O Sr. Grégoire, sua esposa e Cécile decidiram passar rapidamente pelo conjunto habitacional para fazer uma "visitinha de cinco minutos" aos Maheu. A morte de Zacharie enchera-os de piedade por essa trágica família: a mãe os comovia; perdera o marido morto pelos soldados, a filha morta de fome, o filho queimado e, provavelmente, outra filha já era

---

[416] ENGELS, op. cit., 2008, p. 282.
[417] Idem, ibidem. Lâmpada Davy: inventada em 1815 pelo químico inglês Humphry Davy (1778-1829).
[418] Idem, p. 282. Relatado pelo *Northern Star*, edição de 12 de outubro de 1844.
[419] Filhas de Deneulin. Ver Anexo B – *Germinal* – I. Personagens.

cadáver abaixo da terra, sem contar o avô enfermo e um menino manco em consequência de um desabamento. Um verdadeiro rosário de desgraças.

A casa dos Maheu era um lar acabado em luto, abandonado e negro. Parecia ter ninguém em seu interior, ao passo que nada se manifestava às batidas na porta, até que a mulher de Levaque, vizinha, ofereceu uma chave para abrir, informando que o velho Boa-Morte estava lá dentro. O velho estava sozinho e pregado na cadeira, não se mexia nem piscava. "Aos pés tinha o prato cheio de cinza, como os gatos têm os seus, para fazerem suas necessidades [...] cuspiu no prato um espesso escarro negro [...] todo carvão da mina que ele arrancava da garganta".[420]

Uma vez mais, solidária com aquela família de miseráveis, Cécile entrou no recinto e deixou um pouco de carne e duas garrafas de vinho sobre a mesa, bem como um par de sapatos para o velho. Este somente a observava com a mesma frieza de sempre, sem responder. A jovem burguesa estava sozinha com Boa-Morte, sob a sensação de já conhecer aquele velho, até que se lembrou dele naquele episódio de confusão, ao meio de uma multidão descontrolada, quando sentiu suas mãos frias apertando seu pescoço.

Zola os descreve frente a frente em mais uma cena de forte contraposição entre os mundos, da pobreza e da opulência, resumida em outro ato de violência, consumado no estrangulamento da jovem. Enquanto o velho apertava mais uma vez o pescoço de Cécile, nenhum ruído atravessava as paredes daquele lar repleto de miséria; um ambiente de silêncio pesado e outra descrição de selvageria. O efeito da narrativa sobre o leitor pode ser intenso: na leitura de *Germinal* quase que se sente a presença viva e profunda de todas as tensões descritas.

> *Hipnotizados, os dois ficaram um* ***defronte do outro****, ela florescente,* ***rechonchuda e rósea****, graças aos longos ócios e ao bem-estar refarto da sua raça, ele inchado de água, de uma* ***fealdade atroz de animal estafado****,* ***degenerado*** *de pai para filho por cem anos de trabalho e de fome. Ao fim de dez minutos, quando os Grégoire, surpresos de não verem Cécile, voltaram à casa dos Maheu, soltaram um* ***grito terrível****. Sua filha* ***jazia no chão****,* ***roxa e estrangulada****. [...] Boa-Morte, oscilante sobre suas pernas trôpegas*[421]*, tinha caído junto dela, sem poder levantar-se. Tinha as* ***mãos*** *ainda* ***crispadas****, olhava para as pessoas com o seu ar de idiota, de olhos arregalados. [...] Teve-se de acreditar num acesso repentino de* ***demência****, numa* ***compulsão inexplicável de assassínio****, diante daquele* ***pescoço branco de donzela****. Causou assombro tal* ***selvageria*** *num* ***velho enfermo*** *[...] O* ***horror*** *fez concluir pela inconsciência, era o* ***crime*** *de um* ***mentecapto***[422]*. Os Grégoire, ajoelhados, soluçavam, sufocados de* ***dor****. A sua filha adorada, essa filha tanto tempo desejada, cumulada de todas as vontades, a quem, nas pontas dos pés, iam espiar*

---

[420] Z. G, p. 408-409.

[421] Arrastado, instável, andar dificultoso, penoso.

[422] Aquele que perdeu o uso da razão, mentalmente desordenado, sem juízo, louco, alienado, idiota.

> *quando dormia, nunca alimentada o bastante, nunca bastante gorda! Para eles, a vida estava terminada.*[423] (grifo nosso)

O assassinato de Cécile perpassa as desgraças vividas pelos miseráveis àqueles que ostentavam uma vida de luxúria. Como observado, a jovem já havia sido vítima das mãos de Boa-Morte durante o ataque à sua mansão. Este segundo ataque, de demência e horror, transpõe as violências do romance. De fato, a assassinato reflete o ponto máximo do choque entre os mundos, apesar de ser então mais um episódio das inúmeras atrocidades, selvagerias e desastres de Montsou. Um "crime de um mentecapto" que ilustra a conduta humana sob a ótica naturalista de Zola, considerando os fatos, o meio físico e a moralidade como produtos da hereditariedade e das condições de vida. Para além disso, é como se a própria narrativa "estrangulasse" o leitor, num golpe extremo diante do quadro exposto.

Depreende-se da atitude extrema de Boa-Morte que ele enxergue nas carnes brancas e macias de Cécile toda a abastança e o viço (exuberância, força, vida, florescência) dos ricos. Essa visão esplendorosa de vida parece elucidar ao velho, carroceiro da mina Voreux, a origem da imensa miséria e do sofrimento seculares de toda uma família de proletários. Por tanto, ele acaba vingando, à sua maneira toda a injustiça de que foram vítimas seus antepassados e que se estende aos seus contemporâneos.[424] Entre seus dedos agoniza toda uma história de exploração, sendo que não é somente sua nora que perde seus filhos, mas também todos aqueles que viviam às custas do trabalho dos mineradores.

Outra cena de assassinato ocorre dentro da mina, onde estavam presos Etienne, Catherine e Chaval. Nessa passagem, Zola perpassa as agressões físicas para o campo de ordem passional, isto é, na relação de amor e ódio entrelaçada por estas três personagens. Aquelas almas desesperadas que havia ficado presas debaixo da terra estavam a cerca de duas semanas agonizando, como se fosse uma vingança da Voreux, "que soltava o sangue das veias, porque lhe tinham cortado uma artéria".

Chaval e Etienne são rivais desde o primeiro momento em que se conheceram, sobretudo na disputa por quem ficaria com Catherine. Em diversas passagens os dois discutem ou até brigam, chegando ao caso extremo de mais uma morte no romance. Etienne não aguentava mais a presença de seu rival debaixo da terra, que apertava Catherine à força. Os detalhes da descrição são a própria estética naturalista.

> *O sangue começou a ferver na cabeça de Etienne. [...] A* ***necessidade irresistível de matar*** *possuiu-o, uma* ***necessidade física****, a* ***excitação***

---

[423] Z. G, p. 410-411.
[424] LINHARES, op. cit., p. 56.

> ***sanguínea*** *de uma mucosa que determina um violento acesso de tosse. Aquilo explodiu, fugiu ao seu controle, sob o impulso da* ***lesão hereditária****. Agarrou-se a uma lasca de xisto*[425] *da parede, puxou-a e arrancou-a, enorme e pesada. Depois, com as duas mãos, com força redobrada, abateu-se sobre a cabeça de Chaval. [...] O cérebro salpicou o teto da galeria, um jato purpúreo corria da ferida, igual a uma fonte [...] o* ***corpo no chão*** *parecia um* ***montículo negro*** *de restos de carvão. Etienne, curvado, observava-o com as pupilas dilatadas [...] voltavam-lhe à memória todas as suas lutas, esse* ***combate inútil*** *contra o* ***veneno*** *que dormia nos seus músculos, o* ***álcool lentamente acumulado*** *da família. E, no entanto, só estava* ***ébrio de fome****, mas o* ***longínquo alcoolismo*** *dos pais bastara para matar [...] uma alegria fazia pulsar seu coração, a* ***alegria animal*** *de um apetite enfim* ***satisfeito****.*[426] (grifo nosso)

Zola caracteriza este momento de insanidade de Etienne como uma miséria hereditária, isto é, a imagem de um assassino de sentimentos infames e problemas com alcoolismo, personalidade esta herdada de seus familiares, sobrepõe a imagem de aprendiz de teses socialistas e convicto herói que um dia houvera guiado os colegas à greve e prometera uma nova sociedade. Novamente o autor aproxima a figura humana à bestialidade animal na satisfação de matar. Eis aqui o determinismo hereditário, característico da estética naturalista, em que, pelo instinto e pela crise nervosa, Etienne se transforma; nas palavras de Zola, uma loucura repentina de assassínio, "a necessidade de saborear o sangue, o mal hereditário". Ao contrário do "mentecapto" Boa-Morte, de certa forma inconsciente de seus atos, Etienne "contempla sua obra".

Nesse ponto, Etienne não se diferenciava daqueles que também, de uma forma ou outra, cometiam atrocidades. O apetite enfim satisfeito deste homem pôde-se concretizar numa noite de núpcias ao fundo daquele túmulo com sua amada. Depois disso não houve mais nada. Etienne e Catherine passaram horas juntos. Julgando que a jovem estava dormindo, o rapaz pôde constatar que estava muito fria, e na verdade, morta. Ele a havia possuído, mas tudo estava acabado.

Após longas e árduas tentativas de resgate, os operários que agonizavam debaixo da terra foram salvos; foram os caminhos da desativada e antiga mina Réquillart que os salvaram. Na superfície, diversos cadáveres foram trazidos e alinhados: Chaval, um aprendiz, dois britadores, e por fim, Catherine, para o desespero de sua mãe. A mulher de Maheu gritava sem parar numa queixa sem fim. Era uma desgraça completa. Outras mulheres na multidão também choravam e perdiam a razão ao ver os pobres mineradores mortos, seus entes e amigos queridos. A sensação e a experiência do terror aparece no romance em diferentes níveis.

---

[425] Nome genérico para vários tipos de rochas laminadas.
[426] Z. G, p. 410-411.

A religiosidade tende a ser entendida por Zola de maneira difusa como um sentimento inespecífico, básico e natural, isto é, marcado pelo "feixe de sensações" característico do animal humano. Esta experiência difusa é coberta por palavras como temor, medo, terror e pavor. Conforme Dreher, esta religiosidade é temor e se faz presente no romance sob diversas formas. Seu nível mais básico é puramente e ostensivamente biológico, por exemplo, no temor de Catherine diante da agressividade de Chaval, ou então, quando diversas mães de família berram de terror ao pressentirem que Jeanlin teve as pernas esmagadas sob as escoras da mina.[427]

Outro nível designa o temor oriundo da estruturação familiar e social da autoridade e do poder, conforme o "ar de terror" de Catherine, quando esta não quer voltar à casa dos pais, ou ainda o "temor hierárquico" proveniente do diretor das minas sobre os mais de dez mil operários do Montsou, bem como o temor dos patrões relatado nos discursos de Pluchart. Um terceiro nível coloca o temor como algo impreciso e somente pressentido; é o temor do futuro, da imprevisibilidade e do desconhecido, presente no desastre maior na mina Jean-Bart, pertencente a Deneulin ou o temor das consequências incertas da greve. É o temor da catástrofe e do fim iminente.

Em outro nível, percebemos o temor dotado de características religiosas explícitas que visa ao sagrado do que propriamente o origina, sendo apresentado muitas das vezes por transferência. Neste terreno, compreende-se o "terror supersticioso" dos Grégoire, o "receio de que milhões de dinheiro se derretessem num instante", o egoísmo reinante sob a influência esmagadora do capital. Há ainda a "admiração amedrontada" de Bébert e Lydie, vítimas contínuas de Jeanlin que era venerado como um senhor. Mais além, este temor religioso coloca o homem numa situação prestes a ser deglutido pela mina como por um animal voraz, sob a ameaça de ser coisificado como seu alimento. Dessa forma, o temor surge de forma explícita e direta como terror e horror diante de uma natureza reduzida à condição do próprio inferno literalmente subterrâneo, nas palavras de Mumford, o inferno paleotécnico.

> *[...] uma esterilidade vulcânica, sob a qual, havia séculos, ardia uma mina deserta de hulha. Perdia-se aquilo na lenda, os mineiros contavam umas histórias de fogo do céu caindo sobre aquela Sodoma[428] dos fundos da terra, onde as gradadoras se manchavam de abominações; e tanto que nem tinham tido tempo de fugir, e ainda hoje lá estavam a arder nas entranhas daquele inferno. Brotava enxofre, em flores amarelas, à beira das margens.*

---

[427] DREHER, op. cit., p. 6.

[428] Cidade que teria sido destruída com fogo e enxofre descido do céu devido punição divina pela prática de atos imorais, conforme tradição bíblica judaico-cristã.

> *Clarões errantes corriam à flor da terra; vapores quentes, expelindo o fedor da imunda cozinha do diabo, queimavam continuadamente.*[429]

O ambiente natural oculta uma força sobrenatural, sagrada, em certo sentido. A mina de carvão é, por excelência, local onde se sobressai o terror religioso do homem. O inferno não é somente um lugar; é um monstro quase nunca presente e acessível aos sentidos, contudo sempre pressentido em sua ausência, mesmo em seu recolhimento no interior do templo distante, onde é cultuado por seus adoradores anônimos e burgueses. Zola não apresenta o "espaço sagrado" como perigoso por ser guardado por um monstro, e, sim pelo espaço, a mina, ser o próprio monstro.[430]

Conforme explicitado, *Germinal* é um romance que expõe profundamente a violência, sobretudo por duas razões: pelas relações conflituosas do capital e do trabalho e pela bestialidade humana moldada pela hereditariedade e pelo ambiente de vivência das personagens, segundo a concepção naturalista literária de Zola. Desde o princípio ao fim, as linhas do romance são permeadas de situações onde o temor, o medo, o temor e o pavor são reinantes. A violência aparece em diferentes matizes na obra. A violência do frio cortante da noite gelada de março, quando Etienne chega em Montsou, da crise econômica e da falta de empregos, à partida do protagonista, após o acidente na Voreux.

A violência da voracidade da mina, uma aparição fantástica que engole sua ração diária de homens e mulheres, travestida de poder emanado de um distante deus oculto. A violência da falta de pão, alimento básico para sobreviver, das vezes que Boa-Morte foi resgatado de acidentes na mina e das suas doenças oriundas de meio século de trabalho nos campos carboníferos. A violência da expansão urbana e do crescimento populacional, da desarticulação social e da consolidação de uma sociedade inédita, à transformação do tempo e do ritmo de vida.

A violência da sociedade do trabalho, da fiscalização, da vigilância e da disciplina. A violência dos contrastes sociais, da exclusão, da coexistência da opulência material e a degradação humana à multidão descontente e do medo emanado pela mesma. A violência da aglomeração humana em condições insalubres e precárias, das doenças decorrentes da falta de alimentação, da falta de higiene e da falta de condições dignas de trabalho. A

---

[429] Z. G, p. 264-265.

[430] Diante do natural-sobrenatural que é a mina, todo o terror é menor e dependente. A própria lenda do *Homem Negro*, que, coberto de fuligem, sublima o sobrenatural na paisagem e no ambiente próprio das minas, é menor. O Homem Negro é o terror das mulheres, o vigilante das gradadeiras num ambiente de promiscuidade, uma alma penada que castiga a volúpia [prazer] num lugar onde nenhum sacerdote jamais foi e no qual a confissão perdeu todo o sentido. Como resquício de um mundo além, de uma fonte sobrenatural de temor religioso, o Homem Negro não é a verdadeira ameaça nem a principal raiz e manifestação de terror numinoso. A origem e o *lócus* do terror religioso como tal é a própria mina. DREHER, op. cit., p. 9.

violência do *homo faber* criador e inventor, porém devastador, à violência da exposição de lixo e do constante mau-cheiro nas cidades.

A violência do sistema fabril e da rotina escrava das minas, da descida aos veios e galerias subterrâneas, espaços apertados, úmidos, sem segurança, à poeira carbonífera e ao engatinhar, o trote de fêmea de Catherine, as longas jornadas de trabalho e a existência encasulada na cidade subterrânea. A violência da expropriação dos saberes técnicos, da divisão social e hierarquização, das relações de poder e da transformação do homem em mero acessório. A violência da bestialidade e animalidade humanas, do grande capital manifesto da deusa besta Voreux, do dinheiro como nivelador social, da humilhação de mendigar, da guerra social ou ameaça intermitente das multidões descontentes, à sensação de terror.

A violência das simulações e do individualismo, da "condenação perpétua" da miséria hereditária, do alcoolismo, dos acidentes de trabalho, da debilidade física, da luta pela existência e conivência do trabalho infantil. A violência das faces deformadas de crianças que desde cedo embarcam nos mundos do trabalho, das espantosas penalidades: multas, demissões, incriminações e prisões, do "império da miséria", à degradação dos valores morais, a prostituição, a instrumentalização da mulher e os abusos econômicos e sexuais de Maigrat.

A violência do (re)ordenamento do espaço urbano, das leis sanitárias à confrontação de operários com gigantes invisíveis "divindades", movida por acionistas distantes, travestidas em minas, fábricas, ferrovias. A sobreposição do grande capital perante os pequenos empresários como Deneulin, à redução ou corte de salários e a sofrida greve, para os trabalhadores. A violência no seio da tensão existente entre trabalho e capital, das "lutas intestinas" da Internacional, do "culto da destruição bakuniano" manifesto em Suvarin, da alienação, do ataque aos trabalhadores considerados traidores, que não aderem às greves ou associações (*knobsticks*), à violência extrema contra às máquinas e a aniquilação destas.

A violência oriunda de "multidões ululantes", da cólera, da ameaça política, da destruição, do infanticídio, do suicídio, da demência, da criminalidade, da violência propriamente dita, à "embriaguez dos famintos" e a "embriaguez do sangue". A agonia da mina e seu metal sendo trucidado, dos ataques às propriedades privadas, da "fábrica tenebrosa e satânica", da multiplicação de greves, do ataque aos burgueses, do horror perante a morte e castração de Maigrat, à morte de Alzire por fome e frio. A violência dos assassinatos de Jules, o soldado bretão, por Jeanlin, de Toussaint Maheu pelas baionetas dos

soldados, de Chaval por Etienne, este último como reflexo da miséria hereditária de um assassino com sentimentos infames e problemas com alcoolismo.

A violência do choque com os soldados, com a chuva de tijolos e insultos *versus* os tiros das armas, do extermínio dos seus (observado por Boa-Morte), da selvageria da multidão, da destruição da Voreux por Suvarin, uma "besta ferida na barriga", dos homens e mulheres presos debaixo da terra após a catástrofe, da imprudência de Zacharie e a explosão, consequentemente sua morte, ao choque/polarização de mundos manifesto no ataque de Boa-Morte à Cécile, estrangulando-a até a morte. Listamos aqui algumas das violências presentes na narrativa de *Germinal*, bem como em nossa leitura esmiuçada ao longo das páginas deste estudo, conforme mencionado, em que reina o terror, o pavor, o medo e o temor sob diversas facetas.

Após toda a desgraça ocorrida em Montsou, do aniquilamento da Voreux aos assassinatos e acidentes, Etienne, que havia sobrevivido à destruição da mina, recuperara suas força depois de seis semanas num leito de hospital. A Companhia o havia demitido; mediante preocupação ainda lhe oferecera um seguro de cem francos e o "conselho paternal" de abandonar as minas. Etienne não aceitou a quantia de dinheiro, mas estava decidido em abandonar Montsou. Estava em jogo uma proposta muito mais interessante para seu futuro, isto é, uma resposta de Pluchart, chamando-o para Paris, via uma carta com dinheiro para viagem. "Era a realização do seu sonho antigo [...] levantara-se de madrugada com um único desejo, despedir-se dos companheiros, antes de tomar o trem das oito horas, em Marchiennes".[431]

Nesse ponto, o desejo de Etienne em ir embora está na contramão de sua caminhada pela estrada, no início da obra, passando frio, fome e procurando emprego. Assim como, a volta ao trabalho e o fim da greve inverte o movimento de luta marcada pela marcha forçada de um exército vencido, cabisbaixo e dilacerado. Todo pessoal do conjunto habitacional dos Deux-Cent-Quarante agora trabalhava na mina Jean-Bart, inclusive a mulher de Maheu. Antes de partir, Etienne vai até a mina despedir-se dos companheiros.

> *Após dois meses e meio de greve,* ***vencidos pela fome****, quando voltavam às minas tiveram de aceitar a tarifa do revestimento, essa baixa disfarçada de salário, odiada por todos,* ***ensanguentada*** *pelo sacrifício de tantos companheiros. Roubavam-lhes uma hora de trabalho [...] o trabalho tinha recomeçado por toda parte, em Mirou, Madeleine, Crèvecoeur, Victorie... [...]* ***filas de homens*** *caminhavam de cabeça baixa, como um* ***rebanho*** *dirigindo-se para o* ***matadouro.*** *[...] nessa volta em massa, nessas sombras mudas, negras, sem um riso, sem um olhar para o lado,*

[431] Z. G, p. 428.

> *pressentiam-se os dentes cerrados de* ***cólera****, o coração afogado de ódio, todos resignados apenas às* ***necessidades do estômago****. [...] Voltou a encontrar o* ***monstro engolindo sua ração de carne humana****, os elevadores emergindo, mergulhando, sumindo com carregações de homens, sem descanso, abocanhando com a facilidade de um* ***gigante voraz*** *[...] o poço exasperava-o. [...] na sua resignação secular, nessa disciplina hereditária que a curvava de novo, surgia um resultado: a certeza de que a* ***injustiça*** *não podia continuar durando, e de que, se* ***Deus estava morto****, nasceria outro para vingar os* ***miseráveis****.*[432] (grifo nosso)

Etienne observava o quanto a mulher de Maheu estava acabada e miserável com aquele "corpo de animal parideiro". Apertou sua mão e dos demais companheiros e deixou a mina. No caminho, encontrou Jeanlin que voltara ao trabalho também, como encarregado de limpeza. Se não tivesse erguido "seu focinho de macaco, de orelhas abanando e olhinhos azulados", Etienne não o teria reconhecido. A partida desta personagem encerra o romance de uma forma em certa medida esperançosa, isto é, na crença do mesmo estar amadurecido e que um dia sua fé absoluta numa revolução próxima se concretizaria.

> *Aos poucos, em* Germinal, *vai tomando forma uma* ***fé utópica*** *da parte de Etienne e dos Maheu. Mas mesmo esta fé é contrabalançada, no texto de Zola, por um certo "mecanicismo" que afeta até mesmo a* ***esperança****, e também pela* ***mística*** *anárquica da aniquilação de Suvarin, que destrói tudo quanto destrói a Voreux. [...] a fé utópica simplesmente "****germina****" como que espontânea, e naturalmente da* ***condição subumana*** *dos habitantes do cortiço, e isso de modo recorrente e inexorável, mesmo que para de novo se frustrar. [...] A esperança possível brota de modo determinista da condição humana [...] essa esperança apresenta-se como um processo de* ***crescimento natural****, em analogia às ervas que, desde as trevas, buscam a luz do sol.*[433] (grifo nosso)

Ao longo do caminho, Etienne examina a paisagem e alegra-se com a nova estação. Sentia-se forte com sua experiência na mina como um "soldado intelectual da revolução". Zola reforça a mudança de ambiente, principalmente com a chegada da primavera, com o ideal da *germinação* ou gestação de uma luta que não terminaria naquele momento. Etienne estava inspirado pelos discursos de Pluchart: desejava mostrar ao mundo como o cheiro da miséria o incomodava.

Como expõe Salete Cara, o final ambíguo de Etienne Lantier, perante sua chance de ascensão pessoal e seu triunfo de intelectual na tribuna do grande capital, que ele pretende a favor do proletariado, não implica necessariamente numa transformação revolucionária. Àquela altura, o protagonista dá por encerrada sua formação prática entre os mineiros, partindo na busca de seu destino pessoal, ainda que permaneça a tensão e o conflito em sua

---

[432] Z. G, p. 429-433.
[433] DREHER, op. cit., p. 12.

relação com o coletivo: "já se via na tribuna, triunfando com o povo, se o povo não o devorasse". Tal ambiguidade entre o projeto pessoal e o projeto coletivo torna cruéis as últimas páginas de *Germinal*. No final do livro, a trama histórico-ficcional sustenta sua aposta na racionalidade e num refinamento burguês, que segundo o próprio Etienne, o tinha levado para além de sua própria classe e aumentando ainda mais seu ódio contra a burguesia.[434]

> *As medidas liberais de Napoleão III foram impostas entre 1864 e 1870, primeiro com a lei que legalizava as greves (desde que não ferisse o direito à liberdade de trabalho), depois com uma reforma do código civil prevendo a igualdade legal do trabalhador e do empregador, tolerando greves sem admiti-las oficialmente até propor, em 1870, um corpo de inspetores para solucionar problemas trabalhistas. Em* Germinal, *a descrição da armada de futuros revolucionários, germinando do fundo das minas de carvão e brandindo sua revolta e sua vida miserável, coincide com o momento em que Etienne Lantier parte entusiasmado para Paris. [...] ele sabe que jamais voltará à mina, escolhendo seu lugar entre os vencedores depois do massacre dos mineiros [...] E faz valer a hipótese da tensão com a qual o próprio Zola enfrentava os impasses de seu tempo. Esse impasse está no futuro projetado para Etienne com sua anunciada distância do operariado, quando vai para a capital. Ele integra a própria marcha capitalista da República, que tenta aprimorar a modernização democrática que os erros do II Império de Napoleão III não lograra alcançar.*[435]

O contraste entre o terror e a esperança fica nítido neste encerramento da obra: é do próprio bojo do monstro subterrâneo - aquele lugar de pavor religioso - que vai ressurgindo o negro exército de homens diante da luz. A esperança descrita como rebento que brota e cresce espontaneamente oferece um contraponto ao terror da redescrição e reinvenção naturalista-literária da religião, isto é, uma religião sem qualquer ordem providencial, sem um Deus criador, sem se abater mesmo diante do "Leviatã" subterrâneo.

> *Decididamente, tudo se estragava quando havia* ***luta pelo poder****. Fora o caso dessa* ***famosa Internacional****, que devia ter renovado o mundo e agora estava* ***impotente,*** *após ver seu formidável exército dividir-se, esfarelar-se por causa das* ***lutas intestinas****. Teria razão Darwin, o mundo não seria mais que uma batalha, os fortes devorando os fracos, para o embelezamento e a continuidade da espécie?*
>
> *[...]*
>
> *Debaixo do chão, muito no fundo, a setecentos metros, parecia-lhe ouvir golpes surdos, regulares, constantes: eram os companheiros que vira descer, os negros companheiros que cavavam, cheios de um* ***ódio silencioso****. Sem dúvida tinham sido derrotados, pois haviam deixado dinheiro e mortos, mas Paris não esqueceria os tiros da Voreux, o* ***sangue do império*** *também correria por aquela* ***ferida incurável****. E, se a crise industrial chegasse ao fim, se as fábricas reabrissem uma a uma, não tinha importância, o* ***estado de guerra*** *continuaria [...] a derrota deles não*

---

[434] CARA, op. cit., p. 80-81, 88.
[435] Idem, p. 79-80.

> *trazia segurança para ninguém; os burgueses de Montsou viram sua vitória minada pelo surdo* ***mal-estar*** *das sequelas da greve [...] a* ***revolução*** *renasceria sem descanso, talvez mesmo amanhã, com a greve geral, a união de todos os trabalhadores resultando em caixas de socorros que os levariam a aguentar por muitos meses comendo pão [...] até que o velho edifício abalado desmoronasse,* ***tragado*** *como a Voreux [...] arregimentarem-se em silêncio, conhecerem-se, reunirem-se em* ***sindicatos****, assim que a lei o permitisse [...] tomar o poder, ser os donos. Ah! Que despertar da verdade e da justiça! O* ***deus repleto e acocorado*** *rebentaria na hora, o* ***ídolo monstruoso*** *escondido no fundo do seu* ***tabernáculo****, nesse desconhecido longínquo onde os* ***miseráveis*** *o alimentavam com sua carne, sem nunca tê-lo visto.*[436] (grifo nosso)

Podemos perceber na narrativa referências à derrocada ou fracasso da Associação Internacional dos Trabalhadores, inclusive pelas disputas internas, ou "lutas intestinas" nas palavras do autor, entre algumas figuras de renome como Karl Marx e Mikhail Bakunin. Zola também tece críticas ao Segundo Império (1852-1870), sob a opressão de Napoleão III. Além disso, procura deixar clara a posição dos oprimidos que não foram completamente derrotados. Um dia estes se organizariam, se reuniriam em sindicatos, já que naquele momento este tipo de agremiação ainda era proibida na França, e chegariam ao poder por uma revolução. Era essa a esperança de Etienne que partia para Paris, e porque não de Zola, ansioso por uma república socialista, ainda que continuassem fumegando as chaminés dos altos-fornos e as baterias das fornalhas.

> *Agora, em pleno céu, o* ***sol de abril brilhava*** *em toda a sua glória,* ***aquecendo a terra que germinava****. Do flanco nutriz* ***brotava a vida****, os* ***rebentos desabrochavam*** *em folhas verdes, os campos estremeciam com o brotar da relva*[437]*. Por todos os lados as* ***sementes cresciam****, alongavam-se,* ***furavam a planície****, em seu caminho para o calor e a luz. Um transbordamento de seiva escorria sussurrante, o ruído dos germes expandia-se num grande beijo. E ainda, cada vez mais distintamente, como se estivessem mais próximos da superfície,* ***os companheiros cavavam****. Sob os raios chamejantes do astro rei, naquela manhã de juventude, era daquele rumor que o campo estava cheio.* ***Homens brotavam****, um* ***exército negro, vingador,*** *que* ***germinava*** *lentamente nos* ***sulcos da terra****, crescendo para as* ***colheitas do século futuro****, cuja* ***germinação*** *não tardaria em fazer* ***rebentar a terra****.*[438] (grifo nosso)

A esperança parece, ao final de *Germinal,* sobrepujar o terror. Ambos não desaparecem da narrativa naturalista e tampouco desaparece a religião, que persiste num mundo e num ambiente onde o divino é transfigurado. Mas quem é esse deus da justiça que poderia salvar os mineiros? Deus está ausente e talvez nem mesmo um outro venha, porém os mortais possuem esperança diante do monstro voraz... Etienne mantém sua fé, regozija no

---

[436] Z. G, p. 435-437.
[437] Folhagem rasteira, grama.
[438] Z. G, p. 437-438.

simples fato de estar vivo e debaixo do céu e alimenta sua convicção absoluta numa revolução próxima.

Os mineradores de Montsou, desordenados no seu movimento, acreditando no auxílio da Internacional, que não foi suficiente, e, sobretudo, passivos de uma grande liderança, se voltaram contra o monstruoso capital que administra as minas do norte da França, porém são fatalmente derrotados. Ainda assim, permanece a imagem forte de esperança e resistência, simbolizada no ato de germinar, que originaria uma mudança social o quanto antes. A passagem final reforça então o espírito de luta dos oprimidos, do quarto estado, que (re)nasceriam das profundezas da terra. Contudo, se para os mineiros de Zola existe a esperança de transformação, para Lewis Mumford, os herdeiros da cidade subterrânea...

> *[...] são presa dos* ***temores compulsivos*** *e das* ***fantasias corrompidas*** *cujo resultado final pode ser a* ***aniquilação*** *e o* ***extermínio*** *universal; e quanto mais se dedicarem a adaptar seu ambiente urbano a essa possibilidade, mais seguramente acarretarão o* ***genocídio coletivo irrestrito,*** *que muitos deles justificariam mentalmente como o preço necessário da preservação da "liberdade" e da "civilização". Os mestres da* ***cidadela subterrânea*** *estão comprometidos com uma "guerra" à qual não podem pôr um fim, com armas cujos* ***efeitos finais*** *não são capazes de controlar, para fins que não podem alcançar. A cidade subterrânea ameaça, por conseguinte, tornar-se a* ***cripta funerária final*** *da nossa civilização incinerada.*[439] (grifo nosso)

Zola associa as sementes de novas plantas como possibilidade e esperança de transformação social, dado que, por mais que se destruam os brotos, as sementes sempre voltarão a germinar. Convém ressaltar que o autor concebe o seu romance como uma ferramenta pela qual ele pode mostrar a dura realidade sócio-econômica vivida pelos franceses no século XIX. O escritor faz isso transportando para a criação literária as regras de investigação científica, conforme seu modelo de *romance experimental*, atendo-se numa linguagem científica e naturalista.

---

[439] MUMFORD, op. cit., 1991, p. 520.

Considerações Finais

Nunca será demais voltar a um escritor como Émile Zola, que deu conta de mostrar o momento da transformação, a passos largos, de um país de forte base agrária, e já mergulhado no caminho de uma modernização paradoxal. O Império de Napoleão III, período abarcado pelo conjunto dos vinte romances dos Rougon-Macquart, é o tempo em que começa a se solidificar a interdependência entre a marcha do progresso e o capital financeiro, que interfere cada vez mais diretamente nos rumos da modernização. A lembrança da herança revolucionária de 1789 empalidece diante dos novos interesses, quando as ilusões liberais já tinham feito água e a hegemonia ia sendo distribuída entre indústria e casas bancárias, que se fortalecem.[440]

Em *Germinal*, a discursividade gira em torno do anseio de libertação do operariado, manifesto às vezes sob o prisma socialista, às vezes sob a ótica anarquista, diante da opressão do grande capital figurado na mina Voreux; desdobramento de um quadro de antagonismos entre mineradores e patrões da narrativa. O título da obra é profundamente sugestivo, isto é, carrega consigo intenções políticas e ideológicas, aludindo o calendário da Primeira República Francesa (1792-1804) em um período tido como decadente (Segundo Império: 1852-1870), bem como em certo sentido remete-nos a algo embrionário, em gestação ou por *germinar*: a superação das mazelas oriundas da coexistência entre miséria humana e opulência material.

Émile Zola foi participante da realidade sobre a qual refletiu, dispondo de uma narrativa que em diversos momentos adota tons escuros e sombrios. Porém, ao final da trama é chegada a primavera, a renovação, incitando o leitor a se envolver na possibilidade/esperança de brotos da mudança que das entranhas da terra um dia voltariam a germinar. Pode-se entender como a obra é fundamental na formação da consciência social moderna, pois é referência para diversas áreas do conhecimento humano. Nesse ponto, o enredo e as ações das personagens, ainda que subordinadas à visão de mundo do autor, constituem uma fonte privilegiada em nosso estudo.

É propósito do autor chamar a atenção para as precárias e desumanas condições de trabalho, bem como ao sentimento de revolta de multidões esmagadas pelo peso da exploração. Os mundos, os planos ideológicos, sociais e culturais se embatem no romance. Zola tece um retrato da atmosfera pesada e suja que presenciou, revelando ao leitor imagens

---

[440] CARA, op. cit., p. 24.

tão fortes e vivas que quase extrapolam sua característica de ficção. O escritor tomou partido do sofrimento e da sede de justiça do proletariado de sua época, carente de leis protetoras e suscetível aos graves acidentes de trabalho, à exploração e à miséria, onde não se poupavam sequer mulheres, crianças e velhos. Trata-se de uma denúncia das mazelas sociais ao seu estilo naturalista de expressar e explicar os fenômenos da vida e do comportamento humano.

Germinal é repleto de metáforas emblemáticas e instigantes, como o grotesco elevador da mina que surge como uma grande boca para engolir os mineiros, a bestialidade e a animalidade que definem o ser humano, a associação da desorientação dos trabalhadores diante da miséria com um formigueiro em pânico. As linhas do romance são profundamente dantescas ou remetem quaisquer outras representações do inferno (nas palavras de Mumford, inferno paleotécnico), como, por exemplo, as descrições e relações do intenso frio, ao início do livro, com o calor insuportável no interior das galerias mineiras.

Por outro lado, Zola também toca em outra ferida inerente ao capitalismo, isto é, sua autofagia ou capacidade de autodestruição, quando expõe também os sofrimentos de senhores de minas quando o setor está em crise; algumas empresas começam a falir em virtude do excesso de oferta do produto ou em razão de crises macroeconômicas, em que os pequenos são absorvidos pelos grandes.

À guisa de conclusão, parece que alguns pontos esmiuçados ao longo desta investigação merecem ser sublinhados. Conforme notamos, a trajetória de Émile Zola revela sua importância no bojo da literatura francesa, por suas contribuições naturalistas de conceber o mundo, bem como por seus posicionamentos políticos e seu engajamento como figura libertária. A liberalização da imprensa, em maio de 1868, marcou sua atuação em jornais oposicionistas, como crítico contundente de Napoleão III.

Vimos que Zola arquitetou minuciosamente seu edifício literário, designando sua escrita como naturalista, fomentando uma "literatura científica" em sintonia com as movimentações e os ideários que proliferavam durante o século XIX. Em específico, norteou-se pelas proposições de Bernard, em *Introdução ao Estudo da Medicina Experimental* (1865), nomeando seu método de romance experimental. Nesse ponto, a conduta humana imaginada por Zola é determinada pela herança genética, pela fisiologia das paixões e pelo ambiente; nisto reside o desenvolvimento das personagens e enredos determinados sobre aspectos científicos semelhantemente às experiências de laboratório.

Associamos nesta pesquisa a imagem de Coketown à também fictícia Montsou, como claras representações das cidades industriais ocidentais. O realismo de Zola pauta-se na inserção de lugares reais e na criação de fictícios, como também na sua precisão em descrever

os meios sociais e em sintetizar as agitações do movimento operário que se sucederam durante o século XIX. Ainda que seja uma obra ficcional, a necessidade de se materializar os espaços trabalhados em sua narrativa se traduz, por exemplo, na elaboração de um mapa, de próprio punho do autor, conforme anexo.

É evidente o jogo de oposições na narrativa de Zola, o qual expõe o choque entre os mundos operário e burguês. Partindo para o lado oposto da vida dos mineiros de Montsou, o autor descreve o cotidiano da família Grégoire, dependente exclusivamente de ações das minas desde a criação da Companhia. O grande choque entre a miséria e a riqueza é simbolizado na trama com o encontro entre a mulher de Maheu e os burgueses.

É provável que Zola quisesse retratar, à sua forma, o que ele mesmo chamava de "lutas intestinas" do seio da Internacional, assemelhando em alguns pontos suas personagens com destacados teóricos esquerdistas como Marx e Bakunin. Há ainda em uma destas personagens (Suvarin) possivelmente uma representação caricaturizada quanto às relações entre o Império Russo e a Polônia, à época, sendo que a segunda nação serve de nome à coelha do anarquista russo.

Quanto às penalidades e a exploração do trabalho, é notável as demissões, multas, prisões e incriminações; reflexo este do poder quase ilimitado do patronato no que tange o controle, a vigilância e a opressão. Nestes ambientes de trabalho, a falta de segurança é a causa principal do elevado número de acidentes e mortes. Em *Germinal*, o autor nos sensibiliza ao descrever uma das mazelas mais grotescas desta sociedade industrial, isto é, o trabalho infantil, bem como as consequências de acidentes como é o caso de Jeanlin, vítima de um desabamento nos veios. É impressionante a deformação das faces e o envelhecimento dos pequenos operários, conforme observamos nas fotografias de Lewis Hine.

Com base em relatórios e registros médicos, conforme observamos através de diversos autores, podemos notar a gravidade de se trabalhar em ambientes fechados como as minas e as fábricas, considerando os riscos de problemas respiratórios, cardíacos e de outros órgãos, em virtude da poeira, da fumaça e da falta de oxigênio. Constatam-se ainda as inflamações, a baixa estatura, a tuberculose, a fadiga, dentre outros. Este é um ambiente onde também, sobretudo pela ótica naturalista, a moralidade apresenta-se destruída pela miséria hereditária, pela instrumentalização da mulher ou pela bestialidade que domina os homens.

Os seres humanos são bestializados, sobretudo as mulheres apresentadas de cócoras, demandando uma força incrível para empurrarem vagonetes. Em contrapartida, a mina é humanizada em diversos momentos, principalmente quando é descrita ao tragar homens (onde os trabalhadores são expostos no interminável elevador que os leva às partes

subterrâneas) ou quando agoniza ao ser ferida e destroçada. A mina é a representação máxima de um horror intercambiável com sentimento do sagrado de terror, medo e pavor. Conforme Dreher, o terror da mina invade o conjunto habitacional como um terror diante da morte e diante do esquife de quem foi morto por desabamento, radicando uma adversidade extrema como ameaça totalizante à existência.[441]

Notamos que a questão da multidão aglomerada representa uma ameaça política, sobretudo na França do século XIX, onde era sensível o temor revolucionário. Nas palavras de Zola, isto representava o medo da horda de famintos, denominação tão recorrente ao longo de *Germinal*. Pontuamos que o terror da mina é um terror do subterrâneo: a imagem de um monstro que reside em seu interior, que todos os dias devora sua "ração de homens e mulheres", consolida a representação de um abismo, no qual seus operários devem dar cabo sob a pena de não voltar.

Nessa cidade subterrânea, a hereditariedade e o meio, componentes determinantes para a estética naturalista, são notórios na descrição do assassinato de Chaval por Etienne; o segundo se transforma sob uma loucura repentina de assassínio como um mal hereditário, o qual sente uma necessidade de saborear sangue - de forma consciente, diferentemente do mentecapto Boa-Morte e em contraposição à imagem do "soldado da revolução", estudioso e comprometido com o bem de sua comunidade.

O romance finaliza na recuperação de Etienne, após o desastre da Voreux provocado por Suvarin, e a caminhada do protagonista rumo à Paris a convite de Pluchart. Ainda que tenha um final ambíguo, isto é, marcado pela possibilidade de ascensão de Etienne e seu triunfo de intelectual na tribuna do grande capital, *Germinal* contrasta o terror e a esperança, em que do próprio subterrâneo ressurgiria/brotaria um exército de homens diante da luz, em busca da justiça social. Assim, a esperança parece sobrepujar o terror, sobretudo pela associação de Zola entre a transformação da sociedade e o nascimento de novas plantas.

Fiel aos princípios do determinismo e da hereditariedade, as obras de Zola abrangem não apenas todas as camadas sociais, mas praticamente todos os tipos de atividade. O escritor sabia que existia um público disposto a consumir os livros que fornecesse, sem dificuldades, com observações sobre a vida nas fábricas, no comércio, na bolsa de valores, no mundo da prostituição etc. Sua estratégia revela a vocação generalizante de um escritor ansioso em se dirigir a um público cada vez mais amplo. Nesse ponto, *Germinal* pode ser considerado tanto uma reportagem documentária como um relato de ficção. Trata-se de uma resposta ficcional possível de um recorte histórico situado.

---

[441] DREHER, op. cit., p. 9-11.

Muitas representações de Zola se comportam como as pessoas que o autor cruzava diariamente: em ambientes miseráveis, sobrepunha-se a "besta humana", busca-se alívio no álcool, convive-se pela violência. Para sobreviver era necessário: roubar, se prostituir. Crianças sucumbiam à violência e à fome. A doença é um elemento pertinente nas narrativas do escritor francês, tanto daquela advinda das insalubres condições do meio, quanto a doença nervosa; ambas atacam todas as classes sociais, reproduzindo essa condição original nas gerações subsequentes.[442]

Lemos obras clássicas como *Germinal*, para nelas encontrarmos um sentido que permita compreender melhor o homem e o mundo; compreendermos a nós mesmos. Conforme Todorov, o conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um. A obra literária é a encarnação de um pensamento e de uma sensibilidade, bem como uma interpretação do mundo. O que os romances nos dão não é um novo saber, mas uma nova capacidade de comunicação com seres diferentes de nós; nesse sentido, eles participam mais da moral do que da ciência.[443]

Isto é, a estética naturalista possibilita transmitir essa leitura de mundo e encarnação de pensamento e sensibilidade, de maneira profundamente única, crua e fria. Zola deixa entrar luz em lugares obscuros ao descrever relações e sensações oriundas de um cotidiano conflitante e inquietante. Com base na leitura realizada de *Germinal*, podemos reafirmar a premissa de Todorov quanto ao poder da literatura tornar o mundo mais pleno de sentido, uma vez que a expressão naturalista nos propicia uma forma diferenciada de descobrir mundos e interagir com outros mediante sensações incomparáveis e insubstituíveis.

Portanto, consideramos o romance aqui trabalhado como uma importante fonte na compreensão das sensibilidades do mundo oitocentista, reafirmando seu caráter de resposta ficcional possível às indagações apresentadas ao longo deste trabalho. Trata-se de um retrato da decadência social do tempo em que foi escrito, que para o próprio autor é um registro de suas impressões e uma análise científica pormenorizada do homem e da moral. Entendemos sua maneira de expressar como uma conjugação de fatores recorrentes da sociedade a qual pertenceu, fortemente marcada pelos efeitos do industrialismo como as contradições sociais e o desenvolvimento das ciências.

Ao tecermos essa trama investigativa, através de um grande esforço de interpretação e diálogo bibliográfico, apresentamos nossa proposta de leitura de um romance estupidamente provocativo, visando o entendimento da complexidade que é o mundo

---

[442] RODRIGUES, op. cit., p. 48.
[443] TODOROV, op. cit., p. 32, 38, 81.

industrial. O olhar de Zola evidencia um caminho meticuloso de leitura, sendo uma abordagem bastante sensível. Podemos afirmar que sua estética naturalista, além de sensibilizar, contrastar e incomodar, é uma outra maneira de dizer ou ler a história da sociedade industrial europeia, que não é exclusiva de nenhuma esquerda ou qualquer corrente historiográfica. Zola apoiá-se rigorosamente em sua metodologia realista-naturalista e vai fundo ao pensar os mundos do trabalho do século XIX denunciando suas mazelas e contradições.

O autor de *Germinal* termina o romance deixando o sonho de transformação no escuro, ainda que as metáforas da germinação e da primavera sejam muito fortes. A própria metáfora da noite é constante no romance desde o princípio. O engajamento de Zola e sua leitura de mundo certamente refletem sua necessidade de expressar a sociedade que sentia e vivia, arrasando o leitor com detalhes sobre a miséria com sentimentos de dor... Se você leitor dessa investigação, elaborada desde as primeiras páginas com base na narrativa naturalista em *Germinal*, sentiu-se profundamente sensibilizado e incomodado, isto é um forte sinal que Zola permanece vivo.

Como não se sentir fragilizado e incomodado às descrições patológicas de seres humanos que somente possuem sua própria carne como meio para sobreviver sob longas e enclausuradas jornadas de trabalho num ambiente ameaçador como as minas? Como não se comover perante a descrição da morte e castração de Maigrat, a falsidade e horror da Sra. Hennebeau para com os familiares dos mineiros, a aniquilação e agonia da deusa besta Voreux, os corpos dilacerados de crianças como Jeanlin ou a loucura repentina assassina de Etienne e seu ataque à Chaval?

Buscamos na "atmosfera de degeneração" inerente à estética naturalista, uma expressão plausível e provocante sobre a sociedade industrial, sabendo que se trata de um registro oriundo da posição incômoda do intelectual naquele momento, cujo mundo se apresentava sob constantes transformações. *Germinal* é um romance enervante: suas páginas são evidências das formas pelas quais a estetização da pobreza se materializou, sendo uma representação da coexistência da miséria humana e a riqueza industrial, conforme buscamos apresentar ao longo desta investigação.

Anexos

Anexo A – Obras Publicadas 162
Anexo B – *Germinal* 165
Anexo C – Coketown 171
Anexo D – Trabalho Infantil 172
Anexo E – *J'Accuse* 174
Anexo F – Naturalismo 184
Anexo G – Quarto Estado 186

Anexo A – Obras Publicadas[444]

Romances

- As Costureirinhas de Provença – *Les Grisettes de Provence* (1859)
- Contos à Ninon – *Contes à Ninon* (1864)
- A confissão de Claude – *La confession de Claude* (nov 1865)
- O juramento de uma morte – *Le vœu d'une morte* (nov 1866)
- Esboços Parisienses – *Esquisses Parisiennes* (1866)
- Os mistérios de Marseille – *Les mystères de Marseille* (1867)
  - Folhetim: *Le Messager de Provence*
  - Tomo I de 2 mar a 14 de maio
  - Tomo II de 23 maio a 29 de ago
  - Tomo III de 19 de set a 1 fev de 1868
  - Em volume, junho e outubro
- *Thérèse Raquin* (dez 1867)
- *Madeleine Férat* (1868)
  - Folhetim: *L'événement illustré* de 2 set a 20 out
  - Livro: dezembro
- Novos contos à Ninon – *Nouveaux contes à Ninon* (1874)
- As noites de Médan – *Les soirées de Médan* (1880)
- *Madame Sourdis* (1880)
- O capitão Burle – *Le capitaine Burle* (1882)
- *Naïs Micoulin* (1884)

A *saga* dos Rougon-Macquart

- A fortuna dos Rougon – *La fortune des Rougon* (1870)
  - Folhetim: *Le Siècle,* 28 jun (interrompido)
  - 10 ago, continuação
  - Livro: outubro 1871
  - Reedição em dez 1872
- O regabofe – *La Curée* (1871)
  - Folhetim: *La Cloche* de 28 set a 5 nov
  - Interrompida sob intervenção
  - Reedição em jan 1872
- O ventre de Paris – *Le ventre de Paris* (1873)
  - Folhetim: *L'État* de 12 jan a 17 mar
  - Livro: maio
- A conquista de Plassans – *La conquête de Plassans* (1874)
  - Folhetim: *Le Siècle* de 24 fev a 25 abr
  - Livro: junho
- O crime do padre Mouret – *La faute de l'abbé Mouret* (1875)
  - Folhetim: *Le Messager de l'Europe,* fev e mar
  - Livro: abril
- O senhor ministro – *Son excellence Eugène Rougon* (1876)

[444] É importante salientar que grande parte de sua obra ficcional e crítica foi publicada anteriormente em jornal.

- Folhetim: *Le Siècle* de 25 jan a 11 mar
- Livro: fevereiro

➢ A taberna - *L'assommoir* (1876)
- Folhetim: *Le Bien Public* de 7 jul a 7 jan 1877
- Livro: março

➢ Uma página de amor - *Une page d'amour* (1878)
- Folhetim: *Le Bien Public* de 11 dez a 4 abr
- Livro : abril

➢ *Nana* (1879)
- Folhetim: *Le Voltaire* de 16 out a 5 fev
- Livro: março

➢ A roupa suja - *Pot-Bouille* (1882)
- Folhetim: *Le Gaulois* 23 jan a 14 abr
- Livro: abril

➢ O paraíso das damas - *Au bonheur des dames* (1883)
- Folhetim: *Gil Blas* 17 dez a 1 mar 1882
- Livro: março

➢ A alegria de viver - *La joie de vivre* (1884)
- Folhetim: *Gil Blas* 28 nov a 3 fev 1883
- Livro: março

➢ ***Germinal*** (1885)
- Folhetim: *Gil Blas* 26 nov a 25 fev 1884
- Livro: março

➢ A obra - *L'ouvre* (1886)
- Folhetim: *Gil Blas* 23 dez a 27 mar
- Livro: março

➢ A Terra - *La Terre* (1887)
- Folhetim: *Gil Blas* de 29 mai a 16 set
- Livro: novembro

➢ O sonho - *Le rêve* (1888)
- Folhetim: *Revue Illustré* 1 abr a 15 out
- Livro: outubro

➢ A besta humana - *La bête humaine* (1890)
- Folhetim: *La Vie Populaire* 14 nov 1889 a 2 mar
- Livro: março

➢ O dinheiro - *L'argent* (1891)
- Folhetim: *Gil Blas* 30 nov a 4 mar 1890
- Livro: março

➢ A derrocada - *La débâcle* (1892)
- Folhetim: *La Vie Populaire* 21 fev a 21 jul
- Livro: junho

➢ O doutor Pascal - *Le docteur Pascal* (1893)
- Folhetim: *La Revue Hebdomadaire* 18 mar a 17 jun
- Livro: junho

Série *Três Cidades*

➢ Londres - *Lourdes* (ago 1894)
➢ Roma - *Rome* (maio 1896)
➢ *Paris* (mar 1898)

Série *Quatro Evangelhos*

- Fertilidade - *Fécondité* (out 1899)
- Trabalho - *Travail* (jul 1901)
- Verdade - *Vérité* (fev 1903 - publicado postumamente)
- *Justice* (não terminado)

Peças de Teatro

- Thérèse Raquin (1873)
- Os herdeiros Rabourdin - *Les héritiers Rabourdin* (1874)
- O botão de rosa - *Le bouton de rose* (1878)
- *Renée* (1887)
- Poemas líricos - *Poèmes lyriques*

Obras Críticas

- Confidências de um curioso - *Confidences d'une curieuse* (1865)
- Meus ódios - *Mes haines* (1866)
- *Chroniques* (1868-1870)
- A República em marcha - *La République em marche* (1868-1872)
- Letras Parisienses - *Lettres Parisiennes* (1872)
- Estudos sobre a França contemporânea - *Études sur la France contemporaine* (1875-1878)
- O romance experimental - *Le roman expérimental* (1880)
- Nossos dramáticos autores - *Nos auteurs dramatiques* (1881)
- Os romances naturalistas - *Les romanciers naturalistes* (1881)
- O naturalismo no teatro - *Le naturalisme au théâtre* (1881)
- Documentos literários - *Documents littéraires* (1881)
- Nossos autores dramáticos - *Nos auteurs dramatiques* (1881)
- Uma campanha - *Une campagne* (1882)
- Nova campanha - *Nouvelle campagne* (1896)
- Impressões de audiências: páginas do exílio - *Impressions d'audiences: pages d'exil* (1898)
- A verdade em marcha - *La vérité en marche* (1901)

Poesia

- *Messidor* (1898)
- O furacão - *L'ouragan* (1901)

Anexo B – *Germinal*

I. Personagens

a. Família Maheu

► **Guillaume**, antepassado que descobriu o primeiro veio nas minas; o mesmo porta seu nome.

► **Nicolas**, o bisâvo; morto na mina.

► **Vincent**, apelidado como **Boa-Morte**; o avô; carroceiro. Estrangulou Cécile Grégoire.

► **Toussaint Maheu**, o pai; minerador, morto abatido por soldados durante confronto em Montsou.

► **Sra. Maheu**, sua esposa; 40 anos; criou seus filhos que começam a trabalhar muito jovens e frágeis.

► **Catherine**, 15 anos; mineradora; amante de Chaval; morta na *Voreux* durante acidente final.



Boa-Morte conversando com Etienne.[445]



A miséria na casa dos Maheu.

► **Zacharie**, 21 anos; o filho mais velho; minerador; amante de Philomène com quem tem duas crianças; morto durante explosão na *Réquillart* durante a busca de sua irmã.

► **Jeanlin**, 11 anos; aprendiz; sofreu acidente durante queda de uma galeria; assassinou um soldado.

► **Alzire**, 9 anos; doente; não trabalha nas minas, porém ajuda sua mãe em casa; morta de fome.

► **Lénore**, 6 anos.

► **Henri**, 4 anos.

► **Estelle**, 3 meses.

---

[445] As imagens presentes neste Anexo foram extraídas da versão ilustrada francesa datada de 1885. Desenhos de J. Férat. ZOLA, Émile. *Germinal*. Paris: Librarie Illustrée, 1885. Fonte: Bibliothèque Nationale de France. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5493777b.image.r=Germinal.langPT.f9.pagination>. Acesso em 10 out. 2009.

b. Outros Trabalhadores

► **Lantier Etienne**, protagonista da trama; é ele quem sai em busca de um trabalho e vive com os Maheu; filho de Gervaise e de Lantier; um bêbado. Ele se torna com o passar do tempo o chefe dos mineradores; se apaixona por Catherine e assassina Chaval durante o acidente na *Voreux*.



Etienne vagando pela estrada entre Marchiennes e Montsou.

► **Levaque**, o vizinho; acaba na prisão.

► **Sra. Levaque**, sua esposa; 41 anos; amante de Bouteloup.

► **Bouteloup,** 35 anos; minerador; vive com os Levaques; amante e pai do próximo filho da Sra. Levaque.

► **Philomène**, a filha; 19 anos; mineradora; amante de Zacharie com quem tem duas crianças.

- ► **Achille**, 3 anos.
- ► **Désirée**, 9 meses.

► **Bébert**, 12 anos; o filho; aprendiz; abatido pelos soldados durante confronto em Montsou.

► **O velho Mouque,** tratador de cavalos.

► **A Mouquette**, sua filha; morta ao salvar Catherine, abatida pelos soldados durante confronto em Montsou.

► **Mouquet**, seu filho; abatido pelos soldados durante confronto em Montsou.

► **Chaval**, minerador; amante de Catherine, morto assassinado por Etienne nas galerias da mina *Voreux*.

► **Pierron,** o vizinho de frente (aos Maheu); entregue por sua esposa como informante.

► **Sra. Pierronne**, sua esposa; 28 anos; amante de Dansaert, o capataz.

► **Lydie**, 10 anos, filha de Pierron, mineradora, abatida pelos soldados durante confronto em Montsou.

► **Queimada**, a madrasta, lavadora, abatida pelos soldados durante confronto em Montsou.

► **Berloque**, conhecido como Chicot; minerador; morreu no acidente em que Jeanlin se feriu.

► **Suvarin**, 30 anos, mecânico russo, habita a taverna de Rasseneur, anarquista que exalta a revolução e a morte daqueles que não concordam com suas ideias; sabota a *Voreux* causando a morte de muitos mineiros. Viúvo de Ánuchka (enforcada em Moscou), saiu da Rússia devido suas atividades terroristas.

► **Pluchart**, mecânico em Lille e chefe dos trabalhadores filiados à Interncional da região Norte da França.

c. Os Patrões

► **Léon Grégoire**, 60 anos, aposentado, vive das ações da mina *Voreux*. Primo de Deneulin.

► **Sra. Grégoire**, 58 anos, sua esposa, filha de um farmaceútico de Marchiennes.

► **Cécile Grégoire**, 18 anos, a filha deles, morta estrangulada por Boa-Morte.

► **Sr. Hennebeau**, 48 anos, o diretor das minas da Companhia de Montsou.

► **Sra. Hennebeau**, 40 anos, trai seu marido com seu sobrinho, que irá casar com Cécile Grégoire.

► **Paul Négrel**, o engenheiro, sobrinhos dos Hennebeau, órfão, amante de sua tia.

► **Deneulin**, mais de 50 anos, viúvo e pai de duas filhas, proprietário da Vandame, Jean-Bart e duas outras minas, que não quis vender à Companhia de Montsou. Primo de Grégoire.

► **Lucie**, 22 anos, sua filha mais velha, ama o teatro.

► **Jeanne**, 19 anos, a filha mais nova, ama a pintura.



A visita da Sra. Hennebeau e seus convidados parisienses ao conjunto habitacional mineiro.

► **Dansaert**, o capataz, amante da mulher de Pierron, aposentou da mina após a greve.

► **Richomme**, abatido pelos soldados durante confronto em Montsou enquanto tentava acalmar os mineiros.

► **Quandieu**, um velho minerador, 70 anos, o mais velho dos trabalhadores de Montsou, ele parou os mineradores ao destruírem a mina de Mirou.

d. Outros

► **Rasseneur**, tarbeneiro, antigo minerador que instalou sua taberna em frente à porta da *Voreux*.

► **Sra. Rasseneur**, sua esposa.

► **Maigrat**, o dono da mercearia; tira proveito da pobreza dos mineiros obrigando mulheres e meninas se deitarem com ele. Morre ao cair do telhado de sua casa durante os incidentes em Montsou, onde então é castrado por Queimada e outras mulheres intoxicadas de raiva por seus abusos.

► **Sra. Maigrat**, sua esposa, traída pelo marido.



► **Padre Joire**, sairá da vila e será substituído.

► **Padre Ranvier**, será transferido da vila.

► **Dr. Vanderhaghen**, médico da Companhia das Minas, visita o conjunto habitacional duas vezes pela semana.

► **Honorine**, empregada.
► **Mélanie**, cozinheira a mais de trinta anos.
► **Francis**, cocheiro.

Empregados dos Grégoire

► **Rose**, empregada.
► **Hippolyte**, empregado.

Empregados dos Hennebeau

► **O capitão**, 28 anos; encarregado de uma tropa de soldados para defender as instalações mineradoras. Faz de tudo para evitar o confronto, mas será impossível.

► **Jules**, jovem soldado bretão de Plogoff que será assassinado por Jeanlin e terá seu corpo escondido por Etienne na *Réquillart*.

II. Localidades

► **Montsou,** vila mineira, onde se encontra o conjunto habitacional Deux-Cent-Quarante.

► **Marchiennes,** outra vila, distante a 10km de Montsou.

► **Voreux**
► **Crèvecoeur**
► **Mirou**
► **Saint-Thomas**
► **Madeleine**
► **Feutry-Cantel**
► **Victoire**

} Minas de exploração da Companhia de Minas de Montsou dirigida pelo Sr. Hennebeau.



A mina de exploração *Voreux*.

► ***Réquillart***, mina abandonada que serve como depósito e fosso para circulação de ar da Companhia de Minas.

► **Piolaine**, casa dos Grégoire.

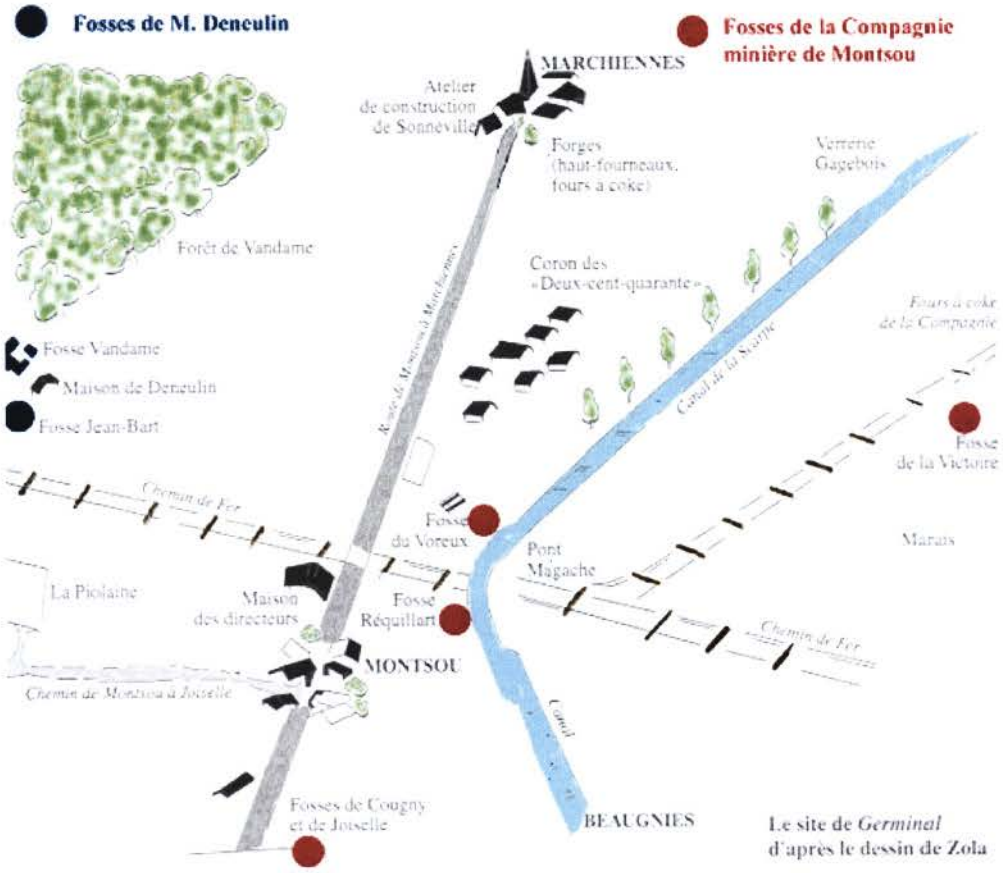
► **Vandame**, mina de exploração de Deneulin. Está na mira da Companhia de Montsou, porém seu dono resiste em vendê-la.

► **Jean-Bart** outra mina de exploração de Deneulin.

► **Gaston-Marie**, outra mina de exploração de Deneulin.

► **Floresta de Vandame**: floresta próxima à casa de Deneulin, na qual os operários se reuniram para decidirem os caminhos da movimentação grevista.

III. Mapa



Mapa das localizações de *Germinal* com base em desenho de Zola.[446]

---

[446] Extraído de <http://ddata.over-blog.com/xxxyyy/0/03/36/17/3eme/germinal/personnages.doc>. Acesso em 12 mai. 2010.

Anexo C – Coketown



Coalbrookdale by Night, por Philip James de Loutherbourg, 1801. Óleo sobre tela, 68 x 106,5 cm.[447]



Naissance du Paysage Industriel, por Carl Blechen, 1830. Óleo sobre tela, 23 cm x 22 cm.[448]

---

[447] Coalbrookdale é considerada uma das regiões pioneiras da Revolução Industrial na Inglaterra. Loutherbourg, artista inglês de origem francesa, apresenta nesta obra os fornos da Companhia Coalbrookdale em 1776. Disponível em <http://www.anselm.edu/academic/history/hdubrulle/ModernEurope/graphics/Coalbrookdale%20by%20Night.jpg>. Acesso em 10 jul. 2010.

[448] Disponível em <http://fr.academic.ru/pictures/frwiki/67/Carl_Blechen_010.jpg>. Acesso em 17 jul. 2010.

Anexo D – Trabalho Infantil[449]



Manejando máquinas. Bibb Mill. Macon, Georgia.

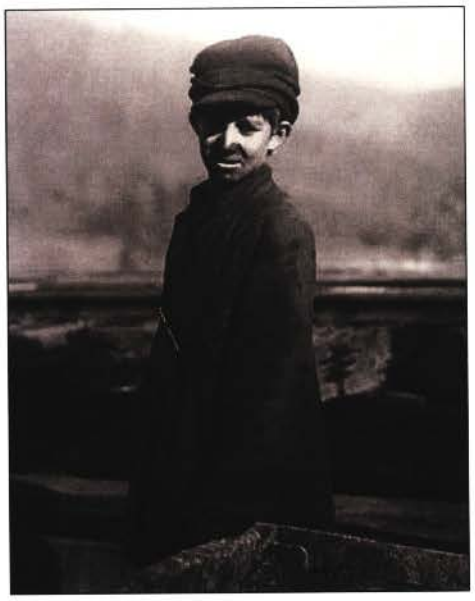
Alguns garotos são tão pequenos que necessitam de subir nas máquinas.



Britadores. Pennsylvania Coal Co. South Pittston, Pennsylvania.

Podemos observar o ambiente propício a acidentes, bem como um garoto mais velho que controla e disciplina o trabalho das demais crianças.

[449] As fotografias presentes neste Anexo fazem parte da coleção *Child Labor in America 1908-1912* de Lewis W. Hine. Disponível em <http://www.historyplace.com/unitedstates/childlabor>. Acesso em 25 mar. 2010.



Jovem minerador da Indian Mine. Aparenta ter entre 12 e 14 anos. Jellico, Tennessee.



Carregador. Brown Mine. Brown, West Virginia.



Garotos mineradores. Pittston, Pennsylvania. É notável a deformação nos rostos dos jovens.

Anexo E – *J'Accuse*

EU ACUSO! CARTA A M. FÉLIX FAURE, PRESIDENTE DA REPÚBLICA[450]

Excelentíssimo Senhor Presidente da República, permita-me, em gratidão à generosa acolhida que o senhor me deu em uma ocasião passada, apelar para sua justa glória e dizer que sua estrela, tão honrada até aqui, está ameaçada pela *maior das vergonhas, a mais indelével das manchas.*

O senhor livrou-se, são e salvo, das maiores calúnias, tendo conquistado os corações; saiu apoteótica e radiosamente desta festa patriótica que foi para a França a aliança com a Rússia, e prepara-se para presidir ao triunfo solene da nossa Exposição Universal, que coroará nosso grande século cheio de trabalho, verdade e liberdade. Mas é enorme a *mancha* sob o seu nome - eu iria dizer sob seu governo - que é esse *abominável caso Dreyfus*! Uma corte marcial acaba, por ter recebido ordens nesse sentido, de ousar absolver o tal Esterhazy, supremo golpe em qualquer verdade, em qualquer justiça. E está feito: a *vergonha* está estampada no rosto da França, e a história registrará que foi sob a sua presidência que tamanho *crime social* foi cometido.

E como foram ousados, serei da minha parte ousada também. Vou falar a verdade, pois prometi resguardá-la, já que a justiça, conspurcada diversas vezes, não faz isso, plena e inteiramente. Tenho o dever de falar, eu não quero ser cúmplice. Minhas noites seriam assombradas pelo espectro de um inocente que sofre no além-mar, mergulhado na mais dolorosa tortura, por um crime que ele não cometeu.

E será à sua Excelência, senhor Presidente, que dirigirei meus clamores, a verdade, com toda força da minha revolta de homem honesto. Conheço a sua honra e, por isso, sei que ignora a verdade. A quem mais eu poderia denunciar a turba *malfeitora* dos verdadeiros culpados, que não à Sua Excelência, o primeiro magistrado do país?

A verdade, para começar, sobre o processo e a condenação de Dreyfus.

Um homem nefasto, responsável por tudo, autor de tudo, é o *comandante du Paty de Clam*, naquele momento um simples oficial. Ele é a *personificação do caso Dreyfus*; nada será esclarecido até que uma investigação imparcial tenha estabelecido claramente seus atos e sua responsabilidade. Ele representa uma figura nebulosa, a mais complicada, obcecado pelas

---

[450] Extraído de ZOLA, Émile; BARBOSA, Rui. *Eu Acuso! O Processo do Capitão Dreyfus*. Organização e tradução de Ricardo Lísias. São Paulo: Hedra, 2007.

intrigas romanescas, comprazendo-se, à maneira dos folhetins baratos, com papéis que desaparecem, cartas anônimas, encontros e lugares desertos, mulheres misteriosas que carregam, à noite, provas irrefutáveis. Ele imagina ter ditado o documento a Dreyfus; é ele que sonha estudá-lo em um cômodo inteiramente revestido de espelhos, é ele que o comandante Forzinetti nos representa, empunhando uma lanterna velada, desejando se aproximar do acusado adormecido, para projetar sobre seus olhos um jato de luz e surpreendê-lo então em seu crime, na confusão do sonho. Não tenho mais nada a dizer: se procurar, alguma coisa aparece. Declaro simplesmente que o comandante du Paty de Clam, encarregado de instruir o caso Dreyfus, como representante da justiça, e, segundo a cronologia e a importância dos fatos, é o *primeiro culpado do erro judicial que foi cometido.*

Depois de algum tempo o documento foi parar nas mãos do *coronel Sandherr*, diretor do serviço de inteligência, que morreu de paralisia geral. Então, as coisas começaram a "desaparecer", papéis sumiram, até hoje estão sumidos; e foram atrás de saber quem era o autor do documento, e um pré-requisito foi pouco a pouco se construindo: o culpado teria de ser um oficial do Estado-Maior e da artilharia: duplo erro manifesto, que mostra a superficialidade com que o processo foi tratado, pois um exame cuidadoso demonstra que o culpado necessariamente precisa ser um oficial de tropa.

Foi feita uma busca em domicílio, olharam os papéis, como se tudo fosse um caso de família, uma tramóia a ser desvendada dentro dos escritórios mesmo e então os culpados seriam expulsos. E, sem querer aqui contar uma história já conhecida em parte, entra em cena o *comandante du Paty de Clam*, quando as primeiras suspeitas começam a recair sobre Dreyfus. Foi então que ele *inventou um Dreyfus*, o caso tornou-se o seu caso, ele se esforçou para confundir o traidor e fazê-lo confessar tudo. Há ainda o *ministro da Guerra, general Mercier,* cuja inteligência parece medíocre; ao *chefe do Estado-Maior, general Boisdeffre*, que apresenta ter cedido à paixão clerical, e o *subchefe do Estado-Maior, o general Gonse*, cuja consciência se acomoda a quase tudo. Mas, no fundo, não se trata de ninguém além do comandante du Paty de Clam, que os guia a todos, que os hipnotiza, pois ele também se ocupa do espiritismo, do ocultismo: ele conversa com os espíritos. É impossível conceber as situações às quais ele submeteu o infeliz Dreyfus, as armadilhas nas quais ele quis apanhá-lo, as investigações delirantes, as *invenções monstruosas, uma enorme demência torturante.*

Ah! Esse primeiro fato é um pesadelo para quem o conhece nos seus verdadeiros detalhes! O comandante du Paty de Clam prende Dreyfus e o coloca na solitária. Vai até a casa da senhora Dreyfus, amedronta-a, e diz que se ela contar alguma coisa para alguém seu marido estará perdido. Durante esse tempo, o infeliz se desespera, clamando inocência. E a

instrução foi feita dessa forma, como se fosse uma crônica do século XV, misteriosa, com expedientes cruéis e todo baseado exclusivamente em uma *evidência infantil*, esse *documento imbecil*, que não passa de uma *traição vulgar, a patifaria mais grosseira*, pois os maiores segredos transmitidos se revelaram todos sem nenhum valor. Eu insisto porque é aqui que está a semente de onde surgirá o verdadeiro crime, a espantosa recusa de justiça que torna a França um lugar doente. Eu gostaria de entender como esse erro judicial pôde ser possível, como ele surgiu das maquinações do comandante du Paty de Clam; como o general Mercier e os generais de Boisdeffre e Gonse puderam se deixar levar e tornar-se pouco a pouco cúmplices desse erro, que mais tarde acreditaram dever impor como uma verdade santa, uma verdade indiscutível. *A priori,* só houve da parte deles falta de cuidado e *burrice*. De mais a mais, sentimos que eles cederam às paixões religiosas da comunidade e ao preconceito corporativista. Permitiram que a estupidez acontecesse.

Mas então Dreyfus se submete ao *Conselho de Guerra*. Exige-se o mais absoluto sigilo. Mesmo que um traidor houvesse aberto a fronteira ao inimigo para permitir que o imperador alemão tomasse Notre Dame, não seriam tomadas precauções de sigilo e mistério tão severas. A nação treme de espanto, um diz-que-diz de ocorrências terríveis, dessas traições monstruosas que indignam a História; e naturalmente o país se dobra. Não há punição que chegue, ele apoiará a degradação pública, desejará que o culpado se enterre em um solo imutável de infâmia, devorado pelo remorso. E, por isso, os fatos indizíveis, as coisas perigosas capazes de *incendiar* a Europa e que por isso tiveram de ser em sigilo soterrados serão verdadeiros? Não! Tudo não passou de fruto da imaginação romanesca e desvairada do comandante du Paty de Clam. Tudo foi feito apenas para esconder o mais estapafúrdio dos folhetins. Para que isso fique claro, basta que o ato de acusação, lido diante do conselho de guerra, seja analisado com um pouco de cuidado.

Ah! A inutilidade desse ato de acusação! É um prodígio de iniquidade que um homem tenha condenado por meio desse ato. Desafio todos os homens corretos a lê-lo sem que seu coração se encha de indignação e não grite de *revolta,* vendo o exagero da pena da distante Ilha do Diabo. Dreyfus domina vários idiomas: *crime;* não há um papel sequer em sua casa que o comprometa: crime; de vez em quando ele retorna à sua pátria: *crime;* trabalha muito, tem o cuidado de se informar sobre tudo: *crime;* não perde a calma: *crime;* perde a calma: *crime*. E as platitudes de redação, as assertivas formais do vazio! Falou-se em 14 itens de acusação: no final das contas, não encontramos mais do que um, o tal documento; e já sabemos que nem com relação a ele os especialistas estão de acordo; e que um deles, o Sr. Gobert, foi militarmente constrangido porque ousou chegar a uma conclusão diversa

daquela que se desejava. Falou-se ainda em 23 oficiais que teriam arrasado Dreyfus em seus testemunhos. Nada sabemos do que falaram, mas é fato que parte deles não o acusou; é obrigatório observar, ainda, que todos pertenciam ao *Ministério da Guerra*. É um processo interno, feito entre pares, e não se deve esquecer: o *Estado-Maior* queria o processo, levou a cabo o julgamento e termina de fazer outro.

Portanto, nada mais que o documento, a respeito do qual os especialistas não se entendem. Conta-se que, dentro da sala do conselho, os juízes estavam na iminência de absolvê-lo. E, então, para justificar a obstinação desesperada pela condenação, afirma-se hoje que há um documento secreto, incontornável, um documento que não se pode mostrar, que legitima tudo, diante do qual devemos nos inclinar, o bom Deus invisível e incognoscível! Eu o recuso, recuso esse documento, recuso-o como todas as minhas forças! Um documento ridículo, sim, deve ser o documentos em que se trata de umas mulherzinhas e se fala de um tal D... que se transforma em figura muito exigente: algum marido sem dúvida decepcionado porque não lhe pagaram um bom preço por sua esposa. Mas esse documento, que interessa tanto à defesa nacional, não poderia ser exibido sem que uma guerra fosse declarada amanhã, não, não! É mentira! E é de tal *maneira odiosa e cínica* que essas pessoas *mentem* impunemente, sem que nada os convença. Elas amotinam a França, esconde-se atrás da legítima emoção, fazem calar as bocas confundindo os corações, pervertendo os espíritos. Não conheço *crime cívico* maior.

Aqui, está, portanto, senhor Presidente, os fatos que explicam como um *erro judiciário* pôde ser cometido; e as provas morais, a situação do destino de Dreyfus, a ausência de motivos, contínuo clamor de inocência, exigem que eu o apresente como uma *vítima da extraordinária imaginação do comandante du Paty de Clam*, do meio clerical em que ele está, da *perseguição aos "judeus sujos"*, que desonram a nossa época.

E aqui chegamos ao caso Esterhazy. Três anos se passaram, muitas consciências permanecem profundamente confusas, inquietam-se, questionam e terminam se convencendo da inocência de Dreyfus.

Não farei o histórico da dúvida e da posterior certeza do sr. *M. Scheurer-Kestner*. Mas, enquanto ele investigava por conta própria, passavam-se fatos graves no próprio Estado-Maior. O *coronel Sandherr* morre, e o tenente-coronel *Picquart* lhe sucede na chefia do serviço de inteligência. E, por sua vez, no exercício de suas funções foi que chegou às mãos desse último um telegrama, endereçado ao *comandante Esterhazy*, remetido por um agente a serviço no exterior. Seu estrito dever era o de abrir uma sindicância. Fato é que ele nunca deixou de obedecer a seus superiores. Ele apresentou, pois, suas suspeitas aos seus superiores

hierárquicos, o *general Gonse*, e depois o *general Boisdeffre* e, por fim, o *general Billot*, que ocupou o lugar do *general Mercier* no Ministério da Guerra. O famoso dossiê Picquart, de que tanto se fala, nunca foi além do que o dossiê Billot, um dossiê feito por um subordinado para o seu ministro, dossiê que deve estar ainda no Ministério da Guerra. As investigações duraram de maio a setembro de 1896, e o que é preciso, dizer em alto e bom som é que o general Gonse estava convencido da culpabilidade de Esterhazy e que o general Boisdeffre e o general Billot não tinham nenhuma dúvida de que o autor do documento era Esterhazy. A investigação do tenente-coronel Picquart tinha conduzido a essa constatação certeira. Mas o constrangimento era grande, pois a condenação de Esterhazy acarretaria necessariamente a revisão do processo Dreyfus; e isso é que o Estado-Maior queria evitar a qualquer custo.

Deve ter havido um instante cheio de angústia psicológica. É fato que o *general Billot* não estava comprometido com nada, ele tinha acabado de saber de tudo, podia, portanto, dizer a verdade. Ele não ousou, temendo sem dúvida a opinião pública, certamente também acreditando que livraria todo o Estado-Maior, o general Boisdeffre e o general Gonse, sem falar dos inferiores. Depois, houve apenas um minuto de combate entre a sua consciência e o que ele acreditava ser um interesse militar. Quando esse minuto passou, já era muito tarde. Ele estava engajado, já estava comprometido. E, desde então, sua responsabilidade não pára de crescer. Ele tomou para si o crime de outrem, é tão culpado quanto os outros, é mais culpado que os outros, pois tinha a oportunidade de fazer justiça, e não a fez. Veja isso! *Faz um ano que o general Billot, os generais Boisdeffre e Gonse sabem que Dreyfus é inocente, e guardam para si essa verdade aterradora!* E dormem tranquilos em casa, com suas esposas e filhos que os amam!

O *tenente-coronel Picquart* estava cumprindo suas obrigações de homem honesto. Insistia com seus superiores, em nome da justiça. Respondia, dizia quanto suas decisões eram apolíticas, diante da terrível tempestade que se construía, que se daria quando a verdade fosse conhecida. Essa foi, mais tarde, a argumentação que M. Scheurer-Kestner dirige igualmente ao general Billot, conclamando-o, por patriotismo, a pegar o caso com as mãos, não deixá-lo mais se agravar para evitar um desastre público. Não! O crime estava cometido, o Estado-Maior não poderia mais evitar seu crime. E o tenente-coronel Picquart foi enviado para o exterior, cada vez mais distante, até a Tunísia, onde se quis até mesmo certa vez honrar sua bravura, encarregando-o de uma missão que o teria seguramente massacrado, em lugares em que o marquês de Mores encontrou a morte. Ele não caiu em desgraça, o general Gonse manteve com ele uma correspondência amigável. Apenas não era muito conveniente divulgar alguns segredos.

Em Paris, a verdade começava irresistivelmente a aparecer e sabia-se que em algum momento a *tempestade* explodiria. M. Mathieu Dreyfus denuncia o comandante Esterhazy como verdadeiro autor do documento, no mesmo momento em que M. Scheurer-Kestner colocava, nas mãos do *Ministério da Justiça,* um pedido de revisão do processo. E aqui aparece o comandante Esterhazy. Testemunhas o descrevem de início descontrolado, disposto a se suicidar ou fugir. Depois, de repente, cria coragem e assusta Paris pela violência de sua atitude. É que tinha chegado ajuda, ele havia recebido uma carta anônima advertindo-o das manobras de seus inimigos, uma dama misteriosa chegou mesmo a se abalar durante a noite para roubar do Estado-Maior um documento que o salvaria. E aqui eu não posso deixar de lembrar a *imaginação fértil do comandante du Paty de Clam.* Sua obra, a culpabilidade de Dreyfus, estava em perigo, e ele quis seguramente defender a própria criação. A *revisão do processo,* seria esse o desfecho do extravagante e trágico folhetim, cujo abominável desenlace realizou-se na Ilha do Diabo! Isso ele não podia permitir. Então, o duelo ocorrerá entre o tenente-coronel *Picquart* e o comandante du *Paty de Clam,* um de cara aberta, o outro mascarado. Nós os reencontraremos em breve, diante da justiça civil. No fundo, é sempre o *Estado- Maior* que se defende, que não quer admitir seu crime, cuja abominação cresce a cada hora.

Com espanto, perguntou-se quem eram os *protetores* do comandante Esterhazy. Em primeiro lugar, na surdina, o comandante du Paty Clam, que maquinou e coordenou a coisa toda. Ele foi traído pelos seus próprios métodos bizarros. Depois, é o general de Boisdeffre, o general de Gonse, e o próprio general Billot, que são obrigados a absolver o comandante, já que *não podem deixar que a inocência de Dreyfus seja reconhecida sem que o Ministério da Guerra caia em descrédito.* E o fantástico resultado dessa prodigiosa situação é que o honesto tenente-coronel Picquart, que apenas cumpriu seu dever, será ele a vítima, o ridicularizado e o punido. Ah!, justiça, que terrível desespero rasga o coração! Chega-se ao cúmulo de dizer que ele é o falsificador, que fabricou o telegrama para incriminar Esterhazy. Mas, ó Deus! Por quê? Com que razão? Dai-me um motivo. Ele também foi pago pelos Judeus? O mais engraçado é que ele é justamente o anti-semita! Sim! Assistimos a esse espetáculo infame, homens perdidos em divida e crimes que se proclamam inocentes, enquanto se mancha a honra de um homem de vida irresponsável. Quando uma sociedade chega a esse ponto, está desintegrada.

Eis, portanto, senhor Presidente, o caso *Esterhazy*: um culpado que era preciso inocentar. Retroagindo dois meses, podemos acompanhar hora por hora esse admirável

serviço. Vou abreviar, pois aqui não trago nada mais que um resumo da história, cujas páginas vibrantes serão um dia escritas na integra.

E, então, vimos o *general de Pellieux,* depois o *comandante Ravary,* conduzir uma investigação criminosa em que os canalhas foram purificados, e os honestos, manchados. Logo depois, o *Conselho de Guerra* foi convocado.

Como se pode esperar que um Conselho de Guerra corrija o erro de outro Conselho de Guerra?

E nem estou me referindo aqui à escolha dos juízes. A ideia superior de disciplina, que ocorre no sangue desses soldados, não bastaria por si só invalidar sua capacidade de julgar imparcialmente? Quem fala disciplina, fala obediência. Quando o ministro de Guerra, a principal autoridade, estabeleceu publicamente, sob os aplausos da representação nacional, a autoridade do julgamento, não se pode esperar que um Conselho de Guerra o desminta. Hierarquicamente, é impossível. O general Billot influenciou os juízes com a sua declaração, e eles a julgaram como se devessem partir para o ataque, sem refletir. A opinião preconcebida, que levaram para julgamento, é evidentemente essa: "Dreyfus foi condenado por traição por um Conselho de Guerra, é, portanto, culpado; e nós, O Conselho de Guerra, não podemos declará-lo inocente, pois sabemos que reconhecer a culpa de Esterhazy é proclamar a inocência de Dreyfus". Nada os demoveria dessa ideia.

Proclamaram uma *sentença iníqua,* que pesará para sempre sobre os nossos conselhos de guerra e que manchará a suspeita daqui em diante todas as decisões. O primeiro Conselho de Guerra não foi inteligente; mas o segundo é forçosamente *criminoso.* Sua desculpa, repito, é que a autoridade principal já tinha decidido, declarando inatacável o julgamento anterior, santo e superior aos homens, de modo que os inferiores não podiam dizer o contrário.

Falam-nos da honra do exército, querem que nós o amemos e o respeitemos. Há!, claro, o exército que se erguerá diante da primeira ameaça, que defenderá o território francês, ele é o povo, e não sentimos por ele nada além de ternura e respeito. Mas não se trata dele, quem, em nossa necessidade de justiça, desejamos justamente a dignidade. Trata-se aqui do sabre, o senhor que, quem sabe, nos dará amanhã. Mas beijar com devoção seu punho, ó deus, isso não!

Já o demonstrei: o caso Dreyfus foi o caso do Ministério da Guerra; um oficial de Estado-Maior, denunciado por seus colegas do Estado-Maior, condenado sob pressão dos chefes do Estado-Maior. E mais uma vez: *ele não pode ser inocentado sem que todo o Estado-Maior seja culpado.* Também os ministérios, por todos os meios imagináveis, com campanhas nos

jornais, com comunicados e tráfico de influência, só cobriram Esterhazy para culpar Dreyfus uma segunda vez. Ah! o governo republicano deveria pôr no olho da rua esse bando de jesuítas, como o próprio general Billot os chama!

Onde está o ministério verdadeiramente forte, de um patriotismo sábio, que terá a coragem de tudo renovar e recriar? Quanta gente não conheço que, diante de uma possível guerra, treme de angústia sabendo em que mãos está a defesa nacional? E a que ninho de baixarias, fofocas e esbanjamentos está entregue esse lugar sagrado, onde se decide o futuro da pátria? Assusta o que o caso Dreyfus acabou revelando, esse sacrifício humano de um infeliz, de um "Judeu porco"! Ah!, que agitação de demência e imbecilidade, de imaginações estúpidas, de práticas de *políticas mesquinhas,* de costumes inquisitoriais e tirânicos, a satisfação de alguns oficiais agaloados esmagando a nação com suas botas, enfiando goela abaixo seu grito de verdade e justiça, sob o pretexto mentiroso e sacrílego da razão de estado!

E é um *crime* ainda terem se apoiado na impressa imunda, terem se deixado defender por toda a canalha de Paris, de modo que é essa canalha que triunfa insolentemente, diante da derrota do direito e da simples probidade. É um crime terem acusado de perturbar a França aqueles que a querem generosa, na vanguarda das nações livres e justas, quando tramaram eles próprios a impudente conspiração para impor o erro ao mundo inteiro. É um crime confundir a opinião pública, utilizar para uma sentença fatal essa opinião pública que foi corrompida até o delírio. É um crime envenenar os pequenos e humildes, exasperar as paixões de reação e de intolerância, abrigando-se atrás de um odioso anti-semitismo, de que a grande França liberal dos direitos do homem sucumbirá, se não for curada. É um crime explorar o patriotismo para as obras do ódio; é um crime, por fim, fazer do sabre o deus moderno, quando toda a ciência humana está a serviço da obra iminente da verdade e da justiça.

Essa verdade, essa justiça, que tão apaixonadamente desejamos, que aflição vê-las assim esbofeteadas, mais desprezadas e mais obscurecidas! Desconfio do desmoronamento que deu na de Scheurer-Kestner, e acredito que ele acabará sentido remorsos, o de não ter agido revolucionariamente no dia da interpelação no Senado, revelando o que sabia, para pôr tudo abaixo. Foi o grande homem de bem da história, o homem de vida leal, acreditou que a verdade se bastaria a si própria, sobretudo quando ela lhe aparecia clara como a luz do dia. De que valeria todo o transtorno, se logo o sol a tudo esclareceria? E foi por essa serenidade confiante que foi tão cruelmente punido. O mesmo para o tenente-coronel Picquart, que, por um sentimento de grande dignidade, não quis publicar as cartas do general Gonse. Esses escrúpulos o tornam ainda mais honrado quando sabemos que,

enquanto ele se mantinha respeitoso na disciplina, seus superiores o faziam cobrir-se de lama, instruindo eles mesmos o processo, da maneira mais inesperada e ultrajante. Há duas vítimas, dois homens corajosos, dois corações simples, que se entregaram a Deus, enquanto o Diabo se movimentava. E até mesmo se viu, da parte do tenente-coronel Picquart, essa ignomínia: um tribunal francês, depois de ter permitido que o promotor atacasse publicamente uma testemunha, acusando-a de todos os crimes, apesar à audiência secreta justamente quando a testemunha começou a se explicar e a se defender. Afirmo ser este mais um crime, *um crime que provocará a indignação da consciência universal.* Decididamente, nossos tribunais militares têm uma ideia muito particular de justiça.

Essa é, pois, a simples verdade, senhor Presidente, e ela é assustadora, e marcará sua presidência como uma *mancha.* Desconfio que o senhor não pode fazer nada esse respeito, que é prisioneiro da Constituição e de seus assessores. Mas tem ainda assim um dever como homem, no qual pensa, e que cumprirá. Não que eu duvide, aliás, nem um pouco, que a verdade triunfará. Repito-o, e com uma certeza ainda mais veemente: a verdade está apenas a caminho e ninguém a deterá. As coisas estão apenas começando, pois apenas agora os fatos estão claros: de um lado, os culpados que não querem que a justiça se faça; de outro, os honestos que darão sua vida para que ela se faça. Já o disse antes, e vou repeti-lo aqui: quando a verdade fica soterrada, ela toma corpo, e ganha tal força explosiva que, quando explode, leva tudo consigo. Veremos se o que acaba de ser preparado não será mais tarde o mais retumbante dos desastres.

Mas essa carta já vai longe, senhor Presidente, e é hora de concluí-la.

Acuso o comandante du Paty de Clam de ter sido o criador diabólico do erro judicial, inconscientemente, quero crer, e ter saído em defesa de sua obra nefasta, durante três anos, por maquinações as mais estapafúrdias e as mais culposas.

Acuso o general Mercier de ter se tornado cúmplice, ainda que por franqueza de caráter, de uma das maiores iniquidades do século.

Acuso o general Billot de ter tido entre as mãos as provas indubitáveis da inocência de Dreyfus e de tê-las ocultado, tornando-se, pois, culpado de crime de lesa-humanidade e lesa-justiça, por motivos políticos e para livrar um Estado-Maior comprometido.

Acuso o general de Boisdeffre e o general Gonse de tornarem-se cúmplices do mesmo crime, um sem dúvida por paixão clerical, o outro por esse corporativismo que faz do Ministério da Guerra uma arca santa inatacável.

Acuso o general de Pellieux e o comandante Ravary de terem feito uma investigação criminosa, um inquérito da mais monstruosa parcialidade e do qual temos, no relatório do segundo, um monumento perene da mais ingênua audácia.

Acuso os três especialistas sem grafologia, os senhores Belhomme, Varinard e Couard de terem emitido pareceres mentirosos e fraudulentos, a menos que um laudo médico os declare tomados por alguma patologia da vista e do juízo.

Acuso o Ministério da Guerra de ter promovido na imprensa, particularmente no L'éclair e no L'Écho de Paris, uma campanha abominável, para manipular a opinião pública e acobertar sua falha.

Acuso por fim o primeiro Conselho de Guerra de ter violado o direito, condenando um acusado com base em um documento secreto, e acuso *o segundo Conselho de Guerra* de ter encoberto essa ilegalidade, por ter recebido ordens, cometendo por sua vez o crime jurídico de absolver conscientemente um culpado.

Fazendo essas acusações, não ignoro enquadrar-me nos artigos 30 e 31 da lei de imprensa de 29 de julho de 1881, que pune os delitos de difamação. E é voluntariamente que eu me exponho.

Quanto às pessoas que eu acuso, não as conheço, nunca as vi, não nutro por elas nem rancor nem ódio. Não passam para mim de entidades, de espíritos da malevolência social. *O ato que aqui realizo não é nada além de uma ação revolucionária para apressar a explosão de verdade e justiça.*

Não tenho mais que uma paixão, uma paixão pela verdade, em nome da humanidade que tanto sofreu e que tem direito à felicidade. Meu protesto inflamado nada mais é que o grito da minha alma. Que ousem, portanto levar-me perante ao tribunal do júri e que o inquérito se dê à luz do dia!

É o que espero.

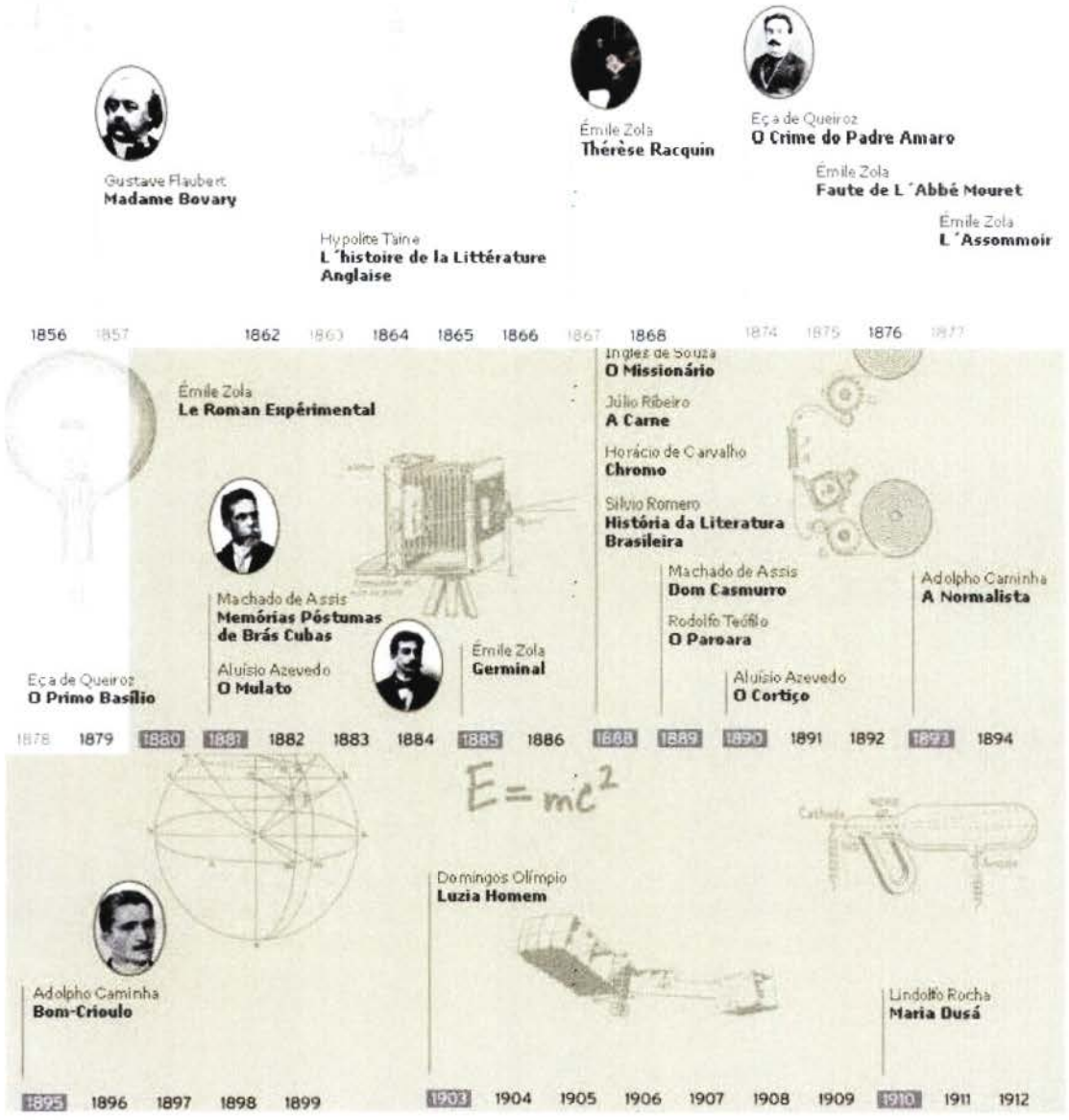
Receba, senhor Presidente, minhas manifestações de mais profundo respeito.

Émile Zola

Paris, 13 de janeiro de 1898.

Anexo F – Naturalismo

I. Linha temporal: Realismo - Naturalismo[451]



[451] Disponível em <http://www.casaruibarbosa.gov.br/Expo/naturalismo/index.htm>. Acesso em 3 out. 2010.

II. Charges



Les Hommes d'Aujourd'hui por André Gill, setembro de 1878, n. 4.[452]



Le Triomphe du Naturalisme par Robida, La Caricature, 7 février 1880.[453]



La Petite Lune de abril de 1879. A crítica de Zola ao romantismo atraiu os caricaturistas.[454]



Naturalisme por Louis Legrand em Le Courrier Français de março de 1890.[455]

---

[452] Fonte: Musée Émile Zola - Médan. Disponível em <http://expositions.bnf.fr/zola/grand/bnf-576.htm>. Acesso em 24 jul. 2010.
[453] Disponível em <http://expositions.bnf.fr/zola/index.htm>. Acesso em 04 out. 2010.
[454] Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb328379255/date.r=La+petite+lune.langPT>. Acesso em 12 mai. 2010.

Anexo G – Quarto Estado



Il Quarto Stato, por Giuseppe Pellizza da Volpedo, 1890-92. Óleo sobre tela, 293 cm x 545 cm.[456]

O quadro reflete as posições políticas do autor, que em sua juventude se aproximou dos ideais socialistas tão difusos entre os trabalhadores urbanos e rurais no último quartel do século XIX. *Il Quarto Stato* se refere à história europeia face às agitações revolucionárias na França do século XVIII. Com a ascensão burguesa naquele evento e a derrocada do Primeiro e Segundo Estados, nobreza e clero, instaura-se uma nova ordem vigente, a do Terceiro Estado, com a burguesia em primeiro plano. Quarto Estado significou então uma profunda mudança, uma *revolução social* a partir do proletariado e a implantação de uma nova sociedade.

Em 1920, a obra foi adquirida pela Prefeitura de Milão. Contudo, com a ascensão do fascismo ao poder italiano, em 1922, o quadro foi jogado nos depósitos do Castello Sforzesco, sem ser exposto ao público. Somente na década de 1960 que a obra seria redescoberta pelas organizações de trabalhadores e imprensa de esquerda. Trata-se de um quadro que exalta a força dos trabalhadores e uma bandeira de esperança de que outro mundo é possível, como sonhava Pellizza. A versão de *Germinal* utilizada neste estudo contém esta pintura como ilustração de capa.

---

455 Disponível em <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/18/Naturalisme_Legrand.jpg>. Acesso em 12 mai. 2010.

456 Fonte: Cívica Galleria d'Arte Moderna (Milano). Disponível em <http://www.gam-milano.com>. Acesso em 18 abr. 2010.

Referências Bibliográficas

ARARIPE JUNIOR. Germinal. *A Semana.* Rio de Janeiro: 02, 16 e 23 maio 1885. In: *Obra crítica de Araripe Júnior,* vol. 1, Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1958.

ARENDT, Hannah. O Caso Dreyfus. In: *As Origens do Totalitarismo.* Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. Trabalho. In: *A condição humana.* Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. *Revolução Industrial e Capitalismo.* São Paulo: Brasiliense, 1984.

BECKER, Colette. *Émile Zola – Germinal.* Paris: P.U.F. Coleção Estudos Literários. 2ª ed. 1988.

BÉGUIN, François. As maquinarias inglesas do conforto. In: *Revista Espaços e Debates,* nº 34, 1992.

BERGSON, Henri. *A evolução criadora.* Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira.* São Paulo: Cultrix, 1976.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Cidade e história. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). *Cidade:* histórias e desafios. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2002, p. 17-35.

_____. Cultura e História: uma aproximação possível. In: *Cultura.* Substantivo Plural. Coordenação de Márcia De Paiva e Maria Ester Moreira; curadoria do ciclo de palestras Luiz Costa Lima – Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil – São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. *Londres e Paris no século XIX:* o espetáculo da pobreza. 10ª reimpressão da 1ª ed. de 1982. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos.* Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARA, Salete de Almeida. *Marx, Zola e a Prosa Realista.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental.* Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966.

CARPINTÉRO, Marisa Varanda T. Construindo um problema: a habitação operária. In: *A construção de um sonho:* os engenheiros-arquitetos e a formulação da política habitacional no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

CAUDET, Francisco. Prólogo. In: ZOLA, Émile. *Germinal.* Tradução de Mariano García Sanz. Madrid: Ediciones de la Torre, 1994.

CELESTINO, Helena. Germinal. *O Globo.* Rio de Janeiro, 1/3/1995. Segundo Caderno.

DE DECCA, Edgar Salvadori. *O nascimento das fábricas*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

DEL ROIO, Marcos Tadeu. Marx e a Internacional. In: *V Simpósio Sobre Trabalho e Educação*. Disponível em <http://www.portal.fae.ufmg.br/simposionete/sites/default/files/DEL%20ROIO,Marcos.pdf>. Acesso em 30 set. 2010.

DICKENS, Charles. *Hard Times*. Documento eletrônico (em inglês). 1854. Disponível em <http://www.literaturecollection.com/a/dickens/hard-times/1>. Acesso em 02 mar. 2010.

DREHER, Luís Henrique. Naturalismo e Religião: O Germinal, de Émile Zola. In: *Primeiro Colóquio Internacional Alalite*, Rio de Janeiro, Abril de 2007. Disponível em <http://www.alalite.org/files/rio2007/docs/Dreher.pdf>. Acesso em 23 jul. 2010.

DROZ, Jacques. *Historia del socialismo*. Barcelona: Laia, 1977.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Tradução de B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2008.

FALCON, Francisco J.C. *A formação do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Campus, 1983.

FERRO, Marc. A história vista de perfil: a Polônia. In: *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*. Tradução de Wladimir Araújo. São Paulo: IBRASA, 1983.

GEFFROY, Gustave. *Notes d'un journaliste*: vie, littérature, théâtre. Paris: G. Charpentier, 1887. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k840446.r=Zola+Gustave+Geffroy.f189.langPT>. Acesso em 23 jan. 2010.

GUÉRIN, Daniel. As ideias-força do anarquismo. In: *Anarquismo*. Tradução de Manuel Pedroso. São Paulo: Germinal, 1968.

HAUSER, Arnold. *História Social da Arte e da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

HENDERSON, W. *A Revolução Industrial* - 1870-1914. Londres: Editora Verbo, 1969.

HOBSBAWM, Eric J. *A Era das Revoluções*. 1789-1848. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. *A Era do Capital*. 1848-1875. Tradução de Luciano Costa Neto. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *Os Trabalhadores*: estudo sobre a história do operariado. Tradução de Marina Leão Texeira de Medeiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HOBSBAWM, Eric J. e RUDE, George. *Capitão Swing*: a expansão capitalista e as revoltas rurais na Inglaterra do início do século XIX. Tradução de Marcos Antonio Villela Pamplona e Maria Luiza da Silva Pinto. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

HOBSON, John Atkinson. *A evolução do capitalismo moderno*: um estudo da produção mecanizada. Apresentação de Maria da Conceição Tavares. Tradução de Benedicto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

IGLÉSIAS, Francisco. *A Revolução Industrial*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

JOSEPHSON, Matthew. *Zola e seu tempo*. Tradução de Godofredo Rangel. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1947.

LINHARES, Silvana V. *Germinal e Cacau*: uma reflexão estética sobre o real. Dissertação de Mestrado em Letras. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2004.

MARGLIN, Stephen. Origem e função do parcelamento das tarefas. Para que servem os patrões? In: GORZ, André (Org.). *Crítica da divisão do trabalho*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. São Paulo, Martins Fontes, 1980.

MARTINS, Guilherme de Oliveira. Socialismo. In: *Dicionário de Filosofia Moral e Política*. Disponível em <http://www.ifl.pt/ifl_old/dfmp.htm>. Acesso em 21 set. 2010.

MARX, Karl. Da manufatura à fábrica automática. In: GORZ, André (Org.). *Crítica da divisão do trabalho*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. São Paulo, Martins Fontes, 1980a.

_____. *O Capital:* Crítica da Economia Política. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980b.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2005.

MEIRELLES, Benedicto e MARTINS, Amadeu R. Homenagem à colônia franceza. *Folha do Braz*. São Paulo, 18/06/1899. Capa.

MITTERAND, Henri. Émile Zola - entre a genialidade e a justiça. In: *Históriaviva*, ed. 35, set. 2006. Disponível em <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/emile_zola-_entre_a_genialidade_e_a_justica.html>. Acesso em 31 out. 2009.

_____. Zola à Anzin: les mineurs de Germinal. In: *Travailler*, 2002/1, n° 7, p. 37-51. Disponível em <http://www.cairn.info/revue-travailler-2002-1-page-37.htm>. Acesso em 13 jul. 2010.

_____. *Zola et naturalisme*. Paris: P.U.F. (Collection Que sans-je?), 1986.

MONTEIRO, Tobias. Entrevista com o Sr. Zola, *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: 1898.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*: suas origens, transformações e perspectivas. Tradução de Neil R. da Silva. 3ª ed. brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *Arte e Técnica*. Tradução de Fátima Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MURRAY, Alison. Film as Nation Icon: Claude Berri's Germinal. In: *The French Review*, Vol. 76, n. 5, April 2003, p. 906-916.

OS IMORTAIS DA LITERATURA UNIVERSAL, Abril S/A Cultural e Industrial, 1979.

OTTONI, Dacio Araujo Benedicto. Cidade-Jardim: Formação e Percurso de uma Ideia. Introdução. In: HOWARD, Ebenezer. *Cidades-Jardins de Amanhã.* São Paulo: Hucitec/Annablume, 2ª ed., 2002.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

POLANYI, Karl. *A grande transformação*: as origens de nossa época. Tradução de Fanny Wrobel - 2ª ed. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2000 - 14ª impressão.

PONCIONI, Cláudia. *Émile Zola em português*: um estudo das traduções de Germinal no Brasil e em Portugal. São Paulo: Annablume, 1999.

RIDING, Alan. Does "Germinal" Speak Across a Century? *The New York Times*. New York, March 6, 1994. Disponível em <http://www.nytimes.com/1994/03/06/movies/film-does-germinal-speak-across-a-century.html>. Acesso em 13 jul. 2010.

RODRIGUES, Marília Mezzomo. "Sou um historiador e não um fornecedor de imundícies!" - medicina experimental e hereditariedade no naturalismo de Émile Zola. In: *Revista de História Regional, n.* 14 (2), Inverno, 2009, p. 29-52.

ROSSI, Paolo. Sobre as origens da ideia de progresso. In: *Naufrágios sem espectador* – a ideia de progresso. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

SALAMAN, G. *The History and Social Influence of the Potato*. Cambridge, 1949.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra*. Tradução de Marcos Aarão Reis. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O Fenômeno Urbano*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

SILVA, Eduardo César Ferreira da. *A obra de Émile Zola no Brasil:* notas para um estudo de recepção crítica. Dissertação (Mestrado em Literatura), Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

SILVA, Júlio Cezar Bastoni da. *O cortiço e os limites do romance experimental.* Monografia (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Federal de São Carlos, 2009.

TAYLOR, William Cooke. *Notes of a Tour in the Manufacturing Districts of Lancashire*, 1842.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa.* Volume II. A maldição de Adão. Tradução de Renato Busatto Neto e Claúdia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. Tempo, disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: *Costumes em comum:* estudos sobre a cultura popular tradicional. Tradução de Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em perigo.* Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZOLA, Émile. *A besta humana.* São Paulo: Companhia Brasil Editora, 1955.

_____. *A taberna.* São Paulo: Companhia Brasil Editora, 1956.

_____. *Do romance.* Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Edusp, 1995.

_____. *Germinal.* Paris: Librarie Illustrée, 1885. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5493777b.image.r=Germinal.langPT.f9.pagination>. Bibliothèque Nationale de France. Acesso em 10 out. 2009.

_____. *Germinal.* Tradução de Bel-Adam. 2ª ed. Lisboa: Bibliotheca d'Educação Nova - Editora, 1903.

_____. *Germinal.* Tradução de Eduardo de Barros Lobo (Beldemónio). Lisboa: Europa-América, 1971.

_____. *Germinal.* Tradução de Francisco Bittencourt. São Paulo: Martin Claret, 2007.

_____. *J'Accuse.* Documento eletrônico (em francês). Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/aa000123.pdf>. Acesso em 17 jul. 2010.

_____. *O romance experimental e o naturalismo no teatro.* São Paulo: Perspectiva, 1982.

ZOLA, Émile; BARBOSA, Rui. *Eu Acuso! O Processo do Capitão Dreyfus.* Organização e tradução de Ricardo Lísias. São Paulo: Hedra, 2007.

Filmografia

CAMILLE. Direção: George Cukor. Estados Unidos: MGM, 1936. 1 filme (109 min), son, preto e branco.

DAENS. Direção: Stijn Coninx. Bélgica, França e Holanda: Favourite Films, 1992. 1 filme (130 min), son., color.

GERMINAL. Direção: Claude Berri. Bélgica, França e Itália: AMLF, 1993. 1 filme (160 min), son., color.

LA BÊTE HUMAINE. Direção: Jean Renoir. França: Paris Film, 1938. 1 filme (100 min), son., preto e branco.

LES MISÉRABLES. Direção: Josée Dayan. França: Versátil e Beta Film, 2000. 2 DVDs (360 min), son., color.

MADAME BOVARY. Direção: Claude Chabrol. França: Samuel Goldwyn Company, 1991. 1 filme (136 min), son, color.

OLIVER TWIST. Direção: Roman Polanski. República Tcheca, França, Itália e Inglaterra: Sony Pictures Entertainment e TriStar Pictures, 2005. 1 filme (130 min), son. color.

OS MISERÁVEIS. Direção: Billie August. Estados Unidos: Columbia Pictures, 1998. 1 filme (131 min), son., dublado, color.

THE LIFE OF ÉMILE ZOLA. Direção: William Dieterle. Estados Unidos: Warner Bros., 1937. 1 filme (116 min), son., preto e branco.